

PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS 2º LIVRO TRÊS

"Se você está familiarizado com esses personagens ancestrais, vai ficar impressionado pelo modo como Riordan os utiliza. Se não os conhece, esta será uma apresentação empolgante."

THE GUARDIAN

A MALDIÇÃO DO TITÃ

An illustration of a winged figure, likely Hermes, riding a horse over a city. The figure is holding a spear and a shield. The city below is shrouded in mist or smoke, with a large, dark, winged figure (the Titan) visible in the background. The overall tone is dramatic and mysterious.

RICK RIORDAN





PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS
LIVRO TRÊS

A
MALDIÇÃO
DO TITÃ



RICK RIORDAN

TRADUÇÃO DE RAQUEL ZAMPIL



Copyright © 2007 Rick Riordan
Edição em português negociada por intermédio de
Nancy Galt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL

TÍTULO ORIGINAL
The Titan's Curse

PREPARAÇÃO
Laura Boekel

REVISÃO
Maria José de Sant'Anna
Maria da Glória Carvalho

REVISÃO DE EPUB
Jorge Fernando Barbosa

GERAÇÃO DE EPUB
Selênia Serviços

E-ISBN
978-85-8057-025-0

Edição digital: 2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Cávaa
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



*Para Topher Bradfield,
um campista que fez toda a diferença*

UM

MINHA OPERAÇÃO DE RESGATE TERMINA MUTTO MAL

DOIS

O VICE-DIRETOR TEM UM LANÇA-MÍSSEIS

TRÊS

BIANCA DI ANGELO FAZ UMA ESCOLHA

QUATRO

THALIA PÕE FOGO NA NOVA INGLATERRA

CINCO

FAÇO UMA LIGAÇÃO SUBAQUÁTICA

SEIS

UM VELHO AMIGO MORTO VEM VISITAR

SETE

TODOS ME ODEIAM, COM EXCEÇÃO DO CAVALO

OITO

FAÇO UMA PROMESSA PERIGOSA

NOVE

APRENDO A CULTIVAR ZUMBIS

DEZ

DESTRUO ALGUNS FOGUETES

ONZE

GROVER FICA COM UM LAMBORGHINI

DOZE

PRATICO SNOWBOARD COM UM PORCO

TREZE

VISITAMOS O FERRO-VELHO DOS DEUSES

QUATORZE

TENHO UM PROBLEMA DE BARRAGEM

QUINZE

LUTO CONTRA O GÊMEO MALVADO DO PAPAI NOEL

DEZESSEIS

ENCONTRAMOS O DRAGÃO DO MAU HÁLITO ETERNO

DEZESSETE

LEVANTO ALGUNS MILHÕES DE QUILOS

DEZOITO

UMA AMIGA DIZ ADEUS

DEZENOVE

OS DEUSES VOTAM EM COMO NOS MATAR

VINTE

GANHO UM INIMIGO COMO PRESENTE DE NATAL

Na sexta-feira anterior às férias de inverno, minha mãe arrumou para mim uma maleta de viagem e algumas armas mortais e me levou até um novo internato. No caminho, pegamos minhas amigas Annabeth e Thalia.

Era uma viagem de oito horas de Nova York até Bar Harbor, no Maine. Chuva e neve fustigavam a estrada. Annabeth, Thalia e eu não nos víamos fazia meses, mas entre a nevasca e o pensamento voltado para o que estávamos prestes a fazer, estávamos nervosos demais para conversar. Exceto minha mãe. Ela fala *mais* se fica nervosa. Quando finalmente chegamos a Westover Hall, estava escurecendo, e ela havia contado a Annabeth e a Thalia todas as constrangedoras histórias de bebê que havia para contar a meu respeito.

Thalia limpou a janela embaçada do carro e espiou lá fora.

— É, isso vai ser divertido.

Westover Hall parecia o castelo de um cavaleiro do mal. Era todo de pedras negras, com torres e janelas estreitas, e um grande conjunto de portas duplas de madeira. Erguia-se sobre um penhasco escarpado, coberto de neve, que dava vista para uma grande floresta gelada de um dos lados e para o oceano cinzento e agitado do outro.

— Vocês têm certeza de que não querem que eu espere? — perguntou minha mãe.

— Não, obrigado, mãe — respondi. — Não sei quanto tempo vai levar. Vamos ficar bem.

— Mas como é que vocês vão voltar? Estou preocupada, Percy.

Torci para não ficar vermelho. Já era bastante ruim depender de minha mãe para me levar até minhas batalhas.

— Está tudo bem, sra. Jackson. — Annabeth sorriu, tranquilizadora. Seus cabelos louros estavam enfiados debaixo de um gorro de esqui e os olhos cinzentos tinham a mesma cor do oceano. — Vamos mantê-lo longe de encrencas.

Minha mãe pareceu relaxar um pouco. Ela acha que Annabeth é a semideusa mais equilibrada a chegar à oitava série. E tem certeza de que Annabeth sempre impede que eu seja morto. Ela tem razão, mas isso não quer dizer que eu tenha de gostar desse fato.

— Muito bem, queridos — disse minha mãe. — Vocês têm tudo de que precisam?

— Sim, sra. Jackson — respondeu Thalia. — Obrigada pela carona.

— Suéteres extras? O número do meu celular?

— Mãe...

— Sua ambrosia e seu néctar, Percy? E um dracma de ouro para o caso de precisar entrar em contato com o acampamento?

— Mãe, fala sério! Vamos ficar bem. Andem, meninas.

Ela pareceu um pouco magoada, e eu lamentei por isso, mas estava pronto para saltar daquele carro.

Se mamãe contasse mais uma história sobre como eu ficava uma gracinha na banheira quando tinha três anos, eu ia me enterrar na neve e congelar até a morte.

Annabeth e Thalia me seguiram, saindo do carro. O vento soprava, atravessando meu casaco como punhais de gelo.

Assim que o carro da minha mãe estava fora do campo de visão, Thalia disse:

— Sua mãe é tão legal, Percy.

— Ela é legal — admiti. — E você? Tem contato com a sua mãe?

Assim que fiz a pergunta, desejei ter ficado calado. Thalia era ótima em lançar olhares diabólicos, ainda mais com as roupas punk que sempre usava — o casaco militar rasgado, a calça de couro preto e as correntes, o rímel preto e aqueles olhos azuis intensos. Mas o olhar que ela me dirigiu agora era um perfeito “dez” na escala do mal.

— Se isso fosse da sua conta, Percy...

— É melhor entrarmos — interrompeu Annabeth. — Grover deve estar nos esperando.

Thalia olhou para o castelo e estremeceu.

— Tem razão. O que será que ele encontrou aqui que o fez enviar o pedido de socorro?

Ergui os olhos para as torres escuras de Westover Hall.

— Nada de bom — presumi.

As portas de carvalho se abriram rangendo e nós três entramos no saguão em meio a um redemoinho de neve.

— Uau — foi tudo que pude dizer.

O lugar era imenso. As paredes eram revestidas por estandartes de batalha e vitrines com armas: rifles antigos, machados e um monte de outras coisas. Bem, eu sabia que Westover era uma escola militar e tudo o mais, porém a decoração parecia de matar. Literalmente.

Minha mão foi até o bolso, onde eu mantinha minha caneta esferográfica letal, Contracorrente. Eu já podia pressentir algo de errado naquele lugar. Algo perigoso. Thalia esfregava o bracelete de prata, seu item mágico favorito. Eu sabia que estávamos pensando o mesmo. Uma batalha se aproximava.

Annabeth começou a dizer:

— Queria saber onde...

As portas se fecharam violentamente atrás de nós.

— Ooo.k. — murmurei. — Acho que vamos ficar algum tempo por aqui.

Eu podia ouvir uma música ecoando, vinda da outra extremidade do saguão. Parecia *dance music*.

Escondemos nossas malas atrás de uma coluna e começamos a caminhar naquela direção. Não havíamos ido muito longe quando ouvi passos no piso de pedra, e um homem e uma mulher saíram das sombras para nos interceptar.

Ambos tinham cabelos grisalhos curtos e uniforme preto com debrum vermelho, no estilo de militar. A mulher tinha um leve bigode e o homem estava perfeitamente barbeado, o que me pareceu meio invertido. Ambos caminhavam rígidos, como se tivessem cabos de vassoura presos às costas com fitas adesivas.

— Então? — perguntou a mulher. — O que estão fazendo aqui?

— Hã... — Percebi que não havia me programado para essa possibilidade. Ficara tão concentrado em chegar até Grover e descobrir o que estava errado que não pensei que alguém poderia estranhar três

crianças entrando sorrateiramente numa escola à noite. Não havíamos conversado no carro sobre como entraríamos. — Senhora, estamos apenas... — comecei.

— Ora! — interrompeu o homem, o que me fez pular. — Não é permitida a entrada de visitantes no baile! Vocês serão *ecs-pulsos*!

Ele tinha sotaque — francês, talvez. Pronunciava o *x* como em *pixel*. Era alto e tinha um rosto aquilino. As narinas se abriam e fechavam quando ele falava, o que tornava muito difícil não fitar seu nariz, e seus olhos eram de cores diferentes — um castanho, outro azul —, como os de um gato de rua.

Calculei que ele estivesse prestes a nos atirar na neve, mas, nesse momento, Thalia deu um passo à frente e fez algo muito estranho.

Ela estalou os dedos. O som foi agudo e alto. Talvez fosse apenas a minha imaginação, mas senti uma rajada de vento surgir de sua mão e atravessar a sala como uma onda. A tal lufada passou sobre todos nós, fazendo farfalhar os estandartes nas paredes.

— Ah, mas não somos visitantes, senhor — disse Thalia. — Frequentamos esta escola. O senhor lembra de nós: eu sou Thalia. E estes são Annabeth e Percy. Estamos no oitavo ano.

O professor estreitou os olhos de duas cores. Eu não sabia o que Thalia estava pensando. Agora provavelmente seríamos punidos por mentir e atirados na neve. Mas o homem pareceu hesitar.

Ele olhou para a colega.

— Sra. Tengiz, conhece estes alunos?

Apesar do perigo que corríamos, tive de morder a língua para não rir. Uma professora chamada *Tem Giz*? Ele só podia estar brincando.

A mulher piscou, como se alguém acabasse de acordá-la de um transe.

— Eu... sim, creio que sim, senhor. — Ela nos olhou, franzindo o cenho. — Annabeth. Thalia. Percy. O que estão fazendo fora do ginásio?

Antes que pudéssemos responder, ouvi mais passos, e Grover chegou correndo, sem fôlego.

— Vocês conseguiram! Vocês...

Ele interrompeu a fala quando viu os professores.

— Ah, sra. Tengiz. Dr. Espinheiro! Eu, hã...

— O que é *isso*, sr. Underwood? — perguntou o homem. Seu tom deixava claro que ele detestava Grover. — O que quer dizer com eles conseguiram? Estes alunos moram aqui.

Grover engoliu em seco.

— Sim, senhor. Claro, dr. Espinheiro. Eu só quis dizer que estou muito contente por eles terem conseguido... o ponche para o baile! Está delicioso. E foram eles que fizeram!

O dr. Espinheiro nos fuzilou com o olhar. Concluí que um de seus olhos tinha de ser falso. O castanho? O azul? Ele parecia querer nos arremessar da torre mais alta do castelo, mas nesse momento a sra. Tengiz disse, um pouco fora do ar:

— É, o ponche está excelente. Agora vamos, todos. Vocês não podem mais sair do ginásio!

Não esperamos que ela repetisse. Partimos com uma porção de “Sim, senhora” e “Sim, senhor” e algumas continências, só porque parecia a coisa certa a fazer.

Grover nos conduziu apressadamente pelo saguão, na direção da música.

Eu podia sentir os olhos dos professores nas minhas costas, mas caminhava próximo a Thalia e

perguntei em voz baixa:

— Como é que você fez aquele negócio de estalar os dedos?

— Refere-se à Névoa? Quíron ainda não mostrou a você como fazer isso?

Um nó desconfortável formou-se em minha garganta. Quíron era nosso principal treinador no acampamento, mas nunca tinha me ensinado nada desse gênero. Por que ele havia ensinado a Thalia e não a mim?

Grover nos impeliu para uma porta onde se lia a palavra GINÁSIO no vidro. Apesar da dislexia, consegui ler.

— Essa foi por pouco! — disse Grover. — Graças aos deuses vocês chegaram aqui!

Annabeth e Thalia abraçaram Grover. Eu o cumprimentei com a mão espalmada.

Era bom vê-lo depois de tantos meses. Ele estava um pouco mais alto e tinha um pouco mais de barba, mas, fora isso, era o mesmo de sempre ao se passar por humano — um boné vermelho sobre os cabelos castanhos encaracolados, a fim de esconder os chifres de bode, jeans largo e tênis com pés falsos para disfarçar as pernas peludas e os cascos. Vestia uma camiseta preta, cujos dizeres levei alguns segundos para ler. Estava escrito: WESTOVER HALL: PRAÇA. Eu não tinha muita certeza se isso era... hã... a patente de Grover ou apenas o lema da escola.

— Então, qual é a emergência? — perguntei.

Grover respirou fundo.

— Encontrei dois.

— Dois meios-sangues? — perguntou Thalia, perplexa. — Aqui?

Grover assentiu.

Encontrar um meio-sangue já era bastante raro. Durante o ano, Quíron havia posto os sátiros em plantão de emergência e os mandado aos quatro cantos do país, esquadrinhando as escolas do quinto ano até o ensino médio em busca de possíveis recrutas. Era época de desespero. Estávamos perdendo campistas. Precisávamos de todos os novos combatentes que pudéssemos encontrar. O problema era que não havia muitos semideuses por aí.

— Irmão e irmã — informou ele. — Estão com dez e doze anos. Não sei quem são seus pais, mas são fortes. E nosso tempo está se esgotando. Preciso de ajuda.

— Monstros?

— Um. — Grover parecia nervoso. — Ele está desconfiado. Não creio que já tenha certeza, e hoje é o último dia do período letivo. Estou certo de que não vai deixá-los ir embora sem decifrar o caso. Esta pode ser a nossa última chance! Todas as vezes que tento me aproximar deles, ele está lá, bloqueando a minha passagem. Não sei o que fazer!

Grover olhou para Thalia desesperado. Tentei não ficar aborrecido com isso. Grover costumava olhar para mim em busca de respostas, mas Thalia tinha primazia. Não só porque seu pai era Zeus. Thalia tinha mais experiência do que qualquer um de nós em se defender de monstros no mundo real.

— Certo — disse ela. — Esses meios-sangues estão no baile?

Grover assentiu.

— Então vamos dançar — decidiu ela. — Quem é o monstro?

— Ah — disse Grover, olhando ao redor, nervoso. — Vocês acabam de conhecê-lo. É o vice-diretor, o dr. Espinheiro.

Uma coisa estranha nas escolas militares: as crianças ficam totalmente enlouquecidas quando há um evento especial que lhes permita se livrar do uniforme. Acho que é porque tudo é tão rígido o resto do tempo que elas sentem que, em ocasiões fora da rotina, precisam compensar essa rigidez ao máximo ou coisa parecida.

Havia bolas de gás pretas e vermelhas por todo o chão do ginásio, e os garotos as chutavam na cara uns dos outros, ou tentavam se estrangular com as serpentinas de papel crepom presas às paredes. As garotas andavam de um lado para o outro em grupos, como sempre fazem, usando muita maquiagem e blusinhas de alça fina, calças de cores berrantes e sapatos que pareciam instrumentos de tortura. De vez em quando, cercavam o pobre coitado de um garoto, como um cardume de peixes, dando gritinhos e risadinhas, e, quando elas finalmente o deixavam, o garoto tinha fitas nos cabelos e um monte de riscos de batom pelo rosto. Alguns dos caras mais velhos se pareciam mais comigo — pouco à vontade, nos cantos do ginásio, tentando se esconder, como se a qualquer minuto fossem precisar lutar por suas vidas. Naturalmente, no meu caso, isso era verdade...

— Lá estão eles. — Grover fez um gesto com a cabeça na direção de um casal de crianças discutindo nas arquibancadas. — Bianca e Nico di Angelo.

A garota usava um gorro verde que caía sobre o rosto, como se estivesse tentando escondê-lo. O garoto era obviamente seu irmão mais novo. Ambos tinham cabelos escuros e sedosos e pele morena, e gesticulavam muito com as mãos enquanto falavam. O garoto embaralhava algum tipo de carta. A irmã parecia repreendê-lo por alguma coisa. Ela ficava olhando à volta o tempo todo, como se pressentisse que algo estava errado.

— Eles já... bem, você já contou a eles? — perguntou Annabeth.

Grover sacudiu a cabeça.

— Você sabe como é. Isso poderia colocá-los ainda mais em perigo. Quando se dão conta de quem são, seu cheiro se torna mais forte.

Ele olhou para mim e eu assenti. Nunca entendi de fato como os meios-sangues “cheiram” para os monstros e os sátiros, mas sabia que esse cheiro pode significar a morte. E quanto mais poderoso você se torna como semideus, mais cheira a almoço de monstro.

— Então vamos pegá-los e dar o fora daqui — disse eu.

Comecei a me adiantar, mas Thalia pousou a mão no meu ombro. O vice-diretor, o dr. Espinheiro, havia saído de uma porta perto da arquibancada e estava parado junto aos irmãos di Angelo. Ele acenou friamente com a cabeça em nossa direção. O olho azul pareceu brilhar.

A julgar por sua expressão, supus que Espinheiro não havia sido enganado pelo truque de Thalia com a Névoa, afinal. Ele desconfiava de quem éramos. Estava só esperando para ver por que estávamos ali.

— Não olhe para as crianças — ordenou Thalia. — Temos de esperar uma oportunidade de pegá-las. Precisamos fingir que não estamos interessados nelas. Despistá-lo.

— Como?

— Somos três meios-sangues poderosos. Nossa presença deve confundi-lo. Misturem-se. Ajam com naturalidade. Dancem um pouco. Mas fiquem de olho naquelas crianças.

— Dançar? — perguntou Annabeth.

Thalia assentiu. Ela virou o ouvido na direção da música e fez uma careta.

— Argh. Quem escolheu Jesse McCartney?

Grover pareceu ofendido.

— Eu.

— Ah, meus deuses, Grover! Isso é tão careta! Você não pode tocar, hum, Green Day ou algo assim?

— Green o quê?

— Deixa pra lá. Vamos dançar.

— Mas eu não consigo dançar.

— Consegue, se eu conduzi-lo — disse Thalia. — Vamos lá, menino-bode.

Grover gemeu quando Thalia agarrou sua mão e o levou para a pista de dança.

Annabeth sorriu.

— O que foi? — perguntei.

— Nada. Só que é legal ter Thalia de volta.

Annabeth ficara mais alta do que eu desde o último verão, o que eu achei meio incômodo. Não costumava usar nenhuma joia, exceto pelo colar de contas do Acampamento Meio-Sangue, mas agora usava brinquinhos de prata no formato de corujas — o símbolo de sua mãe, Atena. Ela tirou o gorro de esqui e os longos cabelos louros caíram sobre os ombros. Por alguma razão, isso fez com que parecesse mais velha.

— Então... — Tentei pensar em algo para dizer. *Ajam com naturalidade*, Thalia nos dissera. Você é um meio-sangue em uma missão perigosa: o que, diabos, é natural? — Hum, tem desenhado algum edifício legal ultimamente?

Os olhos de Annabeth se iluminaram, como sempre acontecia quando falava sobre arquitetura.

— Ah, meus deuses, Percy. Na minha escola nova, faço desenho em perspectiva como matéria eletiva, e tem um programa de computador superlegal...

Ela continuou explicando como havia projetado um enorme monumento que queria construir no Marco Zero, em Manhattan. Falou sobre suportes estruturais e fachadas e coisas desse tipo, e eu tentei prestar atenção. Sabia que ela queria ser uma superarquiteta quando crescesse — ela adorava matemática, edifícios históricos e tudo o mais —, mas eu mal compreendia uma palavra do que estava dizendo.

A verdade é que eu estava meio desapontado por saber que ela gostava tanto assim da nova escola. Era a primeira vez que Annabeth frequentava uma em Nova York. Eu tinha esperanças de vê-la mais vezes. Ela e Thalia estavam matriculadas nesse internato no Brooklyn, que era perto o bastante do Acampamento Meio-Sangue para que Quíron pudesse ajudar no caso de elas se meterem em alguma encrenca. Como era uma escola só para meninas, eu frequentava a MS-54, em Manhattan, e mal as via.

— É, ah, legal — disse eu. — Então você vai ficar lá o resto do ano, é?

A expressão dela ficou sombria.

— Bem, talvez, se eu não...

— Ei! — chamou Thalia.

— Ela estava dançando uma música lenta com Grover, que tropeçava nos próprios pés e chutava as canelas dela com uma cara de quem queria morrer. Pelo menos os pés dele eram falsos. Diferentemente de mim, ele tinha uma desculpa para ser desajeitado.

— Dancem, vocês também! — mandou Thalia. — Parecem idiotas aí parados sem fazer nada.

Olhei nervosamente para Annabeth e, em seguida, para os grupos de garotas que percorriam o ginásio.

— E então? — perguntou Annabeth.

— Hã, quem eu devo tirar para dançar?

Ela me deu um soco na barriga.

— *Eu*, Cabeça de Alga.

— Ah. Ah, está bem.

Então fomos para a pista de dança, e eu olhei para ver como Thalia e Grover estavam se arrumando. Coloquei a mão no quadril de Annabeth, e ela agarrou minha outra mão, como se estivesse prestes a me aplicar um golpe de judô.

— Não vou morder você — disse ela. — Francamente, Percy. Vocês, garotos, não têm bailes na sua escola?

Não respondi. A verdade é que tínhamos. Mas eu nunca, hã, *dançava* neles. Em geral, era um dos garotos jogando basquete, no canto.

Arrastamos os pés de um lado para o outro por alguns minutos. Tentei me concentrar nos pequenos detalhes, como as serpentinas de papel crepom e a poncheira — em qualquer coisa exceto o fato de Annabeth ser mais alta do que eu e de minhas mãos estarem suadas e provavelmente nojentas, e de eu ficar pisando nos dedos dos pés dela.

— O que você estava dizendo antes? — perguntei. — Está tendo problemas na escola ou algo assim?

Ela apertou os lábios.

— Não é isso. É o meu pai.

— Hum, hum. — Eu sabia que Annabeth tinha um relacionamento difícil com o pai. — Achei que as coisas estivessem melhorando entre vocês. É a sua madrasta de novo?

Annabeth suspirou.

— Ele resolveu mudar. Justamente quando eu estava me acostumando com Nova York, ele aceitou esse emprego estúpido como pesquisador para um livro sobre a Primeira Guerra Mundial. Em *São Francisco*.

Ela disse isso da mesma forma como diria *Campos da Punição* ou *uniforme de ginástica do Hades*.

— Então seu pai quer que você vá para lá com ele? — perguntei.

— Para o outro lado do país — disse ela, infeliz. — E meios-sangues não podem viver em São Francisco. Ele devia saber disso.

— O quê? Por que não?

Annabeth revirou os olhos. Talvez ela pensasse que eu estava brincando.

— Você sabe. Está bem *lá*.

— Ah — eu disse. Não tinha a menor ideia do que ela estava falando, mas não queria parecer estúpido. — Então... você vai voltar a morar no acampamento ou o quê?

— É algo mais sério do que isso, Percy. Eu... eu devia lhe contar uma coisa.

De repente ela congelou.

— Eles sumiram.

— O quê?

Segui seu olhar. As arquibancadas. As duas crianças meios-sangues, Bianca e Nico, não estavam mais lá. A porta perto das arquibancadas estava escancarada. O dr. Espinheiro não se encontrava em nenhum lugar à vista.

— Precisamos buscar Thalia e Grover! — Annabeth olhava à sua volta freneticamente. — Ah, para onde eles foram? Venha!

Ela saiu correndo no meio da multidão. Eu estava prestes a segui-la quando uma horda de garotas se interpôs em meu caminho. Dei a volta, desviando-me delas, a fim de evitar o tratamento fita-e-batom, e, quando consegui me livrar, Annabeth também havia desaparecido. Contornei todo o lugar, procurando por ela, Thalia ou Grover. Em vez deles, vi algo que fez o meu sangue gelar.

A cerca de quinze metros, caído no chão do ginásio, estava um gorro verde, exatamente como o que Bianca di Angelo estava usando. Perto dele, viam-se algumas cartas espalhadas. Então vi de relance o dr. Espinheiro. Ele saía apressado por uma porta na extremidade oposta do ginásio, levando as crianças di Angelo pela nuca, como se fossem gatinhos.

Eu ainda não conseguia ver Annabeth, mas sabia que ela seguira para o outro lado, à procura de Thalia e Grover.

Eu quase corri atrás dela, mas então pensei: *Espere*.

Lembrei-me do que Thalia dissera no saguão de entrada, olhando-me surpresa quando perguntei sobre o truque de estalar os dedos: *Quíron ainda não mostrou a você como fazer isso?* Pensei na maneira como Grover tinha olhado para ela, esperando que ela salvasse a pátria.

Não que eu estivesse ressentido com Thalia. Ela era legal. Não era culpa dela ser filha de Zeus e receber toda a atenção... No entanto, eu não precisava correr atrás dela para resolver todos os problemas. Além disso, não havia tempo. Os di Angelo estavam em perigo. Eles podiam já estar desaparecidos quando eu encontrasse meus amigos. Eu conhecia monstros. Era capaz de lidar com aquilo sozinho.

Tirei Contracorrente do bolso e corri atrás do dr. Espinheiro.

A porta levava a um corredor escuro. Ouvei sons de luta à frente, então um grunhido de dor. Tirei a tampa de Contracorrente.

A caneta cresceu em minhas mãos até eu me ver segurando uma espada grega de bronze, de cerca de noventa centímetros, com cabo de couro. A lâmina brilhou levemente, lançando uma luz dourada nas fileiras de armários.

Disparei pelo corredor, mas, quando cheguei à outra extremidade, não havia ninguém ali. Abri uma porta e estava de volta ao saguão principal de entrada. Eu tinha dado uma volta completa. Não via o dr. Espinheiro em parte alguma, mas lá estavam, no lado oposto da sala, os irmãos di Angelo. Eles estavam paralisados de terror, olhando diretamente para mim.

Avancei devagar, baixando a ponta da espada.

— Está tudo bem. Eu não vou machucar vocês.

Eles não responderam. Seus olhos estavam cheios de pavor. O que havia de errado com eles? Onde estava o dr. Espinheiro? Talvez ele tivesse pressentido a presença de Contracorrente e batido em retirada. Os monstros detestavam armas celestiais de bronze.

— Meu nome é Percy — disse eu, tentando manter a voz controlada. — Vou tirar vocês daqui, levá-los para um lugar seguro.

Os olhos de Bianca se arregalaram. Os punhos se apertaram. Somente quando era tarde demais percebi o que o olhar dela queria dizer. Ela não estava com medo de mim. Estava tentando me avisar.

Dei meia-volta e alguma coisa fez *UIIIISH!* A dor explodiu em meu ombro. Uma força semelhante à de uma imensa mão me puxou para trás e me atirou contra a parede.

Brandi a espada, mas não havia nada para atingir.

Uma risada fria ecoou pelo saguão.

— Sim, Perseu *Jackson* — disse o dr. Espinheiro. Seu sotaque desfigurou o *J* no meu sobrenome. — Eu sei quem você é.

Tentei libertar meu ombro. Meu casaco e minha camisa estavam espetados na parede por uma espécie de espinho — um projétil negro, semelhante a um punhal, de cerca de trinta centímetros. Ele havia arranhado a pele do meu ombro ao atravessar a roupa, e o corte queimava. Eu já sentira algo assim antes. Veneno.

Forcei-me a me concentrar. Eu *não* ia desmaiar.

Uma silhueta negra agora movia-se em nossa direção. O dr. Espinheiro entrou na área iluminada pela luz pálida. Ele ainda parecia humano, mas seu rosto era demoníaco. Tinha dentes brancos perfeitos e seus olhos castanho/azul refletiam a claridade da minha espada.

— Obrigado por sair do ginásio — disse ele. — Odeio esses bailinhos de escola.

Tentei novamente brandir a espada, mas ele estava fora do meu alcance.

UIIIISH! Um segundo projétil surgiu de algum ponto atrás do dr. Espinheiro. Mas ele aparentemente não se movera. Era como se alguém invisível estivesse atrás dele atirando facas.

Perto de mim, Bianca gemeu. O segundo espinho empalou-se na parede de pedra, a um centímetro do rosto dela.

— Vocês três virão comigo — determinou o dr. Espinheiro. — Quietos. Obedientes. Se fizerem um só ruído, se gritarem por socorro ou tentarem lutar, vou lhes mostrar o quanto minha mira pode ser precisa.

Eu não sabia que tipo de monstro era o dr. Espinheiro, mas ele era rápido.

Talvez eu pudesse me defender se conseguisse ativar meu escudo. Tudo de que necessitava era um toque no meu relógio de pulso. Mas defender os irmãos di Angelo era outra questão. Eu necessitava de ajuda e só me ocorria uma forma de consegui-la.

Fechei os olhos.

— O que está fazendo, Jackson? — sibilou o dr. Espinheiro. — Continue andando!

Abri os olhos e continuei arrastando os pés adiante.

— É o meu ombro — menti, tentando soar infeliz, o que não era difícil. — Está queimando.

— Ora! Meu veneno causa dor. Não vai matar você. Ande!

Espinheiro nos conduzia para fora da escola, e eu tentava me concentrar. Visualizei o rosto de Grover. Concentrei-me nas emoções de dor e perigo. No último verão, Grover havia criado uma conexão empática entre nós dois. Ele havia me enviado visões em meus sonhos para me avisar de que ele estava em perigo. Até onde eu sabia, ainda estávamos conectados, mas eu nunca havia tentado entrar em contato com Grover. Não sabia nem se funcionaria com ele acordado.

Ei, Grover!, pensei. Espinheiro está nos sequestrando! Ele é um maníaco atirador de espinhos envenenados! Socorro!

Espinheiro nos fez marchar na direção da floresta. Tomamos um caminho coberto de neve e mal iluminado por lâmpadas antigas. Meu ombro doía. O vento que soprava através de minhas roupas rasgadas era tão frio que eu me sentia um Persicolé.

— Tem uma clareira mais à frente — disse Espinheiro. — Vamos chamar sua carona.

— Que carona? — perguntou Bianca. — Para onde você está nos levando?

— Silêncio, garota insuportável!

— Não fale assim com minha irmã! — disse Nico. Sua voz tremia, mas eu estava impressionado por ele ter a coragem de dizer qualquer coisa que fosse.

O dr. Espinheiro soltou uma espécie de rosnado que definitivamente não era humano e que fez os pelos na minha nuca se eriçarem, mas eu me obriguei a continuar andando e fingi que estava sendo um bom prisioneiro. Enquanto isso, projetava meus pensamentos feito louco — qualquer coisa para chamar a atenção de Grover: *Grover! Maçãs! Latas! Venha com esse seu traseiro peludo de bode aqui para fora e traga alguns amigos fortemente armados!*

— Espere — disse Espinheiro.

A floresta havia se aberto. Tínhamos chegado a um penhasco que dava para o mar. Pelo menos, eu *sentia* que o mar estava lá embaixo, a centenas de metros. Podia ouvir as ondas quebrando e sentia o cheiro da espuma fria e salgada. Mas tudo que conseguia ver era neblina e escuridão.

O dr. Espinheiro nos empurrava em direção à beira. Eu tropecei e Bianca me segurou.

— Obrigado — murmurei.

— O que ele ê? — sussurrou ela. — Como lutamos contra ele?

— Eu... eu estou trabalhando nisso.

— Estou com medo — disse Nico baixinho. Ele mexia algo nas mãos... uma espécie de soldadinho de metal de brinquedo.

— Parem de falar! — ordenou o dr. Espinheiro. — Fiquem de frente para mim!

Nós nos viramos.

Os olhos bicolores de Espinheiro cintilavam, famintos. Ele pegou alguma coisa embaixo do casaco. A princípio, pensei que fosse um canivete, mas era apenas um telefone. Ele pressionou o botão lateral e disse:

— O pacote... está pronto para ser entregue.

Ouviru-se uma resposta distorcida, e percebi que Espinheiro estava no modo *walkie-talkie*. Parecia moderno demais e assustador — um monstro usando um telefone celular.

Olhei para trás, imaginando a que distância estava da queda.

O dr. Espinheiro riu.

— Isso mesmo, Filho de Poseidon. *Pule!* Lá embaixo está o mar. Salve-se.

— Do que foi que ele chamou você? — perguntou Bianca.

— Mais tarde eu explico — respondi.

— Você tem mesmo um plano, certo?

Grover!, pensei, desesperado. *Venha em meu socorro!*

Talvez eu conseguisse saltar com os dois di Angelo para o oceano. Se sobrevivêssemos à queda, eu podia usar a água para nos proteger. Já havia feito coisas assim antes. Se meu pai estivesse de bom humor, e ouvindo, ele poderia ajudar. Talvez.

— Eu o mataria antes que você chegasse à água — disse o dr. Espinheiro, como se lesse meus pensamentos. — Você não se dá conta de quem eu sou, não é?

Um rápido movimento atrás dele e outro míssil passou assoviando tão perto de mim que cortou minha orelha. Alguma coisa havia saltado atrás do dr. Espinheiro — como um catapulta, porém mais flexível... quase como uma cauda.

— Infelizmente — disse o dr. Espinheiro — querem vocês vivos, se possível. Não fosse por isso, certamente vocês já estariam mortos agora.

— Quem é que nos quer? — perguntou Bianca. — Porque, se você acha que vai conseguir um resgate, está enganado. Não temos família. Nico e eu... — Sua voz tremeu um pouco. — Não temos ninguém, só um ao outro.

— Ah, não se preocupem, pestinhas — disse o dr. Espinheiro. — Vocês se encontrarão com o meu patrão logo, logo. Então terão uma família novinha em folha.

— Luke — disse eu. — Você trabalha para Luke.

A boca do dr. Espinheiro torceu-se de aversão quando eu disse o nome do meu velho inimigo — um ex-amigo que tentara me matar várias vezes.

— Você não tem a menor ideia do que está acontecendo, Perseu Jackson. Vou deixar que o General esclareça tudo para você. Vai prestar um grande serviço a ele esta noite. Ele espera com ansiedade encontrá-lo.

— O General? — perguntei. Então percebi que dissera a palavra com sotaque francês. — Ora... quem é o General?

Espinheiro olhou na direção do horizonte.

— Ah, aqui está. O seu transporte.

Virei-me e vi uma luz a distância, um farol sobre o mar. Então ouvi o movimento da hélice de um helicóptero cada vez mais alto e mais perto.

— Para onde está nos levando? — perguntou Nico.

— Devia se sentir honrado, meu garoto. Vai ter a oportunidade de entrar para um grande exército! Como o desse jogo bobo que você joga com cartas e bonecos.

— Não são bonecos! São estatuetas! E você pode pegar seu grande exército e...

— Ora, ora — advertiu o dr. Espinheiro. — Você vai mudar de ideia quanto a se juntar a nós, meu garoto. E se não mudar, bem... existem outras funções para meios-sangues. Temos muitas bocas monstruosas para alimentar. A Grande Comoção está em andamento.

— A Grande o quê? — perguntei. Qualquer coisa que o mantivesse falando enquanto eu tentava bolar um plano.

— A comoção de monstros. — O dr. Espinheiro sorriu, malévolo. — O pior deles, o mais poderoso, está acordando agora. Monstros que não são vistos há milhares de anos. Eles irão causar morte e destruição do tipo que os mortais nunca viram. E logo vamos ter o monstro mais importante de todos... aquele que irá provocar a queda do Olimpo!

— O.k. — sussurrou Bianca para mim. — Ele é completamente louco.

— Temos de saltar do penhasco — disse-lhe eu baixinho. — Para o mar.

— Ah, grande ideia. Você também é completamente louco.

Eu não tive a oportunidade de argumentar, porque nesse exato momento uma força invisível se chocou contra mim.

Fazendo um retrospecto, o movimento de Annabeth foi brilhante. Usando seu boné de invisibilidade, ela atingiu os di Angelos e a mim, atirando-nos ao chão. Por uma fração de segundos, o dr. Espinheiro, pego de surpresa, ficou desorientado, assim sua primeira saraivada de mísseis zuniu inofensiva acima de nossas cabeças. Isso deu a Thalia e a Grover a chance de avançar por trás — Thalia brandindo seu escudo mágico, Aegis.

Se você nunca viu Thalia entrando em uma batalha, nunca sentiu medo de verdade. Ela usa uma lança imensa, que se expande de uma lata de spray paralisante que carrega no bolso, mas essa não é a parte assustadora. Seu escudo foi modelado a partir de um que seu pai, Zeus, usa — também chamado Aegis —, um presente de Atena. O escudo tem a cabeça da Medusa moldada no bronze, e, embora não possa transformá-lo em pedra, é tão horrível que a maioria das pessoas entra em pânico e corre à sua visão.

Até mesmo o dr. Espinheiro estremeceu e rosnou quando o viu.

Thalia avançou com sua lança.

— Por Zeus!

Pensei que o dr. Espinheiro já era. Thalia tentou atingir a cabeça dele, mas ele rosnou e desviou o golpe, jogando a lança para o lado. Sua mão se transformou em uma pata laranja, com garras enormes, que cintilavam contra o escudo de Thalia enquanto a golpeavam. Não fosse por Aegis, Thalia teria sido

fatiada como um pão. Nessas circunstâncias, ela conseguiu rolar para trás e aterrissar de pé.

O som do helicóptero ia se tornando mais alto atrás de mim, mas eu não ousava olhar.

O dr. Espinheiro lançou outra saraivada de mísseis contra Thalia, e dessa vez pude ver como ele fazia. Ele tinha uma cauda — rija, semelhante à de um escorpião — que se erguia com espinhos na ponta. Os mísseis se desviaram em Aegis, mas a força do impacto derrubou Thalia.

Grover saltou para a frente. Levou sua flauta aos lábios e começou a tocar — uma música frenética que parecia com aquelas ao som das quais piratas dançariam. A grama rompeu a neve e, em segundos, ervas daninhas da grossura de uma corda se enroscavam nas pernas do dr. Espinheiro, envolvendo-o.

O dr. Espinheiro rugiu e começou a se transformar. Ele foi crescendo até assumir sua verdadeira forma — o rosto ainda humano, mas com o corpo de um imenso leão. Sua cauda rija e pontiaguda lançava espinhos mortais em todas as direções.

— Um manticore! — exclamou Annabeth, agora visível. Seu boné mágico dos New York Yankees havia caído quando ela se lançara sobre nós.

— Quem *são* vocês, gente? — perguntou Bianca di Angelo. — E o que é *aquilo*?

— Um manticore? — arquejou Nico. — Ele tem poder de ataque três mil e mais cinco para arremessos de salvamento!

Eu não sabia do que ele estava falando, mas não tinha tempo para me preocupar com isso. O manticore dilacerou as ervas mágicas de Grover, transformando-as em fiapos, e então voltou-se em nossa direção com um rosnado.

— Abaixem-se! — Annabeth empurrou os di Angelos, forçando-os a se deitar na neve. No último instante, lembrei-me de meu próprio escudo. Bati em meu relógio de pulso e o revestimento de metal espiralou-se em um grosso escudo de bronze. Na hora exata. Os espinhos bateram contra ele com tamanha força que dentearam o metal. O belo escudo, presente de meu irmão, ficou seriamente danificado. Eu não tinha certeza se ele conseguiria deter uma segunda saraivada.

Ouvi uma *pancada* e um grito, e Grover aterrissou ao meu lado com um ruído surdo.

— Rendam-se! — rugiu o monstro.

— Nunca! — Thalia gritou do outro lado do campo. Ela se lançou contra o monstro e, por um segundo, pensei que fosse atravessá-lo. Mas então se ouviu um ruído ensurdecido e viu-se um clarão, vindos de trás de nós. O helicóptero surgiu do meio da névoa, pairando pouco além do penhasco. Era um aparelho de estilo militar, preto reluzente, com acessórios laterais que pareciam foguetes guiados a *laser*. O helicóptero só podia ser pilotado por mortais, mas o que estava fazendo ali? Como é que mortais poderiam estar trabalhando com um monstro? Os holofotes cegaram Thalia, e o manticore a atirou longe com a cauda. Seu escudo voou, indo cair na neve, e a lança foi impelida em outra direção.

— Não! — Corri para ajudá-la. Desviei um espigão pouco antes que atingisse seu peito. Ergui meu escudo sobre nós, mas sabia que não seria suficiente.

O dr. Espinheiro riu.

— Agora veem o quanto isso é inútil? Rendam-se, heroizinhos.

Estávamos presos entre um monstro e um helicóptero totalmente armado. Não tínhamos nenhuma chance.

Então ouvi um som claro, penetrante: o chamado de uma trompa de caça soando na floresta.

O manticore ficou imóvel. Por um momento, ninguém se moveu. Havia apenas o redemoinho de neve e vento e o ruído das pás da hélice do helicóptero.

— Não — disse o dr. Espinheiro. — Não pode ser...

Sua frase foi interrompida quando algo passou por mim como um raio de luar. Uma flecha de prata surgiu no ombro do dr. Espinheiro.

Ele cambaleou para trás, gemendo em agonia.

— Malditos sejam vocês! — gritou Espinheiro, lançando seus espinhos, dezenas deles de uma só vez, na direção da floresta, de onde a flecha viera, mas, igualmente rápido, flechas de prata foram disparadas em resposta. Era quase como se as flechas interceptassem os espinhos em pleno ar, dividindo-os em dois — mas isso deviam ser meus olhos me pregando peças. Ninguém, nem mesmo os filhos de Apolo no acampamento, era capaz de atirar com aquela precisão.

O manticore arrancou a flecha do ombro com um uivo de dor. Sua respiração estava pesada. Tentei atingi-lo com minha espada, mas ele não estava tão ferido quanto parecia. Desviou-se do ataque e arremessou a cauda contra meu escudo, atirando-me para um lado.

Então os arqueiros vieram do bosque. Eram garotas, cerca de uma dúzia delas. A mais nova devia ter uns dez anos. A mais velha, cerca de quatorze, como eu. Elas usavam parcas de esqui prateadas e jeans, e todas estavam armadas com arcos. Avançaram contra o manticore com expressão determinada.

— As Caçadoras! — gritou Annabeth.

Ao meu lado, Thalia murmurou:

— Ah, que maravilha.

Não tive chance de perguntar o que ela queria dizer.

Uma das arqueiras mais velhas deu um passo à frente com o arco preparado. Ela era alta e graciosa, com a pele cor de cobre. Diferentemente das outras garotas, tinha um diadema de prata preso no alto do cabelo escuro e comprido, que a fazia parecer uma princesa persa.

— Permissão para matar, minha senhora?

Eu não conseguia saber com quem ela estava falando, pois ela mantinha os olhos fixos no manticore.

O monstro queixou-se:

— Isso não é justo! Interferência direta! É contra as Leis Antigas.

— Não exatamente — disse outra garota. Esta era um pouco mais nova que eu, devia ter uns doze ou treze anos. Tinha cabelos castanho-avermelhados presos num rabo de cavalo e olhos estranhos, de um amarelo prateado como a lua. Seu rosto era tão lindo que me fez prender a respiração, mas sua expressão era implacável e perigosa. — A caçada a todas as feras selvagens está dentro da minha esfera. E você, criatura asquerosa, é uma fera selvagem. — Ela olhou para a garota mais velha com o arquinho. — Zoë, permissão concedida.

O manticore rosnou.

— Se não posso tê-los vivos, eu os terei mortos!

Ele investiu contra mim e Thalia, sabendo que estávamos fracos e atordoados.

— Não! — Annabeth gritou e atacou o monstro.

— Afaste-se, meio-sangue! — disse a garota com o diadema. — Afaste-se da linha de fogo!

Mas Annabeth saltou sobre as costas do monstro e apontou sua faca para a juba dele. O manticore rugia, movendo-se em círculos e golpeando o ar com a cauda enquanto Annabeth se agarrava a ele com

firmeza.

— Fogo! — ordenou Zoë.

— Não! — gritei.

Mas as Caçadoras lançaram suas flechas. A primeira atingiu o manticore no pescoço. Outra acertou-lhe o peito. O manticore cambaleava para trás, uivando.

— Este não é o fim, Caçadora! Você vai pagar!

E antes que alguém pudesse reagir, o monstro, ainda com Annabeth nas costas, saltou no precipício, lançando-se na escuridão.

— Annabeth! — gritei.

Comecei a correr atrás dela, mas nossos inimigos ainda não tinham encerrado a questão conosco. Ouviu-se um *chap-chap-chap* vindo do helicóptero — o som de artilharia.

A maior parte das Caçadoras se dispersou enquanto minúsculos buracos surgiam na neve aos seus pés, mas a garota de cabelos avermelhados limitou-se a olhar calmamente para o helicóptero.

— Os mortais — anunciou ela — não têm permissão para testemunhar minha caçada.

Ela estendeu a mão, e o helicóptero explodiu, virando poeira — não, poeira não. O metal negro transformou-se num bando de aves — corvos —, que se dispersaram no meio da noite.

As Caçadoras avançaram para nós.

A que se chamava Zoë deteve-se ao ver Thalia.

— Você — disse ela com desprazer.

— Zoë Doce-Amarga. — A voz de Thalia tremia de raiva. — Timing perfeito, como sempre.

Zoë esquadrinhou o restante de nós.

— Quatro meios-sangues e um sátiro, minha senhora.

— Sim — disse a garota mais nova. — Alguns dos campistas de Quíron, eu vejo.

— Annabeth! — gritei. — Tem de nos deixar salvá-la!

A garota de cabelos avermelhados virou-se em minha direção.

— Lamento, Percy Jackson, mas sua amiga está além de qualquer ajuda.

Tentei me pôr de pé, mas algumas das garotas me seguraram.

— Você não está em condições de sair por aí se atirando de penhascos — disse a garota de cabelos avermelhados.

— Deixe-me ir! — exigi. — Quem você pensa que é?

Zoë deu um passo à frente, como se fosse me dar uma bofetada.

— Não — ordenou a outra garota. — Não percebo nenhum desrespeito, Zoë. Ele só está perturbado. Ele não compreende.

A garota olhou para mim, os olhos mais frios e mais brilhantes do que a lua no inverno.

— Eu sou Ártemis — revelou ela. — A deusa da caça.

Depois de ver o dr. Espinheiro transformar-se num monstro e despencar com Annabeth em um precipício, seria de pensar que nada mais me chocaria. Mas quando aquela garota de doze anos me disse que era a deusa Ártemis, eu disse algo muito inteligente, do tipo: “Hã... o.k.”

Isso não foi nada comparado a Grover. Ele arquejou, então se ajoelhou na neve e começou a tagarelar:

— Obrigado, Senhora Ártemis! A senhora é tão... é tão... Uau!

— Levante-se, menino-bode! — disse Thalia. — Temos outras coisas com que nos preocupar. Annabeth desapareceu!

— Epa — disse Bianca di Angelo. — Esperem. Tempo.

Todos olharam para ela, que apontou o dedo para cada um de nós sucessivamente, como se estivesse tentando ligar os pontos.

— Quem... quem são vocês?

A expressão de Ártemis se suavizou.

— Talvez seja melhor perguntar, minha querida, quem é *voce*? Quem são seus pais?

Bianca lançou um olhar nervoso para o irmão, que ainda olhava estupefato para Ártemis.

— Nossos pais morreram — disse Bianca. — Somos órfãos. Um fundo de curadoria paga a nossa escola, mas...

Sua voz falhou. Acho que estava vendo em nossos rostos que não acreditávamos nela.

— O que foi? — perguntou ela. — Estou dizendo a verdade.

— Sois uma meio-sangue — disse Zoë Doce-Amarga. Era difícil identificar seu modo de falar. Soava antiquado, como se ela estivesse lendo um livro muito velho. — Um de vossos pais era mortal. O outro era um olimpiano.

— Um atleta... olímpico?

— Não — disse Zoë. — Um dos deuses.

— Legal! — exclamou Nico.

— Não! — A voz de Bianca tremeu. — Isso não é legal!

Nico se remexia ao redor de nós como se precisasse ir ao banheiro.

— Zeus tem mesmo raios que podem causar danos de seiscentos pontos? Ele ganha pontos extras por...

— Nico, cale a boca! — Bianca levou as mãos ao rosto. — Esse não é seu estúpido jogo de Mitomagia, o.k.? Deuses não existem!

Por mais ansioso que eu estivesse por causa de Annabeth — tudo o que queria era sair à procura dela —, não podia deixar de ter pena dos irmãos di Angelo. Eu me lembrava de como tinha sido para mim descobrir que era um semideus.

Thalia devia estar sentindo algo semelhante, porque a raiva em seus olhos amainou um pouco.

— Bianca, sei que é difícil acreditar. Mas os deuses ainda estão por aqui. Acredite em mim. Eles são

imortais. E sempre que têm filhos com humanos comuns, filhos como nós, bem... Nossas vidas tornam-se vulneráveis.

— Vulneráveis — disse Bianca —, como a garota que caiu.

Thalia se afastou. Até mesmo Ártemis parecia compadecida.

— Não se desespere por Annabeth — disse a deusa. — Ela era uma jovem corajosa. Se puder ser encontrada, eu vou encontrá-la.

— Então por que não nos deixa procurar por ela? — perguntei.

— Ela se foi. Não consegue sentir, Filho de Poseidon? Alguma magia está em ação. Eu não sei exatamente como nem por quê, mas sua amiga desapareceu.

Eu ainda queria saltar do penhasco e sair à procura dela, mas tinha a sensação de que Ártemis estava certa. Annabeth se fora. Se ela estivesse lá embaixo no mar, pensei, eu poderia sentir sua presença.

— Ah! — Nico ergueu a mão. — E o dr. Espinheiro? Foi incrível aquilo de você acertar flechas nele! Ele está morto?

— Ele era um manticore — informou Ártemis. — Tomara que esteja destruído por ora, mas os monstros nunca morrem de verdade. Eles renascem repetidamente e devem ser caçados sempre que reaparecerem.

— Senão, eles nos caçam — disse Thalia.

Bianca di Angelo estremeceu.

— Isso explica... Nico, lembra-se, no verão passado, daqueles caras que tentaram nos atacar numa ruazinha de Washington?

— E aquele motorista de ônibus — lembrou Nico. — Aquele com os chifres de carneiro. Eu *disse* que aquilo era de verdade.

— É por isso que Grover estava de olho em vocês — expliquei. — Para mantê-los em segurança, se fossem mesmo meios-sangues.

— Grover? — Bianca o fitou. — Você é um semideus?

— Bem, um sátiro, na verdade. — Ele atirou para longe os sapatos e mostrou os cascos de bode. Pensei que Bianca fosse desmaiar ali mesmo.

— Grover, calce novamente os sapatos — disse Thalia. — Você a está assustando.

— Ei, meus cascos são limpos!

— Bianca — disse eu —, viemos aqui para ajudar vocês. Você e Nico precisam de treinamento para sobreviver. O dr. Espinheiro não vai ser o último monstro que irão encontrar. Precisam vir para o acampamento.

— Acampamento? — perguntou ela.

— Acampamento Meio-Sangue — respondi. — É onde os meios-sangues aprendem a sobreviver e tudo o mais. Vocês podem se juntar a nós, ficar lá direto, se gostarem.

— Vamos! — disse Nico à irmã.

— Esperem. — Bianca sacudiu a cabeça. — Eu não...

— Há *outra* opção — disse Zoë.

— Não, não há! — interveio Thalia.

Thalia e Zoë se fulminaram com o olhar. Eu não sabia do que estavam falando, mas dava para ver que havia uma história ruim entre elas. Por alguma razão, as duas se odiavam de verdade.

— Já sobrecarregamos essas crianças o suficiente — anunciou Ártemis. — Zoë, vamos descansar aqui algumas horas. Arme as tendas. Trate dos feridos. Busque os pertences de nossos convidados na escola.

— Sim, minha senhora.

— E, Bianca, venha comigo. Quero falar com você.

— E eu? — perguntou Nico.

Ártemis avaliou o menino.

— Talvez você possa mostrar a Grover como jogar com essas cartas de que você gosta. Tenho certeza de que Grover ia ficar feliz em distrair você um pouco... como um favor para mim...

Grover quase tropeçou nele mesmo ao se levantar.

— Pode apostar! Venha, Nico!

Nico e Grover se afastaram na direção da floresta, falando sobre pontos e classificações e um monte de outras coisas estranhas. Ártemis conduziu uma confusa Bianca ao longo do penhasco. As Caçadoras começaram a desfazer as mochilas e a montar acampamento.

Zoë lançou a Thalia mais um olhar de raiva, então partiu para supervisionar as atividades.

Assim que ela se foi, Thalia bateu o pé em frustração.

— A ousadia dessas Caçadoras! Elas acham que são tão... Argh!

— Estou com você — disse eu. — Não confio...

— Ah, você está comigo? — Thalia virou-se para mim, furiosa. — O que você estava pensando lá no ginásio, Percy? Que ia se encarregar do dr. Espinheiro sozinho? Você *sabia* que ele era um monstro!

— Eu...

— Se tivéssemos ficado juntos, poderíamos tê-lo vencido sem que as Caçadoras se envolvessem. Annabeth poderia ainda estar aqui. Você pensou nisso?

Meu maxilar se contraiu. Pensei em algumas coisas duras para dizer, e talvez as tivesse dito, não fosse eu ter olhado para baixo e avistado uma coisa azul-marinho caída na neve aos meus pés. Era o boné de beisebol dos Yankees, de Annabeth.

Thalia não falou mais nada. Enxugou uma lágrima do rosto, virou-se e se afastou, deixando-me sozinho com um boné pisoteado na neve.

As Caçadoras montaram acampamento em questão de minutos. Sete tendas grandes, todas de seda prateada, formando uma lua crescente em um dos lados da fogueira. Uma das garotas soprou um apito de prata, e uma dúzia de lobos brancos surgiu do bosque. Eles começaram a circular o acampamento, como cães de guarda. As Caçadoras andavam entre eles e lhes davam guloseimas, completamente à vontade, mas resolvi que ficaria perto das tendas. Falcões nos observavam das árvores, os olhos cintilando à luz da fogueira, e eu tinha a sensação de que eles também estavam a serviço, de sentinela. Até mesmo o tempo parecia se curvar à vontade da deusa. O ar ainda estava frio, mas o vento cessara e a neve parara de cair, de modo que era quase agradável ficar sentado junto ao fogo.

Quase... exceto pela dor em meu ombro e a culpa pesando em minhas costas. Eu não conseguia acreditar que Annabeth havia desaparecido. E por mais zangado que estivesse com Thalia, tinha a desalentadora sensação de que ela estava certa. Era culpa minha.

O que Annabeth tinha querido me dizer no ginásio? *Algo sério*, ela dissera. Agora, talvez, eu nunca descobrisse. Pensei em como havíamos dançado por meia canção, e meu coração ficou ainda mais

pesaroso.

Observei Thalia andando na neve na extremidade do acampamento, caminhando entre os lobos sem medo. Ela parou e olhou para Westover Hall, que agora estava em completa escuridão, erguendo-se na encosta além do bosque. Perguntei-me em que ela estaria pensando.

Sete anos antes, Thalia havia sido transformada pelo pai em um pinheiro, no intuito de evitar sua morte. Ela enfrentara um exército de monstros no topo da Colina Meio-Sangue a fim de dar a seus amigos, Luke e Annabeth, tempo de escapar. Fazia apenas alguns meses que ela estava de volta ao mundo humano e, de vez em quando, ela ficava tão imóvel que se podia pensar que ainda era uma árvore.

Finalmente, uma das Caçadoras trouxe minha mochila. Grover e Nico voltaram do passeio, e Grover me ajudou a tratar de meu braço machucado.

— Está verde! — exclamou Nico, encantado.

— Agente firme — disse-me Grover. — Aqui, coma um pouco de ambrosia enquanto eu limpo isso.

Estremeci enquanto ele cuidava do ferimento, mas o pedaço de ambrosia ajudou. Tinha gosto de brownie feito em casa, dissolvendo em minha boca e enviando uma sensação de calor por todo o meu corpo. Com isso e a sálvia mágica usada por Grover, em poucos minutos meu ombro estava muito melhor.

Nico vasculhava a própria bolsa, a qual as Caçadoras haviam aparentemente arrumado para ele, embora eu não soubesse como elas tinham entrado em Westover Hall sem serem vistas. Nico colocou um grupo de estatuetas na neve — pequenas réplicas de deuses gregos e heróis. Reconheci Zeus com o raio, Ares com a lança, Apolo com a carruagem do sol.

— Boa coleção — disse eu.

Nico sorriu.

— Tenho quase todos eles, e mais as cartas holográficas! Bem, exceto alguns muito raros.

— Você joga esse jogo há muito tempo?

— Comecei este ano. Antes de... — Ele franziu as sobrancelhas.

— Do quê? — perguntei.

— Esqueci. Que estranho.

Ele pareceu inquieto, mas isso não demorou muito.

— Ei, posso ver aquela espada que estava com você?

Eu lhe mostrei Contracorrente, e expliquei como ela se transformava de caneta em espada simplesmente ao ser destampada.

— Legal! E algum dia acaba a tinta?

— Hã, bem, eu na verdade não escrevo com ela.

— Você é mesmo o filho de Poseidon?

— Bem, sim.

— Então você sabe surfar muito bem, não é?

Olhei para Grover, que fazia um grande esforço para não rir.

— Puxa, Nico — disse eu. — Na verdade, nunca tentei.

Ele continuou fazendo perguntas: Eu brigava muito com Thalia, já que ela era filha de Zeus? (A essa não respondi.) Se a mãe de Annabeth era Atena, a deusa da sabedoria, então por que Annabeth fez a bobagem de cair do precipício? (Esforcei-me para não estrangular Nico por causa dessa pergunta.) Annabeth era minha namorada? (A essa altura, eu já estava pronto para enfiar o garoto num saco com

gosto de carne e lançá-lo para os lobos.)

Imaginei que a qualquer segundo ele ia perguntar quantos pontos de vida eu tinha, e aí eu perderia a calma completamente, mas nesse momento Zoë Doce-Amarga se aproximou.

— Percy Jackson.

Zoë tinha olhos castanho-escuros e um nariz levemente arrebitado. Com o arquinho prata no cabelo e a expressão orgulhosa, ela parecia tanto ser da nobreza que eu tive de resistir ao impulso de fazer uma reverência e dizer “Sim, senhora”.

Ela me estudou com desprazer, como se eu fosse uma sacola de roupa suja que lhe mandaram buscar.

— Vinde comigo — disse ela. — A Senhora Ártemis deseja vos falar.

Zoë me levou até a última tenda, que em nada se diferenciava das outras, e fez sinal para que eu entrasse. Bianca di Angelo estava sentada ao lado da garota de cabelos avermelhados, que eu ainda tinha dificuldade de ver como Ártemis.

O interior da tenda era quente e confortável. Mantas de seda e almofadas cobriam o chão. No centro, um braseiro dourado parecia queimar sem combustível ou fumaça. Atrás da deusa, num suporte de carvalho polido, via-se seu imenso arco de prata, esculpido de modo a parecer chifres de gazela. Das paredes pendiam peles de animais: urso negro, tigre e vários outros que eu não reconheci. Imaginei que um ativista dos direitos dos animais teria um ataque cardíaco se visse todas aquelas peles raras — mas talvez, sendo a deusa da caça, Ártemis pudesse repor tudo o que matava. Pensei que ao seu lado houvesse outra pele jogada, mas então percebi que se tratava de um animal vivo — um cervo com pelo lustroso e chifres de prata, a cabeça pousada, alegremente, no colo de Ártemis.

— Junte-se a nós, Percy Jackson — disse a deusa.

Sentei-me à sua frente no chão da tenda. A deusa me estudou, o que me deixou pouco à vontade. Ela tinha olhos muito velhos para uma garota tão jovem.

— Está surpreso com a minha idade? — perguntou ela.

— Hum... um pouco.

— Eu poderia aparecer como uma mulher adulta, um fogo ardente ou qualquer outra coisa que quisesse, mas é assim que prefiro. Esta é a média de idade das minhas Caçadoras, e de todas as jovens de quem sou protetora, antes que se desencaminhem.

— Se desencaminhem? — perguntei.

— Cresçam. Enamorem-se dos garotos. Tornem-se tolas, absortas, inseguras. Esqueçam-se de si mesmas.

— Ah.

Zoë sentou-se à direita de Ártemis. E me fuzilou com o olhar, como se tudo o que a deusa acabara de dizer fosse minha culpa, como se tivesse sido eu a inventar a ideia de ser homem.

— Você deve desculpar minhas Caçadoras se elas não o recebem muito bem — disse Ártemis. — É muito raro termos garotos neste acampamento. Em geral, eles não têm permissão para nenhum contato com as Caçadoras. O último a ver este acampamento... — Ela olhou para Zoë. — Quem foi mesmo?

— Aquele garoto no Colorado — disse Zoë. — Minha senhora o transformou em uma mistura de coelho com antílope.

— Ah, foi — assentiu Ártemis, satisfeita. — Adoro fazer essas experiências. Seja como for, Percy,

chamei você aqui para que me contasse mais sobre o manticore. Bianca relatou algumas das... hum, coisas perturbadoras que o monstro disse. Mas talvez ela não as tenha entendido. Gostaria de ouvi-las de você.

E então eu contei a ela.

Quando cheguei ao fim, Ártemis apoiou a mão em seu arco de prata, pensativa.

— Temia que fosse esta a resposta.

Zoë inclinou-se para a frente.

— O cheiro, minha senhora?

— Sim.

— Que cheiro? — perguntei.

— Coisas que não caço há milênios estão se agitando — murmurou Ártemis. — Presas tão antigas que quase me esqueci delas.

Ela me dirigiu um olhar intenso.

— Chegamos até aqui esta noite porque sentimos o manticore, mas não era ele que eu procurava. Conte-me outra vez exatamente o que o dr. Espinheiro disse.

— Hum... “Odeio esses bailinhos de escola.”

— Não, não. Depois disso.

— Ele disse que alguém chamado General ia me explicar tudo.

O rosto de Zoë perdeu a cor. Ela se virou para Ártemis e começou a dizer alguma coisa, mas a deusa ergueu a mão.

— Continue, Percy — disse ela.

— Bem, então Espinheiro começou a falar da Grande Correção...

— Comoção — corrigiu Bianca.

— É. Ele disse: “E logo vamos ter o monstro mais importante de todos... aquele que irá provocar a queda do Olimpo!”

A deusa ficou tão imóvel que parecia ter virado uma estátua.

— Talvez ele estivesse mentindo — falei.

Ártemis balançou a cabeça negativamente.

— Não. Ele não estava. Demorei muito a perceber os sinais. Preciso caçar esse monstro.

Zoë parecia estar se esforçando muito para não demonstrar medo, mas assentiu.

— Vamos partir imediatamente, minha senhora.

— Não, Zoë. Tenho de fazer isso sozinha.

— Mas, Ártemis...

— Essa tarefa é perigosa demais até para as Caçadoras. Você sabe onde devo começar minha busca. Não pode ir até lá comigo.

— Como... como quiser, minha senhora.

— Vou encontrar essa criatura — jurou Ártemis. — E vou trazê-la de volta ao Olimpo por ocasião do solstício de inverno. Será a prova de que preciso para convencer o Conselho dos Deuses do perigo que temos à nossa frente.

— Você sabe como é o monstro? — perguntei.

Ártemis agarrou seu arco.

— Rezemos para que eu esteja errada.

— As deusas podem rezar? — perguntei, pois nunca pensara a esse respeito.

Um lampejo de sorriso passou pelos lábios de Ártemis.

— Antes de partir, Percy Jackson, tenho uma pequena tarefa para você.

— Tem alguma coisa a ver com ser transformado em um cruzamento de coelho com antílope?

— Infelizmente, não. Quero que você escolte as Caçadoras até o Acampamento Meio-Sangue. Elas podem ficar em segurança lá até que eu volte.

— O quê? — deixou escapar Zoë. — Mas, Ártemis, detestamos aquele lugar. Na última vez que ficamos lá...

— Sim, eu sei — disse Ártemis. — Mas tenho certeza de que Dioniso não vai guardar rancor só por causa de um pequeno, hum..., mal-entendido. É direito de vocês usar o chalé 8 sempre que precisarem. Além disso, ouvi dizer que reconstruíram os chalés que vocês incendiaram.

Zoë resmungou alguma coisa sobre campistas tolos.

— E agora ainda tem uma última decisão a ser tomada. — Ártemis voltou-se para Bianca. — Você já se resolveu, minha menina?

Bianca hesitou.

— Ainda estou pensando.

— Esperem — falei. — Pensando sobre o quê?

— Eles... elas me convidaram para me juntar à Caçada.

— O quê? Mas você não pode! Precisa ir para o Acampamento Meio-Sangue para que Quíron possa treiná-la. É a única maneira de você aprender a sobreviver.

— Não é a única saída para uma garota — reagiu Zoë.

Eu não podia acreditar que estava ouvindo aquilo.

— Bianca, o acampamento é legal! Tem um estábulo de pégasos e uma arena para lutas com espadas e... ora, o que você ganha juntando-se às Caçadoras?

— Só para começar — disse Zoë —, a imortalidade.

Eu a fitei, depois me virei para Ártemis.

— Ela está brincando, não é?

— Zoë raramente brinca com alguma coisa — respondeu a deusa. — Minhas Caçadoras me seguem em minhas aventuras. Elas são minhas criadas, minhas companheiras, minhas irmãs de armas. Uma vez que juram lealdade a mim, tornam-se de fato imortais... a menos que tombem na batalha, o que é improvável. Ou quebrem seu voto.

— Que voto? — perguntei.

— De renunciar ao amor romântico para sempre — disse Ártemis. — De nunca crescer, nunca se casar. De ser eternamente uma donzela.

— Como você?

A deusa assentiu.

Tentei imaginar o que ela estava descrevendo. Ser imortal. Andar por aí apenas com garotas adolescentes para sempre. Eu não conseguia entender.

— Então você percorre o país recrutando meios-sangues...

— Não só meios-sangues — interrompeu Zoë. — A Senhora Ártemis não discrimina pela origem. Todos os que honram a deusa podem se filiar. Meios-sangues, ninfas, mortais...

— O que você é então?

A raiva cruzou os olhos de Zoë.

— Isso não é da sua conta, garoto. A questão é que Bianca pode se juntar a nós se quiser. É escolha dela.

— Bianca, isso é loucura — afirmei. — E o seu irmão? Nico não pode ser um Caçador.

— Certamente que não — concordou Ártemis. — Ele vai para o acampamento. Infelizmente, isso é o melhor que os garotos podem fazer.

— Ei! — protestei.

— Você pode vê-lo de tempos em tempos — assegurou Ártemis a Bianca. — Mas ficará livre de responsabilidades. Nico terá os conselheiros do acampamento para tomar conta dele. E você terá uma nova família. Nós.

— Uma nova família — repetiu Bianca, sonhadora. — Livre de responsabilidades.

— Bianca, você não pode fazer isso — insisti. — É maluquice.

Ela olhou para Zoë.

— Vale a pena?

Zoë assentiu.

— Vale.

— O que eu preciso fazer?

— Repita — disse-lhe Zoë: — “Eu me comprometo com a deusa Ártemis.”

— Eu... eu me comprometo com a deusa Ártemis.

— “Dou as costas para a companhia dos homens, aceito a virgindade eterna e me junto à Caçada.”

Bianca repetiu.

— Só isso?

Zoë assentiu.

— Se a Senhora Ártemis aceitar vosso compromisso, então está valendo.

— Eu aceito — disse Ártemis.

As chamas no braseiro se avivaram, lançando no ambiente um brilho prateado. Bianca não parecia diferente, mas respirou fundo e abriu bem os olhos.

— Eu me sinto... mais forte.

— Bem-vinda, irmã — disse Zoë.

— Lembre-se de seu compromisso — disse Ártemis. — Ele agora é a sua vida.

Eu não conseguia falar. Sentia-me como um intruso. E um completo fracasso. Não podia acreditar que fora até ali e sofrera tanto para perder Bianca para um clube de eternas garotas.

— Não se desespere, Percy Jackson — disse Ártemis. — Você ainda vai mostrar seu acampamento aos di Angelos. E, se Nico assim escolher, poderá ficar lá.

— Ótimo — falei, tentando não parecer mal-humorado. — Como vamos chegar até lá?

Ártemis fechou os olhos.

— A aurora está se aproximando. Zoë, levante acampamento. Vocês precisam chegar a Long Island rapidamente e em segurança. Vou pedir uma carona ao meu irmão.

Zoë não parecia muito feliz com essa ideia, mas assentiu e disse a Bianca que a seguisse. Quando estava saindo, Bianca parou na minha frente.

— Sinto muito, Percy. Mas é o que eu quero. Mesmo, de verdade.

Então se foi, e fiquei sozinho com a deusa de doze anos.

— Então — disse eu, tristonho —, vamos pegar uma carona com seu irmão, é?

Os olhos de prata de Ártemis brilharam.

— Sim, garoto. Olhe, Bianca di Angelo não é a única que tem um irmão irritante. Já é hora de você conhecer meu irmão gêmeo irresponsável: Apolo.

Ártemis nos assegurou de que a aurora ia despontando, mas dava para duvidar disso. Estava mais frio e mais escuro, e nevava mais do que nunca. No alto da colina, as janelas de Westover Hall estavam completamente sem luz. Eu me perguntava se os professores já teriam percebido que os di Angelos e o dr. Espinheiro tinham desaparecido. Eu não queria estar por perto quando notassem. Com minha sorte, o único nome de que a sra. Tengiz iria se lembrar era “Percy Jackson”, e então eu seria alvo de busca em todo o país... mais uma vez.

As Caçadoras levantaram acampamento tão rapidamente quanto haviam montado. Fiquei lá, tremendo na neve (diferentemente das Caçadoras, que não pareciam sentir nenhum desconforto), enquanto Ártemis fitava o leste, como se estivesse esperando alguma coisa. Bianca sentou-se num canto, conversando com Nico. Dava para ver pelo rosto abatido dele que ela estava explicando sua decisão de filiar-se à Caça. Não pude deixar de pensar em quanto era egoísta da parte dela abandonar o irmão dessa forma.

Thalia e Grover aproximaram-se e pararam à minha volta, ansiosos por saber o que se passara em minha audiência com a deusa.

Quando lhes contei, Grover empalideceu.

— Na última vez que as Caçadoras visitaram o acampamento, as coisas não foram nada bem.

— Como é que elas vieram parar aqui? — perguntei a mim mesmo. — Isto é, elas simplesmente apareceram do nada.

— E Bianca *juntou-se* a elas — disse Thalia, enojada. — Tudo culpa da Zoë. Aquela convencida. Nada...

— Quem pode culpá-la? — cortou Grover. — Eternidade com Ártemis? — Ele deixou escapar um suspiro profundo.

Thalia revirou os olhos.

— Vocês, sátiros. São todos apaixonados por Ártemis. Não percebem que ela nunca vai corresponder ao amor de vocês?

— Mas ela é tão... voltada para a natureza — disse Grover, enlevado.

— Você é doido — falou Thalia.

— Doido demais — replicou ele, sonhador. — É.

Finalmente o céu começou a clarear.

— Já era hora — murmurou Ártemis. — Ele é tãããã preguiçoso no inverno.

— Você está, hum, esperando o sol nascer? — perguntei.

— O meu irmão. Sim.

Eu não queria ser rude. Isto é, eu conhecia as lendas sobre Apolo — ou Hélios — guiando uma grande carruagem de sol pelo céu. Mas eu também sabia que o sol era mesmo uma estrela a zilhões de quilômetros

de distância. Eu já me acostumara à veracidade de alguns mitos gregos, mas ainda assim... não via como Apolo poderia guiar o sol.

— Não é exatamente como você pensa — disse Ártemis, como se estivesse lendo a minha mente.

— Ah, o.k. — Comecei a relaxar. — Bem, então ele não vai chegar aqui numa...

Houve uma súbita explosão de luz no horizonte. Um jato de calor.

— Não olhe — advertiu Ártemis. — Não antes de ele estacionar.

Estacionar?

Desviei meus olhos e vi que os outros estavam fazendo o mesmo. A luz e o calor aumentaram, até que tive a sensação de que meu casaco de inverno estava se derretendo sobre meu corpo. Então, de repente, a luz cessou.

Eu olhei. E não conseguia acreditar. Era o *meu* carro. Bem, o carro que eu queria, pelo menos. Um Maserati Spyder conversível vermelho. Era tão impressionante, que resplandecia. Então percebi que reluzia porque o metal estava quente. A neve havia derretido em torno do Maserati num círculo perfeito, o que explicava por que eu agora estava de pé na grama verde, e meus sapatos estavam molhados.

O motorista saltou, sorrindo. Parecia ter dezessete ou dezoito anos, e, por um segundo, tive a desconfortável sensação de que se tratava de Luke, meu velho inimigo. Esse cara tinha os mesmos cabelos claros e a beleza esportiva. Mas não era Luke. Era mais alto, sem nenhuma cicatriz no rosto. Seu sorriso era mais brilhante e mais divertido. (Ultimamente, Luke não fazia muito mais do que franzir as sobrancelhas e dar um sorriso de escárnio.) O motorista do Maserati usava jeans, sapatos do tipo mocassin e camiseta sem mangas.

— Uau — murmurou Thalia. — Apolo dá até calor.

— É o deus-sol — afirmei.

— Não é disso que estou falando.

— Irmãzinha! — chamou Apolo. Se seus dentes fossem um pouquinho mais brancos, ele poderia ter nos cegado sem o carro-sol. — O que aconteceu? Você nunca liga. Nunca escreve. Estava ficando preocupado!

Ártemis suspirou.

— Estou bem, Apolo. E não sou sua *irmãzinha*.

— Ei, nasci primeiro.

— Somos gêmeos! Por quantos milênios vamos precisar discutir...

— Então, o que está acontecendo? — ele a interrompeu. — As garotas estão com você, estou vendo. Estão precisando de umas dicas de como manejar o arco?

Ártemis rangeu os dentes.

— Preciso de um favor. Tenho de fazer uma caçada, *sozinha*. Preciso que leve minhas companheiras para o Acampamento Meio-Sangue.

— Claro, mana! — Então ele ergueu as mãos num gesto de *parem tudo*. — Estou sentindo a chegada de um haicai.

As Caçadoras todas gemeram aborrecidas. Ao que parecia, já haviam encontrado Apolo antes.

Ele limpou a garganta e ergueu uma das mãos dramaticamente.

Gramma rompe a neve.

Ártemis quer ajuda.

Eu que sou leve.

Ele sorriu para nós, esperando os aplausos.

— Esse último verso só tinha quatro sílabas — disse Ártemis.

Apolo franziu a testa.

— É?

— É. Que tal “Eu sou tão cabeçudo”?

— Não, não, esse tem seis sílabas. Humm. — Ele começou a murmurar consigo mesmo.

Zoë Doce-Amarga voltou-se para nós.

— O Senhor Apolo está vivendo essa fase de haicais desde que foi ao Japão. Não é tão ruim quanto da vez em que ele visitou Limerick. Se eu tivesse de ouvir mais um único poema que começasse com *Era uma vez uma deusa de Esparta...*

— Já sei! — anunciou Apolo. — *Eu sou tão brilhante.* Esse tem cinco sílabas! — Ele se curvou, parecendo muito satisfeito consigo mesmo. — E agora, mana, é transporte para as Caçadoras que você quer? Na hora certa. Estava mesmo pronto para pôr o pé na estrada.

— Estes semideuses também precisarão de carona — disse Ártemis, apontando para nós. — Alguns dos campistas de Quíron.

— Sem problema! — Apolo nos inspecionou. — Vamos ver... Thalía, certo? Ouvi tudo a seu respeito. Thalía enrubesceu.

— Oi, Senhor Apolo.

— Filha de Zeus, não é? O que faz de você minha meio-irmã. Era uma árvore, não era? Que bom que você está de volta. Odeio quando garotas bonitas se transformam em árvores. Cara, eu me lembro de uma vez...

— Irmão — disse Ártemis. — É melhor vocês irem.

— Ah, certo. — Então ele olhou para mim, e seus olhos se estreitaram. — Percy Jackson?

— Sim. Isto é... sim, senhor.

Parecia estranho chamar um adolescente de “senhor”, mas eu havia aprendido a ser cauteloso com os imortais. Eles costumavam se ofender facilmente. E então explodiam as coisas.

Apolo me examinou, mas não falou nada, o que eu achei um pouco sinistro.

— Bem — disse ele, afinal —, é melhor carregarmos o carro, hein? A carona só segue uma direção: o oeste. E, se vocês perderem, perderam.

Olhei para o Maserati, que acomodaria duas pessoas, no máximo. Éramos cerca de vinte.

— Carro legal — disse Nico.

— Obrigado, garoto — replicou Apolo.

— Mas como vamos todos caber?

— Ah. — Apolo pareceu só então perceber o problema. — Bem, é. Eu detesto mudar do modo carro esportivo, mas suponho...

Ele pegou a chave do carro e apertou o botão do alarme. *Clique, clique.*

Por um instante, o carro reluziu novamente. Quando o fulgor morreu, o Maserati havia sido substituído por uma daquelas vans de teto arredondado, como as que usávamos nos jogos de basquete da escola.

— Certo — disse ele. — Todo mundo para dentro.

Zoë ordenou às Caçadoras que comessem a carregar suas coisas. Ela pegou sua mochila de acampamento e Apolo disse:

— Aqui, doçura. Deixe que eu levo.

Zoë recuou. Seus olhos faiscaram, letais.

— Irmão — repreendeu-o Ártemis. — Não ajude minhas Caçadoras. Não olhe para elas, não fale ou flerte com elas. E *não* as chame de doçura.

Apolo estendeu as mãos abertas.

— Desculpe-me. Esqueci. Ei, mana, para onde você vai, por falar nisso?

— Caçar — respondeu Ártemis. — Mas não é da sua conta.

— Vou descobrir. Eu vejo tudo. Sei de tudo.

Ártemis bufou.

— Apenas leve-os até lá, Apolo. E nada de confusão!

— Não, não! Eu nunca me meto em confusão.

Ártemis revirou os olhos, então olhou para nós.

— Vejo vocês no solstício de inverno. Zoë, você está no comando das Caçadoras. Proceda da melhor forma. Faça como eu faria.

Zoë empertigou-se.

— Sim, minha senhora.

Ártemis ajoelhou-se e tocou o solo como se procurasse rastros. Quando se levantou, parecia perturbada.

— É perigoso demais. A fera deve ser encontrada.

Ela correu na direção do bosque e desapareceu na neve e nas sombras.

Apolo virou-se e sorriu, tilintando as chaves do carro no dedo.

— Então — disse ele. — Quem quer dirigir?

As Caçadoras se amontoaram na van. Todas se apertaram na traseira a fim de ficar o mais longe possível de Apolo e do restante de nós, machos altamente infecciosos. Bianca sentou-se com elas, deixando o irmãozinho na frente conosco. Isso me pareceu uma atitude fria, mas Nico aparentemente não se importou.

— Isso é tão legal! — exclamou ele, pulando no banco do motorista. — Este é o sol de verdade? Pensei que Hélios e Selene fossem os deuses do sol e da lua. Como pode às vezes serem eles e às vezes você e Ártemis?

— Redução de pessoal — respondeu Apolo. — Os romanos começaram tudo. Mas não podiam bancar todos aqueles sacrifícios nos templos, então dispensaram Hélios e Selene e embutiram suas responsabilidades nas descrições de nossas tarefas. Minha mana ficou com a lua. Eu, com o sol. Foi bem irritante no início, mas pelo menos ganhei esse carro maneiro.

— Mas como é que ele funciona? — perguntou Nico. — Pensei que o sol fosse uma grande bola de

gás pegando fogo!

Apolo riu e bagunçou os cabelos de Nico.

— Esse rumor provavelmente começou porque Ártemis costumava me chamar de bola de gás pegando fogo. Na verdade, garoto, depende se você está falando de astronomia ou de filosofia. Quer falar de astronomia? Que graça tem nisso? Quer falar sobre como os humanos *imaginam* o sol? Ah, isso já é bem mais interessante. Para muita coisa eles pegam carona no sol... hã, por assim dizer. O sol os mantém aquecidos, faz crescer suas plantações, movimenta motores, faz com que tudo pareça, bem, melhor. Este carro é construído de *sonhos* humanos sobre o sol, garoto. É tão antigo quanto a civilização ocidental. Todos os dias, ele cruza o céu de leste para oeste, iluminando todas aquelas insignificantes vidinhas mortais. O carro é uma manifestação do poder do sol, a forma como os mortais o percebem. Faz sentido?

Nico balançou negativamente a cabeça:

— Não.

— Bem, então pense nisso aqui apenas como um carro solar poderoso e perigoso de verdade.

— Posso dirigir?

— Não. Novo demais.

— Ah! Ah! — Grover levantou a mão.

— Hum, não — disse Apolo. — Peludo demais. — Seus olhos passaram por mim e fixaram-se em Thalia.

— Filha de Zeus! — disse ele. — Deus do céu. Perfeito.

— Ah, não. — Thalia sacudiu a cabeça. — Não, obrigada.

— Ora, venha — chamou Apolo. — Quantos anos você tem?

Thalia hesitou.

— Não sei.

Era triste, mas era verdade. Ela foi transformada em árvore aos doze anos, e isso aconteceu sete anos atrás. Portanto, ela teria dezenove, se contássemos os anos. Mas Thalia se sentia como se tivesse doze, e, olhando para ela, a impressão era de que estava em algum ponto entre essas duas idades. A melhor conclusão a que Quíron pôde chegar foi que ela continuara envelhecendo enquanto estivera sob a forma de árvore, mas muito mais lentamente.

Apolo batia o dedo nos lábios.

— Você tem quinze anos, quase dezesseis.

— Como é que você sabe?

— Ei, sou o deus da profecia. Eu sei das coisas. Você vai completar dezesseis daqui a mais ou menos uma semana.

— É o dia do meu aniversário! Vinte e dois de dezembro.

— O que significa que tem idade suficiente para dirigir com uma licença de aprendiz!

Thalia mudou a posição dos pés nervosamente.

— Hã...

— Eu sei o que vai dizer — interrompeu-a Apolo. — Você não merece uma honra como dirigir o carro do sol.

— Não era isso que eu ia dizer.

— Não se aflija! É uma viagem muito curta do Maine a Long Island, e não se preocupe com o que

aconteceu com a última criança que eu treinei. Você é filha de Zeus. Ele não vai *arrancá-la* do céu.

Apolo riu de modo jovial. O restante de nós não o acompanhou.

Thalia tentou protestar, mas Apolo definitivamente não ia aceitar um “não” como resposta. Ele acionou um botão no painel e um aviso surgiu ao longo do alto do para-brisa. Eu tive de ler de trás para a frente (o que, para um disléxico, não é assim tão diferente de ler normalmente). Eu tinha certeza de que dizia AVISO: MOTORISTA APRENDIZ.

— Ande, leve o carro! — disse Apolo a Thalia. — Vai ser moleza para você!

Admito que fiquei com inveja. Mal podia esperar para começar a dirigir. Umas poucas vezes naquele outono minha mãe me levava até Montauk, quando a estrada para a praia estava vazia, e me deixara experimentar seu Mazda. É, eu sei, aquele era um compacto japonês, e esse, o carro do sol, mas o que poderia haver de tão diferente entre eles?

— Velocidade significa calor — advertiu Apolo. — Portanto, comece devagar e certifique-se de que está em boa altitude antes de acelerar de verdade.

Thalia agarrou o volante com tanta força que os nós de seus dedos ficaram brancos. Parecia prestes a vomitar.

— Qual o problema? — perguntei a ela.

— Nenhum — respondeu, trêmula. — N-não tem problema nenhum.

Ela puxou o volante. Ele inclinou-se e a van lançou-se para cima tão rápido que eu caí de costas e fui de encontro a algo macio.

— Ai — gemeu Grover.

— Desculpe-me.

— Mais devagar! — disse Apolo.

— Desculpe-me! — replicou Thalia. — Está tudo sob controle!

Consegui ficar de pé. Olhando pela janela, vi um anel de árvores fumegantes na clareira de onde havíamos decolado.

— Thalia — disse eu —, calma no acelerador!

— Já *entendi*, Percy — disse ela, rangendo os dentes. Mas manteve o veículo acelerado.

— Relaxe — falei.

— Já estou relaxada! — exclamou ela, tão rígida que parecia feita de madeira.

— Precisamos guinar para o sentido sul, para Long Island — informou Apolo. — Vire para a esquerda.

Thalia puxou bruscamente o volante e mais uma vez me atirou de encontro a Grover, que gritou.

— A outra esquerda — sugeriu Apolo.

Cometi o erro de olhar novamente pela janela. Estávamos agora na altura em que os aviões voam — tão alto que o céu começava a parecer negro.

— Ah... — disse Apolo, e tive a sensação de que ele estava se forçando a parecer calmo. — Um pouco mais baixo, doçura. Cape Cod está congelando.

Thalia inclinou o volante. Seu rosto estava branco como giz, a testa gotejava suor. Alguma coisa estava decididamente errada. Eu nunca a tinha visto assim.

A van embicou para o chão e alguém gritou. Talvez tenha sido eu mesmo. Agora estávamos seguindo

direto para o Oceano Atlântico, a mais de mil e quinhentos quilômetros por hora; a costa da Nova Inglaterra à nossa direita. E estava ficando quente na van.

Apolo fora atirado para algum lugar no fundo, mas começou a transpor as fileiras de assentos.

— Assuma o volante! — implorou-lhe Grover.

— Não se preocupem — disse Apolo. Mas ele parecia bastante preocupado. — Ela só precisa aprender a... OPA!

Então vi o que ele estava vendo. Bem debaixo de nós havia uma cidadezinha da Nova Inglaterra, coberta de neve. Pelo menos, estava assim antes. Enquanto eu observava, a neve derretia nas árvores, nos tetos, nos gramados. O campanário branco da igreja ficou marrom e começou a soltar fumaça. Pequenas faixas de fumaça, como velas de aniversário, saltavam por toda a cidade. Árvores e telhados pegavam fogo.

— Suba! — gritei.

Havia um brilho selvagem nos olhos de Thalia. Ela puxou o volante para trás e dessa vez me segurei. Enquanto subíamos rapidamente, pude ver pela janela de trás que os incêndios na cidade estavam sendo apagados pela súbita rajada de frio.

— Lá! — apontou Apolo. — Long Island, bem à frente. Vamos reduzir, querida.

Thalia ia como um trovão em direção ao litoral norte de Long Island. Lá estava o Acampamento Meio-Sangue: o vale, o bosque, a praia. Dava para ver o pavilhão do refeitório, os chalés, o anfiteatro.

— Estou no controle — murmurou Thalia. — Estou no controle.

Estávamos a apenas algumas centenas de metros agora.

— Freie — disse Apolo.

— Eu posso fazer isso.

— FREIE!

Thalia enfiou o pé no freio e o carro do sol desceu num ângulo de 45 graus, no lago de canoagem do Acampamento Meio-Sangue com um grande *FLUUUUUUUSH!* O vapor subiu, fazendo várias náiades saírem apressadas da água com cestas de vime trançadas pela metade.

A van foi quicando pela superfície, junto a algumas canoas emborcadas, metade queimadas.

— Bem — disse Apolo com um sorriso corajoso. — Você tinha razão, minha querida. Estava tudo sob controle! Vamos ver se não cozinhamos alguém importante, está bem?

Eu nunca tinha visto o Acampamento Meio-Sangue no inverno, e a neve me surpreendeu.

Ora, o acampamento tem o último modelo de controle mágico do clima. Nada atravessa seus limites a menos que o diretor, o sr. D, queira. Pensei que fosse estar quente e ensolarado, mas, em vez disso, a neve tivera permissão para cair levemente. O gelo cobria a pista de carruagens e os campos de morango. Os chalés estavam decorados com minúsculos pisca-piscas, como luzes de Natal, só que pareciam bolas de fogo de verdade. Mais luzes brilhavam no bosque e, o mais estranho de tudo, um fogo bruxuleava na janela do sótão da Casa Grande, onde vivia o oráculo, aprisionado em um velho corpo mumificado. Eu me perguntei se o espírito de Delfos estaria assando *marshmallows* lá em cima ou qualquer coisa parecida.

— Uau! — exclamou Nico, descendo da *van*. — Aquilo é uma parede de escalada?

— É — respondi.

— Por que tem lava descendo por ela?

— Um pequeno desafio extra. Venha. Vou apresentá-lo a Quíron. Zoë, você já conhece...

— Conheço Quíron — disse Zoë rigidamente. — Dizei-lhe que estaremos no chalé 8. Caçadoras, segui-me.

— Vou indicar o caminho — ofereceu-se Grover.

— Conhecemos o caminho.

— Ah, sério, não é trabalho nenhum. É fácil se perder aqui, se você não... — ele tropeçou numa canoa e se ergueu ainda falando — ...como meu velho pai bode costumava dizer! Venham!

Zoë revirou os olhos, mas acho que concluiu que não tinha como se livrar de Grover. As Caçadoras colocaram as mochilas e os arcos nos ombros e seguiram em direção aos chalés. Quando Bianca di Angelo começava a se afastar, inclinou-se e sussurrou alguma coisa no ouvido do irmão. Olhou para ele em busca de resposta, mas Nico se limitou a franzir as sobrancelhas e a se afastar dela.

— Cuidem-se, doçuras! — gritou Apolo para as Caçadoras. E piscou para mim. — Cuidado com aquelas profecias, Percy. Vejo você em breve.

— O que você quer dizer?

Em vez de responder, ele saltou de volta na *van*.

— Até mais, Thalia — gritou. — E, hã, comporte-se!

Ele dirigiu-lhe um sorriso travesso, como se soubesse de algo que ela não sabia. Então fechou as portas e ligou o motor. Virei-me de lado quando a carruagem do sol decolou numa explosão de calor. Quando olhei para trás, o lago estava fumegando. Um Maserati vermelho ergueu-se acima do bosque, ficando mais brilhante e subindo cada vez mais até desaparecer num raio de sol.

Nico ainda parecia irritado. Perguntei-me o que a irmã teria lhe dito.

— Quem é Quíron? — perguntou ele. — Não tenho sua estatueta.

— Nosso diretor de atividades — respondi. — Ele é... bem, você vai ver.

— Se essas Caçadoras não gostam dele — resmungou Nico —, isso já é muito bom para mim. Vamos.

A segunda coisa que me surpreendeu no acampamento era quanto estava vazio. Bem, eu sabia que a maior parte dos meios-sangues só treinava durante o verão. Apenas os que ficam o ano todo estariam ali — aqueles que não tinham casa para onde ir ou que seriam excessivamente atacados por monstros se saíssem. Mas tampouco parecia que estes eram muitos.

Avistei Charles Beckendorf, do chalé de Hefesto, alimentando a forja do lado de fora do arsenal do acampamento. Os irmãos Stoll, Travis e Connor, do chalé de Hermes, forçavam o cadeado da loja do acampamento. Alguns garotos do chalé de Ares travavam uma guerra de bolas de neve com as ninfas dos bosques à margem da floresta. Isso era tudo. Nem mesmo minha antiga rival do chalé de Ares, Clarisse, parecia estar por ali.

A Casa Grande estava decorada com fileiras de bolas de fogo vermelhas e amarelas que aqueciam a varanda, mas aparentemente não ateavam fogo a nada. Lá dentro, as chamas crepitavam na lareira. O ar cheirava a chocolate quente. O sr. D, o diretor do acampamento, e Quíron jogavam cartas tranquilamente no salão.

A barba castanha de Quíron estava mais peluda por causa do inverno. Os cabelos cacheados pareciam um pouco mais compridos. Ele não estava se passando por professor esse ano, então acho que podia se dar ao luxo de ser casual. Vestia um suéter felpudo com estampa de marca de patas e tinha no colo um cobertor, que quase ocultava por completo a cadeira de rodas.

Ele sorriu quando nos viu.

— Percy! Thalia! Ah, e esse deve ser...

— Nico di Angelo — apresentei. — Ele e a irmã são meios-sangues.

Quíron deu um suspiro de alívio.

— Vocês tiveram sucesso, então.

— Bem...

Seu sorriso desapareceu.

— Qual o problema? E onde está Annabeth?

— Ah, puxa — disse o sr. D, numa voz entediada. — Mais um perdido?

Tentei não prestar atenção ao sr. D, mas era difícil ignorá-lo em seu conjunto de estampa de leopardo laranja neon e os tênis de corrida roxos. (Como se o sr. D tivesse corrido um único dia em sua vida imortal.) Uma guirlanda de louro dourada estava caída de lado em sua cabeleira negra cacheada, o que devia significar que ele havia ganhado a última partida.

— O que quer dizer? — perguntou Thalia. — Quem mais está perdido?

Nesse exato momento, Grover entrou trotando na sala, sorrindo feito louco. Ele tinha um olho roxo e linhas vermelhas no rosto, que pareciam a marca de uma bofetada.

— As Caçadoras estão todas acomodadas!

Quíron franziu o cenho.

— As Caçadoras, é? Vejo que temos muito que conversar. — Ele olhou para Nico. — Grover, talvez você devesse levar nosso jovem amigo para o gabinete e lhe mostrar nosso filme de orientação.

— Mas... Ah, certo. Sim, senhor.

— Filme de orientação? — perguntou Nico. — A classificação é livre para todas as idades? Porque Bianca é um pouco rigorosa...

— É livre, sim — respondeu Grover.

— Legal! — Feliz, Nico seguiu-o para fora da sala.

— Agora — disse Quíron a Thalia e a mim —, talvez fosse bom vocês se sentarem e nos contarem toda a história.

Quando terminamos, Quíron voltou-se para o sr. D.

— Devemos começar uma busca por Annabeth imediatamente.

— Eu vou — Thalia e eu dissemos ao mesmo tempo.

O sr. D fungou.

— Claro que não!

Thalia e eu começamos a contestar, mas o sr. D ergueu a mão. Seus olhos exibiam aquele fogo purpúreo de fúria que em geral significava que alguma coisa ruim e divina iria acontecer se não calássemos a boca.

— Pelo que vocês me contaram — disse o sr. D —, ficamos no zero a zero nessa brincadeira. Lamentavelmente, perdemos Annie Bell...

— Annabeth — corrigi. Ela estava no acampamento desde os sete anos, e até hoje o sr. D fingia não saber seu nome.

— Sim, sim — disse ele. — E você conseguiu um garotinho irritante para substituí-la. Portanto, não vejo nenhum benefício em arriscar outros meios-sangues num resgate ridículo. A possibilidade de que essa menina Annie esteja morta é muito grande.

Eu queria estrangular o sr. D. Não era justo Zeus tê-lo mandado se desintoxicar como diretor do acampamento por cem anos. O objetivo era que fosse uma punição para o mau comportamento do sr. D no Olimpo, mas acabara sendo uma punição para todos nós.

— Annabeth pode estar viva — argumentou o sr. Quíron, mas eu podia ver que ele estava se esforçando para se mostrar otimista. Ele havia praticamente criado Annabeth aqueles anos todos em que ela fora campista de tempo integral, antes de ela fazer uma segunda tentativa de morar com o pai e a madrastra. — Ela é muito inteligente. Se... se nossos inimigos estão com ela, Annabeth vai tentar ganhar tempo. Talvez ela até mesmo finja cooperar com eles.

— Isso mesmo — disse Thalia. — Luke ia querê-la viva.

— Nesse caso — disse o sr. D —, receio que ela tenha de ser esperta o bastante para escapar sozinha.

Eu me levantei.

— Percy. — O tom de Quíron era cheio de advertências. No fundo da mente, eu sabia que o sr. D não era alguém com quem você quisesse se meter. Mesmo que fosse um garoto com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade como eu, ele não ia dar moleza. Mas eu estava tão furioso que não me importava.

— O senhor fica é feliz por perder outro campista — soltei. — Ficaria feliz se todos nós desaparecêssemos!

O sr. D reprimiu um bocejo.

— O que foi que disse?

— É — grunhi. — Só porque o senhor foi enviado para cá como punição não tem de ser um idiota preguiçoso! É a sua civilização também. O senhor podia tentar ajudar um pouquinho!

Por um segundo, não se ouviu outro som que não fosse o crepitar do fogo. A luz se refletia nos olhos do sr. D, dando-lhe uma aparência sinistra. Ele abriu a boca para dizer algo — provavelmente uma maldição que me transformaria em migalhas — quando Nico entrou intempestivamente na sala, seguido por Grover.

— SUPERLEGAL! — gritou Nico, estendendo as mãos para Quíron. — Você é... você é um centauro!

Quíron conseguiu dar um sorriso nervoso.

— Sim, sr. Di Angelo. Embora eu prefira me manter na forma humana nesta cadeira de rodas nos, hum, primeiros encontros.

— E... uau! — Ele olhou para o sr. D. — Você, o cara do vinho? Não acredito!

O sr. D tirou os olhos de mim e lançou a Nico um olhar de aversão.

— Cara do vinho?

— Dioniso, não é? Ah, uau! Tenho sua estatueta.

— Minha estatueta.

— No meu jogo, Mitomagia. E uma carta holográfica também! E, mesmo você tendo apenas uns quinhentos pontos de ataque e todos pensando que você é a pior das cartas de deuses, eu acho seus poderes o máximo, de verdade!

— Ah. — O sr. D parecia verdadeiramente perplexo, e é provável que isso tenha salvado minha vida.

— Bem, isso é... gratificante.

— Percy — disse Quíron mais que depressa —, você e Thalia desçam para os chalés. Informem aos campistas que vamos ter o jogo de captura da bandeira amanhã ao anoitecer.

— Captura da bandeira? — perguntei. — Mas não temos muitos...

— É uma tradição — disse Quíron. — Uma disputa amistosa, sempre que as Caçadoras nos visitam.

— É — murmurou Thalia. — Aposto que vai ser mesmo amistosa.

Quíron virou a cabeça bruscamente para o sr. D, que ainda estava de testa franzida enquanto Nico falava sobre quantos pontos de defesa todos os deuses tinham em seu jogo.

— Vão agora — disse-nos Quíron.

— Ah, o.k. — concordou Thalia. — Venha, Percy.

Ela me arrastou da Casa Grande antes que Dioniso pudesse lembrar que queria me matar.

— Você já está na lista negra de Ares — lembrou-me Thalia enquanto caminhávamos até os chalés. — Precisa de outro inimigo mortal?

Ela estava certa. No meu primeiro verão como campista, eu me envolvera numa luta com Ares, e agora ele e todos os seus filhos queriam me matar. Eu não precisava deixar Dioniso furioso também.

— Desculpe-me — disse eu. — Não consegui evitar. É tão injusto!

Ela parou perto do arsenal e olhou ao longo do vale, na direção do topo da Colina Meio-Sangue. Seu pinheiro ainda estava lá, o Velocino de Ouro brilhando no galho mais baixo. A magia da árvore ainda protegia os limites do acampamento, mas não usava mais o espírito de Thalia como força.

— Percy, tudo é injusto — murmurou Thalia. — Às vezes eu queria...

Ela não terminou, mas sua voz estava tão triste que senti pena. Com os cabelos negros desfiados e as roupas punk também pretas, um velho sobretudo de lã, parecia uma espécie de corvo gigante, completamente deslocada na paisagem branca.

— Vamos trazer Annabeth de volta — prometi. — Só não sei ainda como.

— Primeiro descobri que Luke estava perdido — disse ela. — Agora Annabeth...

— Não pense assim.

— Você tem razão. — Ela endireitou o corpo. — Vamos encontrar uma maneira.

Adiante, na quadra de basquete, algumas Caçadoras treinavam arremesso. Uma delas discutia com um garoto do chalé de Ares. O garoto estava com a mão na espada e a caçadora parecia prestes a trocar a bola de basquete por um arco e flecha a qualquer instante.

— Vou acabar com aquilo — disse Thalia. — Você, circule pelos chalés. Fale a todos sobre a captura da bandeira amanhã.

— Tudo bem. Você vai ser a capitã da equipe.

— Não, não — replicou ela. — Você está no acampamento há mais tempo. Você é o capitão.

— Nós podemos, hum... ser cocapitães ou algo assim.

Ela parecia tão confortável com a ideia quanto eu, mas assentiu.

Quando ela se dirigia à quadra, chamei:

— Ei, Thalia.

— Sim?

— Sinto muito pelo que aconteceu em Westover. Eu deveria ter esperado vocês.

— Tudo bem, Percy. Eu provavelmente faria a mesma coisa. — Ela mudou o peso do corpo de um pé para o outro, como se estivesse tentando decidir se dizia algo mais ou não. — Sabe, você perguntou sobre minha mãe e eu respondi um pouco mal. É que... voltei para vê-la depois de sete anos, e descobri que ela morreu em Los Angeles. Ela, hum... ela bebia muito, e parece que estava dirigindo tarde da noite há uns dois anos, e... — Thalia piscou com força.

— Eu sinto muito.

— Sim, tudo bem. Não... não é que fôssemos muito ligadas. Eu fugi quando tinha dez anos. Os melhores dois anos da minha vida foram quando estava andando por aí com Luke e Annabeth. Mas ainda assim...

— Foi por isso que teve dificuldade com a van do sol.

Ela me lançou um olhar desconfiado.

— O que quer dizer com isso?

— A maneira como você ficou rígida, sem querer assumir o volante. Devia estar pensando na sua mãe.

Lamentei ter dito aquilo. A expressão de Thalia estava perigosamente semelhante à de Zeus na única vez em que eu o vi furioso — como se a qualquer minuto seus olhos fossem lançar uma descarga de um milhão de volts.

— É — murmurou ela. — É, deve ter sido isso.

Então seguiu na direção da quadra, onde o campista de Ares e a caçadora tentavam se matar com uma espada e uma bola de basquete.

Os chalés eram a mais estranha coleção de edificações que já se viu. Os chalés 1 e 2, grandes construções

de colunas brancas que pertenciam a Zeus e a Hera, ficavam no meio, com cinco chalés de deuses à esquerda e cinco chalés de deusas à direita, formando um U em torno do gramado central e da churrasqueira.

Fiz a ronda, contando a todos sobre a captura da bandeira. Acordei um garoto de Ares de seu cochilo do meio-dia e ele gritou que eu fosse embora. Quando perguntei onde Clarisse estava, ele disse:

— Saiu numa missão a pedido de Quíron. Altamente secreto!

— Tudo bem com ela?

— Não tenho notícias dela há um mês. Está desaparecida. Que é como vai ficar o seu traseiro se você não der o fora daqui!

Resolvi deixá-lo dormir.

Por fim, cheguei ao chalé 3, o de Poseidon. Era uma construção baixa e cinza talhada em rocha marítima, incrustada com fósseis de conchas e coral. Lá dentro estava vazio como sempre, exceto pelo meu beliche. Um chifre de Minotauro pendia da parede, perto do meu travesseiro.

Tirei o boné de beisebol de Annabeth da mochila e o deixei na mesinha de cabeceira. Eu o devolveria a ela quando a encontrasse. E eu *iria* encontrá-la.

Tirei o relógio do pulso e ativei o escudo. Ele estalou ruidosamente enquanto se projetava, numa espiral. Os espigões do dr. Espinheiro haviam amassado o bronze em cerca de uma dezena de pontos. Um corte impedia que o escudo se abrisse por completo, fazendo-o parecer uma pizza na qual faltavam duas fatias. As bonitas imagens de metal que meu irmão fizera com tanta habilidade estavam todas danificadas. Na imagem em que eu e Annabeth lutávamos contra a Hidra, parecia que um meteoro havia aberto uma cratera em minha cabeça. Pendurei o escudo em seu gancho, perto do chifre do Minotauro, mas agora era doloroso olhá-lo. Talvez Beckendorf, do chalé de Hefesto, pudesse consertá-lo para mim. Ele era o melhor ferreiro de armas no acampamento. Eu falaria com ele no jantar.

Estava olhando o escudo quando percebi um som estranho — de água gorgolejando — e notei que havia algo novo no quarto. No fundo do chalé, via-se uma grande bacia de rocha marítima cinza, com uma torneira semelhante à cabeça de um peixe esculpida na pedra. De sua boca jorrava um fluxo aquático, uma fonte de água salgada que escorria para a bacia. A água devia ser quente, pois lançava névoa no ar frio do inverno, como em uma sauna. E isso deixava o quarto morno, renovado com o cheiro do mar, como em um dia de verão.

Fui até a bacia. Não havia bilhete nem nada, mas eu sabia que só podia ser um presente de Poseidon.

Olhei a água e disse:

— Obrigado, pai.

A superfície ondulou. No fundo da bacia, moedas reluziam — uma dúzia mais ou menos de dracmas de ouro. Percebi para que servia a fonte. Era um lembrete para eu me manter em contato com a família.

Abri a janela mais próxima, e a luz do sol invernal criou um arco-íris na névoa. Então pesquei uma moeda na água quente.

— Íris, ó deusa do arco-íris — disse eu —, aceite a minha oferenda.

Joguei uma moeda na névoa e ela desapareceu. Então me dei conta de que não sabia com quem deveria entrar em contato primeiro.

Minha mãe? Essa seria a coisa certa para o “bom filho” fazer, mas ela ainda não devia estar preocupada comigo. Estava acostumada ao meu desaparecimento por dias ou semanas consecutivos.

Meu pai? Já fazia muito tempo, quase dois anos, desde que falara de fato com ele. Mas será que se podia enviar uma mensagem de Íris para um deus? Eu nunca havia tentado. Será que isso o deixaria furioso, como uma ligação de telemarketing ou coisa assim?

Hesitei. Então me decidi.

— Me mostre Tyson — pedi. — Nas forjas dos ciclopes.

A névoa estremeceu, e a imagem de meu meio-irmão surgiu. Ele estava cercado de fogo, o que teria sido um problema se não fosse um ciclope. Ele se encontrava debruçado sobre uma bigorna, martelando uma lâmina de espada incandescente. Havia uma janela de moldura de mármore atrás dele, que dava para a água azul-escura — o fundo do oceano.

— Tyson! — gritei.

Ele não me ouviu da primeira vez por causa do barulho do martelo e das chamas.

— TYSON!

Ele se virou e seu único e enorme olho se arregalou. Seu rosto abriu-se num sorriso amarelo e torto.

— Percy!

Ele largou a lâmina da espada e correu para mim, tentando me abraçar. A imagem se tornou embaçada e eu instintivamente recuei.

— Tyson, é uma mensagem de Íris. Eu não estou aqui de verdade.

— Ah. — Ele voltou a ficar visível, parecia constrangido. — Ah, eu sabia disso. Claro.

— Como você está? — perguntei. — Que tal o emprego?

Seu olho se iluminou.

— Estou adorando o trabalho! Olhe! — Ele pegou a lâmina quente da espada com as mãos nuas. —

Fui eu que fiz!

— É muito legal.

— Escrevi meu nome nela. Bem aqui.

— Impressionante. Ouça, você fala com papai com frequência?

O sorriso de Tyson desapareceu.

— Não muito. Papai vive ocupado. Está preocupado com a guerra.

— O que quer dizer com isso?

Tyson suspirou. Enfiou a lâmina da espada pela janela, onde ela fez uma nuvem de bolhas ferventes. Quando Tyson a trouxe de volta, o metal estava frio.

— Velhos espíritos marítimos estão criando problemas. Egeu. Oceano. Esses caras.

Eu sabia por alto do que ele estava falando. Ele se referia aos imortais que governavam os oceanos nos tempos dos titãs. Antes que os olímpianos tomassem o poder. O fato de estarem de volta agora, com o titã Cronos e seus aliados ganhando força, não era nada bom.

— Tem alguma coisa que eu possa fazer? — perguntei.

Tyson sacudiu a cabeça, chateado.

— Estamos armando as sereias. Até amanhã vão precisar de mais mil espadas. — Ele olhou para a lâmina de sua espada e suspirou. — Os velhos espíritos estão protegendo o barco malvado.

— O *Princesa Andrômeda*? — perguntei. — O barco de Luke?

— É. Fazem com que seja difícil encontrá-lo. Protegem-no das tempestades de papai. Caso contrário, ele o despedaçaria.

— Despedaça-lo seria bom.

Tyson se animou, como se tivesse acabado de lhe ocorrer outro pensamento.

— Annabeth! Ela está aí?

— Ah, bem... — Meu coração me pareceu uma bola de boliche. Tyson achava que Annabeth era a melhor coisa do mundo depois de manteiga de amendoim (e ele amava manteiga de amendoim). Não tive coragem de lhe dizer que ela estava desaparecida. Ele começaria a chorar tanto que provavelmente apagaria todas aquelas chamas. — Bem, não... ela não está aqui agora.

— Cumprimente-a por mim! — Ele sorriu, radiante. — Meus cumprimentos para Annabeth!

— O.k. — Tentei desfazer o nó na garganta. — Farei isso.

— E, Percy, não se preocupe com o navio mau. Ele vai embora.

— O que quer dizer?

— Canal do Panamá! Bem longe.

Franzi a testa. Por que Luke levaria seu navio de cruzeiro infestado de demônios para lá? A última vez em que o tínhamos visto, ele estava navegando ao longo da Costa Leste, recrutando meios-sangues e treinando seu exército monstruoso.

— Muito bem — disse, sentindo-me inseguro. — Isso é... bom. Eu acho.

Nas forjas, uma voz masculina gritou algo que não pude entender. Tyson se encolheu.

— Preciso voltar ao trabalho! O patrão vai ficar uma fera. Boa sorte, irmão!

— O.k., diga ao papai...

Mas antes que eu pudesse terminar, a visão tornou-se mais tremulante e desapareceu. Eu estava novamente sozinho em meu chalé, sentindo-me mais solitário agora do que antes.

Senti-me totalmente infeliz no jantar daquela noite.

Certo, a comida estava excelente, como sempre. Não se pode errar com churrasco, pizza e copos de refrigerante que nunca ficam vazios. Os archotes e os braseiros mantinham o pavilhão ao ar livre quente, mas todos tínhamos de sentar com os companheiros de chalé, o que significava que eu estava sozinho na mesa de Poseidon. Regras do acampamento. Pelo menos os chalés de Hefesto, Ares e Hermes tinham, cada um, umas poucas pessoas. Nico sentou-se com os irmãos Stoll, pois novos campistas eram sempre colocados no chalé de Hermes se seu pai olímpiano fosse desconhecido. Os irmãos Stoll pareciam estar tentando convencer Nico de que pôquer era um jogo muito melhor do que Mitomagia. Torci para que Nico não tivesse dinheiro para perder.

A única mesa que parecia estar se divertindo de verdade era a de Ártemis. As Caçadoras bebiam, comiam e riam como uma família numerosa e feliz. Zoë ocupava a cabeceira, como se fosse a mãe. Ela não ria tanto quanto as outras, mas de tempos em tempos abria um sorriso. Sua fita prateada de tenente brilhava nas tranças negras de seu cabelo. Pensei que ela ficava muito mais simpática quando sorria. Bianca di Angelo parecia estar se divertindo muito. Tentava aprender queda de braço com a garota grandona que provocara a briga com o garoto de Ares na quadra de basquete. A garota maior a vencia sempre, mas Bianca não parecia se importar.

Quando terminamos de comer, Quíron fez o costureiro brinde aos deuses e deu formalmente as boas-vindas às Caçadoras de Ártemis. Os aplausos foram bastante desanimados. Então ele anunciou o jogo “amistoso” de captura da bandeira para a noite seguinte, o que teve uma recepção muito melhor.

Depois disso, voltamos todos para nossos chalés no precoce toque de recolher do inverno. Eu estava exausto, o que significa que adormeci facilmente. Essa foi a parte boa. A ruim foi que tive um pesadelo, e, mesmo para os meus padrões, foi impressionante.

Annabeth estava numa encosta escura, envolta na neblina. O ambiente era muito parecido com o Mundo Inferior, pois imediatamente senti claustrofobia e não consegui ver o céu lá em cima — apenas uma escuridão próxima e pesada, como se estivesse em uma caverna.

Annabeth lutava para subir a colina. Antigas colunas gregas de mármore negro quebradas espalhavam-se à sua volta, como se algo houvesse causado a explosão de um edifício enorme.

— Espinheiro! — gritou Annabeth. — Cadê você? Por que me trouxe aqui? — Ela escalou uma área coberta por destroços de uma parede e chegou ao alto da colina.

Annabeth arquejou.

Lá estava Luke. E sentia dor.

Ele se encontrava encolhido no chão pedregoso, tentando se levantar. A escuridão parecia ser mais densa ao redor dele, o nevoeiro espiralando, faminto. Suas roupas estavam em farrapos e seu rosto, arranhado e encharcado de suor.

— Annabeth! — ele chamou. — Me ajude! Por favor!

Ela correu até ele.

Tentei gritar: *Ele é um traidor! Não confie nele!*

Mas minha voz não saía no sonho.

Annabeth tinha lágrimas nos olhos. Ela estendeu o braço, como se quisesse tocar o rosto de Luke, mas no último instante hesitou.

— O que aconteceu? — perguntou ela.

— Eles me deixaram aqui — gemeu Luke. — Por favor. Isso está me matando.

Eu não conseguia ver o que havia de errado com ele, que parecia estar lutando contra alguma maldição invisível, como se o nevoeiro o estivesse espremendo para a morte.

— Por que eu deveria confiar em você? — perguntou Annabeth. Sua voz estava cheia de mágoa.

— Não deveria — respondeu Luke. — Fui horrível com vocês. Mas, se não me ajudar, eu vou morrer.

Deixe que ele morra, eu queria gritar. Luke tentara nos matar a sangue frio muitas vezes. Não merecia nada de Annabeth.

Então a escuridão acima de Luke começou a se esfacelar, como o teto de uma caverna num terremoto. Imensos blocos de pedra negra começaram a cair. Annabeth lançou-se para ele no momento em que uma rachadura apareceu e todo o teto veio abaixo. Ela o sustentou de alguma forma — toneladas de pedras. Evitou que desabasse sobre ela e Luke apenas com sua força. Impossível. Ela não teria conseguido fazer aquilo.

Luke rolou para longe, livre e arquejando.

— Obrigado — conseguiu dizer.

— Ajude-me a segurar isto — gemeu Annabeth.

Luke recuperou o fôlego. Seu rosto estava coberto de fuligem e suor. Ele se levantou, vacilante.

— Sabia que podia contar com você. — E começou a se afastar enquanto a escuridão ameaçava esmagar Annabeth.

— ME AJUDE! — implorou ela.

— Ah, não se preocupe — disse Luke. — Sua ajuda está a caminho. É tudo parte do plano. Enquanto isso, tente não morrer.

O teto de trevas voltou a desmoronar, empurrando Annabeth contra o chão.

Sentei-me, rígido, na cama, agarrando os lençóis. Não havia nenhum ruído em meu chalé, exceto o gorgolejar da fonte de água salgada. O relógio na mesa de cabeceira mostrava que passava pouco da meia-noite.

Era só um sonho, mas eu tinha certeza de duas coisas: Annabeth corria um perigo terrível. E o responsável era Luke.

Na manhã seguinte, após o café da manhã, contei a Grover sobre meu sonho. Estávamos sentados na campina, observando os sátiros correrem atrás das ninfas do bosque pela neve. As ninfas haviam prometido beijar os sátiros caso fossem pegas, mas nunca eram. Em geral, a ninfa deixava o sátiro se aproximar bastante então se transformava numa árvore coberta de neve e o pobre sátiro se chocava contra ela impetuosamente, e ainda acabava coberto por uma pilha de neve.

Quando contei a Grover o pesadelo, ele começou a torcer no dedo o pelo desgrenhado de sua perna.

— O teto de uma caverna desabou sobre ela? — perguntou ele.

— Sim. Que diabos isso quer dizer?

Grover balançou negativamente a cabeça.

— Não sei. Mas depois do que Zoë sonhou...

— Epa! O que está dizendo? Zoë teve um sonho assim?

— Eu... eu não sei exatamente. Por volta das três da manhã, ela foi à Casa Grande e exigiu falar com Quíron. Parecia que estava em pânico.

— Espere, como é que você sabe disso?

Grover enrubesceu.

— Eu estava mais ou menos acampado do lado de fora do chalé de Ártemis.

— Para quê?

— Só para estar, você sabe... perto delas.

— Você é um rastejador com cascos.

— Não sou, não! Seja como for, eu a segui até a Casa Grande, me escondi num arbusto e observei tudo. Ela ficou transtornada de verdade quando Argos não a deixou entrar. Foi uma cena um tanto perigosa.

Tentei imaginá-la. Argos era o chefe da segurança do acampamento — um sujeito grandalhão e louro com olhos pelo corpo todo. Ele raramente aparecia, a menos que alguma coisa séria estivesse acontecendo. Eu não gostaria de apostar numa luta entre ele e Zoë Doce-Amarga.

— O que foi que ela disse? — perguntei.

Grover fez uma careta.

— Bem, ela começa a falar numa linguagem muito antiquada quando fica nervosa, assim foi meio difícil entender. Mas era algo sobre Ártemis estar em apuros e precisar das Caçadoras. E então ela chamou Argos de energúmeno... Acho que isso é algo ruim. E então ele a chamou de...

— Ei, espere. Como é que Ártemis pode estar em apuros?

— Eu... bem, finalmente Quíron apareceu de pijamas e seu rabo de cavalo com bobes e...

— Ele usa bobes no rabo?

Grover cobriu a boca.

— Desculpe-me — disse eu. — Continue.

— Bem, Zoë disse que precisava de permissão para deixar o acampamento imediatamente. Quíron não concedeu. Ele lembrou a Zoë que as Caçadoras deveriam permanecer aqui até receberem ordens de Ártemis. E ela disse... — Grover engoliu em seco. — Ela disse: “Como é que vamos receber ordens de Ártemis se ela está perdida?”

— Como assim, perdida? Como se ela precisasse de informações para se localizar?

— Não. Acho que ela quis dizer desaparecida. Levada. Sequestrada.

— *Sequestrada?* — Tentei me acostumar com a ideia. — Como é que se pode sequestrar uma deusa imortal? Isso é possível?

— Bem, sim. Quer dizer, aconteceu com Perséfone.

— Mas ela era, hum, a deusa das *flores*.

Grover pareceu ofendido.

— Da primavera.

— Que seja. Ártemis é muito mais poderosa. Quem poderia sequestrá-la? E por quê?

Grover balançou a cabeça negativamente, infeliz.

— Não sei. Cronos?

— Ele ainda não pode ter todo esse poder. Pode?

A última vez que tínhamos visto Cronos, ele estava em pedacinhos. Bem... nós não o víamos de verdade. Milhares de anos atrás, após a grande guerra entre titãs e deuses, os quais o haviam cortado em pedacinhos com sua própria foice e espalhado os pedaços no Tártaro — que é, assim, uma espécie de lixeira reciclável e sem fundo em que os deuses jogam seus inimigos. Dois verões atrás, Cronos nos havia atraído à beira do abismo e quase nos arrastara para lá. Então, no último verão, a bordo do cruzeiro demoníaco de Luke, víamos um caixão de ouro, no qual Luke afirmava estar convocando o Senhor Titã, pedaço por pedaço, a cada vez que alguém se juntava à causa deles. Cronos podia influenciar as pessoas com sonhos e enganá-las, mas eu não via como ele poderia sobrepujar Ártemis fisicamente, se ainda era uma espécie de pilha de adubo do mal.

— Não sei — disse Grover. — Acho que alguém saberia se Cronos tivesse se recomposto. Os deuses estariam mais nervosos. Mas, ainda assim, é estranho você ter um pesadelo na mesma noite que Zoë. É quase como...

— Se estivéssemos conectados — completei.

Mais além, na campina congelada, um sátiro deslizou nos cascos enquanto perseguia uma ninfa de árvore ruiva. Ela deu uma risadinha e estendeu os braços enquanto ele corria em sua direção. *Pop!* Ela se transformou em um pinheiro e ele se esborrachou contra o tronco em alta velocidade.

— Ah!, o amor... — suspirou Grover, sonhador.

Pensei no pesadelo de Zoë, que ela teve apenas algumas horas após o meu.

— Preciso falar com Zoë — disse eu.

— Hum, antes de você ir... — Grover tirou algo do bolso do casaco. Era um prospecto dobrado em três, como um folheto de viagem. — Lembra-se do que você disse... sobre como era estranho as Caçadoras terem simplesmente aparecido em Westover Hall? Acho que elas poderiam estar nos vigiando.

— Vigiando? O que quer dizer com isso?

Ele me entregou o folheto. A primeira página dizia: UMA ESCOLHA SÁBIA PARA O SEU FUTURO!

Dentro viam-se fotos de jovens donzelas envolvidas em atividades de caça, perseguindo monstros, atirando flechas. Havia legendas como: BENEFÍCIOS PARA A SAÚDE: IMORTALIDADE E O QUE ISSO SIGNIFICA PARA VOCÊ! e UM AMANHÃ SEM GAROTOS!

— Encontrei isso na mochila de Annabeth — disse Grover.

Eu o encarei.

— Não estou entendendo.

— Bem, me parece... Talvez Annabeth estivesse pensando em se juntar a elas.

Gostaria de dizer que recebi bem a notícia.

Mas a verdade era que eu queria estrangular as Caçadoras de Ártemis, uma donzela eterna de cada vez. Tentei me manter ocupado pelo restante do dia, mas eu estava morto de preocupação com Annabeth. Fui para a aula de lançamento de dardos, mas o campista de Ares responsável me pôs para fora depois que me distraí e atirei o dardo no alvo antes que ele saísse do caminho. Pedi desculpas pelo buraco em sua calça, mas assim mesmo ele me expulsou imediatamente.

Visitei os estábulos de pégasos, mas Silena Beauregard, do chalé de Afrodite, estava discutindo com uma das Caçadoras, e decidi que era melhor não me envolver.

Depois, sentei-me nos galpões de bigas vazios e fiquei ruminando. Lá embaixo, nos campos de arco e flecha, Quíron conduzia o treino de tiro ao alvo. Eu sabia que ele era a melhor pessoa para eu conversar naquele momento, mas alguma coisa me deteve. Tinha a sensação de que Quíron iria tentar me proteger, como sempre fazia. Talvez não me dissesse tudo o que sabia.

Olhei para outra direção. No topo da Colina Meio-Sangue, o sr. D e Argos alimentavam o filhote de dragão que guardava o Velocino de Ouro.

Então a ideia me ocorreu: ninguém estaria na Casa Grande. Havia alguém mais... alguma *coisa* a quem eu poderia pedir orientação.

O sangue zumbia em meus ouvidos enquanto eu corria para a casa e subia as escadas. Eu só fizera isso uma vez antes, e ainda tinha pesadelos com aquilo. Abri o alçapão e entrei no sótão.

O ambiente estava escuro, poeirento e atravancado de lixo, exatamente como eu lembrava. Havia escudos sem alguns pedaços, em decorrência de mordidas de monstros, espadas entortadas no formato da cabeça de demônios, e um bocado de animais empalhados, como uma harpia e uma píton laranja brilhante.

Ao lado da janela, sentada num banco de três pernas, estava a múmia enrugada de uma velha senhora com um vestido tingido à moda hippie. O Oráculo.

Obriguei-me a andar até ela. Esperei que a névoa verde subisse da boca da múmia, como da outra vez, mas nada aconteceu.

— Oi — cumprimentei. — Hã... o que há de novo?

Estremeci, de tão estúpido que aquilo soou. Não podia haver muita coisa de “novo” quando você está morto e preso no sótão. Mas eu sabia que o espírito do Oráculo estava lá, em algum lugar. Eu podia sentir uma presença fria ali, como uma serpente enrodilhada, adormecida.

— Tenho uma pergunta — anunciei, um pouco mais alto. — Preciso saber sobre Annabeth. Como posso salvá-la?

Nenhuma resposta. O sol entrava pela janela suja do sótão, iluminando as partículas de poeira que

dançavam no ar.

Esperei ainda mais.

Então fiquei com raiva. Estava sendo ignorado por um cadáver.

— Muito bem — disse eu. — Ótimo. Vou descobrir por mim mesmo.

Virei-me e esbarrei numa mesa grande cheia de suvenires. Parecia mais amontoadada de coisas do que da última vez em que eu estivera ali. Os heróis guardavam todo o tipo de objeto no sótão: troféus de buscas que já não queriam em seus chalés ou objetos que traziam lembranças dolorosas. Eu sabia que Luke havia guardado uma garra de dragão em algum lugar por ali — a que havia deixado a cicatriz em seu rosto. Havia um cabo de espada quebrado com a etiqueta: *Isto quebrou e Leroy foi morto. 1999.*

Então avistei um lenço de seda rosa com uma etiqueta presa. Peguei a etiqueta e tentei lê-la:

LENÇO DA DEUSA AFRODITE
RECUPERADO EM AQUALÂNDIA, DENVER, COLORADO,
POR ANNABETH CHASE E PERCY JACKSON

Fiquei olhando o lenço. Eu havia me esquecido completamente dele. Dois anos antes, Annabeth tomara esse lenço das minhas mãos e dissera algo como: *Ah, não. Fique longe dessa magia de amor!*

Eu simplesmente havia suposto que ela o jogara fora. E, no entanto, ali estava. Ela o guardara esse tempo todo? E por que o havia escondido no sótão?

Voltei-me para a múmia. Ela não se movera, mas as sombras em seu rosto faziam parecer que estava sorrindo de uma forma horripilante.

Larguei o lenço e tentei não sair correndo em direção à saída.

Naquela noite, após o jantar, eu estava seriamente disposto a derrotar as Caçadoras e capturar a bandeira. Seria um jogo de curta duração: apenas treze Caçadoras, incluindo Bianca di Angelo, e aproximadamente o mesmo número de campistas.

Zoë Doce-Amarga parecia muito contrariada. Ela ficava olhando ressentida para Quíron, como se não acreditasse que ele a estava obrigando a fazer aquilo. As outras Caçadoras tampouco pareciam muito felizes. Ao contrário da noite anterior, elas não estavam rindo nem brincando. Simplesmente se acotovelavam no pavilhão do refeitório, sussurrando nervosamente entre si enquanto prendiam suas armaduras. Algumas até pareciam ter estado chorando. Creio que Zoë lhes havia falado de seu pesadelo.

Em nossa equipe tínhamos Beckendorf e dois outros caras de Hefesto, alguns do chalé de Ares (embora ainda parecesse estranho que Clarisse não estivesse ali), os irmãos Stoll e Nico do chalé de Hermes, e algumas crianças de Afrodite. Era estranho que o chalé de Afrodite quisesse participar do jogo. Em geral, eles se sentavam à margem, conversavam e ficavam olhando seus reflexos no rio, e coisas assim, mas quando souberam que íamos enfrentar as Caçadoras, ficaram ávidos para ir.

— Vou mostrar a elas como o “amor é desprezível” — grunhiu Silena Beauregard enquanto prendia a armadura. — Vou transformá-las em pó!

Com isso restávamos Thalia e eu.

— Eu assumo o ataque — ofereceu-se Thalia. — Você assume a defesa.

— Ah — hesitei, pois estava prestes a dizer o mesmo, só que ao contrário. — Você não acha que com o escudo e tudo, é melhor você ficar com a defesa?

Thalia já tinha Aegis no braço, e mesmo nossos colegas de equipe estavam mantendo uma certa distância dela, tentando não acovardar-se diante da cabeça de bronze da Medusa.

— Bem, eu estava pensando que ele constituiria um ataque melhor — disse Thalia. — Além disso, você tem mais prática com a defesa.

Fiquei em dúvida se ela estava zombando de mim. Eu tinha tido algumas experiências bem ruins com a defesa na captura da bandeira. No meu primeiro ano, Annabeth havia me colocado como uma espécie de isca, e eu quase fora morto com lanças e, depois, quase devorado por um cão infernal.

— Está bem, sem problema — menti.

— Legal. — Thalia virou-se para ajudar alguns filhos de Afrodite que estavam tendo dificuldades para vestir suas armaduras sem quebrar as unhas. Nico di Angelo correu até mim com um sorriso aberto no rosto.

— Percy, isto é incrível!

O capacete de bronze com pena azul estava caindo em seus olhos, e a couraça do peito era uns seis números maior. Perguntei-me se eu tinha ficado tão ridículo quando chegara ali. Infelizmente, era provável que sim.

Nico levantou a espada com esforço.

— Vamos chegar a matar a outra equipe?

— Bem... não.

— Mas as Caçadoras são imortais, não são?

— Só morrem se caírem em batalha. Além disso...

— Seria incrível se a gente simplesmente, assim, ressuscitasse quando fosse morto, para que pudesse continuar lutando, e...

— Nico, isto é sério. Espadas de verdade. Elas podem machucar.

Ele me fitou, um tanto desapontado, e percebi que tinha falado como minha mãe. Puxa. Isso não era um bom sinal.

Dei tapinhas no ombro de Nico.

— Ei, é legal. Apenas siga a equipe. Fique fora do caminho de Zoë. Vamos arrasar.

O casco de Quíron ecoou no chão do pavilhão.

— Heróis! — chamou ele. — Vocês conhecem as regras! O riacho é a linha divisória. A equipe azul, do Acampamento Meio-Sangue, fica com o lado oeste dos bosques. As Caçadoras de Ártemis, a equipe vermelha, ficam com o lado leste. Eu serei o juiz e médico do campo de batalha. Nada de ferimentos intencionais, por favor! Todos os itens mágicos são permitidos. Assumam suas posições!

— Maneiro — sussurrou Nico ao meu lado. — Que tipo de itens mágicos? Será que vou ganhar um?

Eu estava prestes a dizer que não quando Thalia chamou:

— Equipe azul! Siga-me!

Todos gritaram e a seguiram. Tive de correr para alcançá-los, e tropecei no escudo de alguém. Acabei não parecendo muito um cocapitão. Estava mais para um idiota.

Fincamos nossa bandeira no topo do Punho de Zeus — um grupo de pedras no meio do bosque, a oeste, que, se você olha do ângulo certo, parece um imenso punho emergindo do chão. Se olhar para ele de qualquer outro ponto, parece uma pilha de gigantescos cocôs de alce, mas Quíron não nos deixava chamar

o lugar de Pilha de Cocô, principalmente depois de ter sido batizado em homenagem a Zeus, que não tem lá um senso de humor dos melhores.

De qualquer maneira, era um bom lugar para fincar a bandeira. A rocha mais alta tinha uns seis metros de altura e era muito difícil de escalar, de modo que a bandeira se encontrava claramente visível, como as regras diziam que deveria ser, e não era importante o fato de os guardas não terem permissão de ficar a menos de dez metros dela.

Deixei Nico de guarda com Beckendorf e os irmãos Stoll, achando que ele estaria fora do caminho e em segurança.

— Vamos mandar uma isca para a esquerda — disse Thalia ao grupo. — Silena, você cuida disso.

— Entendido!

— Leve Laurel e Jason. São bons corredores. Abra um amplo arco em torno das Caçadoras, atraia o maior número delas que puder. Vou conduzir o grupo de ataque principal para a direita e pegá-las de surpresa.

Todos assentiram. Parecia um bom plano, e Thalia o expôs com tamanha confiança que não havia mais nada a fazer senão acreditar que ia dar certo.

Thalia olhou para mim.

— Algo a acrescentar, Percy?

— Hã, sim. Fiquem atentos à defesa. Temos quatro guardas e dois patrulheiros. Não é muito para um bosque grande. Vou estar em movimento. Gritem se precisarem de ajuda.

— E não deixem seus postos! — disse Thalia.

— A menos que vejam uma oportunidade de ouro — acrescentei.

Thalia fez uma careta.

— Não deixem seus postos de jeito nenhum.

— Certo, a menos...

— Percy! — Ela tocou meu braço e me deu um choque. É, todo mundo pode dar choques estáticos no inverno, mas quando Thalia faz isso, dói. Acho que é porque o pai dela é o deus dos raios. Ela tem fama de chameimar as sobrancelhas das pessoas.

— Desculpe-me — disse Thalia, embora em sua voz não houvesse um tom de desculpas. — Bem, todo mundo entendeu?

Todos assentiram. Então nos separamos em pequenos grupos. A trombeta soou, e o jogo teve início.

O grupo de Silena desapareceu no bosque à esquerda. O grupo de Thalia esperou alguns segundos, e então disparou para a direita.

Esperei que algo acontecesse. Subi no Punho de Zeus a fim de ter uma boa visão do bosque. Eu me lembrava de como as Caçadoras haviam irrompido do meio da floresta quando lutaram com o manticore, e estava preparado para algo assim — um ataque maciço que poderia nos dominar. Mas nada aconteceu.

Avistei Silena e seus dois patrulheiros. Atravessavam correndo uma clareira, seguidos por cinco Caçadoras, levando-as para dentro do bosque e afastando-as de Thalia. O plano parecia estar funcionando. Então localizei outro grupo de Caçadoras seguindo para a direita, os arcos em prontidão. Deviam ter visto Thalia.

— O que está acontecendo? — perguntou Nico, tentando subir até onde eu estava.

Minha mente estava em disparada. Thalia não ia conseguir escapar, mas as Caçadoras estavam

divididas. Com tantas delas em cada flanco, o centro devia estar desguarnecido. Se eu fosse rápido...

Olhei para Beckendorf.

— Vocês podem cuidar de tudo?

Beckendorf bufou.

— É claro.

— Eu vou até lá.

Os irmãos Stoll e Nico deram vivas quando corri na direção da linha divisória.

Eu corria na velocidade máxima e me sentia ótimo. Saltei sobre o riacho, entrando em território inimigo. Podia ver a bandeira prateada delas à frente, guardada por uma única sentinela, que nem estava olhando na minha direção. Ouvi lutas à esquerda e à direita, em algum ponto do bosque. Estava no papo.

A sentinela virou-se no último minuto. Era Bianca di Angelo. Seus olhos se arregalaram quando me choquei contra ela, lançando-a estatelada na neve.

— Desculpe-me! — gritei. Arranquei a bandeira de seda prateada da árvore e saí em disparada.

Já estava a dez metros dali quando Bianca conseguiu gritar, pedindo ajuda. Pensei que estivesse livre.

ZIP! Uma corda prateada correu pelos meus tornozelos e se prendeu à árvore perto da qual eu me encontrava. Uma armadilha, disparada de um arco! Antes que eu pudesse pensar em parar, desabei estendido no chão.

— Percy! — gritou Thalia à minha esquerda. — O que você está *fazendo*?

Antes que ela me alcançasse, uma flecha explodiu a seus pés e uma nuvem de fumaça amarela ergueu-se em torno de seu grupo. Eles começaram a tossir e engasgar. Eu podia sentir o cheiro do gás pelo bosque — o horrível cheiro de sulfura.

— Isso não é justo! — arquejou Thalia. — Flechas de pum são antidesportivas!

Levantei-me e recomecei a correr. Faltavam apenas mais alguns metros até o riacho e eu tinha a presa. Mais flechas passaram zunindo pelo meu ouvido. Uma Caçadora surgiu do nada e tentou me atingir com sua faca, mas eu me desviei e continuei correndo.

Ouvi gritos do nosso lado do riacho. Beckendorf e Nico estavam correndo em minha direção. Pensei que estivessem vindo para me receber, mas então vi que estavam perseguindo alguém — Zoë Doce-Amarga, correndo em minha direção como um guepardo, esquivando-se dos campistas sem dificuldade. E ela tinha nossa bandeira nas mãos.

— Não! — gritei, e aumentei a velocidade.

Estava a menos de um metro do riacho quando Zoë alcançou o seu lado, chocando-se contra mim por garantia. As caçadoras davam vivas enquanto ambas as equipes chegavam ao riacho. Quíron surgiu do bosque com ar soturno. Ele levava os irmãos Stoll nas costas, e parecia que ambos haviam sofrido golpes feios na cabeça. Connor Stoll tinha duas flechas projetando-se de seu capacete, como antenas.

— As caçadoras venceram! — anunciou Quíron sem nenhum prazer. Então acrescentou num murmúrio: — Pela quinquagésima sexta vez consecutiva.

— Perseu Jackson! — gritou Thalia, avançando contra mim. Ela cheirava a ovo podre e estava tão enfurecida que faíscas azuis cintilavam em sua armadura. Todo mundo se encolheu e recuou por causa de Aegis. Precisei de toda a minha força de vontade para não demonstrar medo.

— O que, em nome dos deuses, você estava *PENSANDO*? — berrou ela.

Cerrei os punhos. Já tivera acontecimentos ruins em número suficiente por um dia. Não precisava

daquilo.

— Eu peguei a bandeira, Thalia! — Balancei-a na cara dela. — Eu vi a oportunidade e a aproveitei!

— EU CHEGUEI À BASE DELAS! — gritou Thalia. — Mas a bandeira não estava mais lá. Se você não tivesse se intrometido, teríamos vencido.

— Tinha muitas delas atrás de você!

— Ah, então a culpa é minha?

— Eu não disse isso.

— Argh! — Thalia me empurrou e um choque percorreu o meu corpo, lançando-me a cerca de três metros, na água. Alguns campistas arquejaram. Umas duas Caçadoras abafaram o riso.

— Desculpe-me! — disse Thalia, empalidecendo. — Não tive intenção de...

A raiva rugia em meus ouvidos. Uma onda ergueu-se do riacho, explodindo na cara de Thalia e encharcando-a da cabeça aos pés.

Eu me levantei.

— Certo — grunhi. — Eu também não tive intenção.

Thalia respirava pesadamente.

— Já chega! — ordenou Quíron.

Mas Thalia ergueu a lança.

— É isso que você quer, Cabeça de Alga?

De certa forma, eu não ligava quando Annabeth me chamava assim — pelo menos, já me acostumara —, mas, vindo de Thalia, não era nada legal.

— Pode vir, Cara de Pinheiro!

Ergui Contracorrente, mas, antes que eu pudesse me defender, Thalia gritou e um feixe de raios desceu do céu, atingiu sua lança como a um para-raios e explodiu em meu peito.

Desabei, sentado, pesadamente. Senti um cheiro de queimado; tinha o pressentimento que vinha das minhas roupas.

— Thalia! — disse Quíron. — Já *chega*!

Eu me pus de pé e convoquei todo o riacho a se erguer. Milhares de litros de água se elevaram no ar, formando uma maciça nuvem afunilada e gelada.

— Percy! — pediu Quíron.

Eu estava prestes a lançá-la contra Thalia quando vi algo no bosque. Perdi a raiva e a concentração de uma só vez. A água voltou a cair no leito do riacho. Thalia ficou tão surpresa que se virou para ver o que eu estava olhando.

Alguém... alguma coisa se aproximava. Estava envolta em uma névoa verde obscura, mas, à medida que se aproximava, campistas e caçadoras arquejavam.

— Isto é impossível — disse Quíron. Eu nunca o vira tão nervoso. — Ela... ela nunca deixou o sótão. Nunca.

E, no entanto, a múmia ressequida que guardava o Oráculo arrastou-se adiante até encontrar-se no centro do grupo. A névoa espiralava em torno de nossos pés, dando à neve um pálido tom de verde.

Nenhum de nós ousava mover-se. Então sua voz sibilou no interior da minha cabeça. Aparentemente todos podiam ouvi-la, pois vários taparam os ouvidos com as mãos.

Eu sou o espírito de Delfos, disse a voz. Porta-voz das profecias de Febo, Apolo assassino da poderosa Píton.

O Oráculo me mirava com seus olhos frios e mortos. Então se voltou inconfundivelmente para Zoë Doce-Amarga. *Aproxime-se, Buscadora, e pergunte.*

Zoë engoliu em seco.

— O que preciso fazer para ajudar minha deusa?

A boca do Oráculo se abriu, deixando sair a névoa verde. Eu vi a imagem imprecisa de uma montanha, e uma garota de pé no pico árido. Era Ártemis, mas estava envolta em correntes, agrilhoadas às pedras. Estava de joelhos, as mãos erguidas como se para defender-se de algo que a atacava, e parecia sentir dor. O Oráculo falou:

*A oeste, cinco buscarão a deusa acorrentada,
Um se perderá na terra ressecada,
A desgraça do Olimpo aponta a trilha,
Campistas e Caçadoras, cada um, brilha,
A maldição do titã um deve sustentar,
E, pela mão do pai, um irá expirar.*

Então, enquanto assistíamos, a névoa espiralou-se e recuou, como uma grande serpente verde, para a boca da múmia. O Oráculo sentou-se numa pedra e tornou-se tão imóvel quanto estivera no sótão, como se fosse ficar sentado ali, à margem do riacho, por cem anos.

O mínimo que o Oráculo podia ter feito era andar de volta para o sótão sozinho.

Em vez disso, Grover e eu fomos eleitos para carregá-lo. Não imaginei que tivéssemos sido escolhidos por sermos os mais populares.

— Cuidado com a cabeça dela! — advertiu-me Grover quando subíamos as escadas. Mas era tarde demais.

Bangue! Bati sua face mumificada de encontro à moldura do alçapão, provocando uma chuva de poeira.

— Ah, cara. — Apoiei-a no chão, procurando possíveis danos. — Será que quebrei alguma coisa?

— Não sei dizer — admitiu Grover.

Nós a erguemos e a acomodamos em seu banco de três pés, ambos bufando e suando. Quem iria imaginar que uma múmia podia pesar tanto?

Supus que ela não falaria comigo, e estava certo. Fiquei aliviado quando finalmente saímos de lá e fechamos a porta do sótão.

— Bem — disse Grover —, isso foi desagradável.

Eu sabia que ele estava tentando dar um tom leve às coisas, em consideração a mim, mas ainda assim eu me sentia totalmente para baixo. O acampamento todo estaria furioso comigo por perder o jogo para as Caçadoras, e ainda havia a nova profecia do Oráculo. Era como se o espírito de Delfos tivesse saído de seu caminho para me excluir. Ele havia ignorado minha pergunta e caminhado quase um quilômetro para falar com Zoë. *E não dissera nada, não dera nem mesmo uma pista, sobre Annabeth.*

— O que Quíron vai fazer? — perguntei a Grover.

— Quisera eu saber. — Pela janela do segundo andar, ele olhou pensativo para as colinas onduladas cobertas de neve. — Queria estar lá fora.

— Procurando Annabeth?

Ele teve alguma dificuldade em se concentrar em mim. Então corou.

— Ah, certo. Isso também. É claro.

— Por quê? — perguntei. — Em que você estava pensando?

Ele bateu os cascos, inquieto.

— Em algo que o manticore disse, sobre a Grande Comoção. Não posso deixar de me perguntar... se todas aquelas forças antigas estiverem despertando, talvez... quem sabe nem todas sejam do mal.

— Você se refere a Pã.

Eu me senti um pouco egoísta, pois havia esquecido totalmente a ambição da vida de Grover. O deus da natureza estava desaparecido havia dois mil anos. Dizia-se que tinha morrido, mas os sátiros não acreditavam nisso. E estavam determinados a encontrá-lo. Haviam procurado em vão por séculos, e

Grover estava convencido de que seria ele a obter sucesso. Esse ano, com Quíron colocando todos os sátiros em operação de emergência para encontrar meios-sangues, Grover não conseguira dar prosseguimento à sua busca. Ele devia estar ficando louco com isso.

— Deixei a pista esfriar — disse ele. — Eu me sinto inquieto, como se estivesse deixando algo muito importante escapar. Ele está lá fora, em algum lugar. Posso sentir isso.

Eu não sabia o que dizer. Queria incentivá-lo, mas não via como. Meu otimismo havia sido esmagado na neve lá no bosque, junto às nossas esperanças de vencer na captura da bandeira.

Antes que eu pudesse responder, Thalia subiu pesadamente os degraus. Oficialmente ela não estava falando comigo, mas olhou para Grover e disse:

— Diga a Percy para descer.

— Por quê? — perguntei.

— Ele disse alguma coisa? — Thalia perguntou a Grover.

— Hum, perguntou por quê.

— Dioniso está convocando um conselho com os líderes dos chalés para discutir a profecia — disse ela. — Infelizmente, isso inclui Percy.

O conselho se reuniu em torno de uma mesa de pingue-pongue na sala de recreação. Dioniso agitava a mão e fornecia os lanches: queijo cremoso, biscoitos e várias garrafas de vinho tinto. Então Quíron lembrou-lhe de que o vinho ia contra suas restrições e que a maioria de nós era menor de idade. O sr. D suspirou. Estalando os dedos, transformou o vinho em Coca Diet, que ninguém tampouco bebeu.

O sr. D e Quíron (com a cadeira de rodas) sentavam-se numa das extremidades da mesa. Zoë e Bianca di Angelo (que havia se tornado uma espécie de assistente pessoal de Zoë) assumiram a outra ponta. Thalia, Grover e eu nos sentamos à direita, e os outros membros do conselho — Beckendorf, Silena Beauregard e os irmãos Stoll —, à esquerda. Os filhos de Ares também deveriam ter mandado um representante, mas todos haviam quebrado alguma parte do corpo (acidentalmente) durante a captura da bandeira, como cortesia das Caçadoras, e estavam descansando na enfermaria.

Zoë deu início à reunião num tom categórico.

— Isso é inútil.

— Queijo cremoso! — arquejou Grover, e começou a pegar biscoitos e bolas de pingue-pongue e a cobri-los com o queijo.

— Não há tempo para conversa — continuou Zoë. — Nossa deusa precisa de nós. As Caçadoras devem partir imediatamente.

— E ir para onde? — perguntou Quíron.

— Para oeste! — respondeu Bianca. Fiquei impressionado com o quanto ela estava diferente após apenas alguns dias com as Caçadoras. Seu cabelo escuro agora estava trançado como o de Zoë, de modo que dava para ver com clareza o seu rosto. Tinha sardas salpicadas no nariz, e os olhos escuros lembravam vagamente alguém famoso, mas eu não conseguia distinguir quem. Ela parecia estar se exercitando, e sua pele brilhava levemente, como a das outras Caçadoras, como se viesse se banhando em luar líquido. — Você ouviu a profecia. *A oeste, cinco buscarão a deusa acorrentada.* Podemos reunir cinco caçadoras e partir.

— Isso — concordou Zoë. — Ártemis está sendo mantida como refém! Devemos encontrá-la e libertá-la.

— Está se esquecendo de algo, como sempre — observou Thalia. — *Campistas e caçadoras juntos brilham.*

Devemos fazer isso juntos.

— Não! — disse Zoë. — As Caçadoras não precisam da vossa ajuda.

— *Sua* — grunhiu Thalia. — Ninguém diz *vossa* há uns trezentos anos, Zoë. Acompanhe os tempos.

Zoë hesitou, como se estivesse tentando dizer a palavra corretamente.

— *Zua*. Não precisamos da *zua* ajuda.

Thalia revirou os olhos.

— Esqueça.

— Receio que a profecia diga que vocês precisam, *sim*, de nossa ajuda — disse Quíron. — Os campistas e as Caçadoras devem cooperar entre si.

— Será? — refletiu o sr. D, girando sua Coca Diet sob o nariz, como se ela tivesse um fino buquê. — *Um se perderá, um irá.* Isso parece bastante grave, não? E se falharem *porque* tentam cooperar?

— Sr. D — suspirou Quíron —, com todo o respeito, de que lado o senhor está?

Dioniso ergueu as sobrancelhas.

— Desculpe-me, meu querido centauro. Só estava tentando ajudar.

— Devemos trabalhar juntos — disse Thalia, insistente. — Tampouco a mim isso agrada, Zoë, mas você conhece as profecias. Quer lutar contra uma?

Zoë fez uma careta, mas dava para ver que Thalia havia marcado um ponto.

— Não devemos nos demorar — advertiu Quíron. — Hoje é domingo. Na próxima sexta-feira, 21 de dezembro, é o solstício de inverno.

— Ah, que alegria — murmurou Dioniso. — Mais uma tediosa reunião anual.

— Ártemis tem de estar presente no solstício — disse Zoë. — Ela tem sido uma das mais ativas nas discussões do conselho para definir uma ação contra os lacaios de Cronos. Se estiver ausente, os deuses não decidirão nada. Vamos perder mais um ano de preparativos para a guerra.

— Você está sugerindo que os deuses têm problemas para agir em conjunto, minha jovem? — perguntou Dioniso.

— Sim, Senhor Dioniso.

O sr. D assentiu.

— Só estava confirmando. Tem razão, é claro. Prossigam.

— Eu devo concordar com Zoë — disse Quíron. — A presença de Ártemis no conselho de inverno é crucial. Temos apenas uma semana para encontrá-la. E, possivelmente, o que é mais importante: localizar o monstro que ela estava caçando. Agora precisamos decidir quem irá nessa busca.

— Três e dois — disse eu.

Todos olharam para mim. Thalia até se esqueceu de me ignorar.

— Devemos ser cinco — disse eu, acanhado. — Três Caçadoras, dois do Acampamento Meio-Sangue. Isso é mais do que justo.

Thalia e Zoë trocaram olhares.

— É — disse Thalia. — Faz sentido.

Zoë grunhiu.

— Eu preferiria levar *todas* as Caçadoras. Vamos precisar da força dos números.

— Vocês vão refazer o caminho da deusa — lembrou-lhe Quíron. — Movendo-se com rapidez. Não há dúvida de que Ártemis rastreou o cheiro desse monstro raro, qualquer que seja ele, à medida que seguia para oeste. Vocês terão de fazer o mesmo. A profecia foi clara: *A desgraça do Olimpo aponta a trilha*. O que sua senhora diria? “Muitas caçadoras interferem no cheiro.” O melhor é um grupo pequeno.

Zoë pegou uma raquete de pingue-pongue e a estudou como se estivesse tentando se decidir em quem bateria primeiro.

— Esse monstro, a desgraça do Olimpo, eu o venho caçando ao lado da Senhora Ártemis há muitos anos. No entanto, não tenho a menor ideia de como deve ser essa besta.

Todos olharam para Dioniso, creio que porque ele era o único deus presente e supõe-se que os deuses saibam das coisas. Ele folheava uma revista sobre vinhos, mas, quando todos ficaram em silêncio, ele ergueu os olhos.

— Bem, não olhem para mim. Sou um deus jovem, lembram? Eu não faço o inventário de todos aqueles velhos monstros e titãs empoeirados. Eles são um péssimo tema de conversa nas festas.

— Quíron — disse eu —, você não tem nenhuma ideia em relação ao monstro?

Quíron franziu os lábios.

— Tenho várias ideias, nenhuma delas boa. E nenhuma delas faz sentido. Tífon, por exemplo, caberia nessa descrição. Ele era verdadeiramente uma desgraça do Olimpo. Ou o monstro marinho Keto. Mas, se qualquer um desses dois estivesse se agitando, nós saberíamos. São monstros marinhos do tamanho de arranha-céus. Seu pai, Poseidon, já teria soado o alarme. Receio que o monstro em questão seja mais esquivo. Talvez até mais poderoso.

— É um grande perigo o que vocês vão enfrentar — disse Connor Stoll. (Eu gostava da maneira como ele dizia *vocês* e não *nós*.) — Ao que parece, pelo menos dois dos cinco vão morrer.

— *Um se perderá na terra ressecada* — recitou Beckendorf. — Se eu fosse vocês, ficaria longe do deserto.

Houve um murmúrio de concordância.

— E a *maldição do Titã um deve sustentar* — disse Silena. — O que isso pode significar?

Vi Quíron e Zoë trocarem um olhar de nervosismo, mas o que quer que estivessem pensando, guardaram para si mesmos.

— *E, pela mão do pai, um irá expirar* — disse Grover entre mordidas de Cheetos e bolas de pingue-pongue. — Como isso é possível? Quem seria morto pelo pai?

Fez-se um silêncio pesado em torno da mesa.

Olhei para Thalia e me perguntei se ela estaria pensando o mesmo que eu. Havia alguns anos, Quíron recebera uma profecia sobre o próximo filho dos Três Grandes — Zeus, Poseidon ou Hades — que fizesse dezesseis anos. Supostamente, esse adolescente tomaria uma decisão que iria salvar ou destruir os deuses para sempre. Por causa disso, os Três Grandes fizeram um juramento, depois da Segunda Guerra Mundial, de não ter mais filhos. Apesar disso, Thalia e eu havíamos nascido, e agora ambos nos aproximávamos da idade de dezesseis anos.

Lembrei-me de uma conversa que tivera no ano anterior com Annabeth. Eu havia lhe perguntado por que, se eu era tão potencialmente perigoso, os deuses simplesmente não me matavam.

Alguns dos deuses gostariam de matar você, dissera ela. *Mas temem ofender Poseidon.*

Será que um pai olímpiano podia voltar-se contra o filho meio-sangue? Será que às vezes era mais fácil simplesmente deixá-los morrer? Se havia meios-sangues que precisavam se preocupar com isso, esses eram Thalia e eu. Perguntei-me se, afinal, não deveria ter enviado a Poseidon aquela gravata com estampa de conchas como presente do Dia dos Pais.

— Vai haver mortes — concluiu Quíron. — Disso nós sabemos.

— Ah, que bom! — disse Dioniso.

Todos olharam para ele. Ele ergueu os olhos inocentemente das páginas da revista *Wine Connoisseur*.

— Ah, o interesse pela *pinot noir* está voltando. Não prestem atenção ao que digo.

— Percy tem razão — disse Silena Beauregard. — Dois campistas devem ir.

— Ah, entendo — disse Zoë, sarcástica. — E suponho que vós quereis se apresentar como voluntária.

Silena enrubesceu.

— Eu não vou a lugar nenhum com as Caçadoras. Não olhem para mim!

— Uma filha de Afrodite não quer que olhem para ela — zombou Zoë. — O que sua mãe diria?

Silena começou a se erguer da cadeira, mas os irmãos Stoll a puxaram de volta.

— Parem com isso — disse Beckendorf. Era um sujeito grandalhão, com uma voz ainda maior. Ele não falava muito, mas quando o fazia, as pessoas costumavam ouvi-lo. — Vamos começar com as Caçadoras. Quais de vocês irão? Três.

Zoë se pôs de pé.

— Eu vou, evidentemente, e vou levar Febe. É a nossa melhor rastreadora.

— A grandona que gosta de bater na cabeça das pessoas? — perguntou Travis Stoll, com cuidado.

Zoë assentiu.

— Aquela que botou as flechas no meu capacete? — acrescentou Connor.

— É — replicou Zoë bruscamente. — Por quê?

— Ah, por nada — respondeu Travis. — É só que temos uma camiseta para ela da loja do acampamento. — Ele ergueu uma grande camiseta prateada que dizia: ÁRTEMIS, DEUSA DA LUA, TOUR DE CAÇA OUTONO DE 2002, com uma imensa lista de parques nacionais e coisas desse tipo embaixo. — Trata-se de uma peça de colecionador. Ela a estava admirando. Quer dar a ela?

Eu sabia que os Stolls estavam tramando alguma coisa. Sempre estavam. Mas acho que Zoë não os conhecia tão bem quanto eu. Ela limitou-se a dar um suspiro e pegou a camiseta.

— Como estava dizendo, vou levar Febe. E quero que Bianca vá.

Bianca pareceu atordoada.

— Eu? Mas... sou tão inexperiente! Eu não seria de nenhuma utilidade.

— Ireis vos sair bem — insistiu Zoë. — Não existe maneira melhor de se pôr à prova.

Bianca fechou a boca. Lamentei um pouco por ela. Lembrei-me de minha primeira missão, aos doze anos. Eu me sentia totalmente despreparado. Um pouco honrado, talvez, mas muito ressentido e assustado. Imaginei que as mesmas coisas estivessem passando pela cabeça de Bianca nesse momento.

— E quanto aos campistas? — perguntou Quíron. Nossos olhos se encontraram, mas eu não sabia o que ele estava pensando.

— Eu! — Grover se ergueu tão rápido que esbarrou na mesa de pingue-pongue. Ele espanou do colo

migalhas de biscoito e de bolas de pingue-pongue. — Qualquer coisa para ajudar Ártemis!

Zoë franziu o nariz.

— Acredito que não, sátiro. Vós não sois nem mesmo um meio-sangue.

— Mas *é* um campista — interveio Thalia. — E ele domina os sentidos de um sátiro e a mágica da floresta. Você ainda sabe tocar uma canção de rastreador, Grover?

— Certamente que sim!

Zoë hesitou. Eu não sabia o que era uma canção de rastreador, mas aparentemente Zoë a via como uma boa coisa.

— Muito bem — concordou Zoë. — E o segundo campista?

— Eu irei. — Thalia se pôs de pé e olhou à sua volta, desafiando qualquer um a questioná-la.

Ora, muito bem, talvez minhas habilidades em matemática não fossem as melhores, mas de repente ocorreu-me que havíamos alcançado o número cinco, e eu não estava no grupo.

— Ei, espere um pouco — intervim. — Eu também quero ir.

Thalia não disse nada. Quíron ainda estava me estudando, os olhos tristes.

— Ah — disse Grover, subitamente ciente do problema. — Ora, *é*... eu esqueci! Percy tem de ir. Não tive a intenção de... Eu fico. Percy deve ir no meu lugar.

— Ele não pode — disse Zoë. — É um garoto. As Caçadoras não vão viajar com um garoto.

— Vocês vieram comigo até aqui — lembrei-lhe.

— Aquilo foi uma emergência rápida, e foi ordenada pela deusa. Eu não vou atravessar o país e lutar contra muitos perigos na companhia de um garoto.

— E quanto a Grover? — perguntei.

Zoë sacudiu a cabeça.

— Ele não conta. É um sátiro. Tecnicamente não é um garoto.

— Ei! — protestou Grover.

— Eu *tenho* de ir — afirmei. — Preciso fazer parte dessa busca.

— Por quê? — perguntou Zoë. — Por causa de sua amiga Annabeth?

Eu me senti corar. Odiei o fato de estarem todos olhando para mim.

— Não! Quer dizer, em parte. Mas eu sinto que devo ir!

Ninguém saiu em minha defesa. O sr. D parecia entediado, ainda lendo sua revista. Silena, os irmãos Stoll e Beckendorf olhavam para a mesa. Bianca me lançou um olhar de pena.

— Não — disse Zoë, impassível. — Eu insisto neste ponto: levo um sátiro se for preciso, mas não um herói do sexo masculino.

Quíron suspirou.

— A busca é por Ártemis. As Caçadoras devem poder aprovar seus companheiros.

Meus ouvidos zumbiam quando me sentei. Sabia que Grover e alguns dos outros me olhavam solidariamente, mas eu não podia encará-los. Simplesmente deixei-me ficar ali sentado enquanto Quíron concluía o conselho.

— Que seja assim — disse ele. — Thalia e Grover acompanharão Zoë, Bianca e Febe. Vocês devem partir à primeira luz da manhã. E que os deuses — ele olhou para Dioniso —, o presente incluído, esperamos, estejam com vocês.

Eu não apareci para o jantar naquela noite, o que foi um erro, pois Quíron e Grover vieram à minha procura.

— Percy, eu sinto muito! — disse Grover, sentando-se ao meu lado no beliche. — Eu não sabia que elas... que você... Sinceramente!

Ele começou a fungar e eu deduzi que, se não o animasse, ele ou começaria a balir ou a mastigar meu colchão. Ele costuma comer objetos domésticos sempre que fica aborrecido.

— Está tudo bem — menti. — É sério. Está tudo certo.

O lábio inferior de Grover tremia.

— Eu nem pensei... Estava tão concentrado em ajudar Ártemis. Mas eu prometo que vou procurar Annabeth por toda parte. Se puder encontrá-la, encontrarei.

Assenti e tentei ignorar a grande cratera que se abria em meu peito.

— Grover — disse Quíron —, você me permitiria dar uma palavrinha com Percy?

— Claro — fungou ele.

Quíron esperou.

— Ah — disse Grover. — Você quis dizer sozinho. É claro, Quíron. — Ele me olhou, infeliz. — Vê? Ninguém precisa de um bode.

Ele saiu trotando do quarto, assoando o nariz na manga da roupa.

Quíron suspirou e ajoelhou-se em suas patas equinas.

— Percy, eu não tenho a pretensão de compreender profecias.

— Sim — disse eu. — Bem, talvez seja porque elas não fazem sentido.

Quíron olhou para a fonte de água salgada que gorgolejava no canto do quarto.

— Thalia não seria minha primeira escolha para ir nessa busca. Ela é impetuosa demais. Age sem pensar. É muito segura de si.

— Você teria me escolhido?

— Sinceramente, não — disse ele. — Você e Thalia são muito parecidos.

— Muito obrigado.

Ele sorriu.

— A diferença é que você é menos seguro de si do que ela. Isso pode ser bom ou mau. Mas uma coisa eu posso dizer: vocês dois juntos representariam um perigo.

— Nós poderíamos contorná-lo.

— Do mesmo jeito que contornou no riacho esta noite?

Não respondi. Ele havia me pegado.

— Talvez seja melhor assim — ponderou Quíron. — Você pode ir para casa passar os feriados com sua mãe. Se precisarmos de você, temos como chamá-lo.

— É — eu disse. — Talvez.

Puxei Contracorrente do bolso e a coloquei sobre a mesa de cabeceira. Não parecia que eu fosse usá-la tão cedo para outra coisa que não escrever cartões de Natal.

Quando viu a caneta, Quíron fez uma careta.

— Não é de estranhar que Zoë não o queira por perto, suponho. Não enquanto carrega essa arma específica.

Não entendi o que Quíron quis dizer. Então lembrei-me de algo que ele me dissera fazia muito tempo,

quando me dera a espada mágica: *Ela tem uma história longa e trágica, sobre a qual não precisamos falar.*

Eu queria perguntar sobre isso, mas ele tirou um dracma de ouro de seu alforje e o atirou para mim.

— Telefone para sua mãe, Percy. Diga a ela que estará indo para casa de manhã. E, ah, se quer saber...

Eu quase me apresentei como voluntário para essa busca. Eu teria ido, não fosse pelo último verso.

— *E, pela mão do pai, um irá expirar.* Claro.

Eu não precisava perguntar. Sabia que o pai de Quíron era Cronos, o maléfico Senhor dos Titãs. O verso faria sentido perfeitamente se Quíron participasse da busca. Cronos não ligava para ninguém, nem para os próprios filhos.

— Quíron — disse eu —, você sabe que maldição do titã é essa, não sabe?

O rosto dele tornou-se sombrio. Ele fez uma garra sobre o coração e a afastou — um gesto antigo para precaver-se contra o mal.

— Vamos torcer para que a profecia não signifique o que eu penso. Agora, boa noite, Percy. Sua vez chegará. Estou convencido disso. Não precisa se apressar.

Ele disse *sua vez* da mesma forma que as pessoas falam quando querem dizer *sua morte*. Não sei se Quíron teve essa intenção, mas a expressão em seus olhos me fez ter medo de perguntar.

Fiquei de pé diante da fonte de água do mar, esfregando a moeda de Quíron em minha mão e tentando imaginar o que dizer à minha mãe. Eu realmente não estava a fim de ter mais um adulto me dizendo que não fazer nada era o melhor que eu podia fazer, mas imaginei que minha mãe merecesse ficar informada.

Por fim, respirei fundo e atirei a moeda na fonte.

— Ó deusa, aceite minha oferenda.

A névoa tremeluziu. A luz vinda do banheiro era suficiente para criar um tênue arco-íris.

— Mostre Sally Jackson — eu disse. — Upper East Side, Manhattan.

E, no meio da névoa, apareceu uma cena que eu não esperava. Minha mãe estava sentada à mesa da nossa cozinha com um... cara. Eles estavam rindo histericamente. Havia uma grande pilha de livros entre os dois. O homem tinha, não sei, uns trinta e poucos anos, com cabelos meio compridos grisalhos, e usava um casaco marrom sobre uma camiseta preta. Parecia um ator — um cara que pudesse fazer o papel de um policial disfarçado na TV.

Eu estava perplexo demais para dizer alguma coisa e, felizmente, minha mãe e o cara estavam ocupados demais rindo para perceber minha mensagem de Íris.

— Sally, você é uma figura — disse o cara. — Quer mais um pouco de vinho?

— Ah, eu não devo. Mas vá adiante, se quiser.

— Na verdade, eu preferiria usar o banheiro. Posso?

— No corredor — disse ela, tentando não rir.

O cara de ator sorriu, levantou-se e saiu.

— Mamãe! — chamei.

Ela deu um pulo tão grande que quase derrubou os livros da mesa. Finalmente focalizou os olhos em mim.

— Percy! Ah, querido! Está tudo bem?

— O que você está fazendo? — perguntei.

Ela piscou.

— Dever de casa. — Então pareceu compreender a expressão que eu tinha no rosto. — Ah, querido, esse é só o Paul... hum, o sr. Blofis. Está no meu seminário de criação literária.

— Sr. Balofice?

— *Blofis*. Ele estará de volta em um minuto, Percy. Diga qual é o problema.

Ela sempre sabia quando alguma coisa estava errada. Conteí sobre Annabeth. As outras coisas também, mas basicamente tudo se resumia a Annabeth.

Os olhos de minha mãe se encheram de lágrimas. Dava para ver que ela estava tentando se segurar, para me poupar.

— Ah, Percy...

— É. Aí eles me disseram que não há nada que eu possa fazer. Acho que vou para casa.

Ela girou o lápis entre os dedos.

— Percy, por mais que eu queira que você venha para casa — suspirou, como se estivesse com raiva de si mesma —, por mais que eu queira vê-lo em segurança, quero que você compreenda uma coisa. Você precisa fazer o que acredita que tem de fazer.

Fiquei olhando para ela.

— O que você quer dizer?

— Bem, você, lá no fundo, acredita de verdade que precisa ajudar a salvá-la? Acha que é o correto a fazer? Porque eu sei uma coisa sobre você, Percy. Seu coração está sempre no lugar certo. Ouça-o.

— Você... você está me dizendo para ir?

Minha mãe contraiu os lábios.

— Estou dizendo que... que você está ficando muito grande para eu lhe dizer o que fazer. Estou dizendo que estarei do seu lado, mesmo que o que você decidir seja perigoso. Não posso acreditar que eu esteja dizendo isso!

— Mãe...

A descarga soou no banheiro de nosso apartamento.

— Não tenho muito tempo — disse mamãe. — Percy, qualquer que seja a decisão que tome, eu amo você. E eu *sei* que fará o que for melhor para Annabeth.

— Como você pode ter certeza?

— Porque ela faria o mesmo por você.

E, com isso, minha mãe agitou a mão na névoa e a conexão se dissolveu, deixando-me com a imagem final de seu novo amigo, o sr. Balofice, sorrindo para ela.

Não me lembro de ter adormecido, mas me lembro do sonho.

Eu estava de volta àquela caverna árida, o teto baixo e pesado sobre mim. Annabeth encontrava-se ajoelhada sob o peso de uma massa escura que parecia uma pilha de rochas. Estava cansada demais até para gritar. Suas pernas tremiam. Eu sabia que a qualquer segundo suas forças se esgotariam e o teto da caverna desabaria sobre ela.

— Como está nossa hóspede mortal? — ribombou uma voz masculina.

Não era Cronos. A voz de Cronos era áspera e metálica, como uma faca raspando a pedra. Eu a ouvira debochar de mim muitas vezes em meus sonhos. Mas essa voz era mais profunda e grave, como um

contrabaixo. Sua força fazia o chão vibrar.

Luke emergiu das sombras. Ele correu para Annabeth, ajoelhou-se ao lado dela, e então olhou para o homem invisível.

— Ela está perdendo as forças. Precisamos nos apressar.

O hipócrita. Como se ele se importasse com o que aconteceria a ela.

A voz profunda gargalhou. Pertencia a alguém que estava nas sombras, à margem de meu sonho. Então uma mão carnuda empurrou alguém adiante, para a área de luz: Ártemis — as mãos e os pés presos por correntes de bronze celestial.

Arquejei. Seu vestido prateado estava rasgado e esfarrapado. Seu rosto e seus braços estavam cortados em vários pontos, e ela vertia icor, o sangue dourado dos deuses.

— Você ouviu o garoto — disse o homem nas sombras. — Decida!

Os olhos de Ártemis dardejavam de raiva. Eu não sei por que ela simplesmente não arrebatava as correntes, ou sumia, mas não parecia capaz disso. Talvez as correntes a impedissem, ou alguma mágica ligada àquele lugar escuro e horrível.

A deusa olhou para Annabeth e sua expressão mudou para preocupação e afronta.

— Como você ousa torturar uma donzela como esta?

— Ela vai morrer logo — disse Luke. — Mas você pode salvá-la.

Annabeth emitiu um ruído fraco de protesto. Parecia que meu coração estava sendo torcido em um nó. Eu queria correr até ela, mas não conseguia me mover.

— Soltem minhas mãos — disse Ártemis.

Luke apresentou sua espada, Mordecostas. Com um golpe preciso, ele cortou as algemas da deusa.

Ártemis correu para Annabeth e tomou o peso de seus ombros. Annabeth desabou no chão e ficou ali, tremendo. Ártemis cambaleou, tentando suportar a carga das pedras negras.

O homem nas sombras deu uma risadinha.

— Você é tão previsível quanto fácil de vencer, Ártemis.

— Você me pegou de surpresa — disse a deusa, ajeitando o corpo sob o seu fardo. — Isso não vai acontecer de novo.

— De fato, não vai — disse o homem. — Agora você está fora do caminho para sempre! Eu sabia que não resistiria a ajudar uma donzela. Afinal, essa é a sua especialidade, minha querida.

Ártemis gemeu.

— Você não sabe nada de misericórdia, seu porco.

— Nesse ponto — disse o homem —, estamos de acordo. Luke, pode matar a garota agora.

— Não! — gritou Ártemis.

Luke hesitou.

— Ela... ela ainda pode ser útil, senhor. Como isca, mais adiante.

— Ora! Você acredita mesmo nisso?

— Sim, General. Eles virão atrás dela. Tenho certeza.

O homem ponderou.

— Então as víboras podem vigiá-la aqui. Supondo-se que ela não morra em razão dos ferimentos, você poderá mantê-la viva até o solstício de inverno. Depois disso, se nosso sacrifício transcorrer conforme planejado, a vida dela não terá o menor significado. A vida de nenhum mortal terá significado.

Luke ergueu o corpo inerte de Annabeth e o levou para longe da deusa.

— Você nunca vai encontrar o monstro que procura — disse Ártemis. — Seu plano fracassará.

— Como você sabe pouco, minha jovem deusa! — replicou o homem nas sombras. — Mesmo agora, quando suas queridas seguidoras começam a busca para encontrá-la, elas trabalham diretamente em meu favor. Agora, se nos desculpar, temos uma longa jornada a fazer. Precisamos ir ao encontro de suas Caçadoras e cuidar para que sua busca seja... desafiadora.

A gargalhada do homem ecoou na escuridão, fazendo tremer o chão até que todo o teto da caverna parecesse prestes a ruir.

Acordei com um sobressalto. Tinha certeza de que ouvira uma batida ruidosa.

Olhei à minha volta no chalé. Estava escuro lá fora. A fonte marítima ainda gorgolejava. Não havia outros ruídos, a não ser o pio de uma coruja no bosque e a distante arrebentação das ondas na praia. À luz do luar, em minha mesa de cabeceira, estava o boné do New York Yankees, de Annabeth. Eu o olhei fixamente por um segundo, e então: *BANGUE. BANGUE.*

Alguém, ou alguma coisa, estava batendo à minha porta.

Agarrei Contracorrente e saí da cama.

— Olá? — chamei.

TUM. TUM.

Fui me aproximando devagar da porta.

Destampeei a lâmina, abri bruscamente a porta e me vi cara a cara com um pégaso negro.

Ei, chefe! Sua voz soou em minha mente enquanto ele se esquivava da lâmina da espada. *Não quero virar espetinho de cavalo!*

Suas asas negras abriram-se com o susto, e o deslocamento de ar provocado me fez recuar um passo.

— Blackjack — disse eu aliviado, mas um tanto irritado. — Estamos no meio da noite!

Blackjack bufou. *Não mais, chefe. São cinco da manhã. Para que você ainda está dormindo?*

— Quantas vezes eu já lhe disse? Não me chame de chefe.

Como quiser, chefe. Você é o cara. É o número um.

Esfreguei os olhos para me livrar do sono e tentei não deixar que o pégaso lesse meus pensamentos. Esse é o problema em ser filho de Poseidon: como ele criava cavalos da espuma do mar, posso entender a maior parte dos animais equestres. No entanto, eles também podem me entender. Às vezes, como no caso de Blackjack, eles mais ou menos me adotam.

Veja: Blackjack foi prisioneiro a bordo do navio de Luke no último verão, até criarmos uma pequena confusão que lhe permitiu escapar. Na verdade, eu tivera muito pouco a ver com isso, mas Blackjack conferiu a mim o crédito de salvá-lo.

— Blackjack — disse eu —, você devia estar nos estábulos.

Hã, os estábulos. Você vê Quíron nos estábulos?

— Bem... não.

Pois é. Ouça, temos um outro amiguinho marinho que precisa da sua ajuda.

— De novo?

É. Eu disse aos cavalos-marinhos que viria buscar você.

Deixei escapar um gemido. Sempre que eu estava perto da praia, os cavalos-marinhos me pediam que

os ajudasse com seus problemas. E eles tinham um bocado de problemas. Baleias encalhadas, golfinhos presos em redes de pesca, sereias com a unha quebrada — eles me pediam que submergisse e ajudasse.

— Tudo bem — concordei. — Estou indo.

Você é o melhor, chefe.

— E não me chame de chefe!

Blackjack relinchou suavemente. Poderia ter sido uma risada.

Olhei para minha cama confortável. Meu escudo de bronze ainda pendia da parede, amassado e inutilizável. E, na mesinha de cabeceira, estava o boné mágico dos Yankees que pertencia a Annabeth. Num impulso, enfiei o boné no bolso. Acho que tinha o pressentimento, naquele exato momento, de que não voltaria ao chalé por muito tempo.

Blackjack me deu uma carona sobrevoando a praia, e tenho de admitir que foi bem legal. Montar um cavalo alado, roçar a superfície das ondas a mais de 150 quilômetros por hora com o vento nos cabelos e o borriço do mar no rosto — ei, isso é melhor do que esqui aquático!

Aqui. Blackjack reduziu a velocidade e traçou um arco no céu. *Agora é só descer reto.*

— Obrigado. — Desci de suas costas numa cambalhota e mergulhei no mar gelado.

Nos últimos dois anos, eu ganhara mais confiança em fazer proezas como essa. Podia me mover praticamente como quisesse debaixo da água, simplesmente ao determinar que as correntes oceânicas mudassem à minha volta e me impelissessem. Podia respirar debaixo da água, sem problemas, e minhas roupas nunca se molhavam, a menos que eu quisesse.

Mergulhei na escuridão.

Cinco, dez, quinze metros. A pressão não era desconfortável. Eu nunca havia tentado me testar — ver se havia um limite para a profundidade a que eu podia chegar. Sabia que a maior parte dos humanos comuns não podia ultrapassar os sessenta metros sem ser esmagada como uma lata de alumínio. Eu também deveria ficar sem visão em águas assim profundas à noite, mas conseguia ver o calor que emanava de formas vivas, e o frio das correntes. É difícil descrever. Não era como a visão comum, mas eu podia dizer onde todas as coisas estavam.

Ao me aproximar do fundo, vi três cavalos-marinhos — cavalos com rabo de peixe — nadando em círculo em torno de um barco emborcado. Os cavalos-marinhos eram lindos de se ver. Seus rabos de peixe tremeluziam com as cores do arco-íris, brilhando fosforescentes. Suas crinas eram brancas e eles galopavam pela água da maneira como cavalos nervosos fazem numa tempestade. Algo os estava aborrecendo.

Cheguei mais perto e vi o problema. Uma forma escura — algum animal — tinha metade do corpo presa sob o barco e emaranhada em uma rede de pesca, uma daquelas redes enormes que se usam em traineiras para pegar tudo de uma vez só. Eu odiava aquelas coisas. Já era ruim demais o fato de afogarem botos e golfinhos, mas, de vez em quando, também apanhavam animais mitológicos. Quando as redes se emaranhavam, alguns pescadores preguiçosos simplesmente as cortavam e deixavam os animais presos ali morrerem.

Parecia que aquela pobre criatura estivera chafurdando no fundo do estreito de Long Island e, de alguma forma, se embaracara na rede do barco de pesca naufragado. Tinha tentado se soltar, mas conseguira apenas ficar ainda mais enredada, fazendo o barco deslocar-se. Agora os destroços do casco, que se apoiava em uma pedra grande, oscilavam e ameaçavam desabar sobre o animal emaranhado.

Os cavalos-marinhos nadavam ao redor do barco freneticamente, querendo ajudar, mas sem saber como. Um tentava cortar a rede com os dentes, mas os dentes dos cavalos-marinhos não foram feitos para cortar corda. Os cavalos-marinhos são muito fortes, mas não têm mãos, e não são (shiii!) lá muito inteligentes.

Liberte-o, senhor!, pediu um cavalo-marinho ao me ver. Os outros juntaram-se a ele, fazendo o mesmo pedido.

Eu nadei até a criatura emaranhada para dar uma olhada mais de perto. A princípio, pensei que se tratasse de um jovem cavalo-marinho. Eu já havia resgatado vários deles. Mas ouvi um som estranho, algo que não pertencia ao mundo submarino.

— Muuuuuu!

Então me aproximei da coisa e vi que era uma vaca. Bem... eu já ouvira falar em peixes-bois e coisas assim, mas esse era de fato uma vaca com a extremidade posterior de uma serpente. A parte frontal era um bezerro — um bebê com pelo branco, olhos castanhos grandes e tristes e focinho também branco — e a segunda metade era um rabo preto e marrom escamoso com barbatanas em cima e embaixo, como uma enorme enguia.

— Ei, pequenino — disse eu. — De onde você veio?

A criatura me dirigiu um olhar triste.

— Muuuu!

Mas eu não conseguia compreender seus pensamentos. Eu só falava com cavalos.

Não sabemos o que ela é, senhor, disse um dos cavalos-marinhos. *Tem muitas coisas estranhas acontecendo.*

— É — murmurei. — Ouvi dizer.

Tirei a tampa de Contracorrente, e a espada atingiu seu tamanho natural em minhas mãos, a lâmina de bronze brilhando na escuridão.

A vaca-serpente assustou-se e começou a se debater na rede, os olhos cheios de terror.

— Ei! — chamei. — Não vou machucar você! Só vou cortar a rede.

Mas a vaca-serpente continuou a se debater, ficando ainda mais enrolada. O barco começou a se inclinar, agitando o lodo no fundo do mar e ameaçando desabar sobre a criatura. Os cavalos-marinhos começaram a relinchar em pânico e agitar-se na água, o que não ajudava em nada.

— Está bem, está bem! — disse eu. Guardei a espada e comecei a falar o mais tranquilamente possível para acalmar o pânico dos cavalos-marinhos e da vaca-serpente. Eu não sabia se era possível ser pisoteado debaixo d'água, mas não queria tentar descobrir. — Está tudo bem. Nada de espada. Está vendo? Sem espada. Pensamentos tranquilos. Grama marinha. Mamães vacas. Vegetarianismo.

Duvidava que a vaca-serpente estivesse entendendo o que eu dizia, mas ela reagiu ao tom da minha voz. Os cavalos-marinhos ainda estavam nervosos, mas pararam de rodopiar à minha volta com tanta velocidade.

Solte-a, senhor!, imploravam.

— Sim — afirmei. — Isso eu já entendi. Estou pensando.

Mas como eu podia libertar a vaca-serpente se ela (eu já havia concluído que provavelmente se tratava de uma menina) entrava em pânico diante de uma lâmina? Era como se já tivesse visto espadas antes e soubesse o quanto eram perigosas.

— Muito bem — disse eu aos cavalos-marinhos. — Preciso de todos vocês para empurrar exatamente da maneira como eu disser.

Primeiro começamos com o barco. Não era fácil, mas com a força de três cavalos, conseguimos deslocá-lo, de modo que não mais ameaçasse desabar sobre a vaca-serpente bebê. Então passei a trabalhar

na rede, desembaraçando-a parte por parte, soltando os pesos de chumbo e os anzóis, desfazendo nós em torno dos cascos da vaca-serpente. Isso levou uma vida — quer dizer, foi pior do que daquela vez em que tive de desemaranhar todos os fios dos controles do meu videogame. O tempo todo continuei falando com o peixe-vaca, dizendo-lhe que estava tudo bem, enquanto ele mugia e gemia.

— Está tudo bem, Bessie — afirmei. Não me pergunte por que comecei a chamá-la assim. Simplesmente me pareceu um bom nome para uma vaca. — Boa menina. Muito boa.

Finalmente a rede se soltou e a vaca-serpente deslizou velozmente pela água, dando um feliz salto mortal.

Os cavalos-marinhos relinchavam de alegria. *Obrigado, senhor!*

— Muuuu! — A vaca-serpente me focinhou e voltou os grandes olhos castanhos para mim.

— Sim — disse eu. — Tudo bem. Boa menina. Bem... fique longe de confusão.

O que me lembrou de uma coisa: havia quanto tempo eu estava debaixo d'água? Uma hora, pelo menos. Tinha de voltar para meu chalé antes que Argos ou as harpias descobrissem que eu estava descumprindo os horários.

Disparei para a superfície e emergi. Imediatamente Blackjack apareceu e deixou que eu me agarrasse a seu pescoço. Ele me ergueu no ar e me levou de volta à praia.

Sucesso, chefe?

— Sim. Resgatamos um bebê... de alguma coisa. Levou uma vida. Quase fui pisoteado.

As boas ações são sempre perigosas, chefe. Você salvou a minha pobre crina, não foi?

Eu não pude deixar de pensar no meu sonho, com Annabeth encolhida e inerte nos braços de Luke. Ali estava eu resgatando bebês monstros, mas não podia salvar minha amiga.

Quando Blackjack voava de volta ao meu chalé, olhei por acaso para o pavilhão do refeitório. Avistei um vulto — um garoto agachado atrás de uma coluna grega, como se estivesse se escondendo de alguém.

Era Nico, mas ainda nem havia amanhecido. Não estava nem perto do horário do café da manhã. O que ele estava fazendo ali?

Hesitei. A última coisa que eu queria era Nico me falando de seu jogo de Mitomagia. Mas alguma coisa estava errada. Eu podia ver pela maneira como ele se abaixava.

— Blackjack — pedi —, deixe-me ali adiante, o.k.? Atrás daquela coluna.

Eu quase estraguei tudo.

Estava subindo os degraus atrás de Nico. Ele não me viu. Espiando atrás da coluna, ele tinha toda a atenção voltada para a área das mesas. Eu estava a um metro e meio dele, e prestes a perguntar *O que está fazendo?* em voz alta, quando me ocorreu que ele estava dando uma de Grover: estava espionando as Caçadoras.

Ouviam-se vozes — duas garotas conversando em uma das mesas. Àquela hora da manhã? Bem, a menos que você seja a deusa do amanhecer...

Tirei o boné mágico de Annabeth do bolso e o pus na cabeça.

Não me senti diferente em nada, mas quando ergui os braços não pude vê-los. Eu estava invisível.

Avancei sorrateiramente até Nico e olhei dali. Não podia enxergar bem as garotas na escuridão, mas conhecia as vozes: eram Zoë e Bianca. Parecia que estavam discutindo.

— *Não pode* ser curada — ia dizendo Zoë. — Pelo menos não depressa.

— Mas como aconteceu? — perguntou Bianca.

— Uma brincadeira boba — grunhiu Zoë. — Aqueles irmãos Stoll, do chalé de Hermes. Sangue de centauro é como ácido. Todo o mundo sabe disso. Eles borrifaram a parte interna daquela camiseta do Tour de Caça de Ártemis.

— Isso é terrível!

— Ela vai sobreviver — disse Zoë. — Mas vai ficar acamada por semanas com urticárias horríveis. Não tem como ela ir. Agora somos eu... e você.

— Mas a profecia — disse Bianca. — Se Febe não pode ir, somos apenas quatro. Vamos ter de escolher outra.

— Não temos tempo — replicou Zoë. — Precisamos partir à primeira luz da manhã. Isto é, imediatamente. Além disso, a profecia disse que perderíamos um.

— Na terra ressecada — lembrou Bianca —, e esse lugar não pode ser aqui.

— Talvez seja — ponderou Zoë, embora não parecesse convencida. — O acampamento tem limites mágicos. Nada, nem mesmo as condições meteorológicas, entra sem permissão. *Poderia* ser uma terra ressecada.

— Mas...

— Bianca, me escutai. — A voz de Zoë estava tensa. — Eu... eu não sei explicar, mas tenho a sensação de que *não* devemos escolher outra pessoa. Seria perigoso demais. Ela teria um fim pior do que o de Febe. Não quero que Quíron escolha um campista como nosso quinto companheiro. E... não quero pôr em risco outra Caçadora.

Bianca ficou calada por alguns instantes.

— Você devia contar a Thalia o resto do seu sonho.

— Não. Não ajudaria em nada.

— Mas se suas suspeitas estiverem corretas, em relação ao General...

— Tenho a vossa palavra de que não falaríeis sobre isso — cortou Zoë. Ela parecia de fato aflita. — Vamos descobrir logo. Agora vinde. O dia está raiando.

Nico saiu do caminho delas. Ele foi mais rápido do que eu.

Quando desciam apressadas os degraus, Zoë quase deu um encontrão em mim. Ela ficou imóvel, os olhos se estreitando. A mão dirigiu-se ao arco, mas nesse momento Bianca disse:

— As luzes da Casa Grande estão acesas. Depressa!

E Zoë a seguiu, deixando o pavilhão.

Eu sabia o que Nico estava pensando. Ele respirou fundo e estava prestes a sair correndo atrás da irmã quando tirei o boné da invisibilidade e disse:

— Espere.

Ele quase escorregou nos degraus cobertos de gelo quando girou para dar de cara comigo.

— De onde você veio?

— Estava aqui o tempo todo. Invisível.

Ele repetiu em silêncio a palavra *invisível*.

— Uau! Que legal!

— Como é que você sabia que Zoë e sua irmã estavam aqui?

Ele enrubescceu.

— Ouvi quando passaram pelo chalé de Hermes. Eu não... eu não durmo muito bem aqui no acampamento. Assim, ouvi passos e as duas sussurrando. E então vim atrás delas.

— E agora está pensando em segui-las na busca — adivinhei.

— Como é que você sabe?

— Porque, se fosse minha irmã, eu provavelmente estaria pensando a mesma coisa. Mas você não pode.

Ele me olhou, desafiador.

— Porque sou muito novo?

— Porque não vão deixá-lo. Vão pegá-lo e mandá-lo de volta para cá. E... é, porque é muito novo. Lembra-se do manticore? Vai haver muitos mais como aquele. Ainda mais perigosos. Alguns dos heróis morrerão.

Os ombros dele se curvaram. Ele transferiu seu peso de um pé para o outro.

— Talvez você tenha razão. Mas... mas *você* pode ir por mim.

— Como?

— Você pode ficar invisível. Você pode ir!

— As Caçadoras não gostam de garotos — lembrei a ele. — Se descobrirem...

— Não deixe que descubram. Siga-as invisível. Fique de olho na minha irmã! Você precisa fazer isso.

Por favor...

— Nico...

— Você está pretendendo ir de qualquer jeito, não está?

Eu queria dizer não. Mas ele me olhou nos olhos e, por alguma razão, não pude mentir.

— Sim — disse eu. — Preciso encontrar Annabeth. Preciso ajudar, mesmo que não queiram a minha ajuda.

— Eu não vou denunciar você — garantiu ele. — Mas precisa prometer que vai manter minha irmã em segurança.

— Eu... essa é uma promessa muito difícil, Nico, numa viagem assim. Além disso, ela tem Zoë, Grover e Thalia...

— Prometa — insistiu ele.

— Darei o máximo de mim. Isso eu prometo.

— Então ande, vá! — disse ele. — Boa sorte!

Era loucura. Eu não havia arrumado nada. Não tinha nada comigo exceto o boné, a espada e as roupas que estava usando. Eu devia ir para casa, em Manhattan, naquela manhã.

— Diga a Quíron...

— Eu invento alguma coisa. — Nico deu um sorriso travesso. — Sou bom nisso. Vá!

Corri, pondo o boné de Annabeth na cabeça. Enquanto o sol se levantava, fiquei invisível. Cheguei ao topo da Colina Meio-Sangue a tempo de ver a van do acampamento desaparecendo na estrada rural, provavelmente com Argos levando o grupo de busca até a cidade. Depois disso, estariam por sua própria conta e risco.

Senti uma pontada de culpa, e de estupidez também. Como é que eu esperava acompanhá-los? Correndo?

Então ouvi asas imensas batendo. Blackjack pousou ao meu lado. Ele começou a fuçar casualmente alguns tufo de grama que se projetavam através do gelo.

Se me perguntassem, chefe, eu diria que você está precisando de um cavalo voador. Está interessado?

Um nó de gratidão se formou em minha garganta, mas consegui dizer:

— Sim. Vamos voar.

O problema de voar em um pégaso durante o dia é que, se você não tomar cuidado, pode causar um grave acidente de trânsito na autoestrada de Long Island. Tive de manter Blackjack acima das nuvens, que, felizmente, no inverno eram bem baixas. Avançávamos, tentando manter no campo de visão a van branca do Acampamento Meio-Sangue. E, se estava frio no chão, estava mais ainda no ar, com a chuva gelada ferroando minha pele.

Eu lamentava não ter levado a roupa de baixo cor de laranja — e térmica — que vendiam na lojinha do acampamento, mas, depois da história de Febe e da camiseta com sangue de centauro, não tinha mais certeza se confiava nos produtos de lá.

Perdemos a van de vista duas vezes, mas eu tinha o forte pressentimento de que entrariam em Manhattan primeiro, portanto, não foi muito difícil encontrar seu rastro novamente.

O trânsito estava ruim por causa do feriado. A manhã já ia pelo meio quando chegaram à cidade. Pousei com Blackjack perto do topo do Edifício Chrysler e fiquei observando a van branca, pensando que ela iria parar na rodoviária, mas o veículo prosseguiu.

— Para onde Argos está levando o grupo? — murmurei.

Ah, Argos não está dirigindo, chefe, disse-me Blackjack. É a garota.

— Qual garota?

A Caçadora. Com aquele negócio prateado que parece uma coroa no cabelo.

— Zoë?

Ela mesma. Ei, olhe! Uma loja de donuts. Podemos comprar alguma coisa para viagem?

Tentei explicar a Blackjack que levar um cavalo voador para uma loja de *donuts* provocaria um ataque cardíaco em todos os policiais que estivessem por perto, mas ele parecia não compreender. Enquanto isso, a van continuava seu caminho sinuoso na direção do Túnel Lincoln. Nunca me ocorrera que Zoë soubesse dirigir. Ela parecia não ter nem dezesseis anos. Mas, afinal, era imortal. Perguntei-me se ela teria carteira de Nova York, e, nesse caso, qual seria sua data de nascimento.

— Bem — disse eu. — Vamos atrás deles.

Estávamos prontos para decolar do Edifício Chrysler quando Blackjack relinchou, alarmado, e quase me derrubou. Alguma coisa se enroscava em minha perna como uma cobra. Levei a mão à minha espada, mas, quando olhei para baixo, não havia nenhuma cobra. Videiras haviam brotado das rachaduras entre as pedras do edifício. Elas estavam se enrolando nas pernas de Blackjack, golpeando meus tornozelos, de maneira que não pudéssemos nos mover.

— Estão indo a algum lugar? — perguntou o sr. D.

Ele estava encostado ao edifício, com os pés levitando, o agasalho esportivo de estampa de leopardo e os cabelos negros sendo açoitados pelo vento.

Alerta dos deuses!, gritou Blackjack. *É o cara do vinho!*

O sr. D suspirou exasperado.

— A próxima pessoa, *ou cavalo*, que me chamar de “cara do vinho” vai acabar numa garrafa de Merlot!

— Sr. D. — Eu tentava manter a voz calma enquanto as videiras continuavam a envolver minhas pernas. — O que o senhor quer?

— Ah, o que *eu* quero? Você pensou talvez que o imortal e todo-poderoso diretor do acampamento não perceberia sua saída sem permissão?

— Bem... talvez.

— Eu devia atirá-lo de cima deste edifício, sem o cavalo alado, e ver o quanto heroico você se mostra no trajeto até lá embaixo.

Cerrei os punhos. Eu sabia que devia manter a boca fechada, mas o sr. D estava prestes a me matar ou me arrastar de volta para o acampamento, coberto de vergonha, e eu não podia suportar nenhuma das duas possibilidades.

— Por que o senhor me odeia tanto? O que foi que eu lhe fiz?

Chamas púrpura cintilaram em seus olhos.

— Você é um herói, garoto. Não preciso de nenhuma outra razão.

— Eu *tenho* de ir nessa busca! Tenho de ajudar meus amigos. Isso é algo que o senhor não compreende.

Hum, chefe, disse Blackjack, nervoso. *Preso assim nessas videiras, a trezentos metros do chão, talvez fosse melhor você ser gentil.*

As videiras continuavam a se enroscar, me apertando ainda mais. Lá embaixo, a van branca ia se afastando. Logo estaria fora do campo de visão.

— Eu já lhe contei sobre Ariadne? — perguntou o sr. D. — Uma princesa linda e jovem de Creta? Ela também gostava de ajudar os amigos. Na verdade, ajudou um jovem herói chamado Teseu, também filho de Poseidon. Ela lhe deu um novelo de fio mágico que permitiu que ele encontrasse o caminho para sair do Labirinto. E sabe como Teseu a recompensou?

A resposta que eu queria dar era *Não estou nem aí!* Mas não achava que isso fosse fazer o sr. D terminar a história mais rápido.

— Eles se casaram — respondi. — Felizes para sempre. O fim.

O sr. D me dirigiu uma expressão de escárnio.

— Não exatamente. Teseu *disse* que se casaria com ela. Ele a levou para bordo do seu navio e velejou em direção a Atenas. No meio do caminho, numa ilhota chamada Naxos, ele... qual é a palavra que vocês mortais usam hoje?... ele a *dispensou*. Eu a encontrei lá, você sabe. Sozinha. Inconsolável. Chorando até não poder mais. Ela abriu a mão de tudo, havia deixado tudo que conhecia para trás, para ajudar um galante e jovem herói, que a jogou fora como se ela fosse um chinelo arrebitado.

— Isso é errado — disse eu. — Mas aconteceu há milhares de anos. O que isso tem a ver comigo?

O sr. D me olhou com frieza.

— Eu me apaixonei por Ariadne, garoto. Curei seu coração partido. E, quando ela morreu, fiz dela minha esposa imortal no Olimpo. Ela está à minha espera neste exato momento. E voltarei para ela quando tiver terminado esse infernal século de punição em seu acampamento ridículo.

Eu o fitei.

— O senhor... o senhor é casado? Mas pensei que tivesse se metido numa enrascada por perseguir uma ninfa do bosque...

— A *questão* é que vocês heróis nunca mudam. Vocês acusam nós, os deuses, de sermos fúteis. Deviam olhar para si mesmos. Vocês fazem o que querem, usam quem precisam usar, e então traem todos à sua volta. Assim, queira me desculpar se não tenho o menor amor pelos heróis. Eles são um bando de egoístas e ingratos. Pergunte a Ariadne. Ou a Medeia. E pode perguntar também a Zoë Doce-Amarga.

— O que quer dizer com pode perguntar a Zoë?

Ele agitou a mão com indiferença.

— Vá. Siga seus tolos amigos.

As videiras se desenroscaram de minhas pernas.

Pisquei, incrédulo.

— O senhor... o senhor está me deixando partir? Simples assim?

— A profecia diz que pelo menos dois de vocês vão morrer. Talvez eu tenha sorte e você seja um deles. Mas, preste atenção às minhas palavras, Filho de Poseidon, quer você viva ou morra, não vai provar que é melhor do que os outros heróis.

Com isso, Dioniso estalou os dedos. Sua imagem dobrou-se como um folder. Ouviu-se um *pop* e ele se foi, deixando um leve aroma de uvas que foi rapidamente levado pelo vento.

Essa foi por pouco, disse Blackjack.

Concordei, embora eu talvez ficasse menos preocupado se o sr. D tivesse me arrastado de volta para o acampamento. O fato de ele ter me deixado ir significava que acreditava de verdade que tínhamos uma boa chance de fracassar totalmente naquela busca.

— Venha, Blackjack — disse eu, tentando parecer alegre. — Vou comprar alguns *donuts* para você em New Jersey.

Acabou que não comprei *donuts* para Blackjack em New Jersey. Zoë seguia para o sul como uma louca, e já estávamos em Maryland antes que ela finalmente estacionasse numa parada, para descansar. Blackjack quase despencou do céu, de tão cansado que estava.

Vou ficar bem, chefe, arquejou ele. *Só estou... só estou recuperando o fôlego.*

— Fique aqui — ordenei. — Eu vou espionar.

Essa ordem eu posso cumprir. Isso eu posso fazer.

Coloquei o boné da invisibilidade e fui até a loja de conveniência. Era difícil não me esconder. Eu tinha de ficar me lembrando de que ninguém podia me ver. Era difícil também porque eu tinha de me lembrar de sair do caminho das pessoas para que elas não esbarrassem em mim.

Pensei em entrar e me aquecer, quem sabe comprar uma xícara de chocolate quente ou algo assim. Eu tinha uns trocados no bolso. Podia deixar o dinheiro sobre o balcão. Estava me perguntando se a xícara ficaria invisível quando eu a segurasse, ou se eu teria de lidar com um problema de chocolate quente flutuante, quando todo o meu plano foi arruinado por Zoë, Thalia, Bianca e Grover, todos saindo da loja.

— Grover, você tem certeza? — indagou Thalia.

— Bem, quase absoluta. Noventa e cinco por cento. O.k. Oitenta e cinco.

— E você fez isso com bolotas de carvalho? — perguntou Bianca, como se não pudesse acreditar.

Grover pareceu ofendido.

— É um feitiço de rastreamento consagrado pelo tempo. Ora, estou bastante seguro de que fiz tudo certo.

— Washington, D.C., fica a cerca de cem quilômetros daqui — disse Bianca. — Nico e eu... — Ela franziu a testa. — Nós morávamos lá. Que... estranho. Eu tinha esquecido.

— Não gosto disso — afirmou Zoë. — Devíamos ir diretamente para o oeste. A profecia disse oeste.

— Ah, como se suas habilidades de rastreamento fossem melhores... — grunhiu Thalia.

Zoë deu um passo na direção dela.

— Estais desafiando minhas habilidades, sua desvalida? Vós não sabeis *nada* sobre o que é ser uma Caçadora!

— Ah, *desvalida*? Está *me* chamando de desvalida? Que diabos é uma desvalida?

— Ei, vocês duas — disse Grover, nervoso. — Ora, vamos. De novo, não.

— Grover tem razão — interveio Bianca. — Washington é a nossa melhor aposta.

Zoë não parecia convencida, mas assentiu, relutante.

— Muito bem. Vamos em frente.

— Você vai acabar nos fazendo parar na cadeia, dirigindo dessa maneira — grunhiu Thalia. — Pareço mais ter dezesseis anos que você.

— Talvez — disse Zoë, asperamente. — Mas eu dirijo desde que os automóveis foram inventados. Vamos, andai.

Enquanto Blackjack e eu rumávamos para o sul, seguindo a van, eu me perguntava se Zoë estaria brincando. Eu não sabia exatamente quando os carros foram inventados, mas imaginava que isso fora quase em eras pré-históricas... na época em que as pessoas assistiam à TV preto e branco e caçavam dinossauros.

Quantos anos tinha Zoë? E a que o sr. D se referira? Que experiência ruim ela tivera com heróis?

À medida que nos aproximávamos de Washington, Blackjack começou a reduzir a velocidade e a altitude. Ele respirava pesadamente.

— Você está bem? — perguntei a ele.

Tudo bem, chefe. Eu poderia... poderia enfrentar um exército.

— Você não parece tão bem. — E de repente eu me senti culpado, pois vinha montando o pégaso por meio dia, sem parar, tentando acompanhar o trânsito das estradas. Mesmo para um cavalo alado, isso devia ser duro.

Não se preocupe comigo, chefe! Eu sou durão.

Achava que ele tinha razão, mas acreditava também que Blackjack se esborracharia no chão antes de se queixar, e eu não queria isso.

Felizmente, a van começou a desacelerar. Então cruzou o Rio Potomac, entrando no centro de Washington. Comecei a pensar em patrulhas aéreas, mísseis e coisas assim. Eu não sabia exatamente como todas essas defesas funcionavam, e não tinha certeza se pégasos apareciam em radares militares comuns, mas não queria descobrir sendo abatido no céu.

— Deixe-me ali — pedi a Blackjack. — É perto o suficiente.

Blackjack estava tão cansado que não reclamou. Ele desceu na direção do Monumento de Washington e me deixou na grama.

A van estava a apenas algumas quadras dali. Zoë havia estacionado junto ao meio-fio.

Olhei para Blackjack.

— Quero que você volte para o acampamento. Descanse um pouco. Paste. Vou ficar bem.

Blackjack inclinou a cabeça, cético. *Tem certeza, chefe?*

— Você já fez bastante — respondi. — Vou ficar bem. E obrigado um milhão de vezes.

Um milhão de toneladas de feno, talvez, refletiu Blackjack. *Isso seria ótimo. Tudo bem, mas tenha cuidado, chefe. Tenho a sensação de que eles não vieram aqui para encontrar ninguém tão amistoso e bonito quanto eu.*

Prometi que teria cuidado. Então Blackjack levantou voo, circulando duas vezes o monumento antes de desaparecer em meio às nuvens.

Olhei na direção da van branca. Estavam todos saltando. Grover apontava na direção de um dos grandes edifícios que se alinhavam ao longo do National Mall. Thalia assentiu, e os quatro se puseram a caminhar no vento frio.

Comecei a segui-los. Mas então me detive.

A uma quadra de distância, a porta de um sedã preto se abriu. Um homem de cabelos grisalhos e porte militar saltou. Ele usava óculos escuros e sobretudo preto. Bem, talvez em Washington, seja de se esperar que haja sujeitos como aquele por toda parte. Mas me ocorreu que eu vira aquele mesmo carro algumas vezes na estrada, indo para o sul. Ele estivera seguindo a van.

O homem pegou o celular e conversou alguma coisa. Então olhou ao redor, como se estivesse se certificando de que o caminho estava livre, e começou a descer o Mall na direção dos meus amigos.

O pior de tudo: quando ele se virou na minha direção, eu o reconheci. Era o dr. Espinheiro, o manticore de Westover Hall.

Com o boné da invisibilidade, segui Espinheiro a certa distância. Meu coração batia forte. Se ele tinha sobrevivido àquela queda no abismo, então Annabeth também devia ter sobrevivido. Meus sonhos estavam certos. Ela estava viva e sendo mantida como prisioneira.

Espinheiro seguia meus amigos, tomando cuidado para não ser visto.

Por fim, Grover parou diante de um prédio grande em que se lia MUSEU NACIONAL AEROESPACIAL. O Smithsonian! Eu estivera ali um milhão de anos atrás com minha mãe, mas naquela época tudo parecera tão maior!

Thalia verificou a porta. Estava aberta, mas não havia muitas pessoas entrando. Frio demais, e as escolas estavam de férias. Eles entraram.

O dr. Espinheiro hesitou. Eu não sabia por quê, mas ele não entrou no museu. Virou-se, preparando-se para cruzar o Mall. Numa fração de segundos tomei a decisão e o segui.

Espinheiro atravessou a rua e subiu os degraus do Museu de História Natural. Havia uma grande placa na porta. A princípio, pensei que ali estivesse escrito FECHADO PARA EVENTO PIRATA. Então me dei conta de que onde eu lera PIRATA devia ser PRIVADO.

Segui o dr. Espinheiro para o interior do museu, passando por uma imensa câmara cheia de esqueletos de mastodontes e dinossauros. Eu ouvia vozes mais à frente, vindas de trás de um conjunto de portas fechadas. Dois guardas estavam postados do lado de fora. Eles abriram a porta para Espinheiro, e eu tive

de correr para entrar antes que a fechassem novamente.

Lá dentro, o que vi era tão terrível que quase arquejei alto e bom som, o que provavelmente teria provocado a minha morte.

Eu estava em uma imensa sala redonda com um balcão que seguia em círculo no segundo nível. Pelo menos uma dúzia de sentinelas mortais montavam guarda no balcão, mais dois monstros — mulheres reptílicas com dois troncos de serpentes em lugar de pernas. Eu já as vira antes. Annabeth as chamara de víboras de Cícia.

Mas isso ainda não era o pior. De pé entre as duas mulheres-cobras — e eu podia jurar que ele olhava diretamente para mim — estava meu velho inimigo Luke. Ele tinha uma aparência terrível. Sua pele estava pálida e seus cabelos louros pareciam quase cinza, como se tivesse envelhecido dez anos em apenas alguns meses. O brilho raivoso em seus olhos ainda estava lá, assim como a cicatriz que descia pela lateral do rosto, onde um dragão certa vez o arranhara. A cicatriz, porém, tinha agora um feio tom avermelhado, como se tivesse sido reaberta recentemente.

Perto dele, sentado de forma que as sombras o cobrissem, estava outro homem. Tudo o que eu podia ver eram os nós de seus dedos nos braços folheados a ouro da cadeira, que se assemelhava a um trono.

— Então? — perguntou o homem na cadeira. Sua voz era igual à que eu ouvira em meu sonho, não tão apavorante quanto a de Cronos, porém mais profunda e forte, como se a própria terra estivesse falando. O som preenchia toda a sala, embora ele não estivesse gritando.

O dr. Espinheiro tirou os óculos. Seus olhos de duas cores, castanho e azul, brilhavam de excitação. Ele fez uma reverência rígida e então falou com seu estranho sotaque francês:

— Eles estão aqui, General.

— Sei disso, seu tolo — rugiu o homem. — Mas onde?

— No museu do foguete.

— O Museu Aeroespacial — corrigiu Luke, irritado.

O dr. Espinheiro fulminou Luke com os olhos.

— Como quiser, *senhor*.

Tive a sensação de que Espinheiro preferiria empalar Luke com um de seus espinhos a chamá-lo de senhor.

— Quantos? — perguntou Luke.

Espinheiro fingiu não ouvir.

— *Quantos?* — perguntou, impaciente, o General.

— Quatro, General — respondeu Espinheiro. — O sátiro, Grover Underwood. E a garota com o cabelo preto arrepiado, roupas... como é que vocês dizem... *punk*, e o horrível escudo.

— Thalia — disse Luke.

— E duas outras garotas, Caçadoras. Uma usa um arco de prata na cabeça.

— *Essa* eu conheço — grunhiu o General.

Todos na sala se mexeram, desconfortáveis.

— Deixe-me pegá-los — pediu Luke ao General. — Temos mais do que o suficiente...

— Paciência — disse o General. — Eles já devem estar com as mãos cheias. Mande um amiguinho para mantê-los ocupados.

— Mas...

— Não podemos pôr você em risco, meu garoto.

— É, *garoto* — disse o dr. Espinheiro com um sorriso cruel. — Você é frágil demais para correr o risco. Deixe que *eu* acabo com eles.

— Não. — O General se levantou e eu pude vê-lo pela primeira vez.

Era alto e musculoso, com pele morena clara e cabelo escuro penteado para trás com gel. Usava um terno caro de seda marrom, como os que se veem em Wall Street, mas você nunca confundiria esse cara com um corretor. Ele tinha um rosto brutal, ombros imensos e mãos que poderiam quebrar um mastro ao meio. Seus olhos eram como pedra. Eu tinha a sensação de estar olhando para uma estátua viva. Era impressionante que ele pudesse até mesmo se mover.

— Você já me decepcionou, Espinheiro — disse ele.

— Mas, General...

— Nada de desculpas!

Espinheiro encolheu-se. Da primeira vez que o vi com seu uniforme preto na academia militar, pensei que Espinheiro era assustador. Mas agora, diante do General, Espinheiro parecia um tolo aspirante a soldado. Era o General que interessava. Ele não precisava de uniforme. Era um comandante nato.

— Eu devia atirá-lo nos abismos do Tártaro por sua incompetência — disse o General. — Eu o enviei para capturar o filho de um dos três deuses mais velhos, e você me traz a magricela da filha de Atena.

— Mas você me prometeu vingança! — protestou Espinheiro. — Um comando só meu!

— Eu sou o comandante sênior do Senhor Cronos — disse o General. — E vou escolher tenentes que me tragam resultados! Foi somente graças a Luke que conseguimos salvar nosso plano. Agora saia da minha vista, Espinheiro, até que eu encontre outra tarefa inferior para você.

O rosto de Espinheiro ficou roxo de raiva. Pensei que ele fosse começar a espumar pela boca ou a disparar espinhos, mas ele se limitou a curvar-se desajeitadamente e deixou a sala.

— Agora, meu garoto. — O General voltou-se para Luke. — A primeira coisa que precisamos fazer é isolar a meio-sangue Thalia. O monstro que procuramos então virá até ela.

— Será difícil nos livrarmos das Caçadoras — observou Luke. — Zoë Doce-Amarga...

— Não fale o nome dela!

Luke engoliu em seco.

— De-desculpe-me, General. Eu só...

O General o silenciou com um gesto da mão.

— Vou mostrar a você, meu garoto, como vamos vencer as Caçadoras.

Ele apontou para um guarda no primeiro piso.

— Você tem os dentes?

O sujeito tropeçou adiante com um pote de cerâmica.

— Sim, General!

— Plante-os — ordenou ele.

No centro da sala havia um grande círculo de terra, onde eu imaginava que haveria uma exposição de dinossauros. Observei com nervosismo o guarda pegar dentes brancos e afiados no pote e enfiá-los na terra. Então alisou a terra enquanto o General sorria friamente.

O guarda recuou, afastando-se da terra, e limpou as mãos.

— Pronto, General!

— Excelente! Regue-os, e então deixaremos que farejem sua presa.

O guarda apanhou um pequeno regador de estanho com pintura de margaridas, o que era meio bizarro, pois o que saía dali não era água. Era um líquido vermelho-escuro, e eu tinha a sensação de que aquilo não era Ponche Havaiano.

O solo começou a borbulhar.

— Logo — disse o General —, eu vou lhe mostrar, Luke, soldados que farão seu exército naquele barquinho parecer insignificante.

Luke cerrou os punhos.

— Passei um ano treinando minhas forças! Quando o *Princesa Andrômeda* chegar à montanha, elas serão as melhores...

— Ah! — disse o General. — Eu não nego que suas tropas constituirão uma excelente guarda de honra para o Senhor Cronos. E você, naturalmente, terá um papel a desempenhar...

Achei que Luke ficou mais pálido quando o General disse isso.

— ... mas, sob a minha liderança, as forças do Senhor Cronos se multiplicarão por cem. Nós seremos invencíveis. Observe minhas definitivas máquinas mortíferas.

O solo rompeu. Dei um passo para trás, nervoso.

Em cada ponto em que um dente havia sido plantado, uma criatura se erguia da terra. A primeira delas disse:

— Miau?

Era um gatinho. Um pequenino filhote alaranjado, com listras como as de um tigre. Então surgiu outro, até que havia uma dúzia deles, rolando de um lado para o outro e brincando na terra.

Todos os olhavam, incrédulos. O General rugiu.

— *O que é isto? Gatinhos fofinhos? Onde você encontrou aqueles dentes?*

O guarda que havia trazido os dentes encolheu-se de medo.

— Na exibição, senhor! Exatamente como o senhor disse. O tigre-dentes-de-sabre...

— Não, seu idiota! Eu disse o tiranossauro! Recolha essas... essas bestinhas peludas infernais e leve-as para fora. E nunca mais apareça na minha frente.

O guarda aterrorizado deixou cair o regador, recolheu os gatinhos e saiu precipitadamente da sala.

— Você! — O General apontou para outro guarda. — Vá buscar os *dentes certos*. AGORA!

O novo guarda correu para cumprir as ordens.

— Imbecis — murmurou o General.

— É por isso que não utilizo mortais — disse Luke. — Eles não são confiáveis.

— Eles são tolos, fáceis de comprar e violentos — disse o General. — Eu os amo.

Um minuto depois, o guarda entrou correndo na sala com as mãos cheias de dentes grandes e pontudos.

— Excelente — disse o General. Então subiu na balaustrada do balcão e saltou da altura de seis metros.

O piso de mármore rachou sob seus sapatos de couro no ponto em que ele aterrissou. Ele se endireitou, estremeando, e massageou os ombros.

— Maldito pescoço duro.

— Quer outra compressa quente, senhor? — perguntou um guarda. — Mais Tylenol?

— Não! Vai passar. — O General alisou o terno de seda e então pegou os dentes. — Eu mesmo vou fazer isso.

Ele ergueu um dos dentes e sorriu.

— Dentes de dinossauro... ah! Esses tolos mortais não sabem nem quando têm dentes de dragão em seu poder. E não se trata de dentes de um dragão *qualquer*. Estes vêm da velha Síbaris em pessoa. Vão servir perfeitamente.

Ele os plantou na terra, doze ao todo. Então apanhou o regador, molhou o solo com o líquido vermelho, atirou o regador longe e abriu bem os braços.

— Levantem-se!

A terra estremeceu. Uma única e esquelética mão surgiu da terra, tentando agarrar-se ao ar.

O General ergueu os olhos para o balcão.

— Rápido, vocês têm a essência?

— Ssssim, ssssenhor — disse uma das senhoras-cobras. Ela pegou uma faixa de tecido prateado, como o que as caçadoras usavam.

— Excelente — disse o General. — Assim que meus guerreiros sentirem esse cheiro, vão perseguir seu dono incansavelmente. Nada poderá detê-los, nenhuma arma que meios-sangues ou Caçadoras conheçam. Eles vão estraçalhar as Caçadoras e seus aliados. Jogue aqui!

Quando ele disse isso, esqueletos surgiram da terra. Eram doze, um para cada dente que o General havia plantado. Não se pareciam em nada com os esqueletos do Halloween, ou do tipo que se pode ver em filmes de quinta categoria. Nesses, enquanto eu olhava, a carne ia se formando, transformando-os em homens, mas homens com a pele cinza opaca, olhos amarelos e roupas modernas — camisetas justas cinza, calças camufladas e botas de combate. Se você não olhasse com muita atenção, podia quase acreditar que eram humanos, mas sua carne era transparente e seus ossos bruxuleavam sob ela, como imagens de raios X.

Um deles olhou diretamente para mim, observando-me com frieza, e eu sabia que nenhum boné de invisibilidade o enganaria.

A senhora-cobra soltou a echarpe, que flutuou em direção à mão do General. Assim que ele a desse aos guerreiros, eles caçariam Zoë e os outros até destruí-los.

Eu não tinha tempo para pensar. Corri e pulei com toda a minha força, abrindo espaço entre os guerreiros e agarrando a echarpe no ar.

— O que foi isto? — berrou o General.

Aterrissei aos pés de um guerreiro esqueleto, que sibilou.

— Um intruso — rosnou o General. — Envolto no manto da escuridão. Cerrem as portas!

— É Percy Jackson! — gritou Luke. — Só pode ser.

Disparei para a saída, mas ouvi o som de tecido se rasgando e percebi que o guerreiro-esqueleto havia arrancado um pedaço da manga da minha roupa. Quando olhei para trás, ele segurava o tecido junto ao nariz, sentindo o cheiro e passando-o para os seus amigos. Eu queria gritar, mas não podia. Passei espremido pela porta no momento em que os guardas a fechavam e ela bateu violentamente atrás de mim.

E então corri.

Atravessei o Mall em disparada, sem ousar olhar para trás. Irrompi no Museu Aeroespacial e tirei o boné de invisibilidade assim que passei pela área de entrada.

A parte principal do museu era um espaço imenso com foguetes e aviões pendendo do teto. Três níveis de balcões se espiralavam em torno do espaço, de modo que você podia olhar as exposições de diferentes alturas. O lugar não estava lotado. Eram apenas algumas poucas famílias e uns dois grupos de excursão de crianças, provavelmente numa daquelas viagens escolares de férias. Eu queria gritar para que eles fossem embora, mas concluí que isso só me faria ser preso. Precisava encontrar Thalia e Grover e as Caçadoras. A qualquer minuto os esqueletos iriam invadir o museu, e eu não achava que eles se contentariam com uma audiotour.

Esbarrei com Thalia — literalmente. Eu estava subindo a rampa para o último balcão e me choquei contra ela, derrubando-a numa cápsula espacial da Apollo.

Grover gritou, surpreso.

Antes que eu pudesse recuperar meu equilíbrio, Zoë e Bianca tinham flechas apontadas para o meu peito. Seus arcos tinham simplesmente surgido do nada.

Quando Zoë se deu conta de quem eu era, não pareceu ansiosa para baixar o arco.

— Vós! Como ousais mostrar vossa cara aqui?

— Percy! — exclamou Grover. — Graças a Deus.

Zoë fuzilou-o com os olhos, e ele enrubesceu.

— Isto é, hum, aos deuses. Você não devia estar aqui!

— Luke — disse eu, tentando recuperar o fôlego. — Ele está aqui.

A raiva nos olhos de Thalia imediatamente se dissolveu. Ela pôs a mão no bracelete de prata.

— Onde?

Contei a eles sobre o Museu de História Natural, o sr. Espinheiro, Luke e o General.

— O General está *aqui*? — Zoë parecia estupefata. — Isso é impossível. Estais mentindo.

— Por que eu mentiria? Olhem, não temos tempo. Guerreiros-esqueletos...

— O *quê*? — perguntou Thalia. — Quantos?

— Doze — respondi. — E isso não é tudo. Aquele cara, o General, disse que estava mandando alguma coisa, um “amiguinho”, para distraí-los por aqui. Um monstro.

Thalia e Grover trocaram olhares.

— Estávamos seguindo o rastro de Ártemis — disse Grover. — Eu tinha quase certeza de que ele nos indicava este local. Um cheiro forte de monstro... Ela deve ter parado por aqui procurando o monstro misterioso. Mas ainda não encontramos nada.

— Zoë — disse Bianca, nervosa —, se *é* o General...

— *Não pode ser!* — disse Zoë bruscamente. — Percy deve ter visto uma mensagem de Íris ou alguma outra ilusão.

— Ilusões não quebram pisos de mármore — disse eu.

Zoë respirou fundo, tentando acalmar-se. Eu não sabia por que ela estava levando tudo tão para o lado pessoal, ou como ela conhecia esse General, mas concluí que aquele não era o momento de perguntar.

— Se Percy estiver falando a verdade sobre os guerreiros-esqueletos — disse ela —, não temos tempo para discussões. Eles são os piores, os mais terríveis... Temos de partir agora.

— Boa ideia — concordei.

— Eu *não* vos estava incluindo, garoto — replicou Zoë. — Não fazeis parte desta busca.

— Ei, estou tentando salvar a vida de vocês!

— Você não devia ter vindo, Percy — disse Thalia em tom soturno. — Mas agora está aqui. Ande. Vamos voltar para a van.

— Esta decisão não é vossa! — disse Zoë asperamente.

Thalia lançou-lhe um olhar azedo.

— Você não é o chefe aqui, Zoë. Não ligo para a sua idade! Ainda é uma menina mimada e metida!

— Você nunca foi esperta quando o assunto são garotos — grunhiu Zoë. — Nunca pôde deixá-los para trás!

Thalia parecia prestes a socar Zoë. Então todos ficaram imóveis. Ouvi um grunhido tão alto que pensei que o motor de um dos foguetes estivesse sendo acionado.

Abaixo de nós, alguns adultos berraram. A voz de uma criancinha gritou com prazer:

— Gatinho!

Uma coisa enorme subia a rampa saltando. Era do tamanho de uma picape, com garras prateadas e pelo dourado cintilante. Eu já vira aquele monstro uma vez. Dois anos atrás. Eu o avistara rapidamente de um trem. Agora, mais de perto, parecia ainda maior.

— O Leão de Nemeia — disse Thalia. — Não se mova.

O leão rugiu tão alto que fez meu cabelo se repartir. Suas presas brilhavam como aço inoxidável.

— Separai-vos ao meu sinal — disse Zoë. — Tentai mantê-lo distraído.

— Até quando? — perguntou Grover.

— Até eu pensar numa maneira de matá-lo. Ide!

Eu destampeei Contracorrente e rolei para a esquerda. Flechas passaram zunindo por mim, e Grover tocou um ritmo agudo em sua flauta de bambu. Eu me virei e vi Zoë e Bianca subindo na cápsula de Apolo. Elas atiravam, uma após a outra, flechas que se partiam, inofensivas, contra o pelo metálico do leão. O animal golpeou a cápsula e virou-a de lado, lançando as Caçadoras para trás. Grover tocava uma melodia horrível e frenética, e o leão voltou-se na direção dele, mas Thalia intrometeu-se em seu caminho, erguendo Aegis, e o leão recuou e rugiu.

— Eia! — disse Thalia. — Para trás!

O leão urrava e rasgava o ar com a garra, mas ao mesmo tempo recuava, como se o escudo fosse uma labareda.

Por um segundo, pensei que Thalia o tivesse sob controle. Então vi que o leão se abaixava, os músculos de suas pernas se tensionando. Eu já vira um número suficiente de brigas de gatos nos becos próximos do meu apartamento em Nova York. Sabia que o leão ia saltar sobre ela.

— Ei! — gritei. Não sei o que eu estava pensando, mas avancei contra a fera. Eu só queria afastá-la de meus amigos. Ataquei com Contracorrente, acertando um bom golpe no flanco, que devia ter transformado o monstro em picadinho, mas a lâmina apenas retiniu de encontro ao pelo, provocando uma explosão de fagulhas.

O leão me arranhou com as garras, arrancando um pedaço do meu casaco. Recuei de encontro à balaustrada. Ele saltou sobre mim, meia tonelada de monstro, e eu não tive escolha senão me virar e pular.

Caí sobre a asa de um antigo avião prateado, que se inclinou e quase me lançou no chão, três andares abaixo.

Uma flecha zuniu ao lado da minha cabeça. O leão saltou sobre a aeronave, e as cordas que seguravam o avião começaram a gemer.

O leão avançou para mim, e eu pulei para a peça em exposição mais próxima, uma estranha espaçonave com pás como as de um helicóptero. Ergui os olhos e vi o leão rugir — dentro de sua boca, a língua e a garganta rosadas.

A boca, pensei. O pelo era totalmente invulnerável, mas se eu pudesse atingi-lo na boca... O único problema era que o monstro se movimentava rápido demais. Entre suas garras e presas, eu não conseguiria me aproximar sem ser transformado em picadinho.

— Zoë! — gritei. — Mire na boca!

O monstro investiu. Uma flecha passou por ele, sem acertar, e eu pulei da espaçonave para o topo de uma mostra no térreo, uma imensa cópia da Terra. Desci deslizando pela Rússia e saltei do equador.

O Leão de Nemeia rugiu e se equilibrou sobre a espaçonave, mas seu peso era demais. Uma das cordas se rompeu. Enquanto o aparato balançava como um pêndulo, o leão saltou para o Polo Norte da cópia da Terra.

— Grover! — gritei. — Deixe a área livre!

Grupos de crianças corriam de um lado para o outro gritando. Grover tentava conduzi-las para longe do monstro no momento exato em que a outra corda da espaçonave arrebentou e a peça se espatifou no chão. Thalia saltou pela balaustrada do segundo andar e aterrissou à minha frente, do outro lado do globo. O leão olhou para nós, tentando decidir qual dos dois mataria primeiro.

Zoë e Bianca estavam acima de nós, os arcos preparados, mas ficavam se deslocando de um ponto para o outro, tentando conseguir um bom ângulo.

— Não temos uma linha de tiro livre! — gritou Zoë. — Faça ele abrir mais a boca!

O leão rosnou do alto do globo.

Olhei ao redor. *Opções*. Eu precisava...

A lojinha de presentes. Veio-me uma vaga lembrança de minha viagem até ali quando era pequeno. Alguma coisa que fizera minha mãe comprar, e me arrependera. Se eles ainda vendessem aquele troço...

— Thalia — disse eu —, mantenha-o ocupado.

Ela assentiu implacavelmente.

— Ei-a! — Ela apontou a lança e disparou um arco aracniano de eletricidade azul, acertando o leão na cauda.

O leão rugiu, virou-se e saltou sobre ela. Thalia girou, desviando-se e erguendo Aegis para manter o monstro a distância, e eu corri para a lojinha de presentes.

— Isso não é hora de comprar souvenirs, garoto! — gritou Zoë.

Entrei em disparada na loja, derrubando fileiras de camisetas, pulando sobre mesas cheias de planetas que brilham no escuro. A vendedora não protestou. Estava ocupada demais se encolhendo atrás da caixa registradora.

Lá estava! Na parede oposta — pacotes prateados e cintilantes. Prateleiras inteiras deles. Peguei todos os tipos que pude encontrar e saí correndo da loja com os braços cheios.

Zoë e Bianca ainda estavam fazendo chover flechas sobre o monstro, mas sem resultado. O leão parecia saber que não deveria abrir muito a boca. Ele tentou atingir Thalia com as garras. Até os olhos ele mantinha estreitados, formando minúsculas fendas.

Thalia espetou o monstro e recuou. O leão avançou sobre ela.

— Percy — chamou ela —, o que quer que você vá fazer...

O leão rugiu e acertou-lhe um golpe com a pata, como se ela fosse um brinquedinho de gato, atirando-a pelo ar contra a lateral de um foguete Titan. A cabeça dela atingiu o metal e ela deslizou para o chão.

— Ei! — gritei para o leão.

Eu estava longe demais para atacar, então arrisquei: lancei Contracorrente como se atirasse uma faca. Ela quicou no flanco do leão, mas foi o suficiente para chamar a atenção do monstro. Ele virou-se na minha direção e mostrou os dentes, rosnando.

Só havia uma maneira de chegar perto o suficiente. Disparei contra ele e, quando o leão saltou para me interceptar, enfiei um pacote de comida espacial em sua boca — um pedaço de *parfait* de morango congelado, embrulhado em celofane.

Os olhos do leão se arregalaram e ele engasgou como um gato com um bolo de pelos.

Eu não podia culpá-lo. Lembrava-me de ter sentido a mesma coisa quando tentei comer comida espacial quando era garoto. O negócio era simplesmente abominável.

— Zoë, prepare-se! — gritei.

Às minhas costas, podia ouvir as pessoas gritando. Grover tocava outra canção horrível em sua flauta.

Fugiu, às pressas, do leão. Ele conseguiu engolir o pacote de comida espacial e me olhava com puro ódio.

— Hora do lanche! — gritei.

Ele cometeu o erro de rugir para mim, e eu lancei um sanduíche de sorvete em sua garganta. Felizmente, eu sempre fora um arremessador bastante bom, ainda que o beisebol não fosse o meu jogo. Antes que o leão se desengasgasse, disparei dois outros sabores de sorvete e uma refeição congelada de espaguete.

Os olhos do leão se esbugalharam. Ele arreganhou a boca e ergueu-se nas patas traseiras, tentando fugir de mim.

— Agora! — gritei.

Imediatamente, as flechas perfuraram a boca do leão — duas, quatro, seis. A fera debateu-se com violência, girou e caiu para trás. E então ficou imóvel.

Os alarmes gemiam por todo o museu. As pessoas corriam em bando para as saídas. Seguranças corriam de um lado para o outro, em pânico, sem ter nenhuma ideia do que estava acontecendo.

Grover ajoelhou-se ao lado de Thalia e a ajudou a levantar-se. Ela parecia bem, só um pouco tonta. Zoë e Bianca saltaram do balcão, caindo ao meu lado.

Zoë me olhou com atenção.

— Essa foi... uma estratégia interessante.

— Ei, funcionou.

Ela não discutiu.

O leão parecia estar se dissolvendo, da maneira como às vezes acontece com os monstros, até que nada mais havia a não ser seu reluzente casaco de pelos, e mesmo este parecia estar encolhendo ao tamanho da pele de um leão normal.

— Pegai-a — disse-me Zoë.

Eu a olhei, surpreso.

— O quê? A pele do leão? Isso não é, assim, uma violação dos direitos dos animais ou coisa parecida?

— É um espólio de guerra — ela me disse. — É vossa, por direito.

— Você o matou — repliquei.

Ela balançou a cabeça, quase sorrindo.

— Creio que o sanduíche de sorvete fez isso. Justiça é justiça, Percy Jackson. Pegai a pele.

Eu a recolhi; era surpreendentemente leve, macia e uniforme. Não parecia absolutamente algo que pudesse deter uma lâmina. Diante dos meus olhos, a pele se transformou em um casaco — um comprido guarda-pó marrom-dourado.

— Não é exatamente o meu estilo — murmurei.

— Temos de dar o fora daqui — disse Grover. — Os seguranças não vão ficar confusos por muito mais tempo.

Percebi então como era estranho que os guardas não houvessem se apressado em nos prender. Eles corriam em todas as direções, exceto na nossa, como se estivessem procurando, enlouquecidos, alguma coisa. Alguns davam encontrões nas paredes ou uns nos outros.

— Você fez isso? — perguntei a Grover.

Ele assentiu, parecendo um pouco constrangido.

— Uma pequena canção de confusão. De Barry Manilow. Funciona sempre. Mas só vai durar alguns segundos.

— Os seguranças não são nossa maior preocupação — disse Zoë. — Olhai.

Através das paredes de vidro do museu, eu podia ver um grupo de homens atravessando o gramado. Homens cinza em trajes de camuflagem cinza. Estavam longe demais para que víssemos seus olhos, mas eu podia sentir seus olhares voltados diretamente para mim.

— Vão — disse eu. — Eles estão me caçando. Vou distraí-los.

— Não — disse Zoë. — Nós vamos juntos.

Eu a fitei, perplexo.

— Mas você disse...

— Agora vós fazeis parte desta busca — afirmou Zoë, de má vontade. — Isso não me agrada, mas não há como mudar o destino. Vós sois o quinto membro. E não vamos deixar ninguém para trás.

Estávamos atravessando o Potomac quando avistamos o helicóptero. Era um modelo militar, preto e reluzente, exatamente como o que tínhamos visto em Westover Hall. E vinha em nossa direção.

— Eles conhecem a van — alertei. — Temos de nos livrar dela.

Zoë deu uma guinada para a pista de maior velocidade. O helicóptero se aproximava.

— Quem sabe os militares não o derrubam — disse Grover, esperançoso.

— Os militares provavelmente pensam que é um dos deles — ponderei. — Por falar nisso, como é que o General pode utilizar mortais?

— Mercenários — respondeu Zoë com amargura. — É abominável, mas muitos mortais lutam por qualquer causa desde que sejam pagos por isso.

— Mas será que esses mortais não veem para quem estão trabalhando? — perguntei. — Não percebem todos os monstros à sua volta?

Zoë sacudiu negativamente a cabeça.

— Não sei o quanto eles veem através da Névoa. Mas duvido que teria importância para eles se soubessem da verdade. Às vezes os mortais podem ser mais horríveis que os monstros.

O helicóptero continuava a se aproximar, fazendo um tempo muito melhor do que o nosso em meio ao trânsito de Washington.

Thalia fechou os olhos e rezou com afinho.

— Ei, Pai. Um relâmpago agora viria bem a calhar. Por favor...

Mas o céu continuava cinza, vertendo neve. Nenhum sinal de uma bem-vinda tempestade de raios.

— Lá adiante! — disse Bianca. — Aquele estacionamento!

— Vamos ficar encurralados — disse Zoë.

— Confiem em mim — replicou Bianca.

Zoë atravessou duas pistas em alta velocidade e entrou no estacionamento de um centro comercial na margem sul do rio. Deixamos a van e seguimos Bianca, descendo alguns degraus.

— Entrada do metrô — informou ela. — Vamos para o sul. Para Alexandria.

— Qualquer coisa — concordou Thalia.

Compramos tíquetes e passamos pelas roletas, olhando para trás, à procura de qualquer sinal de perseguição. Alguns minutos depois, estávamos a salvo, a bordo de um trem que seguia para o sul, afastando-nos de Washington. Quando o trem veio à superfície, vimos o helicóptero circulando o estacionamento, mas ele não veio atrás de nós.

Grover deixou escapar um suspiro.

— Bom trabalho, Bianca, pensar no metrô.

Bianca parecia satisfeita.

— É, bem, eu vi aquela estação quando Nico e eu estivemos aqui no verão passado. Lembro de ter

ficado surpresa ao vê-la, pois ela não existia quando morávamos em Washington.

Grover franziu a testa.

— Nova? Mas aquela estação parecia muito velha.

— Também acho — disse Bianca. — Mas, acredite, quando éramos pequenos e morávamos aqui, não havia metrô.

Thalia debruçou-se no banco.

— Espere um pouco. Não havia nenhum metrô?

Bianca assentiu.

Bem, eu não conhecia nada de Washington, mas não via como aquele sistema de metrô pudesse ter menos de doze anos de existência. Creio que todos estavam pensando a mesma coisa, porque pareciam bastante confusos.

— Bianca — disse Zoë. — Há quanto tempo... — Sua voz falhou. O ruído do helicóptero estava ficando mais alto novamente.

— Precisamos trocar de trem — disse eu. — Na próxima estação.

Durante a meia hora seguinte, só pensávamos em sair dali em segurança. Trocamos de trem duas vezes. Eu não tinha a menor ideia de para onde estávamos indo, mas, depois de algum tempo, perdemos o helicóptero.

Infelizmente, quando por fim descemos do trem, nos vimos no fim da linha, numa área industrial sem nada a não ser armazéns e linhas férreas. E neve. Muita neve. Parecia muito mais frio ali. Eu estava feliz de ter meu casaco novo de pele de leão.

Perambulamos pelo pátio da ferrovia, pensando que deveria haver outra linha de passageiros em algum lugar, mas havia apenas fileiras e mais fileiras de vagões de carga, a maior parte deles coberta de neve, como se não saíssem dali houvesse anos.

Um mendigo estava de pé ao lado de uma fogueira acesa em uma lixeira. Devíamos estar parecendo bastante patéticos, porque ele nos dirigiu um sorriso desdentado e disse:

— Precisam se aquecer? Venham para cá!

Nós nos acotovelamos em torno do fogo. Thalia batia os dentes.

— Assim está ó-ó-ó-timo — disse ela.

— Meus cascos estão congelados — queixou-se Grover.

— *Pés* — corrigi, pensando no mendigo.

— Talvez devêssemos entrar em contato com o acampamento — sugeriu Bianca. — Quíron...

— Não — disse Zoë. — Eles não podem mais nos ajudar. Precisamos concluir essa busca por nós mesmos.

Olhei, infeliz, em torno do pátio da ferrovia. Em algum lugar, no oeste distante, Annabeth estava em perigo e Ártemis, acorrentada. Um monstro apocalíptico estava à solta. E nós estávamos presos num subúrbio de Washington, partilhando uma fogueira com um mendigo.

— Sabem — disse o homem —, a gente nunca está completamente sem amigos. — Seu rosto estava sujo e a barba, emaranhada, mas sua expressão parecia bondosa. — Vocês, garotos, precisam de um trem que vá para oeste?

— Sim, senhor — respondi. — Sabe de algum?

Ele apontou a mão ensebada.

De repente, notei um trem de carga, brilhando e livre da neve. Era um daqueles trens que carregavam automóveis, com proteção de tela de aço e três plataformas para os veículos. Na lateral do trem de carga, lia-se SUN WEST LINE.

— Isso... nos serve — disse Thalia. — Obrigada, hã...

Ela voltou-se para o mendigo, mas ele havia desaparecido. A lixeira diante de nós estava fria e vazia, como se ele tivesse levado as chamas com ele.

Uma hora depois, partíamos ruidosamente rumo a oeste. Agora não havia nenhuma questão sobre quem dirigiria, pois cada um de nós tinha seu próprio automóvel de luxo. Zoë e Bianca estavam esparramadas num Lexus, na plataforma superior. Grover brincava de piloto de corrida atrás do volante de um Lamborghini. E Thalia havia ligado o rádio de um Mercedes SLK branco e captava as estações de rock alternativo de Washington.

— Posso ficar com você? — perguntei.

Ela deu de ombros, e então me acomodei no banco do carona.

O rádio tocava os White Stripes. Eu conhecia a música porque era de um dos meus únicos CDs que agradavam a minha mãe. Ela dizia que a fazia lembrar do Led Zeppelin. Pensar na minha mãe me deixou triste, pois não parecia que eu fosse chegar em casa para o Natal. Talvez eu não vivesse até lá.

— Belo casaco — disse Thalia.

Apertei o guarda-pó marrom em torno de mim, grato pelo calor.

— É, mas o Leão de Nemeia não era o monstro que estamos procurando.

— Não chegava nem perto. Temos ainda um longo caminho pela frente.

— O que quer que seja esse monstro misterioso, o General disse que ele viria até você. Eles querem isolá-la do grupo, de modo que o monstro apareça e lute com você de um para um.

— Ele disse isso?

— Bem, alguma coisa parecida. Sim.

— Isso é ótimo. Adoro ser usada como isca.

— Nenhuma ideia de como deve ser o monstro?

Ela sacudiu negativamente a cabeça, melancólica.

— Mas você sabe aonde vamos, não sabe? São Francisco. Era para lá que Ártemis estava indo.

Lembrei-me de algo que Annabeth dissera no baile: que seu pai estava se mudando para São Francisco, e não havia como ela ir. Meios-sangues não podiam viver lá.

— Por quê? — perguntei. — O que há de tão ruim em São Francisco?

— A Névoa é muito espessa lá por causa da proximidade da Montanha do Desespero. A magia dos titãs... ou o que resta dela... ainda paira por lá. Você não acreditaria na intensidade com que os monstros são atraídos para lá.

— O que é a Montanha do Desespero?

Thalia ergueu uma sobrancelha.

— Você não sabe mesmo? Pergunte à estúpida Zoë. Ela é a *expert*.

Ela olhou com raiva pelo para-brisa. Eu queria perguntar do que estava falando, mas também não queria parecer um idiota. Odiava achar que Thalia sabia mais que eu, então mantive a boca fechada.

O sol da tarde brilhava através da lateral da rede de aço do vagão de carga, lançando uma sombra no

rosto de Thalia. Pensei no quanto ela era diferente de Zoë — Zoë toda formal e distante como uma princesa, Thalia com suas roupas surradas e atitude rebelde. Mas havia algo de semelhante entre elas também. O mesmo tipo de firmeza. Nesse exato momento, sentada nas sombras com a expressão sombria, Thalia parecia muito com uma das Caçadoras.

Então, de repente, me ocorreu:

— É por isso que você não se dá bem com Zoë.

Thalia franziu a testa.

— O quê?

— As Caçadoras tentaram recrutar você — adivinhei.

Seus olhos ficaram perigosamente brilhantes. Pensei que ela fosse me atirar para fora do Mercedes, mas ela se limitou a suspirar.

— Eu quase me juntei a elas — admitiu. — Luke, Annabeth e eu as encontramos uma vez, e Zoë tentou me convencer. Ela quase conseguiu, mas...

— Mas?

Os dedos de Thalia agarraram o volante.

— Eu teria de deixar Luke.

— Ah.

— Zoë e eu tivemos uma briga então. Ela me disse que eu estava sendo estúpida. Disse que eu me arrependeria de minha escolha. Que Luke um dia me decepcionaria.

Observei o sol através da cortina de metal. Parecíamos estar seguindo a uma velocidade maior a cada segundo — as sombras bruxuleando como um velho projetor de filmes.

— É duro isso — falei. — É duro admitir que Zoë estava certa.

— Ela *não estava* certa! Luke *nunca* me decepcionou. Nunca.

— Vamos ter de lutar contra ele — afirmei. — Não tem como evitar.

Thalia não respondeu.

— Faz tempo que você não o vê — adverti. — Sei que é difícil acreditar, mas...

— Farei o que tiver de fazer.

— Mesmo que isso signifique matá-lo?

— Faça-me um favor — disse ela. — Saia do meu carro.

Eu me sentia tão mal por ela que não discuti.

Quando estava saindo, ela chamou:

— Percy.

Quando olhei para trás, seus olhos estavam vermelhos, mas eu não sabia dizer se era de raiva ou de tristeza.

— Annabeth queria se juntar às Caçadoras também. Talvez você devesse pensar no porquê.

Antes que eu pudesse responder, ela ergueu os vidros elétricos e me deixou do lado de fora.

Sentei-me no assento do motorista do Lamborghini de Grover, que estava dormindo no banco de trás. Ele havia finalmente desistido de tentar impressionar Zoë e Bianca com a música de sua flauta depois de tocar *Erva venenosa* e fazer com que a planta brotasse do ar-condicionado do Lexus delas.

Enquanto observava o sol se pôr, eu pensava em Annabeth. Tinha medo de dormir. Temia os sonhos

que poderia ter.

— Ah, não tenha medo dos sonhos — disse uma voz bem ao meu lado.

Olhei em sua direção. Por alguma razão, não fiquei surpreso de deparar com o mendigo do pátio da ferrovia sentado no banco do carona. Sua calça jeans de tão gasta era quase branca. O casaco estava rasgado, com o enchimento saindo. Ele parecia um ursinho de pelúcia atropelado por um caminhão.

— Se não fosse pelos sonhos — disse ele —, eu não saberia metade do que sei sobre o futuro. Eles são melhores do que tabloides do Olimpo.

Ele pigarreou e então ergueu a mão dramaticamente:

*Os sonhos são como um podcast,
Fazendo download da verdade em meus ouvidos,
Eles me dizem coisas muito legais.*

— Apolo? — arrisquei, pois achei que ninguém mais poderia fazer um haicai assim tão ruim. Ele levou o dedo aos lábios.

— Estou disfarçado. Me chame de Fred.

— Um deus chamado Fred?

— É, bem... Zeus insiste em certas regras. Ficar de fora, quando há uma busca humana. Mesmo quando algo de fato importante está errado. Mas ninguém se mete com minha irmãzinha. *Ninguém.*

— Então você pode nos ajudar?

— Psiu. Já estou ajudando. Você não está olhando lá para fora?

— O trem. A que velocidade estamos seguindo?

Apolo deu uma risadinha.

— Velocidade suficiente. Infelizmente, o tempo está acabando para nós. Está quase na hora do pôr do sol. Mas imagino que vamos levá-lo pelo menos um bom pedaço América adentro.

— Mas onde está Ártemis?

Seu rosto tornou-se sombrio.

— Eu sei muito e vejo muito. Mas isso nem eu sei. Ela está... oculta de mim. Eu não gosto disso.

— E Annabeth?

Ele franziu a testa.

— Ah, aquela garota que você perdeu? Hum, eu não sei.

Tentei não ficar com raiva. Sabia que os deuses tinham dificuldade em levar os mortais a sério, mesmo se tratando de meios-sangues. Vivíamos vidas tão curtas, comparados aos deuses.

— E quanto ao monstro que Ártemis estava procurando? — perguntei. — Você sabe do que se trata?

— Não — respondeu Apolo. — Mas tem alguém que pode saber. Se vocês ainda não tiverem encontrado o monstro quando chegarem a São Francisco, procurem Nereu, o Velho do Mar. Ele tem uma ótima memória e um olho perspicaz. E tem o dom do conhecimento que às vezes se mantém obscuro ao meu Oráculo.

— Mas é o *seu* Oráculo — protestei. — Você não pode nos dizer o que a profecia significa?

Apolo suspirou.

— É o mesmo que pedir a um artista que explique a sua arte, ou a um poeta que explique a sua poesia.

É contraproducente. O significado só se torna claro com a busca.

— Em outras palavras, você não sabe.

Apolo consultou o relógio.

— Ah, olhe a hora! Preciso ir. Duvido que possa correr o risco de ajudá-los novamente, Percy, mas lembre-se do que eu disse! Durma um pouco! E, quando você voltar, estarei esperando um bom haicai sobre sua jornada!

Eu queria argumentar que não estava cansado e que nunca fizera um haicai na vida, mas Apolo estalou os dedos, e quando vi já estava de olhos fechados.

Em meu sonho, eu era outra pessoa. Vestia uma túnica grega antiga, que era um pouquinho fresca demais no andar de baixo, e sandálias de couro entrelaçado. A pele do Leão de Nemeia estava presa às minhas costas como uma capa, e eu corria para algum lugar, puxado por uma garota que segurava com força minha mão.

— Depressa! — disse ela. Estava escuro demais para ver seu rosto com clareza, mas eu podia perceber o medo em sua voz. — Ele vai nos encontrar!

Era noite. Um milhão de estrelas resplandeciam acima de nós. Corríamos por um gramado alto, e o aroma de milhares de flores diversas tornava o ar inebriante. Era um lindo jardim, e, no entanto, a garota me fazia atravessá-lo como se estivéssemos prestes a morrer.

— Eu não tenho medo — tentei lhe dizer.

— Mas deve-se ter! — disse ela, ainda me puxando. Seus cabelos longos e escuros estavam presos numa trança que lhe caía pelas costas. Sua túnica de seda brilhava levemente à luz das estrelas.

Corremos colina acima. Ela me puxou para trás de um arbusto e desabamos, ambos respirando pesadamente. Eu não sabia por que a garota estava assustada. O jardim parecia muito pacífico. E eu me sentia forte. Mais forte do que jamais me sentira.

— Não há necessidade de corrermos — disse a ela. Minha voz soava mais grave, muito mais confiante. — Já venci mil monstros apenas com as mãos.

— Não este — disse a garota. — Ládon é forte demais. É preciso dar a volta e subir a montanha até o meu pai. É a única saída.

A dor em sua voz me surpreendeu. Ela estava preocupada de verdade, quase como se se importasse comigo.

— Não confio no seu pai — declarei.

— Ele realmente não é confiável — concordou a garota. — Faz-se mister enganá-lo. O prêmio não poderá ser pego diretamente. A morte reinará!

Eu dei uma risadinha.

— Então por que não me ajuda, minha bela?

— Eu... eu tenho medo. Ládon irá me deter. Minhas irmãs, se elas descobrissem... me repudiariam.

— Então não há outra atitude a tomar. — Eu me ergui, esfregando as mãos.

— Um momento! — pediu a garota.

Ela parecia estar se torturando com uma decisão a tomar. Então, com os dedos trêmulos, ergueu a mão e tirou um grampo longo e branco de seu cabelo.

— Se tem de haver luta, este objeto deve ir junto. Foi presente de minha mãe, Pleione. Ela era filha do

oceano, e o poder do oceano está nele. *Meu* poder imortal.

A garota soprou no grampo e ele fulgurou levemente, brilhando à luz das estrelas como madrepérola. Ela me pediu que o pegasse e fizesse dele uma arma.

Eu ri.

— Um grampo de cabelo? Como isso irá matar Ládon, minha bela?

— Talvez não mate — admitiu ela. — Mas é tudo o que posso oferecer, diante de tão grande teimosia.

A voz da garota acalmou meu coração. Estendi a mão e peguei o grampo de cabelo, e, quando o fiz, ele se tornou maior e mais pesado em minha mão, até que me vi segurando uma familiar espada de bronze.

— Bem harmoniosa — disse eu. — Embora, em geral, eu prefira usar apenas as mãos. Como devo chamar essa lâmina?

— Anaklusmos — disse a garota com tristeza. — A corrente que pega a pessoa de surpresa e, antes que ela se dê conta, a leva para o mar.

Antes que eu pudesse lhe agradecer, ouviu-se um som pesado na grama, um silvo como o de ar escapando de um pneu, e a garota disse:

— Tarde demais! Ele está aqui!

Sentei-me sobressaltado no assento do motorista do Lamborghini. Grover sacudia o meu braço.

— Percy — disse ele. — É de manhã. O trem parou. Venha!

Tentei me livrar da sonolência. Thalia, Zoë e Bianca já haviam subido a cortina de metal. Lá fora se viam montanhas cobertas de neve pontilhadas de pinheiros, o sol erguendo-se vermelho entre dois picos.

Peguei minha caneta no bolso e olhei para ela. Anaklusmos, o nome em grego antigo de Contracorrente. A forma era diferente, mas eu tinha certeza de que era a mesma lâmina que eu vira no sonho.

E tinha certeza de outra coisa também. A garota que eu tinha visto era Zoë Doce-Amarga

Havíamos chegado às cercanias de uma pequena estação de esqui aninhada nas montanhas. A placa dizia BEM-VINDOS A CLOUDCROFT, NOVO MÉXICO. O ar era frio e rarefeito. Nos telhados das cabanas, a neve se acumulava, e montes de neve suja se erguiam em ambos os lados das ruas. Pinheiros altos avultavam-se acima do vale, lançando sombras cor de piche, embora a manhã fosse de sol.

Mesmo com meu casaco de pele de leão, eu estava congelando no momento em que chegamos à Main Street, que ficava a cerca de meia hora da linha férrea. Enquanto caminhávamos, contei a Grover sobre minha conversa com Apolo na noite anterior — e que ele me disse que procurássemos Nereu em São Francisco.

Grover pareceu inquieto.

— Isso é bom, eu acho. Mas primeiro temos de chegar lá.

Tentei não ficar muito desanimado em relação às nossas chances. Não queria deixar Grover em pânico, mas sabia que tínhamos outro prazo formidável assomando, afora salvar Ártemis a tempo de ela participar do conselho de deuses. O General dissera que Annabeth só seria mantida viva até o solstício de inverno, na sexta-feira — apenas quatro dias à frente. E ele mencionara algo sobre um sacrifício. Eu não gostava nada disso.

Paramos no meio da cidade. Dava praticamente para ver tudo dali: uma escola, algumas lojas e cafés para turistas, alguns chalés de esqui e um armazém.

— Ótimo — disse Thalia, olhando à volta. — Nada de rodoviária. Nada de táxi. Nada de aluguel de automóveis. Nenhuma saída.

— Tem um café! — exclamou Grover.

— Sim — disse Zoë. — Café é bom.

— E pãezinhos — completou Grover, sonhador. — E papel encerado.

Thalia suspirou.

— O.k. Que tal vocês dois irem comprar comida para nós? Percy, Bianca e eu vamos dar uma olhada no armazém. Talvez possam nos dar informações.

Combinamos de nos encontrar na frente do armazém em quinze minutos. Bianca parecia um pouco constrangida em ir conosco, mas foi.

Dentro do armazém, descobrimos algumas coisas importantes sobre Cloudcroft: não havia neve suficiente para esquiar, o armazém vendia ratos de borracha por um dólar cada um, e não havia maneira fácil de entrar ou sair da cidade a menos que se tivesse um carro.

— Vocês podem mandar vir um táxi de Alamogordo, que fica na base das montanhas — disse o balconista, descrente. — No entanto, o carro levaria pelo menos uma hora para chegar aqui, e isso iria custar várias centenas de dólares.

O balconista parecia tão solitário que comprei um ratinho de borracha. Então saímos e ficamos

parados na varanda de entrada.

— Maravilhoso — resmungou Thalia. — Vou andar pela rua e ver se alguém nas outras lojas tem alguma sugestão.

— Mas o balconista disse...

— Eu sei — interrompeu-me ela. — Mas vou verificar, de qualquer forma.

Eu a deixei ir. Sabia como era ficar agitado. Todos nós, os meios-sangues, tínhamos problemas de déficit de atenção por causa de nossos reflexos inatos do campo de batalha. Não podíamos suportar esperar simplesmente. Além disso, eu tinha a sensação de que Thalia ainda estava aborrecida com nossa conversa na noite anterior, sobre Luke.

Bianca e eu ficamos juntos, ambos constrangidos. Bem... eu nunca me sentia à vontade conversando sozinho com uma garota e nunca havia ficado sozinho com Bianca. Não sabia o que dizer, principalmente agora que ela era uma Caçadora e tudo mais.

— Belo rato — disse ela por fim.

Eu o pousei no parapeito da varanda. Talvez ele atraísse mais negócios para a loja.

— Então... como está sendo ser uma Caçadora até agora? — perguntei.

Ela comprimiu os lábios.

— Você não está mais zangado comigo por me juntar a elas, está?

— Não. Contanto, você sabe... que esteja feliz.

— Não sei se “feliz” é a palavra certa, com a Senhora Ártemis desaparecida. Mas ser caçadora com certeza é legal. De alguma forma, eu me sinto mais calma. Tudo parece ter desacelerado à minha volta. Acho que deve ser a imortalidade.

Eu a observei, tentando ver a diferença. Ela parecia, sim, mais autoconfiante do que antes, mais em paz. Não escondia mais o rosto debaixo de um gorro verde. Mantinha o cabelo preso atrás e me olhava diretamente nos olhos quando falava. Com um tremor, me dei conta de que daqui a quinhentos ou mil anos, Bianca di Angelo teria exatamente a mesma aparência de hoje. Talvez tivesse uma conversa como essa com algum outro meio-sangue muito depois da minha morte, mas Bianca ainda pareceria ter doze anos.

— Nico não entendeu minha decisão — murmurou Bianca. E me olhou como se quisesse uma confirmação de que estava tudo bem.

— Ele vai ficar bem — disse eu. — Várias crianças pequenas são recebidas no Acampamento Meio-Sangue. Foi o que aconteceu com Annabeth.

Bianca assentiu.

— Espero que a encontremos. Annabeth tem sorte de ter um amigo como você.

— Grande vantagem isso foi para ela.

— Não se culpe, Percy. Você arriscou sua vida para salvar meu irmão e a mim. Ora, aquilo foi coragem para valer. Se eu não tivesse conhecido você, não teria confiado em deixar Nico no acampamento. Achei que, se lá havia pessoas como você, Nico ficaria bem. Você é um cara legal.

O elogio me pegou de surpresa.

— Mesmo eu tendo derrubado você na captura da bandeira?

Ela riu.

— O.k. Exceto por aquilo, você é um cara legal.

A uns duzentos metros de nós, Grover e Zoë saíram do café carregados de sacolas de pães e bebidas. Eu, de certo modo, queria que eles ainda não viessem. Era estranho, mas me dei conta de que gostava de conversar com Bianca. Ela não era tão ruim assim. Pelo menos era bem mais fácil ficar na companhia dela do que na de Zoë Doce-Amarga.

— E qual é a sua história e a de Nico? — perguntei. — Em que escola vocês estudaram antes de Westover?

Ela franziu a testa.

— Acho que era um internato em Washington. Parece que faz tanto tempo.

— Vocês nunca viveram com seus pais? Isto é, seus pais mortais?

— Disseram-nos que nossos pais morreram. Havia um fundo de curadoria em nosso nome. Muito dinheiro, eu creio. Um advogado vinha de vez em quando ver se estava tudo bem conosco. Então Nico e eu tivemos de deixar aquela escola.

— Por quê?

As sobranceiras dela se juntaram.

— Tivemos de ir a algum lugar. Lembro-me de que era importante. Fizemos uma viagem longa. E ficamos num hotel por algumas semanas. E então... eu não sei. Um dia, um advogado diferente veio nos buscar. Disse que era hora de sairmos. Seguimos de carro com ele de volta ao leste, atravessando Washington, D.C., até chegarmos ao Maine. E começamos a estudar em Westover.

Era uma história estranha. Mas, afinal, Bianca e Nico eram meios-sangues. Nada seria normal para eles.

— Então você criou Nico sozinha a maior parte de sua vida? — perguntei. — Só vocês dois?

Ela assentiu.

— Foi por isso que eu quis tanto me juntar às Caçadoras. Bem, eu sei que é egoísta, mas eu queria minha própria vida e meus próprios amigos. Eu amo Nico... não me entenda mal... mas precisava descobrir como seria não ser a irmã mais velha vinte e quatro horas por dia.

Pensei no último verão, em como eu me sentira ao descobrir que tinha um ciclope como irmão. Eu podia entender o que Bianca estava dizendo.

— Zoë parece confiar em você — disse eu. — Sobre o que vocês estavam falando... algum perigo sobre a busca?

— Quando?

— Ontem de manhã no pavilhão — disse eu, antes que conseguisse me deter. — Algo sobre o General.

O rosto dela tornou-se sombrio.

— Como você... O boné de invisibilidade. Você estava espionando?

— Não! Quer dizer, não exatamente. Eu só...

Fui salvo de tentar explicar quando Zoë e Grover chegaram com as bebidas e a comida. Chocolate quente para Bianca e para mim. Café para eles. Peguei um muffin de blueberry, e estava tão bom que eu quase pude ignorar o olhar ultrajado que Bianca me lançava.

— Devemos fazer o feitiço do rastreamento — disse Zoë. — Grover, vós ainda tendes alguma bolota de carvalho?

— Humm — murmurou Grover. Ele mastigava um muffin de farelo de trigo, com embalagem e tudo.

— Creio que sim. Só preciso...

Ele parou.

Eu estava prestes a perguntar o que havia de errado, quando uma brisa cálida passou por nós, como se uma rajada de primavera estivesse perdida em pleno inverno. Ar fresco temperado com flores silvestres e brilho do sol. E algo mais — quase uma voz, tentando dizer alguma coisa. Um aviso.

Zoë arquejou.

— Grover, vosso copo.

Grover deixou cair o copo de café estampado com fotos de pássaros. De repente, os pássaros se soltaram do copo e voaram — um bando de minúsculos pombos. Meu ratinho de borracha guinchou. E fugiu, precipitado, do parapeito, correndo para as árvores — pelo de verdade, bigodes de verdade.

Grover desabou perto de seu café, que fumegava no encontro com a neve. Nós nos reunimos em torno dele e tentamos acordá-lo. Ele gemeu, os olhos tremulando.

— Ei! — disse Thalia, vindo correndo da rua. — Eu acabo... O que aconteceu com Grover?

— Não sei — respondi. — Ele desmaiou.

— Uuuuuuhhhh — gemeu Grover.

— Bem, levantem-no! — disse Thalia. Ela estava com a lança na mão. Olhava para trás, como se estivesse sendo seguida. — Temos de sair daqui.

Chegamos ao limite da cidade antes que os dois primeiros guerreiros-esqueletos aparecessem. Eles saíram das árvores de ambos os lados da estrada. Em vez da camuflagem cinza, agora usavam o uniforme azul da Polícia Estadual do Novo México, mas tinham a mesma pele cinza transparente e os mesmos olhos amarelos.

Eles sacaram as armas. Admito que costumava pensar que seria legal aprender a disparar uma arma, mas mudei de ideia assim que os guerreiros-esqueletos apontaram as deles para mim.

Thalia tocou em seu bracelete. Aegis ganhou vida numa espiral em seu braço, mas os guerreiros nem piscaram. Seus olhos amarelos reluzentes cravaram-se em mim.

Puxei Contracorrente, embora eu não soubesse para que ela serviria diante de armas de fogo.

Zoë e Bianca puxaram seus arcos, mas Bianca estava tendo problemas, pois Grover continuava a apagar e apoiar-se nela.

— Recuem — disse Thalia.

Foi o que começamos a fazer — mas nesse momento ouvi um barulho de galhos. Dois outros esqueletos apareceram na estrada atrás de nós. Estávamos cercados.

Imaginei onde estariam os outros esqueletos. Eu vira uma dúzia deles no Smithsonian. Então um dos guerreiros levou um telefone celular à boca e falou.

Só que não estava falando. Ele emitia estalidos, retinindo, como dente no osso. De repente, compreendi o que estava acontecendo. Os esqueletos haviam se dividido para nos procurar. Esses estavam chamando seus irmãos. Logo estaríamos ocupados com todo o grupo.

— Está próximo — gemeu Grover.

— Está aqui — disse eu.

— Não — insistiu ele. — O presente. O presente da Natureza.

Eu não sabia do que ele estava falando, mas estava preocupado com o estado dele. Grover não se

encontrava em condições de andar, muito menos de lutar.

— Teremos de enfrentá-los num esquema um por um — disse Thalia. — Eles são quatro. Nós somos quatro. Talvez, dessa forma, ignorem Grover.

— De acordo — disse Zoë.

— A Natureza! — gemia Grover.

Um vento morno soprava pelo cânion, fazendo farfalhar as árvores, mas eu mantinha os olhos nos esqueletos. Lembrei-me do General falando com sádica satisfação sobre o destino de Annabeth. Lembrei-me da maneira como Luke a havia traído.

E ataquei.

O primeiro esqueleto disparou. O tempo diminuiu de velocidade. Não vou dizer que podia ver a bala, mas podia sentir sua trajetória, da mesma maneira que sentia as correntes marinhas no oceano. Eu a desviei com a ponta da minha espada e continuei o ataque.

O esqueleto puxou um cassete e eu decepei seus braços à altura dos cotovelos. Então deslizei Contracorrente por sua cintura, cortando-o ao meio.

Seus ossos desmontaram e caíram ruidosamente, formando uma pilha sobre o asfalto. Quase imediatamente, começaram a se mover, reagrupando-se. O segundo esqueleto trincou os dentes para mim e tentou atirar, mas derrubei sua arma na neve.

Pensei que estava me saindo muito bem, até que os outros dois esqueletos me atingiram nas costas.

— Percy! — gritou Thalia.

Caí de cara na rua. Então percebi algo... Eu não estava morto. O impacto das balas havia sido superficial, como um empurrão por trás, mas elas não tinham me ferido.

A pele do Leão de Nemeia! Meu casaco era à prova de balas.

Thalia atacou o segundo esqueleto. Zoë e Bianca começaram a disparar flechas contra o terceiro e o quarto. Grover manteve-se onde estava e estendeu os braços para as árvores, parecendo querer abraçá-las.

Da floresta, à esquerda, veio um barulho de algo se quebrando, como se um trator passasse por ali. Talvez os reforços dos esqueletos estivessem chegando. Fiquei de pé e me desviei de um cassete da polícia. O esqueleto que eu havia cortado ao meio já estava totalmente remontado, vindo atrás de mim.

Não havia como detê-los. Zoë e Bianca disparavam flechas contra suas cabeças à queima-roupa, mas as flechas atravessavam assoviando seus crânios vazios. Um deles saltou sobre Bianca, e eu pensei que estivesse perdida, mas ela sacou sua faca de caça e esfaqueou o guerreiro no peito. O esqueleto todo irrompeu em chamas, deixando uma pilha de cinzas e um distintivo da polícia.

— Como fizestes isso? — perguntou Zoë.

— Não sei — disse Bianca, nervosa. — Golpe de sorte?

— Bem, repita!

Bianca tentou, mas os três esqueletos restantes agora estavam atentos a ela. Eles nos fizeram recuar, nos mantendo à distância dos cassetetes.

— Algum plano? — perguntei enquanto recuávamos.

Ninguém respondeu. As árvores atrás dos esqueletos estavam tremendo. Galhos se quebravam.

— Um presente — murmurou Grover.

E então, com um portentoso bramido, o maior porco que eu já vira na vida alcançou ruidosamente a estrada. Era um javali, de quase dez metros de altura, com um focinho cor-de-rosa melequento e presas do

tamanho de canoas. O pelo marrom de suas costas se eriçava, e seus olhos eram selvagens e raivosos.

— *RIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII!* — guinchou ele, e atirou os três esqueletos para um lado com suas presas. A força foi tamanha que eles passaram voando sobre as árvores, indo bater de encontro à encosta da montanha, onde se fizeram em pedaços, ossos de pernas e braços rodopiando para todos os lados.

Então o porco voltou-se para nós.

Thalia ergueu a lança, mas Grover gritou:

— Não o mate!

O javali grunhiu e escarvou o chão, pronto para atacar.

— Este é o javali de Erimanto — disse Zoë, tentando ficar calma. — Não creio que *possamos* matá-lo.

— É um presente — afirmou Grover. — Uma bênção da Natureza!

O javali disse “*RIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII!*” e brandiu as presas. Zoë e Bianca correram, saindo do caminho. Eu tive de empurrar Grover para que ele não fosse lançado na montanha com o Expresso Presa de Javali.

— Certo, eu me sinto abençoado! — disse eu. — Fugam!

Corremos em direções diferentes, e, por um momento, o javali ficou confuso.

— Ele quer nos matar! — gritou Thalia.

— Naturalmente — disse Grover. — Ele é selvagem!

— Então como pode ser uma bênção? — perguntou Bianca.

Parecia uma pergunta bastante justa, mas o porco selvagem ficou ofendido e investiu contra ela, que era mais rápida do que eu imaginava. Ela rolou para longe de seus cascos e apareceu por trás da fera. Então ele atacou com as presas e destroçou a placa de BEM-VINDOS A CLOUDCROFT.

Vasculhei minha mente, tentando me lembrar do mito do javali. Eu tinha quase certeza de que Héracles havia lutado contra aquela coisa, mas não conseguia lembrar como ele a tinha vencido. Tinha uma vaga lembrança do javali arrasando várias cidades gregas antes que Héracles conseguisse subjugá-lo. Esperava que Cloudcroft tivesse seguro contra ataques de javalis gigantes.

— Não parai! — gritou Zoë. Ela e Bianca correram em direções opostas. Grover dançava em torno do javali, tocando sua flauta enquanto o porco selvagem bufava e tentava acertá-lo. No entanto, Thalia e eu ganhamos o prêmio da má sorte. Quando o javali se voltou para nós, Thalia cometeu o erro de erguer Aegis como defesa. A visão da cabeça da Medusa fez o javali guinchar de fúria. Talvez ela se parecesse demais com um de seus parentes. O javali investiu contra nós.

Só conseguimos nos manter à frente dele porque corremos morro acima, e podíamos esquivar-nos entrando e saindo do meio das árvores enquanto ele tinha de abrir caminho através delas.

Do outro lado do morro, encontrei um velho trecho de trilhos ferroviários, quase enterrados na neve.

— Por aqui! — Agarrei o braço de Thalia e corremos ao longo dos trilhos enquanto o javali rugia atrás de nós, escorregando e deslizando enquanto tentava vencer a íngreme encosta. Seus cascos simplesmente não eram feitos para esse tipo de terreno, graças aos deuses.

À nossa frente, vi um túnel coberto. Depois dele, uma velha ponte de cavaletes transpondo um desfiladeiro. Eu tive uma ideia maluca.

— Siga-me!

Thalia reduziu a velocidade — eu não tinha tempo para perguntar por quê —, mas eu a puxei comigo e ela relutantemente me seguiu. Atrás de nós, um tanque de dez toneladas em forma de porco ia derrubando pinheiros e esmagando rochas sob os cascos enquanto nos perseguia.

Thalia e eu entramos correndo no túnel e saímos do outro lado.

— Não! — gritou Thalia.

Ela havia ficado branca como o gelo. Estávamos na extremidade da ponte. Adiante, a montanha despencava por uns vinte metros em um desfiladeiro cheio de neve.

O javali estava bem atrás de nós.

— Venha! — chamei. — Ela provavelmente vai aguentar nosso peso.

— Não posso! — gritou Thalia. Seus olhos estavam arregalados de medo.

O javali chocou-se com o túnel coberto, demolindo-o a toda a velocidade.

— Agora! — gritei para Thalia.

Ela olhou para baixo e engoliu em seco. Juro que ela estava ficando verde.

Eu não tinha tempo para processar por quê. O javali vinha ao ataque, atravessando o túnel, direto em nossa direção. Plano B. Agarrei Thalia e nos lancei de lado pela extremidade da ponte, para a encosta da montanha. Deslizamos em cima de Aegis, como se o escudo fosse uma snowboard, descendo em disparada, sobre pedras, lama e neve. O javali foi menos feliz; ele não conseguia virar tão rápido, e assim as dez toneladas de monstro arremeteram sobre a minúscula ponte de cavaletes, que vergou sob o peso. O javali despencou em queda livre no desfiladeiro com um poderoso guincho e aterrissou num monte de neve com um imenso *PUUUUUUUF!*

Thalia e eu deslizamos até parar. Estávamos ambos sem fôlego. Eu tinha cortes e sangrava. Thalia tinha agulhas de pinheiro nos cabelos. Perto de nós, o javali guinchava e tentava se levantar. Tudo o que eu podia ver era o topo eriçado de suas costas. Ele estava completamente enterrado na neve. Não parecia estar machucado, tampouco iria a lugar algum.

Olhei para Thalia.

— Você tem medo de altura.

Agora que estávamos em segurança na base da montanha, seus olhos tinham aquela habitual expressão de raiva.

— Não seja estúpido.

— Isso explica por que você entrou em pânico no ônibus de Apolo. Por que não quis falar no assunto.

Ela respirou fundo. Então passou a mão pelos cabelos, tirando as agulhas de pinheiro.

— Se contar a alguém, eu juro...

— Não, não — garanti. — Tudo bem. É só que... a filha de Zeus, o Senhor dos Céus, ter medo de altura?

Ela estava prestes a me lançar na neve quando, acima de nós, a voz de Grover chamou:

— Alôôôôô?

— Aqui embaixo! — gritei.

Alguns minutos depois, Zoë, Bianca e Grover juntaram-se a nós. Ficamos observando o javali lutar para se desvencilhar da neve.

— Uma bênção da Natureza — disse Grover, agora parecendo agitado.

— Concordo — disse Zoë. — Devemos aproveitá-la.

— Espere — disse, irritada, Thalia, que ainda parecia ter perdido uma luta com uma árvore de Natal.

— Explique por que você está tão certo de que esse porco é uma bênção.

Grover olhou para o animal, distraído.

— É a nossa carona para o oeste. Tem ideia da velocidade a que este javali pode viajar?

— Engraçado — disse eu. — Como... caubóis de porco.

Grover assentiu.

— Precisamos embarcar. Gostaria... Gostaria de ter mais tempo para olhar por aí. Mas agora ele se foi.

— O que se foi?

Grover não parecia ter me ouvido. Andou até o javali e saltou em suas costas. O animal já começava a avançar através do monte de neve. Assim que se libertasse, não haveria mais como detê-lo. Grover pegou sua flauta, tocou uma melodia animada e jogou uma maçã na frente do javali. A maçã começou a flutuar, rodopiando, bem diante do nariz do javali, e este ficou louco, esticando-se todo para tentar pegá-la.

— Direção automática — murmurou Thalia. — Sensacional.

Ela foi até ele e saltou para trás de Grover, o que ainda deixava bastante espaço para o restante de nós.

Zoë e Bianca caminharam na direção do javali.

— Espere um segundo — disse eu. — Vocês duas sabem do que Grover está falando... dessa bênção da Natureza?

— Naturalmente — respondeu Zoë. — Vós não a sentistes no vento? Foi tão forte... Eu nunca pensei que fosse sentir aquela presença outra vez.

— Que presença?

Ela me olhou como se eu fosse um idiota.

— O Senhor da Natureza, é claro. Por um momento único, com a chegada do javali, eu senti a presença de Pã.

Cavalgamos o javali até o pôr do sol, que era o máximo que meu traseiro podia suportar. Imagine cavalgar uma escova de aço gigante sobre um leito de cascalho o dia todo. Cavalgar javalis era confortável assim.

Não tenho a menor ideia da extensão que cobrimos, mas as montanhas desapareceram na distância e foram substituídas por quilômetros de terra plana e seca. A grama e os arbustos foram ficando mais esparsos até que estávamos galopando pelo deserto.

Quando a noite caía, o javali parou no leito de um riacho e resfolegou. Ele começou a beber a água lamacenta, então arrancou um cacto do chão e o mastigou, com espinhos e tudo.

— Aqui é o mais longe que ele irá — disse Grover. — Precisamos descer enquanto ele está comendo.

Ninguém precisou ser convencido. Deslizamos pelas costas do javali enquanto ele estava ocupado, arrancando cactos. Então nos afastamos gingando, andando o melhor que podíamos com nossos traseiros doloridos.

Depois de seu terceiro saguaro e outra golada de água lamacenta, o javali guinchou e arrotou, então deu meia-volta e galopou de volta ao leste.

— Ele prefere as montanhas — avaliei.

— Não posso culpá-lo — disse Thalia. — Vejam.

À nossa frente havia uma estrada de duas pistas quase coberta de areia. Do outro lado da estrada, via-se um grupo de construções pequeno demais para ser uma cidade: uma casa fechada por tábuas, uma lanchonete mexicana que parecia não ser aberta desde antes de Zoë Doce-Amarga ter nascido, e uma agência de correios de estuque com uma placa em que se lia GILA CLAW, ARIZONA pendurada torta na porta. Além dessas construções, via-se uma série de morros... mas então percebi que não eram morros normais. A região era plana demais para eles. Os morros eram montes enormes de carros e aparelhos velhos, e outras sucatas de metal. Era um ferro-velho que parecia não ter fim.

— Uau! — exclamei.

— Alguma coisa me diz que não vamos encontrar uma agência de aluguel de automóveis por aqui — disse Thalia. Ela olhou para Grover. — Não creio que você tenha outro javali gigante na manga, correto?

Grover farejava o vento, parecendo nervoso. Ele pegou suas bolotas de carvalho e as atirou na areia, então tocou a flauta. As bolotas se rearrumaram em um padrão que não fazia o menor sentido para mim, mas Grover pareceu preocupado.

— Aqueles somos nós — disse ele. — Aqueles cinco lá.

— Qual deles sou eu? — perguntei.

— O pequeno deformado — sugeriu Zoë.

— Ah, cale a boca!

— Aquele grupo ali adiante — continuou Grover, apontando para a esquerda — significa problema.

— Um monstro? — perguntou Thalia.

Grover pareceu agitado.

— Não farejo nada, o que não faz sentido. Mas as bolotas não mentem. Nosso próximo desafio...

Ele apontou para o ferro-velho. Com a luz do sol quase totalmente extinta agora, as colinas de metal pareciam pertencer a um planeta alienígena.

Resolvemos acampar durante a noite e explorar o ferro-velho pela manhã. Nenhum de nós queria praticar mergulho no lixo no escuro.

Zoë e Bianca tiraram cinco sacos de dormir e colchões de espuma de suas mochilas. Não sei como conseguiram, porque as mochilas eram minúsculas, mas deviam ser encantadas para conter tantas coisas. Eu havia percebido que seus arcos e estojos de flechas também eram mágicos. Eu nunca havia pensado de fato a respeito, mas quando as Caçadoras precisavam deles, simplesmente apareciam pendurados em suas costas. E quando não precisavam mais, eles desapareciam.

A noite esfriou rapidamente, então Grover e eu recolhemos velhas tábuas nas casas em ruínas, e Thalia dirigiu-lhes um raio elétrico para começar uma fogueira. Logo estávamos tão confortáveis quanto se pode estar em uma cidade fantasma arruinada, no meio do nada.

— O céu está todo estrelado — disse Zoë.

Tinha razão. Havia milhões delas, sem as luzes da cidade para deixar o céu laranja.

— Impressionante — disse Bianca. — Eu nunca vi a Via Láctea de verdade.

— Isso não é nada — afirmou Zoë. — Nos velhos tempos, havia mais. Constelações inteiras desapareceram por causa da poluição luminosa provocada pelos homens.

— Você fala como se não fosse humana — observei.

Zoë ergueu uma sobrancelha.

— Sou uma Caçadora. Eu me preocupo com o que acontece com os lugares selvagens do planeta. Será que o mesmo pode ser dito de vós?

— De *vocês* — corrigiu Thalia. — Não de *vós*.

Zoë ergueu as mãos, exasperada.

— Eu *odeio* essa língua. Ela está sempre mudando!

Grover suspirou. Ele ainda olhava as estrelas, como se estivesse pensando no problema da poluição luminosa.

— Se ao menos Pã estivesse aqui, ele poria ordem nas coisas.

Zoë assentiu com tristeza.

— Talvez tenha sido o café — disse Grover. — Eu estava bebendo café, e o vento veio. Quem sabe se eu beber mais café...

Eu tinha certeza de que o café não tinha nada a ver com o que havia acontecido em Cloudcroft, mas não tinha coragem de dizer isso a Grover. Pensei no ratinho de borracha e nos minúsculos pássaros que haviam de repente ganhado vida quando o vento soprou.

— Grover, você acha mesmo que aquele era Pã? Quer dizer, eu sei que você quer que seja.

— Ele nos mandou ajuda — insistiu Grover. — Não sei como ou por quê. Mas era a presença dele. Depois que esta busca for concluída, vou voltar ao Novo México e beber muito café. É a melhor pista que

tivemos em dois mil anos. Cheguei *tão perto*.

Eu não respondi. Não queria acabar com as esperanças de Grover.

— O que eu quero saber — disse Thalia, olhando para Bianca — é como você destruiu um dos zumbis. Tem muitos mais deles por aí. Precisamos descobrir como lutar contra eles.

Bianca balançou negativamente a cabeça.

— Eu não sei. Eu só o esfaqueei e ele incendiou.

— Talvez haja algo especial em sua faca — disse eu.

— É igual à minha — explicou Zoë. — Bronze celestial, sim. Mas a minha não teve o mesmo efeito sobre os guerreiros.

— Talvez você tenha de atingir o esqueleto num certo ponto — sugeri.

Bianca parecia pouco à vontade com todo o mundo voltando a atenção para ela.

— Não se preocupe — disse-lhe Zoë. — Vamos descobrir a resposta. Enquanto isso, temos de planejar nosso próximo movimento. Quando sairmos deste ferro-velho, devemos prosseguir para oeste. Se conseguirmos achar uma estrada, podemos pegar uma carona até a cidade mais próxima. Acho que deve ser Las Vegas.

Eu estava prestes a protestar dizendo que Grover e eu tínhamos tido experiências ruins naquela cidade, mas Bianca passou a minha frente.

— Não! — disse ela. — Lá não!

Ela parecia realmente apavorada, como se estivesse despencando da parte mais íngreme de uma montanha-russa.

Zoë franziu a testa.

— Por que não?

Bianca tomou fôlego, trêmula.

— Acho... acho que ficamos um tempo lá. Nico e eu. Quando estávamos viajando. E depois, não consigo lembrar...

De repente, algo terrível me ocorreu. Lembrei-me do que Bianca havia me dito sobre Nico e ela terem ficado algum tempo num hotel. Meus olhos encontraram-se com os de Grover, e tive a sensação de que ele estava pensando a mesma coisa.

— Bianca — falei. — Aquele hotel em que você ficou. O nome dele poderia ser Hotel e Cassino Lótus?

Os olhos dela se arregalaram.

— Como você sabe disso?

— Ah, grande! — exclamei.

— Esperem — disse Thalia. — O que é o Cassino Lótus?

— Há uns dois anos — contei —, Grover, Annabeth e eu ficamos presos lá. O propósito do lugar é que você nunca queira sair. Ficamos cerca de uma hora. Quando saímos, cinco dias haviam se passado. Ele faz o tempo se acelerar.

— Não — disse Bianca. — Não, isso não é possível.

— Você disse que alguém veio e tirou vocês de lá — lembrei.

— Sim.

— Como ele era fisicamente? O que ele disse?

— Eu... eu não lembro. Por favor, não quero falar sobre isso.

Zoë inclinou-se para a frente, as sobrancelhas unidas, preocupada.

— Você disse que Washington, D.C., havia mudado quando você voltou lá no verão passado. Você não se lembrava da existência do metrô.

— Sim, mas...

— Bianca — disse Zoë —, vós podeis me dizer o nome do atual presidente dos Estados Unidos?

— Não seja boba — disse Bianca. E disse o nome correto do presidente.

— E quem foi o presidente antes dele? — perguntou Zoë.

Bianca pensou um pouco.

— Roosevelt.

Zoë engoliu em seco.

— Theodore ou Franklin?

— Franklin — respondeu Bianca. — F.D.R.

— Como a Estrada FDR Drive? — perguntei. Porque, sinceramente, isso é tudo que eu sabia sobre F.D.R.

— Bianca — disse Zoë. — F.D.R. não foi o último presidente. Seu mandato foi há cerca de setenta anos.

— Impossível — replicou Bianca. — Eu... eu não sou tão velha assim.

Ela olhou para as próprias mãos, como se para se certificar de que não estavam enrugadas.

Os olhos de Thalia ficaram tristes. Acho que ela sabia como era ser arrancada do tempo por um período.

— Está tudo bem, Bianca. O importante é que você e Nico estão bem. Vocês conseguiram sair.

— Mas como? — perguntei. — Ficamos lá por apenas uma hora e quase não conseguimos escapar. Como vocês conseguiram depois de tanto tempo?

— Eu já disse. — Bianca parecia prestes a chorar. — Um homem veio e disse que era hora de sairmos. E...

— Mas quem? Por que ele fez isso?

Antes que ela pudesse responder, fomos atingidos por uma luz ofuscante que vinha da estrada. Os faróis de um carro surgiram do nada. Eu de certo modo esperava que fosse Apolo vindo nos dar uma carona outra vez, mas o motor era silencioso demais para a carruagem do sol e, além disso, agora era noite. Agarramos nossos sacos de dormir e saímos do caminho no momento em que uma limusine branca cadavérica deslizava até parar diante de nós.

A porta de trás da limusine abriu bem ao meu lado. Antes que eu pudesse me afastar, a ponta de uma espada tocou minha garganta.

Ouvi o som de Zoë e Bianca puxando seus arcos. Quando o dono da espada saiu do carro, recuei muito lentamente. Fui obrigado, pois ele estava espetando a ponta da espada bem debaixo do meu queixo.

Então ele sorriu cruelmente.

— Agora você não é tão rápido, não é, pivete?

Era um homem grande com um corte de cabelo militar, jaqueta de motoqueiro de couro preto, jeans também preto, camiseta justa branca e botas de combate. Óculos de sol fechados nas laterais ocultavam

seus olhos, mas eu sabia o que havia por trás daquelas lentes — órbitas ocas cheias de chamas.

— Ares — grunhi.

O deus da guerra olhou para os meus amigos.

— Calma, gente.

Ele estalou os dedos, e todas as armas das Caçadoras caíram ao chão.

— Este é um encontro amistoso. — Ele enterrou a ponta de sua espada um pouco mais sob meu queixo. — É claro que eu *gostaria* de levar sua cabeça como troféu, mas alguém deseja vê-lo. E eu nunca decapito meus inimigos na frente de uma senhora.

— Que senhora? — perguntou Thalia.

Ares desviou os olhos para ela.

— Ora, ora. Ouvi dizer que você estava de volta.

Ele baixou a espada e me afastou com um empurrão.

— Thalia, filha de Zeus — refletiu Ares. — Você não está andando em muito boa companhia.

— O que você quer, Ares? — perguntou ela. — Quem está no carro?

Ele sorriu, gostando da atenção.

— Ah, duvido que ela queira se encontrar com o restante de vocês. Principalmente *elas*. — Ele projetou o queixo na direção de Zoë e Bianca. — Por que vocês não vão comprar *taco* enquanto esperam? Percy só vai demorar alguns minutos.

— Não vamos deixá-lo sozinho convosco, Senhor Ares — afirmou Zoë.

— Além disso — Grover conseguiu dizer —, a lanchonete mexicana está fechada.

Ares estalou os dedos de novo. As luzes no interior da taqueria de repente brilharam, ganhando vida. As tábuas caíram da porta e a placa FECHADO mudou para ABERTO.

— O que você estava dizendo, garoto-bode?

— Vão — disse eu a meus amigos. — Eu cuido disso.

Tentei parecer mais confiante do que me sentia. Não creio que tenha enganado Ares.

— Vocês ouviram o garoto — disse o deus da guerra. — Ele é grande e forte. Tem as coisas sob controle.

Relutantes, meus amigos seguiram para a taqueria. Ares me olhou com ódio, então abriu a porta da limusine, como um chofer.

— Entre, pivete — disse ele. — E tenha cuidado com seus modos. Ela não perdoa grosserias tão facilmente quanto eu.

Quando a vi, fiquei de queixo caído.

Esqueci meu nome. Esqueci onde estava. Esqueci como falar frases completas.

Ela usava um vestido de cetim vermelho e os cabelos caíam numa cascata de cachos. Seu rosto era o mais lindo que eu já vira: maquiagem perfeita, olhos deslumbrantes, um sorriso capaz de iluminar o lado escuro da lua.

Pensando bem, não sei dizer com quem ela se parecia. Nem mesmo de que cor eram seus cabelos e seus olhos. Imagine a atriz mais linda de que você pode se lembrar. A deusa era dez vezes mais bonita que ela. Escolha a cor de cabelos mais bonita, a cor dos olhos, o que for. Eram assim os da deusa.

Quando ela sorriu para mim, por um breve momento se pareceu um pouco com Annabeth. E em seguida com uma atriz de TV de quem eu costumava gostar no quinto ano. E então... bem, você já entendeu.

— Ah, aí está você, Percy — disse a deusa. — Eu sou Afrodite.

Deslizei para o assento diante do dela e disse algo como:

— Hum hã ga.

Ela sorriu.

— Ah, que doçura. Segure isto, por favor.

Ela me entregou um espelho do tamanho de um prato grande e me fez segurá-lo à sua frente. Inclinou-se para a frente e retocou o batom, embora eu não pudesse ver nada de errado com ele.

— Você sabe por que está aqui? — perguntou ela.

Eu queria responder. Por que não conseguia formar uma frase completa? Ela era apenas uma mulher. Uma mulher muito bonita. Com olhos que pareciam nascentes de rios... Epa.

Belisquei meu próprio braço, com força.

— Eu... eu não sei — consegui dizer.

— Ah, querido — disse Afrodite. — Ainda em negação?

Pude ouvir Ares, fora do carro, dando uma risadinha. Eu tinha a sensação de que ele escutava cada palavra que dizíamos. A ideia de ele estar lá fora me deixou com raiva, e isso ajudou a desanuviar a minha mente.

— Não sei do que você está falando — respondi.

— Bem, então por que você está nessa busca?

— Ártemis foi capturada!

Afrodite revirou os olhos.

— Ai, Ártemis. *Por favor*. Isso não faz o menor sentido. Ora, se queriam sequestrar uma deusa, ela devia ser linda de morrer, você não acha? Tenho pena dos pobrezinhos que têm de manter Ártemis prisioneira. Que té-di-o!

— Mas ela estava perseguindo um monstro — protestei. — Um monstro muito, muito perigoso. Temos de encontrá-lo!

Afrodite me fez segurar o espelho um pouco mais alto. Ela aparentemente havia achado um problema microscópico no canto do olho e retocou o rímel.

— Sempre um monstro. Mas, meu querido Percy, esse é o motivo por que os *outros* estão nessa busca. Estou mais interessada em *você*.

Meu coração bateu mais forte. Eu não queria responder, mas seus olhos arrancaram uma resposta de minha boca.

— Annabeth está em perigo.

Afrodite iluminou-se.

— Exatamente!

— Preciso ajudá-la — disse eu. — Venho tendo uns sonhos.

— Ah, você até sonha com ela! Que *gracinha*!

— Não! Quer dizer... não foi isso que eu quis dizer.

Ela fez um muxoxo.

— Percy, eu estou do seu lado. Sou a razão de você estar aqui, afinal.

Eu a olhei fixamente.

— O quê?

— A camiseta envenenada que os irmãos Stoll deram a Febe — disse ela. — Você pensou que aquilo fosse acidente? Mandar Blackjack ao seu encontro? Ajudá-lo a fugir do acampamento?

— *Você* fez isso?

— É claro! Porque, sinceramente, como essas Caçadoras são chatas! A procura pelo monstro, blá-blá-blá. Salvar Ártemis. Deixe-a continuar desaparecida, é o que eu digo. Porém, a busca do amor verdadeiro...

— Espere um momento! Eu nunca disse...

— Ah, meu querido. Não é preciso dizer. Você sabe que Annabeth estava prestes a se tornar uma Caçadora, não sabe?

Meu rosto ficou vermelho.

— Eu não tinha certeza...

— Ela estava prestes a jogar a vida dela fora! E você, meu querido, você pode salvá-la disso. É tão romântico!

— Hã...

— Ah, abaixe o espelho — ordenou Afrodite. — Eu estou bem.

Eu não havia me dado conta de que ainda o estava segurando, mas assim que o abaixei, percebi que meus braços doíam.

— Agora ouça, Percy — disse Afrodite. — As Caçadoras são suas inimigas. Esqueça-as, assim como Ártemis e o monstro. Isso não é importante. Concentre-se em encontrar e salvar Annabeth.

— Você sabe onde ela está?

Afrodite fez um gesto de irritação com a mão.

— Não, não. Deixo os detalhes para você. Mas faz séculos desde que tivemos uma boa e trágica história de amor.

— Epa, em primeiro lugar, eu nunca disse nada sobre amor. E, em segundo, o que quer dizer com *trágica*?

— O amor vence tudo — prometeu Afrodite. — Olhe só Helena e Páris. Por acaso eles deixaram algo erguer-se entre eles?

— Eles não começaram a Guerra de Troia, causando a morte de milhares de pessoas?

— Ora, não é essa a questão. Siga o seu coração.

— Mas... eu não sei para onde ele vai. Meu coração, é o que quero dizer.

Ela sorriu solidária. Era bonita de verdade. E não só porque tivesse um rosto lindo nem nada assim. Ela acreditava tanto no amor que era impossível não se sentir atordoado quando ela falava no assunto.

— Não saber é metade da graça — disse Afrodite. — Deliciosamente doloroso, não é? Não ter certeza de quem você ama e de quem ama você? Ah, vocês jovens! É tão fofinho que tenho vontade de chorar.

— Não, não — disse eu. — Não faça isso.

— E não se preocupe — replicou ela. — Não vou deixar que isso seja fácil e chato para você. Não, tenho ótimas surpresas guardadas. Angústia. Indecisão. Ah, espere só para ver.

— Está tudo bem, de verdade — disse a ela. — Não precisa se dar o trabalho.

— Você é *tão* fofinho. Queria que todas as minhas filhas pudessem partir o coração de um garoto tão bom quanto você. — Os olhos de Afrodite estavam cheios de lágrimas. — Agora é melhor você ir. E tenha cuidado no território do meu marido, Percy. Não pegue nada. Ele é extremamente meticoloso em relação a suas quinquilharias e entulhos.

— O quê? — perguntei. — Você se refere a Hefesto?

Mas a porta do carro se abriu e Ares agarrou meu ombro, me arrancando do carro de volta para a noite do deserto.

Minha audiência com a deusa do amor havia chegado ao fim.

— Você tem sorte, pivete. — Ares me empurrou para longe da limusine. — Seja grato.

— Pelo quê?

— Por estarmos sendo tão legais. Se dependesse de mim...

— Então por que ainda não me matou? — disparei. Era uma coisa estúpida para se dizer ao deus da guerra, mas ficar perto dele sempre me deixava com raiva e imprudente.

Ares assentiu, como se eu finalmente houvesse dito algo inteligente.

— Eu adoraria matá-lo, de verdade — disse ele. — Mas, veja, tenho um dilema aqui. Corre no Olimpo o boato de que você pode começar a maior guerra da história. Não posso me arriscar a pôr tudo a perder. Além disso, Afrodite pensa que você é uma espécie de galã de novela ou coisa do gênero. Se eu o matasse, isso me deixaria mal diante dela. Mas não se preocupe. Não esqueci minha promessa. Algum dia, em breve, garoto, *muito* em breve, você vai erguer sua espada para lutar e vai se lembrar da ira de Ares.

Cerrei os punhos.

— Por que esperar? Já venci você uma vez. Como é que está o tornozelo?

Ele sorriu maldoso.

— Não está mau, pivete. Mas você não chega nem perto do mestre dos insultos. Vou começar a luta quando estiver pronto. Por enquanto... Caia fora.

Ele estalou os dedos e o mundo girou 360 graus em meio a uma nuvem de poeira vermelha. Caí no chão.

Quando tornei a me levantar, a limusine havia desaparecido. A estrada, a taqueria, toda a cidade de Gila Clauw haviam desaparecido. Meus amigos e eu nos encontrávamos de pé, no meio do ferro-velho, com montanhas de sucata de metal se estendendo em todas as direções.

— O que ela *queria* com você? — perguntou Bianca assim que lhes contei sobre Afrodite.

— Ah, hã, não sei bem — menti. — Ela mandou ter cuidado no ferro-velho do marido. Disse que não pegássemos nada.

Zoë estreitou os olhos.

— A deusa do amor não faria uma viagem somente para vos dizer isso. Tende cuidado, Percy. Afrodite tem desencaminhado muitos heróis.

— Pelo menos uma vez eu tenho de concordar com Zoë — disse Thalia — Você não pode confiar em Afrodite.

Grover estava me olhando com uma expressão engraçada. Por empatia, ele em geral podia ler minhas

emoções, e eu tinha a sensação de que ele sabia exatamente sobre o que Afrodite havia conversado comigo.

— Então — disse eu, ansioso para mudar de assunto —, como saímos daqui?

— Naquela direção — respondeu Zoë. — Aquele é o oeste.

— Como você sabe?

À luz da lua cheia, fiquei surpreso com a nitidez com que pude vê-la virar os olhos para mim.

— A Ursa Maior fica ao norte — explicou ela —, o que significa que *aquela* só pode ser o oeste.

Ela apontou para oeste, e então para a constelação setentrional, que era difícil distinguir por haver tantas outras estrelas.

— Ah, sim — disse eu. — As tais das ursos.

Zoë pareceu ofendida.

— Tende respeito. Era uma ótima ursa. Um adversário digno.

— Você fala como se ela fosse real.

— Pessoal — interveio Grover. — Olhem!

Havíamos chegado ao topo de uma montanha de lixo. Pilhas de objetos de metal cintilavam à luz da lua: cabeças quebradas e cavalos de bronze, pernas de metal de estátuas humanas, carruagens esmagadas, toneladas de escudos e espadas e outras armas, ao lado de peças mais modernas, como carros que brilhavam em tons de dourado e prateado, geladeiras, máquinas de lavar e monitores de computador.

— Uau — disse Bianca. — Aquelas coisas... algumas parecem ouro de verdade.

— E são — disse Thalia em tom sombrio. — Como disse Percy, não toquem em nada. Este é o ferro-velho dos deuses.

— Ferro-velho? — Grover pegou uma bela coroa feita de ouro, prata e pedras preciosas. Estava quebrada de um dos lados, como se tivesse sido rachada por um machado. — Você chama isso de ferro-velho?

Ele deu uma mordida na ponta e começou a mastigar.

— É delicioso!

Thalia deu-lhe um tapa, tirando a coroa de suas mãos.

— Estou falando sério!

— Olhem! — exclamou Bianca. Ela desceu o monte correndo, tropeçando em espirais de bronze e pratos de ouro. Pegou um arco que brilhava como prata ao luar. — O arco de uma Caçadora!

Ela gritou de surpresa quando o arco começou a encolher e tornou-se um grampo de cabelo na forma de uma lua crescente.

— É igual à espada de Percy!

O rosto de Zoë estava soturno.

— Deixai isso, Bianca.

— Mas...

— Está aqui por uma razão específica. Qualquer coisa jogada fora neste ferro-velho tem de ficar aqui. Está com defeito. Ou amaldiçoado.

Relutante, Bianca largou o grampo de cabelo.

— Não gosto deste lugar — disse Thalia. Ela apertou os dedos em torno da haste de sua lança.

— Você acha que vamos ser atacados por geladeiras assassinas? — perguntei.

Ela me lançou um olhar severo.

— Zoë tem razão, Percy. As coisas são jogadas aqui por uma razão específica. Agora andem, vamos atravessar o ferro-velho.

— Já é a segunda vez que você concorda com Zoë — murmurei, mas Thalia me ignorou.

Começamos a traçar nosso caminho por meio de colinas e vales de lixo. O lugar parecia continuar eternamente, e, não fosse pela Ursa Maior, teríamos nos perdido. As colinas pareciam todas a mesma.

Gostaria de dizer que não mexemos em nada, mas havia muita coisa legal para que não checássemos algumas peças. Encontrei uma guitarra elétrica no formato da lira de Apolo, tão bonita que tive de segurá-la. Grover achou uma árvore quebrada feita de metal. Ela havia sido partida em pedaços, mas alguns galhos ainda tinham neles pássaros de ouro que se agitaram, tentando bater as asas, quando Grover os pegava.

Finalmente avistamos a extremidade do ferro-velho quase um quilômetro à frente e as luzes de uma estrada que se estendia pelo deserto. No entanto, entre nós e a estrada...

— O que é aquilo? — arquejou Bianca.

À nossa frente havia uma colina bem maior do que as outras. Era como um platô de metal, da extensão de um campo de futebol e da altura das traves do gol no futebol americano. Numa das extremidades do platô via-se uma série de dez grossas colunas de metal, bem juntas uma da outra.

Bianca franziu a testa.

— Parecem...

— Dedos de um pé — completou Grover.

Bianca assentiu.

— Dedos muito, muito grandes.

Zoë e Thalia trocaram olhares nervosos.

— Vamos dar a volta — disse Thalia. — *Bem longe.*

— Mas a estrada fica lá adiante — protestei. — É mais rápido escalar.

Plinque.

Thalia ergueu a lança e Zoë pegou o arco, mas percebi que era apenas Grover. Ele havia atirado um pedaço de metal e atingira um daqueles dedos, produzindo um eco profundo, como se a coluna fosse oca.

— Por que vós fizestes isso? — perguntou Zoë.

Grover encolheu-se.

— Não sei. Eu, hum, não gosto de pés falsos!

— Vamos. — Thalia olhou para mim. — *Contornando.*

Não discuti. Os artelhos estavam me dando nos nervos também. Afinal, quem esculpe dedos de pé de três metros de altura e os finca num ferro-velho?

Depois de vários minutos de caminhada, finalmente chegamos à estrada, um trecho abandonado, porém bem-iluminado de asfalto negro.

— Conseguimos — disse Zoë. — Graças aos deuses.

Mas, aparentemente, os deuses não queriam agradecimento. Naquele momento, ouvi um barulho como o de mil compactadores de lixo esmagando metal.

Dei meia-volta. Atrás de nós, a montanha de metal se movia, erguendo-se. Os dez dedos se inclinaram, e percebi por que pareciam dedos de pé. Porque *eram*. A coisa que se ergueu do meio do metal era um gigante de bronze, com uma armadura grega de batalha completa. Ele era incrivelmente alto — um

arranha-céu com braços e pernas. E reluzia perversamente ao luar. Olhou para baixo, para nós, e seu rosto parecia deformado. O lado esquerdo estava parcialmente derretido. Suas juntas rangiam com a ferrugem, e, em seu peito coberto pela armadura, escrito na poeira espessa por um dedo gigante, estavam as palavras LAVE-ME.

— Talo! — arquejou Zoë.

— Quem... quem é Talo? — gaguejei.

— Uma das criações de Hefesto — respondeu Thalia. — Mas esse não pode ser o original. É pequeno demais. Um protótipo, talvez. Um modelo defeituoso.

O gigante de metal não gostou da palavra *defeituoso*.

Ele levou uma das mãos ao cinto da espada e puxou a arma. O som dela deixando a bainha era horrível, metal raspando metal. A lâmina tinha mais de trinta metros, fácil. Parecia enferrujada e embotada, mas não achei que isso tivesse importância. Ser atingido por aquela coisa seria o mesmo que ser atingido por um navio de guerra.

— Alguém pegou alguma coisa — disse Zoë. — Quem foi que pegou algo daqui?

Ela me fitou, acusadora.

Sacudi a cabeça.

— Sou um monte de coisas, mas não sou ladrão.

Bianca não disse nada. Eu podia jurar que ela parecia culpada, mas não tive muito tempo para pensar no assunto, pois o gigante defeituoso Talo deu um passo em nossa direção, cobrindo metade da distância que nos separava e fazendo o chão tremer.

— Corram! — gritou Grover.

Ótimo conselho, exceto pelo fato de ser inútil. Andando devagar, aquela coisa podia nos ultrapassar facilmente.

Nós nos separamos, da mesma forma que fizemos com o Leão de Nemeia. Thalia pegou seu escudo e o manteve erguido enquanto corria pela estrada. O gigante brandiu a espada e arrancou uma série de cabos elétricos, que explodiram em centelhas e se espalharam no caminho de Thalia.

As flechas de Zoë assoviavam em direção ao rosto da criatura, mas espatifavam-se inofensivamente contra o metal. Grover berrava como um cabritinho e começou a subir uma montanha de metal.

Bianca e eu acabamos nos escondendo perto um do outro, atrás de uma carruagem quebrada.

— Você pegou uma coisa — disse eu. — Aquele arco.

— Não! — negou ela, mas sua voz estava trêmula.

— Devolva! — disse eu. — Jogue fora!

— Eu... eu não peguei o arco! Além disso, é tarde demais.

— O que você pegou?

Antes que ela pudesse responder, ouvi um estrondo metálico e uma sombra surgiu no céu.

— Mexa-se! — Desci correndo o morro, Bianca me seguindo de perto, no momento em que o pé do gigante abria uma cratera no chão onde estivéramos nos escondendo.

— Ei, Talo! — gritou Grover, mas o monstro ergueu a espada, olhando para Bianca e para mim.

Grover tocou uma breve melodia em sua flauta. Mais adiante, na estrada, os fios elétricos começaram a dançar. Compreendi o que Grover ia fazer uma fração de segundo antes que acontecesse. Um dos postes elétricos, com os cabos ainda presos a ele, voou na direção da perna de Talo, prendendo-se à sua

panturrilha. Os cabos faiscaram e enviaram um choque elétrico pelo corpo do gigante.

Talo girou o corpo, rangendo e lançando faíscas. Grover havia nos dado alguns segundos de vantagem.

— Venha! — chamei Bianca. Mas ela permanecia imobilizada. Então tirou do bolso, uma pequena figura de metal, a estátua de um deus. — Era... era para Nico. Era a única estátua que ele não tinha.

— Como é que você pode pensar em Mitomagia numa hora dessas? — perguntei.

Havia lágrimas em seus olhos.

— Ponha no chão — disse eu. — Talvez o gigante nos deixe em paz.

Ela a largou, relutante, mas nada aconteceu.

O gigante continuava atrás de Grover. Enfiou a espada num morro de lixo, errando Grover por pouco, mas lançou uma avalanche de pedaços de metal sobre ele, e então não pude mais vê-lo.

— Não! — gritou Thalia. Ela apontou a lança, disparando um arco azul de raios, que atingiu o monstro no joelho enferrujado, fazendo-o vergar-se. O gigante desabou, mas imediatamente começou a se levantar outra vez. Era difícil dizer se ele podia sentir alguma coisa. Não havia emoções em seu rosto meio derretido, mas eu tinha a impressão de que era tão perturbável quanto um guerreiro de metal da altura de um edifício de vinte andares poderia ser.

Ele ergueu o pé para dar um passo e vi que a sola era desenhada como a base de um tênis. Havia um buraco no calcanhar, como um grande poço de inspeção, e viam-se palavras vermelhas pintadas em torno dele, que só consegui decifrar depois que o pé baixou: PARA MANUTENÇÃO APENAS.

— Hora das ideias loucas — disse eu.

Bianca me olhou, nervosa.

— Qualquer coisa.

Eu lhe contei sobre a portinhola de manutenção.

— Deve haver uma maneira de controlar essa coisa. Interruptores ou coisa assim. Vou entrar nele.

— Como? Você vai ter de ficar debaixo do pé dele! Vai ser esmagado.

— Distraia-o — disse eu. — Só vou precisar calcular bem o tempo.

Bianca trincou o maxilar.

— Não. Eu vou.

— Você não pode. É nova nisso! Vai morrer.

— É minha culpa o monstro ter vindo atrás da gente — disse ela. — É minha responsabilidade. Aqui.

— Ela apanhou a pequena estátua do deus e a apertou em minha mão. — Se alguma coisa acontecer, dê isso a Nico. Diga a ele... diga a ele que sinto muito.

— Bianca, não!

Mas ela não me esperou. Correu na direção do pé esquerdo do monstro.

Thalia tinha a atenção dele por ora. Ela havia percebido que o gigante era grande porém lento. Se você conseguisse chegar perto dele e não ser esmagado, podia contorná-lo e continuar vivo. Pelo menos, estava dando certo até ali.

Bianca chegou bem perto do pé do gigante, tentando equilibrar-se sobre a sucata de metal que oscilava e mudava de posição com o peso dele.

— O que estais fazendo? — gritou Zoë.

— Faça com que ele levante o pé! — respondeu ela.

Zoë disparou uma flecha na direção do rosto do monstro que entrou direto por uma das narinas. O

gigante se empertigou e sacudiu a cabeça.

— Ei, Homem-Lixo! — gritei. — Aqui embaixo.

Corri até o dedão e o espetei com Contracorrente. A lâmina mágica abriu um talho no bronze.

Infelizmente, meu plano funcionou. Talo baixou os olhos para mim e ergueu o pé para me esmagar como a um inseto. Eu não vi o que Bianca estava fazendo. Tive de me virar e correr. O pé desceu poucos centímetros atrás de mim e eu fui lançado no ar. Bati em alguma coisa dura e me sentei, tonto. Eu havia sido lançado contra uma geladeira Ar do Olimpo.

O monstro estava prestes a me liquidar, mas Grover conseguiu emergir da pilha de lixo e começou a tocar a flauta freneticamente. Sua música fez com que outro poste de iluminação batesse na coxa de Talo. O monstro se virou. Grover deveria ter corrido, mas provavelmente estava exausto demais com o esforço despendido para fazer tanta magia. Ele deu dois passos, caiu e não tornou a se levantar.

— Grover! — Thalia e eu corremos em sua direção, mas eu sabia que chegaríamos tarde demais.

O monstro ergueu a espada para esmagar Grover. E então parou.

Talo inclinou a cabeça para um lado, como se estivesse ouvindo uma música esquisita. Começou a mover braços e pernas de forma estranha, dançando a dança da galinha. Então ergueu a mão e deu um soco no próprio rosto.

— Continue, Bianca! — gritei.

Zoë pareceu horrorizada.

— Ela está lá *dentro*?

O monstro cambaleou, e percebi que ainda estávamos correndo perigo. Thalia e eu agarramos Grover e disparamos com ele em direção à estrada. Zoë já estava à nossa frente. Ela gritou:

— Como Bianca vai sair?

O gigante tornou a atingir a própria cabeça e deixou cair a espada. Um tremor percorreu todo o seu corpo e ele oscilou em direção aos cabos elétricos.

— Cuidado! — gritei, mas era tarde demais.

O tornozelo do gigante enrolou-se nos cabos, e fagulhas azuis de eletricidade percorreram o seu corpo. Torci para que seu interior tivesse isolamento. Não tinha a menor ideia do que estava acontecendo lá dentro. O gigante cambaleou de volta para o ferro-velho, e sua mão direita despencou, caindo sobre a sucata metálica com um horrível *CLANGUE!*

O braço esquerdo também se soltou. Ele estava se desmantelando.

Talo começou a correr.

— Esperai! — gritou Zoë. Corremos atrás dele, mas não havia como alcançá-lo. Pedacos do robô continuavam a cair, obstruindo nosso caminho.

O gigante desmoronou de cima para baixo: a cabeça, o peito e, finalmente, as pernas. Quando alcançamos os destroços, procuramos freneticamente, gritando o nome de Bianca. Engatinhamos entre os imensos pedaços ocos e as pernas e a cabeça. Procuramos até o sol começar a se levantar, mas sem sorte.

Zoë sentou-se e chorou. Eu fiquei perplexo de vê-la chorar.

Thalia gritou de raiva e cravou a espada no rosto arruinado do gigante.

— Podemos continuar procurando — disse eu. — Agora está claro. Vamos encontrá-la.

— Não, não vamos — disse Grover, arrasado. — Aconteceu exatamente como deveria ser.

— Do que você está falando? — perguntei.

Ele ergueu os grandes olhos molhados para mim.

— A profecia. *Um se perderá na terra ressecada.*

Por que eu não tinha percebido logo? Por que a deixei ir em meu lugar?

Ali estávamos, no deserto. E Bianca di Angelo se fora.

Na extremidade do depósito de lixo, encontramos um caminhão de reboque tão antigo que bem poderia ter ele mesmo se jogado fora. Mas o motor funcionou, e estava com o tanque cheio, então decidimos pegá-lo emprestado.

Foi Thalia quem dirigiu. Ela não parecia tão atordoada quanto Zoë, Grover ou eu.

— Os esqueletos ainda estão por aí — lembrou-nos. — Precisamos seguir em frente.

Ela nos conduziu pelo deserto, sob um céu azul muito claro, a areia tão brilhante que doía nos olhos. Zoë sentou-se na frente com Thalia. Grover e eu nos sentamos na carroceria do caminhão, encostados no guincho. O ar estava fresco e seco, mas o bom tempo parecia um insulto depois de perdermos Bianca.

Minha mão fechou-se em torno da pequena figura que custara a vida dela. Eu ainda não sabia nem que deus era aquele. Nico saberia.

Ah, deuses... o que eu ia dizer a Nico?

Queria acreditar que Bianca ainda estava viva, em algum lugar. Mas tinha o pressentimento de que ela se fora para sempre.

— Devia ter sido eu — afirmei. — Era eu quem tinha de ter entrado no gigante.

— Não diga isso! — Grover estava em pânico. — Já é ruim o bastante Annabeth ter desaparecido, e agora Bianca. Você acha que eu ia aguentar se... — Ele fungou. — Você acha que alguém *mais* seria meu melhor amigo?

— Ah, Grover...

Ele enxugou os olhos com um tecido oleoso que lhe deixou o rosto sujo, como se estivesse usando uma pintura de guerra.

— Eu... eu estou bem.

Mas não estava. Desde o encontro no Novo México — seja lá o que tenha acontecido quando aquele vento selvagem soprou —, ele parecia muito frágil, mais emotivo do que de hábito. Eu temia falar com ele sobre isso, pois ele poderia começar a berrar.

Pelo menos tem uma coisa boa em se ter um amigo mais descontrolado do que você. Percebi que eu não podia ficar deprimido. Tinha de deixar de lado as lembranças de Bianca e seguir em frente, como Thalia estava fazendo. Eu me perguntava sobre o que ela e Zoë estariam conversando na cabine do caminhão.

O caminhão reboque ficou sem gasolina na beira do cânion de um rio. Mas não tinha problema, pois a estrada também terminava ali.

Thalia saltou e bateu a porta. Imediatamente, um dos pneus estourou.

— Ótimo. O que mais vai acontecer agora?

Observei o horizonte. Não havia muito para se ver. Deserto em todas as direções, blocos ocasionais de

montanhas áridas erguendo-se aqui e ali. O cânion era a única coisa interessante. O rio propriamente dito não era muito grande; tinha talvez uns cinquenta metros de largura, água verde com algumas cachoeiras, mas abria uma grande cicatriz no deserto. O penhasco despencava abaixo de nós.

— Tem uma passagem — disse Grover. — Podíamos descer até o rio.

Tentei ver do que ele estava falando e, por fim, percebi uma minúscula saliência que se insinuava para baixo na face do rochedo.

— É uma passagem para bodes — disse eu.

— E daí? — perguntou ele.

— Nós três não somos bodes.

— Podemos conseguir — insistiu Grover. — Eu acho.

Pensei na possibilidade. Eu já havia enfrentado penhascos antes, mas não gostava deles. Então olhei para Thalia e vi o quanto ela havia empalidecido. O problema dela era a altura... Ela nunca conseguiria.

— Não — disse eu. — Eu, hum, acho que devíamos subir um pouco mais o rio.

— Mas... — disse Grover.

— Venham — chamei. — Uma caminhada não vai nos fazer mal.

Olhei para Thalia. Seus olhos disseram um rápido *Obrigada*.

Seguimos o rio por cerca de meia hora antes de encontrarmos uma descida mais fácil até a água. À margem havia um serviço de aluguel de canoas inativo naquela época, mas deixei uma pilha de dracmas de ouro no balcão e um bilhete dizendo *Vale duas canoas*.

— Precisamos subir o rio — afirmou Zoë. Era a primeira vez que eu a ouvia falar desde o ferro-velho e fiquei preocupado por sua voz parecer tão ruim, como a de alguém com gripe. — As cachoeiras são rápidas demais.

— Deixem isso comigo — disse. E pusemos as canoas na água.

Thalia me puxou de lado quando estávamos pegando os remos.

— Obrigada pelo que fez lá atrás.

— Não há de quê.

— Você pode mesmo... — Ela fez um gesto com a cabeça na direção das cachoeiras. — Você sabe.

— Acho que sim. Em geral sou bom na água.

— Você levaria Zoë? — perguntou ela. — Eu acho, hã, talvez você possa falar com ela.

— Ela não vai gostar disso.

— Por favor... Não sei se suporto ficar na mesma canoa que ela. Ela... ela está começando a me preocupar.

Aquela era a última coisa que eu queria fazer, mas concordei.

Os ombros de Thalia relaxaram.

— Te devo uma.

— Duas.

— Uma e meia — disse ela. Então sorriu e, por um segundo, lembrei que, no fundo, eu gostava dela quando não estava gritando comigo.

Ela virou-se e ajudou Grover a colocar a canoa na água.

No fim das contas, nem tive de controlar a correnteza. Assim que entramos no rio, olhei sobre a borda do barco e deparei com duas náiades me olhando.

Elas pareciam adolescentes comuns, do tipo que se vê em qualquer shopping center, só que estavam debaixo d'água.

Ei, eu disse.

Elas fizeram um som borbulhante que pode ter sido uma risadinha. Eu não tinha certeza. Tinha dificuldade em entender as náíades.

Estamos subindo o rio, eu lhes disse. *Vocês acham que poderiam...*

Antes que eu pudesse concluir, cada náíade escolheu uma canoa e começou a nos empurrar rio acima. Seguíamos tão depressa que Grover caiu na sua canoa com os cascos para cima.

— Odeio as náíades — grunhiu Zoë.

Um jato de água subiu da popa do barco e a atingiu no rosto.

— Demônios! — Zoë levou a mão ao arco.

— Ei — interferi. — Elas só estão brincando.

— Malditos espíritos das águas. Eles nunca me perdoaram.

— Perdoar você por quê?

Ela tornou a pendurar o arco nas costas.

— Foi há muito tempo. Deixe para lá.

Aceleramos rio acima, os penhascos avultando-se de ambos os lados.

— O que aconteceu com Bianca não foi culpa sua — disse a ela. — Foi minha culpa. Eu a deixei ir.

Imaginei que isso daria a Zoë uma desculpa para começar a gritar comigo. Pelo menos isso a sacudiria e a tiraria da depressão.

Em vez disso, seus ombros se curvaram.

— Não, Percy. Eu a forcei a participar da busca. Eu estava ansiosa demais. Ela era uma meio-sangue poderosa. E também tinha um coração generoso. Eu... eu pensei que ela seria a próxima tenente.

— Mas você é a tenente.

Ela agarrou a correia de seu cesto de flechas. Parecia mais cansada do que eu jamais a vira.

— Nada pode durar para sempre, Percy. Há mais de dois mil anos eu conduzo a Caçada, e minha sabedoria não aumentou. Agora a própria Ártemis se encontra em perigo.

— Olhe, você não pode se culpar por isso.

— Se eu tivesse insistido em ir com ela...

— Você acha que poderia ter enfrentado algo tão poderoso que foi capaz de sequestrar Ártemis? Não há nada que você pudesse fazer.

Zoë não respondeu.

Os penhascos ao longo do rio estavam ficando mais altos. Sombras compridas atravessavam as águas, tornando-as bem mais frias, mesmo com o dia ensolarado.

Sem pensar no que fazia, tirei Contracorrente do bolso. Zoë olhou para a caneta e sua expressão era de dor.

— Você fez isto — disse eu.

— Quem contou a vós?

— Tive um sonho a esse respeito.

Ela me estudou. Eu tinha certeza de que Zoë ia me chamar de louco, mas ela limitou-se a dar um suspiro.

— Foi um presente. E um erro.

— Quem era o herói? — perguntei.

Zoë sacudiu a cabeça.

— Não me façais pronunciar o nome dele. Eu jurei nunca o dizer novamente.

— Você age como se eu o conhecesse.

— Tenho certeza de que conheceis, herói. Vocês garotos não querem ser todos como ele?

Sua voz era tão amarga que decidi não perguntar o que ela queria dizer. Baixei os olhos para Contracorrente e, pela primeira vez, me perguntei se ela não seria amaldiçoada.

— Sua mãe era uma deusa das águas? — perguntei.

— Sim, Pleione. Ela teve cinco filhas. Minhas irmãs e eu. As Hespérides.

— Essas foram as garotas que viviam num jardim nos confins do Ocidente. Com a macieira de ouro e um dragão que a guardava.

— Sim — disse Zoë, melancólica. — Ládôn.

— Mas não eram só quatro irmãs?

— Agora são. Eu fui exilada. Esquecida. Apagada como se nunca tivesse existido.

— Por quê?

Zoë apontou para minha caneta.

— Porque traí minha família e ajudei um herói. Você também não vai encontrar isso na lenda. Ele nunca falou de mim. Depois que seu ataque a Ládôn fracassou, eu lhe dei a ideia de como roubar as maçãs, como enganar meu pai, mas *ele* levou todo o crédito.

— Mas...

Glub, glub, a náíade falou em minha mente. A canoa foi desacelerando.

Olhei à frente e vi o porquê.

Ali era o ponto máximo a que podiam nos levar. O rio estava interrompido. Uma barragem do tamanho de um estádio de futebol erguia-se em nosso caminho.

— A Barragem de Hoover — disse Thalia. — É imensa.

Ficamos na margem do rio, olhando para a curva de concreto que assomava entre os penhascos. Pessoas andavam no alto da barragem, tão minúsculas que pareciam moscas.

As náíades haviam partido com um bocado de resmungos — não em palavras que eu pudesse compreender, mas era óbvio que detestavam aquela barragem que bloqueava seu lindo rio. Nossas canoas flutuaram de volta corrente abaixo, rodopiando no curso dos vertedouros da barragem.

— Duzentos e vinte e um metros de altura — disse eu. — Construída na década de 1930.

— Trinta e cinco bilhões de metros cúbicos de água — continuou Thalia.

Grover suspirou.

— O maior projeto de engenharia dos Estados Unidos.

Zoë nos fitou.

— Como vós sabeis disso tudo?

— Annabeth — expliquei. — Ela gostava de arquitetura.

— Era louca por monumentos — afirmou Thalia.

— Despejava informações em cima da gente o tempo todo — fungou Grover. — Uma chatice.

— Queria que ela estivesse aqui — disse eu.

Os outros assentiram. Zoë ainda nos olhava de modo estranho, mas eu não ligava. Parecia ironia de um destino cruel que tivéssemos ido à Barragem de Hoover, um dos monumentos favoritos de Annabeth, e ela não estivesse ali para vê-la.

— Devíamos ir até lá em cima — propus. — Por ela. Só para dizer que viemos.

— Vós sois louco — concluiu Zoë. — Mas, de qualquer forma, é lá que está a estrada. — Ela apontou para um imenso estacionamento perto do topo da barragem. — Então, lá vamos nós, agir como turistas.

Tivemos de andar por quase uma hora antes de encontrar uma passagem que levasse à estrada. Ela surgiu no lado direito do rio. Então caminhamos em direção à barragem. Estava frio e ventava muito lá no alto. De um lado, um grande lago se estendia, rodeado por montanhas desertas e áridas. Do outro lado, a represa, como a rampa de skate mais perigosa do mundo, despencava no rio duzentos e vinte metros abaixo, despejando a água que turbilhonava das saídas da barragem.

Thalia caminhava no meio da estrada, distante das beiradas. Grover ia farejando o vento, parecendo nervoso. Ele não dizia nada, mas eu sabia que farejava monstros.

— A que distância estão? — perguntei-lhe.

Ele sacudiu a cabeça.

— Talvez não muito perto. O vento na represa, o deserto à nossa volta... o cheiro pode viajar provavelmente por quilômetros. Mas está vindo de várias direções. Não gosto disso.

Nem eu tampouco. Já era quarta-feira, faltavam apenas dois dias para o solstício de inverno, e ainda tínhamos um longo caminho a vencer. Não precisávamos de nenhum outro monstro.

— Tem uma lanchonete no centro de visitantes — disse Thalia.

— Você já esteve aqui antes? — perguntei.

— Uma vez. Para ver os guardiães. — Ela apontou para a extremidade oposta da represa. Esculpida na parede do penhasco havia uma pequena praça com duas grandes estátuas de bronze. Pareciam estatuetas do Oscar com asas.

— Foram dedicadas a Zeus quando a represa foi construída — afirmou Thalia. — Um presente de Atena.

Havia turistas aglomerados em torno delas. Pareciam olhar os pés das estátuas.

— O que estão fazendo? — perguntei.

— Esfregando a mão nos dedos dos pés — explicou Thalia. — Eles acham que dá sorte.

— Por quê?

Ela sacudiu negativamente a cabeça.

— Os mortais têm ideias malucas. Eles não sabem que as estátuas são dedicadas a Zeus, mas sabem que há algo de especial nelas.

— Quando estive aqui, elas falaram com você ou algo no gênero?

A expressão de Thalia tornou-se sombria. Percebi que ela estivera ali antes desejando exatamente isso — algum sinal de seu pai. Alguma conexão.

— Não. Elas não fazem nada. São apenas grandes estátuas de metal.

Pensei na última grande estátua de metal que havíamos encontrado. E que o encontro não havia

corrido nada bem. Mas resolvi não tocar no assunto.

— Vamos procurar a droga da lanchonete — disse Zoë inesperadamente. — É melhor comer enquanto podemos.

Grover abriu um sorriso diante da expressão que não combinava com Zoë.

— A droga da lanchonete?

Zoë piscou.

— Sim. O que isso tem de engraçado?

— Nada — respondeu Grover, tentando manter-se sério. — Umas drogas de batatas fritas cairiam bem.

Até Thalia sorriu.

— E eu preciso usar a droga do banheiro.

Talvez fosse o fato de estarmos tão cansados e emocionalmente esgotados, mas comecei a rir, e Thalia e Grover me acompanharam, enquanto Zoë se limitava a nos olhar.

— Não estou entendendo.

— Eu quero beber da droga da fonte de água — disse Grover.

— E... — Thalia tentava recuperar o fôlego. — Eu quero comprar uma droga de camiseta.

Eu ria sem parar, e provavelmente teria continuado a rir o dia todo se não tivesse ouvido um barulho:

— Muuuu.

O riso desmanchou-se no meu rosto. Perguntei-me se aquele barulho seria somente na minha cabeça, mas Grover também havia parado de rir. Ele olhava ao redor, confuso.

— Isso que ouvi foi uma vaca?

— Uma droga de vaca? — riu Thalia.

— Não — disse Grover. — Estou falando sério.

Zoë apurou os ouvidos.

— Não estou ouvindo nada.

Thalia me observava.

— Percy, você está bem?

— Sim — respondi. — Vocês vão em frente. Eu vou em seguida.

— Qual o problema? — perguntou Grover.

— Nada — disse eu. — Eu... eu só preciso de um minuto. Para pensar.

Eles hesitaram, mas acho que eu devia estar com uma expressão aborrecida, pois acabaram entrando no centro de visitantes sem mim. Assim que se foram, corri até a extremidade norte da barragem e olhei para baixo.

— Muu.

Ela estava uns dez metros abaixo, no lago, mas eu podia vê-la claramente: minha amiga do Estreito de Long Island, Bessie, a vaca-serpente.

Olhei à volta. Havia grupos de crianças correndo ao longo da barragem. Muitos idosos. Algumas famílias. Mas ninguém parecia prestar atenção em Bessie.

— O que está fazendo aqui? — perguntei a ela.

— Muu!

Sua voz tinha um tom de urgência, como se ela estivesse tentando me avisar sobre alguma coisa.

— Como chegou aqui? — perguntei. Estávamos a milhares de quilômetros de Long Island, centenas de quilômetros distantes do litoral. Não havia como ela ter nadado até ali. E, no entanto, lá estava ela.

Bessie nadou em círculo e bateu a cabeça contra a lateral da represa.

— Muu!

Queria que eu fosse com ela. Estava me dizendo que me apressasse.

— Não posso — disse eu. — Meus amigos estão lá dentro.

Ela me olhou com os olhos castanhos e tristes. Então emitiu mais um “Muu!” urgente, deu um salto mortal e desapareceu na água.

Hesitei. Alguma coisa estava errada. Ela estava tentando me dizer isso. Pensei em saltar sobre a lateral da barragem e segui-la, mas então meus músculos enrijeceram. Os pelos no meu braço se eriçaram. Olhei para a estrada da barragem, no sentido leste, e vi dois homens caminhando lentamente na minha direção. Eles usavam trajes de tecido cinza camuflado que tremulavam sobre corpos esqueléticos.

Passaram por um grupo de crianças, empurrando-as.

— Ei! — gritou um garoto, e um dos guerreiros voltou-se para ele, seu rosto transformando-se momentaneamente em uma caveira.

— Ah! — gritou o garoto, e todo o grupo recuou.

Corri para o centro de visitantes.

Eu estava quase na escada quando ouvi pneus cantarem. No lado oeste da represa, uma van preta deu uma guinada, parando no meio da estrada e quase atropelando alguns idosos.

As portas da van se abriram e mais guerreiros-esqueletos saltaram. Eu estava cercado.

Subi a escada em disparada e passei pela entrada do museu. O segurança no detector de metais gritou: “Ei, garoto!” Mas eu não parei.

Atravessei correndo a área das exposições e me escondi atrás de um grupo de turistas. Procurei meus amigos, mas não os via em lugar nenhum. Onde ficava a droga da lanchonete?

— Pare! — gritou o cara do detector de metais.

Não havia nenhum lugar para onde ir, a não ser um elevador com o grupo de turistas. Mergulhei lá dentro no momento exato em que a porta se fechava.

— Vamos descer duzentos e treze metros — disse alegremente nossa guia turística, uma funcionária do parque, com cabelos longos e negros puxados para trás em um rabo de cavalo e óculos de lentes coloridas. Acho que ela não havia percebido que eu estava sendo perseguido. — Não se preocupem, senhoras e senhores, o elevador raramente quebra.

— Ele vai para a lanchonete? — perguntei a ela.

Algumas pessoas atrás de mim riram. A guia olhou para mim. Alguma coisa em seu olhar fez minha pele formigar.

— Vai para as turbinas, rapazinho — disse a mulher. — Você não estava ouvindo minha fascinante exposição lá em cima?

— Ah, hã, claro. A represa tem outra saída?

— É um beco sem saída — disse um turista atrás de mim. — Pelo amor de Deus! A única saída é o outro elevador.

As portas se abriram.

— Siga em frente, pessoal — disse-nos a guia. — Outro funcionário espera por vocês no fim do

corredor.

Eu não tinha muita escolha senão sair com o grupo.

— E, rapaz... — chamou a guia. Olhei para trás. Ela havia tirado os óculos. Seus olhos eram surpreendentemente cinza, como nuvens de tempestade. — Tem sempre uma saída para aqueles que são espertos o bastante para encontrá-la.

As portas se fecharam com a guia ainda lá dentro, deixando-me sozinho.

Antes que eu pudesse pensar muito na mulher do elevador, um *tlim* veio do outro canto. O segundo elevador estava se abrindo, e eu ouvi um som inconfundível — de dentes de esqueleto castanholando.

Corri atrás do grupo de turistas, ao longo de um túnel escavado na rocha sólida, que parecia estender-se para sempre. As paredes eram úmidas, e o ar zumbia com a eletricidade e o rugido da água. Saí numa sacada em forma de U, que dava para um imenso galpão. Quinze metros abaixo, viam-se turbinas enormes em movimento. Era um espaço muito grande, mas eu não via nenhuma outra saída, a menos que quisesse saltar nas turbinas e ser moído para gerar eletricidade. O que eu não queria.

Outro guia falava a um microfone, explicando aos turistas como funcionava o fornecimento de água em Nevada. Rezei para que Thalia, Zoë e Grover estivessem bem. Talvez já tivessem sido capturados ou talvez estivessem comendo na lanchonete, completamente alheios ao fato de estarmos cercados. E eu, estúpido, havia me encurralado num buraco centenas de metros abaixo da superfície.

Contornei a multidão, tentando não chamar muito a atenção. Havia um corredor do outro lado da sacada — quem sabe não seria um lugar no qual eu pudesse me esconder. Mantive a mão em Contracorrente, pronto para lutar.

No momento em que alcancei o outro lado da sacada, meus nervos estavam em frangalhos. Recuei, entrando no pequeno corredor e fiquei observando o túnel pelo qual eu viera.

Então, bem atrás de mim, ouvi um *Tchiii!* agudo, como a voz de um esqueleto.

Sem pensar, destampeei Contracorrente e girei o corpo, brandindo minha espada.

A garota que eu acabava de tentar cortar ao meio arquejou e deixou cair seu lenço de papel.

— Ah, meu Deus! — gritou ela. — Você sempre tenta matar as pessoas quando elas assoam o nariz?

A primeira coisa que passou pela minha cabeça foi que a espada não a havia machucado. Ela havia atravessado seu corpo, inofensiva.

— Você é mortal!

Ela me olhou, incrédula.

— O que quer dizer com *isso*? É claro que sou mortal! Como foi que você conseguiu passar essa espada pela segurança?

— Não passei... Espere, você pode ver que é uma espada?

A garota revirou os olhos, que eram verdes, como os meus. Tinha cabelos castanho-avermelhados ondulados e seu nariz também era vermelho, como se estivesse gripada. Usava um grande suéter marrom de Harvard e jeans coberto com manchas de hidrocor e furinhos, como se ela passasse o tempo livre espetando-o com um garfo.

— Bem, ou é uma espada ou o maior palito de dentes do mundo — replicou ela. — E por que ela não me machucou? Bem, não que eu esteja me queixando. Quem é você? E, uau, o que é isto que você está usando? É feito de pele de leão?

Ela fazia tantas perguntas e tão rápido, que era como se estivesse atirando pedras em mim. Não me

ocorria o que dizer. Olhei para minhas mangas para ver se o casaco do Leão de Nemeia havia se modificado de alguma maneira, voltando a ser a pele, mas, para mim, ainda parecia um casaco marrom de inverno.

Eu sabia que os guerreiros-esqueletos ainda estavam me perseguindo. Não tinha tempo a perder. Mas fiquei ali, olhando a garota ruiva. Então lembrei-me do que Thalia havia feito em Westover Hall para enganar os professores. Talvez eu pudesse manipular a Névoa.

Concentrei-me intensamente e estalei os dedos.

— Você não está vendo uma espada — disse eu à garota. — É só uma caneta esferográfica.

Ela piscou.

— Hum... não. É uma espada, seu maluco.

— Quem *é* você? — perguntei.

Ela bufou, indignada.

— Rachel Elizabeth Dare. Agora, você vai responder às *minhas* perguntas ou eu devo gritar, chamando a segurança?

— Não! — disse eu. — Isto é, estou com um pouco de pressa. Estou numa encrenca.

— Com pressa ou numa encrenca?

— Hum, os dois.

Ela olhou sobre meu ombro e seus olhos se arregalaram.

— Banheiro!

— O quê?

— Banheiro! Atrás de mim! Agora!

Não sei por quê, mas obedeci. Deslizei para dentro do banheiro masculino e deixei Rachel Elizabeth Dare lá fora. Mais tarde, aquilo me pareceu covardia. Também tenho certeza de que salvou minha vida.

Ouvi os sons retinidos e sibilantes dos esqueletos quando se aproximaram.

Meus dedos apertaram-se em torno de Contracorrente. O que eu estava pensando? Deixara uma garota lá fora para morrer. Estava me preparando para sair e lutar quando Rachel Elizabeth Dare começou a falar daquele seu jeito metralhadora.

— Ah, meu Deus! Vocês *viram* aquele garoto? Já não era mais sem tempo de vocês chegarem aqui. Ele tentou me matar! Ele tinha uma espada, pelo amor de Deus. Como é que vocês, seguranças, deixam um lunático brandindo uma espada entrar em um monumento nacional? Puxa vida! Ele foi correndo por ali, na direção daquelas turbinas. Acho que pela lateral. Ou talvez tenha caído.

Os esqueletos retiniram, excitados. Então ouvi que se afastavam.

Rachel abriu a porta.

— Área limpa. Mas é melhor você correr.

Ela parecia abalada. Seu rosto estava cinza e suado.

Espiei pela esquina. Três guerreiros-esqueletos corriam em direção ao outro lado da sacada. O caminho para o elevador estava livre por alguns segundos.

— Te devo essa, Rachel Elizabeth Dare.

— O que são aquelas coisas? — perguntou ela. — Pareciam...

— Esqueletos?

Ela assentiu, desconfortável.

— Faça um favor a si mesma — pedi. — Esqueça isso. Esqueça que me viu.

— Esquecer que você tentou me matar?

— É. Isso também.

— Mas quem é você?

— Percy... — comecei a dizer. Então os esqueletos deram meia-volta. — Tenho de ir!

— Que espécie de nome é Percy Tenho de Ir?

Disparei para a saída.

O café estava lotado de garotos desfrutando da melhor parte da excursão — o almoço. Thalia, Zoë e Grover estavam sentados diante de sua comida.

— Precisamos partir — arquejei. — Agora!

— Mas acabamos de pegar nossos *burritos*! — disse Thalia.

Zoë se levantou, murmurando uma praga em grego antigo.

— Ele tem razão! Olhem.

As janelas do café percorriam todo o andar de observação, o que nos dava uma linda vista panorâmica do exército de esqueletos que viera nos matar.

Contei dois no lado leste da estrada, bloqueando o caminho para o Arizona. Três mais a oeste, guardando Nevada. Todos armados com cassetetes e pistolas.

Mas nosso problema imediato estava bem mais perto. Os três guerreiros-esqueletos que estavam me caçando na sala das turbinas surgiram na escada. Eles me viram do outro lado da cafeteria e bateram os dentes.

— Elevador! — disse Grover. Corremos naquela direção, mas as portas se abriram com um agradável *tlim* e três outros guerreiros saíram dali. Isso dava conta de todos os guerreiros, menos o que Bianca havia feito em chamas no Novo México. Estávamos completamente cercados.

Então Grover teve uma ideia brilhante, tipicamente de Grover.

— Guerra de *burritos*! — gritou ele, e atirou seu *Guacamole* Grande no esqueleto mais perto.

Bem, se você nunca foi atingido por um *burrito* voador, considere-se uma pessoa de sorte. Em termos de projéteis letais, está lado a lado com as granadas e as bolas de canhão. O almoço de Grover acertou o esqueleto e arrancou-lhe o crânio de cima dos ombros. Não tenho muita certeza do que os outros garotos no café viram, mas piraram e começaram a jogar seus *burritos* e pacotes de batata frita e refrigerantes uns nos outros, rindo e gritando.

Os esqueletos tentavam fazer mira com as armas, mas era inútil. Corpos, bebidas e comida voavam por toda parte.

No meio do caos, Thalia e eu atacamos os dois esqueletos na escada e os lançamos voando para a mesa de temperos. Então todos corremos escada abaixo, grandes *guacamoles* passando zumbindo por nossos ouvidos.

— E agora? — perguntou Grover quando chegamos ao lado de fora.

Eu não tinha resposta. Os guerreiros na estrada se aproximavam de ambas as direções. Atravessamos a rua correndo até o pavilhão com as estátuas de bronze aladas, mas isso só serviu para nos encurralar de costas para a montanha.

Os esqueletos adiantaram-se, formando uma meia-lua à nossa volta. Seus irmãos do café vinham correndo para se juntar a eles. Um deles ainda estava colocando o crânio sobre os ombros. Outro estava coberto de ketchup e mostarda. Dois outros tinham *burritos* cravados em suas costelas. E não pareciam nada felizes com isso. Puxaram os cassetetes e avançaram.

— Quatro contra onze — murmurou Zoë. — E *eles* não podem morrer.

— Foi um prazer viver aventuras com vocês — disse Grover com a voz trêmula.

Alguma coisa brilhante vista pelo canto dos olhos, atraiu minha atenção. Olhei para trás, para os pés das estátuas.

— Puxa! — exclamei. — Os dedos delas são mesmo brilhantes.

— Percy! — disse Thalia. — Isso não é hora.

Mas eu não conseguia deixar de olhar os dois gigantes de bronze, com asas altas e afiadas, como abridores de carta. Eles estavam escurecidos pelo tempo, exceto pelos dedos dos pés, que brilhavam como moedas novas de tanto as pessoas os esfregarem em busca de boa sorte.

Boa sorte. A bênção de Zeus.

Pensei na guia turística no elevador. Os olhos cinza e o sorriso. O que foi que ela dissera? *Tem sempre uma saída para aqueles que são espertos o bastante para encontrá-la.*

— Thalia — disse eu. — Reze para o seu pai.

Ela me fuzilou com os olhos.

— Ele nunca responde.

— Só desta vez — implorei. — Peça ajuda. Eu acho... Acho que as estátuas podem nos trazer alguma sorte.

Seis esqueletos ergueram as armas. Os outros cinco adiantaram-se com seus cassetetes. Quinze metros de distância. Doze metros.

— Peça! — gritei.

— Não! — disse Thalia. — Ele não vai me responder.

— Agora é diferente!

— Quem diz?

Hesitei.

— Atena, eu acho.

Thalia fez uma careta, como se estivesse certa de que eu havia enlouquecido.

— Tente — implorou Grover.

Thalia fechou os olhos. Seus lábios moveram-se numa prece silenciosa. Eu fiz minha própria prece para a mãe de Annabeth, esperando que fosse mesmo ela naquele elevador — que ela estivesse tentando nos ajudar a salvar sua filha.

E nada aconteceu.

Os esqueletos aproximavam-se. Ergui Contracorrente para me defender. Thalia ergueu seu escudo. Zoë empurrou Grover para trás dela e mirou uma flecha na cabeça de um esqueleto.

Uma sombra caiu sobre mim. Pensei que talvez fosse a sombra da morte. Então percebi que era a sombra de uma enorme asa. Os esqueletos ergueram os olhos tarde demais. Um lampejo de bronze, e todos os cinco com os cassetetes foram varridos do caminho.

Os outros esqueletos abriram fogo. Levantei meu casaco de leão em busca de proteção, mas não

precisei dele. Os anjos de bronze se interpuseram entre nós e dobraram as asas como escudos. As balas repicavam nelas como a chuva em um teto de zinco. Ambos os anjos abriram as asas como se fosse um golpe de espada, e os esqueletos atravessaram a rua voando.

— Cara, como é bom ficar de pé! — disse o primeiro anjo. Sua voz soava metálica e enferrujada, como se ele não tivesse bebido nada desde que fora feito.

— Olhe só para os dedos dos meus pés! — disse o outro. — Santo Zeus, o que esses turistas pensam?

Por mais atônito que eu estivesse com os anjos, estava mais preocupado com os esqueletos. Alguns deles se levantavam novamente, remontando-se, as mãos ossudas procurando suas armas.

— Encrenca! — gritei.

— Tirem-nos daqui! — gritou Thalia.

Os dois anjos baixaram os olhos para ela.

— Filha de Zeus?

— Sim!

— Será que você pode dizer um *por favor*, Senhorita Filha de Zeus? — perguntou um dos anjos.

— Por favor!

Os anjos se entreolharam e deram de ombros.

— Até que nos esticar um pouco seria bom — decidiu um deles.

E então um deles agarrou Thalia e a mim, o outro pegou Zoë e Grover, e voamos acima da represa e do rio, os guerreiros-esqueletos encolhendo, até tornarem-se minúsculos pontos abaixo de nós, o som de seus disparos ecoando nas encostas das montanhas.

— Avise quando tiver acabado — disse Thalia. Seus olhos estavam bem fechados. A estátua nos segurava de modo que não pudéssemos cair, mas ainda assim Thalia agarrava-lhe o braço como se fosse a coisa mais importante do mundo.

— Está tudo bem — garanti.

— Estamos... estamos muito alto?

Olhei para baixo. Embaixo de nós, uma cordilheira de montanhas cobertas de neve passou rapidamente. Estiquei o pé e chutei a neve de um dos picos.

— Não — disse eu. — Não tão alto.

— Estamos nas Sierras! — gritou Zoë. Ela e Grover pendiam dos braços da outra estátua. — Já caeci por aqui. A essa velocidade, estaremos em São Francisco em algumas horas.

— Ei, ei, Frisco! — disse o nosso anjo. — Ô, Chuck! Podíamos visitar aqueles caras no Monumento dos Mecânicos de novo! Eles sabem como se divertir!

— Ah, cara — disse o outro anjo. — Estou dentro!

— Vocês já foram a São Francisco? — perguntei.

— Nós autômatos precisamos nos divertir um pouco de vez em quando, certo? — replicou nossa estátua. — Aqueles mecânicos nos levaram para o Museu do Jovem e nos apresentaram a umas estátuas de mármore do sexo feminino, sabe? E...

— Hank! — cortou-o a outra estátua, Chuck. — Eles são crianças, cara.

— Ah, tá. — Se estátuas de bronze podem enrubescer, eu juro que Hank enrubesceu. — De volta ao voo.

Aceleramos, o que mostrava que os anjos estavam entusiasmados. As montanhas se transformaram em morros, e logo sobrevoávamos campos cultivados, cidades e estradas.

Grover tocava sua flauta para passar o tempo. Zoë, entediada, começou a disparar flechas em outdoors ao passarmos por eles. Todas as vezes que via uma loja de departamentos Target — e passamos por dezenas delas — ela acertava algumas flechas na mosca da placa em forma de alvo, a cento e sessenta quilômetros por hora.

Thalia manteve os olhos fechados o tempo todo. Sussurrava para si mesma, como se estivesse rezando.

— Você foi bem lá na represa — disse a ela. — Zeus a ouviu.

Era difícil dizer o que ela estava pensando com os olhos fechados.

— Talvez — replicou ela. — Como foi que você conseguiu escapar dos esqueletos na sala dos geradores, aliás? Você disse que eles o encurralaram.

Contei-lhe sobre a estranha mortal, Rachel Elizabeth Dare, que parecia capaz de ver através da Névoa. Pensei que Thalia fosse me chamar de maluco, mas ela assentiu com a cabeça.

— Alguns mortais são assim — disse ela. — Ninguém sabe por quê.

De repente, ocorreu-me algo em que eu nunca havia pensado. Minha *mãe* era assim. Ela tinha visto o Minotauro na Colina Meio-Sangue e soubera exatamente do que se tratava. E não ficara nem um pouco surpresa no ano passado quando eu lhe contara que meu amigo Tyson era na verdade um ciclope. Talvez ela soubesse o tempo todo. Não era de admirar que tivesse temido tanto por mim enquanto eu crescia. Ela via através da Névoa até melhor que eu.

— Bem, a garota era irritante — afirmei. — Mas fico feliz por não a ter transformado em pó. Isso teria sido muito ruim.

Thalia concordou.

— Deve ser bom ser um mortal comum.

Ela disse aquilo como se tivesse pensado muito no assunto.

— Onde vocês querem aterrissar? — perguntou Hank, acordando-me de um cochilo.

Olhei para baixo e exclamei.

— Uau!

Eu já vira São Francisco em fotos, mas nunca na vida real. Era provavelmente a cidade mais bonita que eu já tinha visto: uma espécie de Manhattan menor e mais limpa, se Manhattan fosse cercada por morros verdes e nevoeiro. Havia uma imensa baía com navios, ilhas e barcos a vela, e a Ponte Golden Gate projetava-se do meio do nevoeiro. Tive vontade de tirar uma foto ou algo no gênero. *Lembranças de Frisco. Ainda não morri. Queria que estivesse aqui.*

— Lá — sugeriu Zoë. — Perto da Torre do Embarcadero.

— Boa escolha — disse Chuck. — Hank e eu podemos nos misturar aos pombos.

Todos nós olhamos para ele.

— Brincadeirinha — disse ele. — As estátuas não podem ter senso de humor?

Como vimos, não havia muita necessidade de se esconder no meio de nada. Era manhã bem cedo e não havia tantas pessoas por ali. Assustamos um mendigo no cais das barcas quando pousamos. Ele gritou ao ver Hank e Chuck e saiu correndo, berrando algo sobre anjos de metal vindos de Marte.

Nós nos despedimos dos anjos, que foram se divertir com seus amigos estátuas. Foi então que me dei conta de que não tinha a menor ideia do que faríamos a seguir.

Havíamos chegado à Costa Oeste. Ártemis estava ali, em algum lugar. Annabeth também, eu esperava. Mas não tinha ideia de como encontrá-las, e o dia seguinte seria o solstício de inverno. Tampouco eu tinha alguma pista sobre o monstro que Ártemis estivera caçando. Ele devia *nos* encontrar na busca. Devia “apontar a trilha”, mas isso não acontecera. Agora estávamos ali no cais das barcas, com pouco dinheiro, sem amigos, sem sorte.

Depois de uma breve discussão, concordamos que precisávamos descobrir o que era esse monstro misterioso.

— Mas como? — perguntei.

— Nereu — disse Grover.

Olhei para ele.

— O quê?

— Não foi isso que Apolo lhe disse que fizesse? Encontrar Nereu?

Assenti. Eu havia esquecido completamente minha última conversa com o deus sol.

— O velho do mar — recordei. — Preciso encontrá-lo e forçá-lo a nos contar o que sabe. Mas como encontrá-lo?

Zoë fez uma careta.

— O velho Nereu, é?

— Você o conhece? — perguntou Thalia.

— Minha mãe era uma deusa do mar. Sim, eu o conheço. Infelizmente, ele não é muito difícil de achar. Basta seguir o cheiro.

— Como assim? — perguntei.

— Vinde — disse ela sem entusiasmo. — Vou mostrar a vós.

Eu sabia que estava encrocado quando paramos diante do posto de doações Boa Vontade. Cinco minutos depois, Zoë me fizera vestir uma camisa de flanela esfarrapada e jeans três tamanhos maior que o meu, tênis vermelho vivo e um gorro de lã colorida.

— Ah, sim — disse Grover, tentando não explodir numa gargalhada —, agora você pode passar totalmente despercebido.

Zoë assentiu satisfeita.

— Um típico vagabundo.

— Obrigado — resmunguei. — Por que é que estou fazendo isso mesmo, hein?

— Eu já vos disse. Para se misturar.

Ela nos levou novamente para a zona portuária. Após um longo tempo procurando nos diversos cais, Zoë finalmente se deteve. Ela apontou para um píer onde um grupo de mendigos se amontoava, enrolados em cobertores, esperando que chegasse a hora da sopa do almoço.

— Ele está em algum lugar ali — disse Zoë. — Ele nunca se afasta muito da água. Gosta de tomar sol durante o dia.

— Como vou saber quem?

— Aproximai-vos sorrateiramente — disse ela. — Agi como um deles. Vós sabereis. Ele cheira... diferente.

— Ótimo. — Eu não queria pedir detalhes. — E depois que o encontrar?

— Agarraí-o — disse ela. — E ficai segurando. Ele vai tentar de tudo para se livrar de vós. O que quer que ele faça, não o solteis. Forçai-o a falar sobre o monstro.

— Vamos proteger sua retaguarda — disse Thalia. Ela puxou alguma coisa nas costas da minha camisa... um grande bolo de sujeira que veio sabe-se lá de onde. — Eca! Pensando bem... não queremos nada com sua retaguarda. Mas vamos ficar torcendo por você.

Grover fez o sinal de positivo com o polegar para mim.

Resmunguei como era legal ter amigos superpoderosos. Então segui na direção do cais.

Puxei o gorro para baixo e cambaleei, como se estivesse prestes a desmaiar — o que não era difícil, levando-se em conta o quanto eu estava cansado. Passei pelo nosso amigo mendigo do Embarcadero, que ainda tentava advertir os outros sobre anjos de metal vindos de Marte.

Ele não cheirava bem, mas não... diferente. Continuei andando.

Dois sujeitos bem sujos, usando sacolas plásticas de mercado como chapéu, me analisaram da cabeça

aos dos pés quando me aproximei.

— Dê o fora, garoto! — murmurou um deles.

Segui em frente. Eles cheiravam mal de verdade, mas um cheiro de coisa velha normal. Nada de incomum.

Havia uma mulher com um punhado de flamingos de plástico se projetando de um carrinho de compras. Ela me fuzilou com os olhos, como se eu quisesse roubar suas aves.

No fim do píer, um cara que parecia ter um milhão de anos estava desmaiado num trecho onde o sol batia. Vestia pijama e um roupão de banho felpudo, que provavelmente um dia fora branco. Era gordo, com uma barba branca que havia se tornado amarela, e se parecia com Papai Noel, supondo-se que Papai Noel tivesse sido arrancado da cama e arrastado por um monte de esterco.

E o cheiro?

Ao me aproximar, fiquei paralisado. Ele cheirava mal, certo — mas era um fedor marinho. Uma mistura de alga quente, peixe morto e maresia. Se o oceano tinha um lado feio... ali estava.

Tentei controlar a ânsia de vômito quando me sentei perto dele, como se estivesse cansado. Papai Noel abriu um olho, desconfiado. Eu podia sentir seus olhos em mim, mas não olhei para ele. Resmunguei alguma coisa sobre escola estúpida e pais estúpidos, imaginando que isso deveria soar razoável.

Papai Noel voltou a dormir.

Fiquei nervoso. Aquilo ia parecer estranho. Eu não sabia como os outros sem-teto reagiriam. Mas saltei sobre Papai Noel.

— Ahhhhh! — gritou ele. Minha intenção era agarrá-lo, mas em vez disso ele pareceu me agarrar. Era como se antes ele não estivesse adormecido. Certamente não agia como um homem velho e fraco. Seus dedos me apertavam como aço. — Me ajudem! — gritou ele, enquanto me apertava, tentando me matar.

— Isso é um crime! — exclamou um dos mendigos. — Um garoto rolar com um velho assim!

Eu estava mesmo rolando — descendo o píer até minha cabeça bater num poste. Fiquei tonto por um segundo, e as mãos de Nereu relaxaram. Ele estava tentando fugir. Antes que pudesse, recuperei meus sentidos e o ataquei por trás.

— Não tenho dinheiro! — Ele tentou se levantar e correr, mas cerrei os braços em torno de seu peito. Seu cheiro de peixe podre era terrível, mas eu continuei agarrado a ele.

— Não quero dinheiro — falei enquanto ele lutava para se soltar. — Sou um meio-sangue! Só quero informações!

Isso só fez com que ele se debatesse ainda mais.

— Heróis! Por que vocês sempre me escolhem?

— Porque você sabe de tudo!

Ele grunhiu e tentou me arrancar de suas costas. Era como me segurar em uma montanha-russa. Ele se sacudia de um lado para o outro, impedindo que meus pés se apoiassem, mas trinquei os dentes e apertei ainda mais. Cambaleamos em direção à beira do píer e eu tive uma ideia.

— Ah, não! — exclamei. — A água não!

O plano funcionou. Imediatamente Nereu gritou em triunfo e saltou da borda. Juntos, mergulhamos na Baía de São Francisco.

Ele deve ter ficado surpreso quando apertei ainda mais o abraço, o oceano me enchendo com força extra. Mas Nereu também tinha alguns truques guardados. Ele foi mudando de forma até eu me ver

agarrado a uma foca preta e luzidia.

Já ouvi pessoas fazendo piada sobre tentar segurar um porco gordurento, mas eu estou lhe dizendo: segurar um foca na água é mais difícil. Nereu desceu para o fundo, contorcendo-se, sacudindo-se e espiralando pelas águas escuras. Não fosse eu filho de Poseidon, não teria conseguido me manter agarrado a ele de jeito nenhum.

Nereu girou e aumentou de tamanho, transformando-se em uma baleia assassina, mas me aferrei à sua barbatana dorsal quando ele saltou para fora da água.

— Uau! — gritou um bando de turistas.

Consegui acenar para a multidão. *É, fazemos isso todos os dias aqui em São Francisco.*

Nereu mergulhou e tornou-se uma enguia escorregadia. Comecei a dar um nó nele, mas ele percebeu o que estava acontecendo e voltou à forma humana.

— Por que você não se afoga? — gemeu ele, me esmurrando.

— Sou filho de Poseidon — respondi.

— Aquele maldito novo-rico! Eu estava aqui primeiro!

Por fim, ele desabou na beira do cais. Acima de nós, havia um daqueles píeres de turistas repletos de lojas, como um centro comercial sobre a água. Nereu arfava, tentando recuperar o fôlego. Eu estava ótimo. Poderia ter continuado naquela brincadeira o dia todo, mas não disse isso a ele. Queria que ele acreditasse que havia feito uma bela luta.

Meus amigos desceram correndo a escada que vinha do píer.

— Vós o pegastes! — exclamou Zoë.

— Não precisa parecer tão surpresa — observei.

Nereu gemeu.

— Ah, que maravilha! Uma plateia para minha humilhação! O acordo de sempre, suponho... Vocês me soltarão se eu responder à sua pergunta?

— Tenho mais de uma pergunta — disse eu.

— Somente uma pergunta por captura! Essa é a regra.

Olhei para meus amigos.

Isso não era bom. Eu precisava encontrar Ártemis, e precisava decifrar como era a criatura apocalíptica. Também precisava saber se Annabeth ainda estava viva, e como resgatá-la. Como incluir tudo isso em uma só pergunta?

Uma voz dentro de mim gritava: *Pergunte sobre Annabeth!* Isso era o que mais me importava.

Mas então imaginei o que Annabeth diria. Ela nunca me perdoaria se eu a salvasse e não salvasse o Olimpo. Zoë queria que eu perguntasse sobre Ártemis, mas Quíron nos dissera que o monstro era ainda mais importante.

Deixei escapar um suspiro.

— Tudo bem, Nereu. Diga-me onde encontrar esse monstro terrível que pode exterminar os deuses. O que Ártemis estava caçando.

O Velho do Mar sorriu, mostrando os dentes verdes de musgo.

— Ah, isso é fácil demais — disse ele, maldoso. — Ele está bem ali.

Nereu apontou para a água aos meus pés.

— Onde? — perguntei.

— O acordo está cumprido! — rejubilou-se Nereu. Com um estalo, ele transformou-se num peixinho dourado e deu um salto mortal de costas, mergulhando no mar.

— Você me enganou! — gritei.

— Espere. — Os olhos de Thalia se arregalaram. — O que é *isso*?

— MUUUUUUUUU!

Olhei para baixo, e lá estava minha amiga vaca-serpente, nadando perto do cais. Ela focinhou meu sapato e me olhou com os tristes olhos castanhos.

— Ah, Bessie — disse eu. — Agora não.

— Muuu!

Grover arquejou.

— Ele está dizendo que o nome dele não é Bessie.

— Você entende o que ela... hum, ele diz?

Grover assentiu.

— É uma linguagem animal muito antiga. Mas ele diz que ele é o Ofiotauro.

— O Ofio... o quê?

— Significa touro-serpente em grego — disse Thalia. — Mas o que ele está fazendo aqui?

— Muuuuuuuuu!

— Ele diz que Percy é o seu protetor — anunciou Grover. — E que ele está fugindo das pessoas más. Diz que elas estão perto.

Eu me perguntei como é que se pode tirar tanto de um simples *muuuuuuu*.

— Esperai — disse Zoë, olhando para mim. — Vós conheceis essa vaca?

Eu estava impaciente, mas lhes contei a história.

Thalia sacudiu a cabeça, incrédula.

— E você simplesmente esqueceu de mencionar isso?

— Bem... é. — Pareceu besteira agora, mas as coisas vinham acontecendo tão rápido! Bessie, o Ofiotauro, parecia um detalhe sem importância.

— Eu sou uma tola — disse Zoë subitamente. — Eu conheço essa história!

— Que história?

— Da Guerra dos Titãs — disse ela. — Meu... meu pai me contou essa história, há milhares de anos. Esta é a besta que estamos procurando.

— Bessie? — Baixei os olhos para o touro-serpente. — Mas... ele é muito fofinho. Ele não seria capaz de destruir o mundo.

— Aí está o nosso erro — disse Zoë. — Estávamos esperando um monstro imenso e perigoso, mas o Ofiotauro não ameaça os deuses dessa forma. Para isso, ele precisa ser sacrificado.

— MMMM! — mugiu Bessie.

— Não creio que ele goste dessa palavra com S — observou Grover.

Fiz um carinho na cabeça de Bessie, tentando acalmá-lo. Ele deixou que eu coçasse sua orelha, mas estava tremendo.

— Como alguém seria capaz de machucá-lo? — perguntei. — Ele é inofensivo.

Zoë assentiu.

— Mas existe poder em matar a inocência. Um poder terrível. As Parcas fizeram uma profecia éons

atrás, quando essa criatura nasceu. Disseram que quem matasse o Ofiotauro e oferecesse suas entranhas ao fogo em sacrifício teria o poder de destruir os deuses.

— MMMMMM!

— Hum — disse Grover. — Talvez pudéssemos evitar falar em *entranhas* também.

Thalia fitou o touro-serpente com espanto.

— O poder de destruir os deuses... Como? Isto é, o que aconteceria?

— Ninguém sabe — afirmou Zoë. — Na primeira vez, durante a Guerra dos Titãs, o Ofiotauro foi de fato morto por um gigante, aliado dos titãs, mas vosso pai, Zeus, enviou uma águia para arrebatá-lo antes que fossem atiradas ao fogo. Foi por pouco. Agora, depois de três mil anos, o Ofiotauro renasceu.

Thalia sentou-se no cais, e estendeu a mão. Bessie foi direto para ela. Thalia pousou a mão em sua cabeça. Bessie estremeceu.

A expressão de Thalia me perturbava. Ela parecia quase... com fome.

— Temos de protegê-lo — disse a ela. — Se Luke puser as mãos nele...

— Luke não hesitaria — murmurou Thalia. — O poder de derrubar o Olimpo. Isso é... isso é colossal.

— Sim, é, minha querida — disse uma voz masculina com forte sotaque francês. — E é um poder que *vous* irá desencadear.

O Ofiotauro soltou um choramingo e submergiu.

Ergui os olhos. Estivéramos tão ocupados conversando que nos deixamos ser emboscados.

De pé atrás de nós, os olhos de duas cores brilhando perversamente, estava o dr. Espinheiro, o manticore, em pessoa.

— Isto é simplesmente perrrfeito — rejubilou-se o manticore.

Ele usava um sobretudo esfarrapado sobre o uniforme de Westover Hall, que estava rasgado e sujo. Seu cabelo em estilo militar havia crescido e estava espetado e seboso. Ele não se barbeara recentemente, portanto seu rosto estava coberto pela barba prateada que crescia. Na verdade, não tinha a aparência muito melhor que a dos caras lá, à espera da sopa.

— Há muito tempo os deuses me baniram para a Pérsia — contou o manticore. — Fui obrigado a pilhar para comer nos confins do mundo, escondendo-me em florestas, devorando fazendeiros humanos insignificantes. Não conseguia lutar com nenhum grande herói. Não era temido nem admirado nas antigas histórias! Mas agora isso vai mudar. Os titãs irão me respeitar, e irei me banquetear com carne de meios-sangues!

Ao lado dele, havia dois seguranças armados, dois dos mortais mercenários que eu tinha visto em Washington. Dois outros estavam no cais ao lado, para o caso de tentarmos escapar por ali. Havia turistas por toda parte — caminhando pelo cais, fazendo compras no píer acima de nós —, mas eu sabia que isso não impediria o manticore de agir.

— Onde... onde estão os esqueletos? — perguntei a ele.

Ele fez uma careta de escárnio.

— Não preciso daqueles ridículos mortos-vivos! O General acha que sou inútil? Ele vai mudar de ideia quando eu derrotar vocês!

Eu precisava de tempo para pensar. Precisava salvar Bessie. Podia mergulhar no mar, mas como conseguiria uma fuga rápida levando uma vaca-serpente de mais de duzentos quilos? E os meus amigos?

— Já o vencemos antes — disse eu.

— Ah! Vocês mal puderam lutar comigo, mesmo com um uma deusa do seu lado. E, por falar nisso... aquela deusa está ocupada no momento. Não haverá ajuda para vocês agora.

Zoë pegou uma flecha e mirou a cabeça do manticore. Os guardas à nossa volta ergueram suas armas.

— Espere! — disse eu. — Zoë, não!

O manticore sorriu.

— O garoto tem razão, Zoë Doce-Amarga. Livre-se do arco. Seria uma pena matá-la antes de você testemunhar a grande vitória de Thalia.

— Do que você está falando? — grunhiu Thalia. Estava com o escudo e a lança prontos.

— Está muito claro — disse o manticore. — Este é o seu momento. Foi para isso que Senhor Cronos a trouxe de volta à vida. Você irá sacrificar o Ofiotauro. Você levará suas entranhas ao fogo sagrado na montanha. Você conquistará o poder ilimitado. E, em seu décimo sexto aniversário, derrubará o Olimpo.

Ninguém falou. Aquilo fazia um terrível sentido. Thalia estava a apenas dois dias de completar dezesseis anos. Era filha de um dos Três Grandes. E aqui estava uma escolha, uma escolha terrível que poderia significar o fim dos deuses. Era exatamente como dizia a profecia. Eu não sabia se me sentia aliviado, horrorizado ou decepcionado. Eu não era o garoto da profecia, afinal. O Juízo Final estava acontecendo agora.

Esperei que Thalia contestasse o manticore, mas ela hesitava. Parecia completamente aturdida.

— Você sabe que é a escolha certa — disse-lhe o manticore. — Seu amigo Luke reconheceu isso. Você se juntará a ele. Vocês reinarão neste mundo juntos sob o auspício dos Titãs. Seu pai a abandonou, Thalia. Ele não lhe dá a mínima. E agora você terá um poder superior ao dele. Esmague os olímpianos sob seus pés, como eles merecem. Chame a besta! Ela virá até você. Use sua lança.

— Thalia — disse eu —, saia dessa!

Ela me olhou do mesmo modo que fizera na manhã em que acordara na Colina Meio-Sangue, atordoada e incerta. Era quase como se não me conhecesse.

— Eu... Eu não...

— Seu pai a socorreu — lembrei. — Ele enviou os anjos de metal. Ele a transformou em árvore para resguardá-la.

Sua mão apertou com mais força o cabo da lança.

Olhei para Grover, desesperado. Graças aos deuses, ele compreendeu o que eu precisava. Levou a flauta à boca e tocou um rápido fragmento musical.

— Detenham-no! — gritou o manticore.

Os guardas ainda estavam mirando Zoë e, antes que pudessem perceber que o garoto com a flauta era o problema maior, das tábuas de madeira aos seus pés brotaram ramos que se enroscaram em suas pernas. Zoë disparou duas rápidas flechas que explodiram junto a eles em nuvens de fumaça amarela e sulfurosa. Flechas de pum!

Os guardas começaram a tossir. O manticore atirou espinhos em nossa direção, mas estes ricochetearam em meu casaco de leão.

— Grover — eu disse —, diga a Bessie que mergulhe mais fundo e fique lá embaixo!

— Muuuuuu! — traduziu Grover. Eu só podia esperar que Bessie compreendesse a mensagem.

— A vaca... — murmurou Thalia, ainda aturdida.

— Venha! — Eu a puxei comigo enquanto subíamos correndo a escada que dava no centro comercial do píer. Dobramos a esquina da loja mais próxima. Ouvi o manticore gritar para seus capangas: “Peguemos-nos!” Os turistas gritavam enquanto os guardas disparavam cegamente para o alto.

Corremos até a extremidade do píer e nos escondemos atrás de um pequeno quiosque de suvenires de cristal — mensageiros do vento, apanhadores de sonho e coisas assim, cintilando à luz do sol. Havia uma fonte de água perto de onde estávamos. Lá embaixo, um bando de leões-marinhos tomava sol nas pedras. Toda a Baía de São Francisco se estendia diante de nós: a Ponte Golden Gate, a Ilha de Alcatraz, as colinas verdes e o nevoeiro além destas para o norte. Um momento perfeito para uma foto, exceto pelo fato de que estávamos prestes a morrer e o mundo a acabar.

— Ide para a borda! — disse-me Zoë. — Vós podeis escapar no mar, Percy. Pedi ajuda a vosso pai. Talvez consigais salvar o Ofiotauro.

Zoë tinha razão, mas eu não podia fazer isso.

— Não vou deixar vocês — disse eu. — Vamos lutar juntos.

— Você precisa informar o acampamento! — insistiu Grover. — Pelo menos deixá-los saber o que está acontecendo!

Nesse momento, notei que os cristais criavam arco-íris na luz do sol. Havia um bebedouro perto de mim...

— Informar o acampamento — murmurei. — Boa ideia.

Destampeí Contracorrente e cortei o tampo do bebedouro. A água jorrou do cano partido e borrifou sobre nós.

Thalia arquejou quando a água a atingiu. O nevoeiro pareceu sumir de seus olhos.

— Você é doido? — perguntou ela.

Mas Grover compreendeu. E já estava procurando uma moeda nos bolsos. Ele atirou um dracma de ouro no arco-íris criado pela névoa e gritou:

— Ó deusa, aceite minha oferenda!

A névoa ondulou-se.

— Acampamento Meio-Sangue! — pedi.

E ali, tremeluzindo na Névoa diante de nós, estava a última pessoa que eu queria ver: o sr. D, usando seu agasalho esportivo de estampa de leopardo e vasculhando a geladeira.

Ele ergueu os olhos preguiçosamente.

— Com licença?

— Onde está Quíron? — gritei.

— Que indelicadeza. — O sr. D bebeu um gole de um jarro de suco de uva. — É assim que você diz olá?

— Olá — corrigi. — Estamos prestes a morrer! Cadê o Quíron?

O sr. D refletiu sobre o que eu disse. Eu queria gritar com ele para que se apressasse, mas sabia que isso não funcionaria. Atrás de nós, passos e gritos — a tropa do manticore estava se aproximando.

— Prestes a morrer — ponderou o sr. D. — Que emocionante! Receio que Quíron não esteja aqui. Quer que eu lhe dê um recado?

Olhei para os meus amigos.

— Estamos mortos.

Thalia agarrou a lança. Ela se parecia com a mesma Thalia zangada de antes.

— Então vamos morrer lutando.

— Que nobreza — disse o sr. D, reprimindo um bocejo. — Então, qual é o problema, exatamente?

Eu não via que diferença isso poderia fazer, mas contei-lhe sobre o Ofiotauro.

— Humm. — Ele estudava o conteúdo da geladeira. — Então, é isto. Sei.

— Você nem liga! — gritei. — Até gostaria de nos ver morrer!

— Vamos ver. Acho que estou a fim de comer pizza hoje à noite.

Eu queria golpear o arco-íris e desconectar a ligação, mas não tinha tempo para isso. O manticore gritou: “Lá!” e estávamos cercados. Dois dos guardas se mantinham atrás dele. Os outros dois apareceram no telhado das lojas do píer acima de nós. O manticore tirou o casaco e se transformou em seu eu verdadeiro, as patas de leão estendidas e a cauda pontiaguda eriçada, com farpas envenenadas.

— Excelente — disse ele. Então olhou para a aparição na névoa e riu, com desdém. — Sozinhos, sem nenhuma ajuda *real*. Maravilhoso.

— Você poderia *pedir* ajuda — murmurou o sr. D para mim, como se essa fosse uma ideia divertida.

— Poderia dizer por favor.

Quando javalis voarem, pensei. De maneira nenhuma ia morrer implorando a alguém detestável como o sr. D, para que ele pudesse rir enquanto todos nós éramos mortos.

Zoë preparou suas flechas. Grover ergueu sua flauta. Thalia levantou o escudo, e eu percebi uma lágrima correndo por sua bochecha. De repente, algo me ocorreu: isso já havia acontecido com ela antes. Ela havia sido encurralada na Colina Meio-Sangue e, voluntariamente, dera a vida por seus amigos. Dessa vez, porém, não podia nos salvar.

Como eu podia deixar que tal coisa acontecesse com ela?

— Por favor, sr. D — murmurei. — Socorro.

Naturalmente, nada aconteceu.

O manticore sorriu.

— Poupem a filha de Zeus. Ela se juntará a nós em breve. Matem os outros.

Os homens ergueram suas armas, e algo estranho aconteceu. Sabe como você se sente quando todo o sangue flui para sua cabeça, como quando você fica de cabeça para baixo e vira depressa demais? Houve uma afluência como essa ao meu redor, e um som como o de um imenso suspiro. A luz do sol tingiu-se de púrpura. Senti o cheiro de uva e de algo mais ácido — vinho.

CRAQUE!

Era o som de muitas mentes se rompendo ao mesmo tempo. O som da loucura. Um guarda pôs a pistola entre os dentes, como se fosse um osso, e pôs-se a correr de quatro, de um lado para o outro. Dois outros largaram as armas e começaram a valsar, como um casal. O quarto começou a dançar o que parecia um sapateado irlandês. Teria sido engraçado se não fosse tão aterrorizante.

— Não! — gritou o manticore. — Vou cuidar de vocês eu mesmo!

Sua cauda eriçou-se, mas das tábuas sob suas patas brotaram parreiras, que começaram imediatamente a se enroscar no corpo do monstro, germinando folhas novas e cachinhos de uvas verdes que amadureciam em segundos, enquanto o manticore soltava guinchos estridentes, até ser totalmente engolido por uma

imensa massa de vinhas, folhas e cachos de uvas púrpura. Por fim, as uvas deixaram de tremer, e eu tive o pressentimento de que o manticore já não estava mais ali embaixo.

— Bem — disse Dioniso, fechando a geladeira. — Isso foi divertido.

Eu o fitei, horrorizado.

— Como o senhor pôde... Como...

— Quanta gratidão — murmurou ele. — Os mortais também vão se recuperar. Explicações demais a dar se tornasse sua condição permanente. Odeio escrever relatórios para o Pai.

Ele olhou, ressentido, para Thalia.

— Espero que tenha aprendido sua lição, garota. Não é fácil resistir ao poder, é?

Thalia corou, como se estivesse envergonhada.

— Sr. D — disse Grover, pasmo. — O senhor... o senhor nos salvou.

— Hum. Não faça com que eu me arrependa, sátiro. Agora vá, Percy Jackson. Consegui lhe dar no máximo algumas horas a mais.

— O Ofiotauro — disse eu. — O senhor pode levá-lo para o acampamento?

O sr. D fungou.

— Não faço transporte de gado. Isso é problema seu.

— Mas para onde vamos?

Dioniso olhou para Zoë.

— Ah, acho que a Caçadora sabe. Vocês devem chegar ao pôr do sol hoje, lembrem-se, ou tudo estará perdido. Agora, até logo. Minha pizza está esperando.

— Sr. D — chamei.

Ele ergueu a sobrancelha.

— O senhor me chamou pelo nome certo — disse eu. — Me chamou de Percy Jackson.

— Certamente que não, Peter Johnson. Agora, vão!

Ele fez um gesto com a mão, e sua imagem desapareceu na névoa.

À nossa volta, os capangas do manticore ainda agiam como loucos completos. Um deles havia encontrado nosso amigo, o mendigo, e os dois conversavam seriamente sobre anjos de metal vindos de Marte. Vários outros guardas estavam importunando os turistas, imitando ruídos de animais e tentando roubar-lhes os sapatos.

Olhei para Zoë.

— O que ele quis dizer... Você sabe para onde ir?

O rosto dela estava da cor do nevoeiro. Ela apontou para a baía, além da Golden Gate. A distância, uma montanha solitária se erguia acima da camada de nuvens.

— O jardim de minhas irmãs — disse ela. — Tenho de ir para a minha casa.

— Não vamos conseguir nunca — disse Zoë. — Estamos seguindo devagar demais. Mas não podemos deixar o Ofiotauro.

— Muuu — disse Bessie.

Ele nadava perto de mim enquanto corríamos à beira d'água. Havíamos deixado o píer do centro comercial bem para trás. Seguíamos para a Ponte Golden Gate, mas era muito mais longe do que eu imaginara. O sol já estava baixando a oeste.

— Não entendo — disse eu. — Por que temos de chegar lá ao pôr do sol?

— As Hespérides são as ninfas do pôr do sol — disse Zoë. — Só podemos entrar em seu jardim quando o dia se transforma em noite.

— O que acontece se chegarmos tarde?

— Amanhã é o solstício de inverno. Se perdermos o pôr do sol de hoje, teremos de esperar até o anoitecer de amanhã. E a essa altura o Conselho Olímpico já terá terminado. Temos de libertar a Senhora Ártemis esta noite.

Ou Annabeth estará morta, pensei, mas não disse isso em voz alta.

— Precisamos de um carro — disse Thalia.

— Mas e Bessie? — perguntei.

Grover deteve-se.

— Tenho uma ideia! O Ofiotauro pode aparecer em diferentes condutos de água, certo?

— Bem, sim — respondi. — Ele estava no Estreito de Long Island. Então apareceu na Barragem de Hoover. E agora está aqui.

— Então talvez conseguíssemos convencê-lo a voltar para o Estreito de Long Island — sugeriu Grover. — Quíron poderia nos ajudar a levá-lo para o Olimpo.

— Mas ele estava me seguindo — disse eu. — Sem que eu esteja lá, será que ele saberia para onde está indo?

— Muu — disse Bessie, desesperado.

— Eu... eu posso lhe mostrar — disse Grover. — Vou com ele.

Eu o fitei. Grover não era fã de água. Ele havia quase se afogado no último verão, no Mar dos Monstros, e não podia nadar muito bem com seus cascos de bode.

— Sou o único que pode falar com ele — afirmou Grover. — Faz sentido.

Ele se curvou e disse alguma coisa no ouvido de Bessie, que estremeceu, e então emitiu um mugido contente.

— A bênção da Natureza — informou Grover. — Isso deve ajudar com a segurança. Percy, reze a seu pai, também. Veja se ele vai nos conceder passagem segura através dos mares.

Eu não compreendia como eles poderiam voltar nadando da Califórnia a Long Island. No entanto, os

monstros não viajavam da mesma forma que os humanos. Eu já tinha tido evidências suficientes disso.

Tentei me concentrar nas ondas, no cheiro do oceano, no som da maré.

— Pai — disse eu. — Ajude-nos. Leve o Ofiotauro e Grover em segurança para o acampamento. Proteja-os no mar.

— Uma prece como essa precisa de um sacrifício — disse Thalia. — Algo grande.

Pensei por um segundo. Então tirei meu casaco.

— Percy — disse Grover. — Tem certeza? A pele do leão... é algo muito útil. Héracles a usou!

Assim que ele disse essas palavras, eu me dei conta de algo.

Olhei para Zoë, que estava me observando com atenção. Percebi que eu de fato *sabia* quem fora o herói de Zoë — aquele que arruinara sua vida, que a fizera ser expulsa da família, e que nunca mencionara a ajuda que ela lhe dera: Héracles, um herói que eu havia admirado toda a minha vida.

— Se eu tiver de sobreviver — disse eu —, não vai ser por causa de um casaco de pele de leão. Eu não sou Héracles.

Atirei o casaco na baía. Ele se transformou novamente no pelo dourado de um leão, cintilando na luz. Então, enquanto afundava sob as ondas, pareceu dissolver-se à luz do sol na água.

A brisa marinha ganhou força.

Grover respirou fundo.

— Bem, não há tempo a perder.

Ele pulou na água e imediatamente começou a afundar. Bessie deslizou a seu lado e o deixou segurar em seu pescoço.

— Tomem cuidado — eu lhes disse.

— Tomaremos — garantiu Grover — O.k., hum... Bessie? Vamos para Long Island. Fica a leste. Naquela direção.

— Muuuu? — perguntou Bessie

— Sim — respondeu Grover. — Long Island. É esta a ilha. E... é longe. Ah, vamos lá!

— Muuu!

Bessie deu uma guinada para a frente. Começou a submergir e Grover disse:

— Eu não sei respirar na água! Pensei ter dito... *Glub!*

Lá se foram eles debaixo d'água, e eu torci para que a proteção de meu pai se estendesse a detalhes pequenos, como respirar.

— Bem, um problema resolvido — afirmou Zoë. — Mas como vamos chegar ao jardim de minhas irmãs?

— Thalia tem razão — disse eu. — Precisamos de um carro. Mas não tem ninguém para nos ajudar aqui. A menos que nós, hum, pegássemos um emprestado.

Eu não gostava dessa opção. Claro, aquela era uma situação de vida ou morte, mas, ainda assim, era roubo, e certamente chamaria a atenção para nós.

— Espere — disse Thalia. Ela começou a vasculhar a mochila. — Existe alguém em São Francisco que pode nos ajudar. Tenho o endereço aqui, em algum lugar.

— Quem? — perguntei.

Thalia tirou um pedaço amassado de folha de caderno e o estendeu.

— Professor Chase. O pai de Annabeth.

Depois de ouvir Annabeth queixar-se do pai durante dois anos, eu esperava que ele tivesse chifres e presas de demônio. Não esperava que usasse chapéu e óculos de aviator antiquados. Ele parecia tão estranho, com os olhos aumentados através das lentes, que todos recuamos um passo à entrada da casa.

— Olá — disse ele numa voz amigável. — Vocês vieram entregar meus aviões?

Thalia, Zoë e eu nos entreolhamos com cautela.

— Hã, não, senhor — disse eu.

— Droga — replicou ele. — Preciso de mais três Sopwith Camels.

— Certo — disse eu, embora não tivesse a menor ideia do que ele estava falando. — Somos amigos de Annabeth.

— Annabeth? — Ele se endireitou, como eu tivesse acabado de lhe dar um choque elétrico. — Ela está bem? Aconteceu alguma coisa?

Nenhum de nós respondeu, mas nossos rostos devem ter dito que algo estava muito errado. Ele tirou o chapéu e os óculos. Tinha cabelos cor de areia, como os de Annabeth, e intensos olhos castanhos. Era bonito, eu acho, para um homem mais velho, mas parecia que não se barbeava havia alguns dias, e a camisa estava abotoada errado, de modo que um lado da gola projetava-se mais alto que o outro.

— É melhor vocês entrarem — disse ele.

Não parecia uma casa para a qual haviam acabado de mudar. Havia robôs de LEGO na escada e dois gatos dormindo no sofá da sala. Sobre a mesinha de centro viam-se pilhas de revistas, e o casaco de uma criança pequena estava aberto no chão. A casa toda cheirava a *cookies* com gotas de chocolate recém-assados. E da cozinha vinha uma música de jazz. Parecia uma casa bagunçada e feliz — o tipo de lugar que havia sido habitado desde sempre.

— Pai! — gritou um garotinho. — Ele está desmontando meus robôs!

— Bobby — disse, alheio, o dr. Chase —, não desmonte os robôs do seu irmão!

— *Eu sou* Bobby — protestou o pequenino. — Ele é Matthew!

— Matthew — disse o dr. Chase —, não desmantele os robôs do seu irmão!

— Está bem, pai!

O dr. Chase voltou-se para nós.

— Vamos subir até o meu estúdio. Por aqui.

— Querido? — chamou uma mulher. A madrasta de Annabeth apareceu na sala de estar, enxugando as mãos em um pano de prato. Era uma bela mulher oriental, com cabelos de mechas vermelhas preso em um coque.

— Quem são nossos convidados? — perguntou ela.

— Ah — disse o dr. Chase. — Este é...

Ele nos olhou com uma interrogação nos olhos.

— Frederick — ela o repreendeu. — Você esqueceu de perguntar o nome deles?

Nós nos apresentamos um pouco desconfortáveis, mas a sra. Chase parecia muito legal. Perguntou se estávamos com fome. Admitimos que sim, e ela nos disse que traria *cookies*, sanduíches e refrigerantes.

— Querida — disse o dr. Chase. — Vieram para falar de Annabeth.

Eu já quase esperava que a sra. Chase se transformasse em uma lunática furiosa à menção da enteada, mas ela só franziu os lábios e pareceu preocupada.

— Tudo bem. Subam para o estúdio e eu levo a comida para vocês. — Ela sorriu para mim. — Muito prazer em conhecê-lo, Percy. Ouvi falar muito de você.

No segundo andar, entramos no estúdio do dr. Chase e eu exclamei:

— Uau!

As paredes eram cobertas de livros, mas o que chamou mesmo minha atenção foram os brinquedos de guerra. Havia uma mesa imensa com miniaturas de tanque e soldados lutando ao longo de um rio pintado de azul, com colinas e árvores artificiais, e outras coisas mais. Antigos aviões biplanos pendiam de fios no teto inclinados em ângulos malucos, como se estivessem no meio de uma batalha aérea.

O dr. Chase sorriu.

— Sim. A Terceira Batalha de Ypres. Estou escrevendo um ensaio, sabem, sobre o uso de Sopwith Camels para bombardear as linhas inimigas. Acredito que tenham tido um papel muito maior que o crédito que lhes é atribuído.

Ele arrancou um biplano de seu fio e o deslizou velozmente pelo campo de batalha, imitando o barulho de um motor de avião enquanto derrubava pequenos soldados alemães.

— Ah, certo — disse eu. Sabia que o pai de Annabeth era professor de história militar. Mas ela nunca mencionara que ele brincava com soldadinhos de brinquedo.

Zoë aproximou-se e estudou o campo de batalha.

— As linhas alemãs ficavam mais distantes do rio.

O dr. Chase a fitou.

— Como sabe disso?

— Eu estava lá — disse ela casualmente. — Ártemis queria nos mostrar como a guerra era horrível, a maneira como os humanos mortais lutam uns com os outros. E como era estúpida, também. A batalha era um completo desperdício.

O dr. Chase abriu a boca em choque.

— Você...

— Ela é uma Caçadora, senhor — informou Thalia. — Mas não é por isso que estamos aqui. Precisamos...

— Você viu os Sopwith Camels? — perguntou o dr. Chase. — Quantos eles eram? Em que formação voavam?

— Senhor — interrompeu Thalia novamente. — Annabeth está correndo perigo.

Isso atraiu a atenção dele, fazendo-o deixar o biplano de lado.

— É claro — falou o dr. Chase. — Contem-me tudo.

Não era fácil, mas tentamos. Enquanto isso, a luz da tarde enfraquecia lá fora. Nosso tempo estava se esgotando.

Quando terminamos, o dr. Chase desabou em sua poltrona reclinável de couro. Ele entrelaçou as mãos.

— Minha pobre e corajosa Annabeth. Precisamos correr.

— Senhor, precisamos de um transporte até o Monte Tamalpais — afirmou Zoë. — E precisamos imediatamente.

— Vou levar vocês. Hum, seria mais rápido voarmos em meu Camel, mas só dá para duas pessoas.

— Uau, o senhor tem um avião de verdade? — admirei-me.

— Em Crissy Field — disse o dr. Chase, orgulhoso. — Foi esse o motivo de eu ter me mudado para cá. Meu patrocinador é um colecionador particular com algumas das maiores relíquias da Primeira Guerra Mundial. Ele me deixou restaurar o Sopwith Camel...

— Senhor — interrompeu Thalia. — Um carro já estaria ótimo. E seria melhor se fôssemos sem o senhor. É perigoso demais.

O dr. Chase franziu a testa, desconfortável.

— Ei, espere um minuto, juvenzinha. Annabeth é minha filha. Perigoso ou não, eu... eu não posso...

— Lanchinhos — anunciou a sra. Chase. Ela passou pela porta com uma bandeja cheia de sanduíches de manteiga de amendoim e geleia, Coca-Cola e *cookies* recém-saídos do forno, as gotas de chocolate ainda pegajosas.

Thalia e eu devoramos alguns *cookies* enquanto Zoë dizia:

— Eu dirijo, senhor. Não sou tão jovem quanto aparento. Prometo não destruir o seu carro.

A sra. Chase contraiu as sobrancelhas.

— Do que estão falando?

— Annabeth está correndo perigo — disse o dr. Chase. — No Monte Tam. Eu queria levá-los até lá, mas... parece que não é lugar para mortais.

Aparentemente fora difícil para ele dizer aquela última parte.

Esperei que a sra. Chase dissesse não. Afinal, que pai ou mãe mortal permitiria que três adolescentes menores de idade pegassem seu carro emprestado? Mas, para minha surpresa, a sra. Chase concordou.

— Então é melhor eles irem.

— Certo! — O dr. Chase levantou-se de um salto e começou a tatear os bolsos. — As chaves...

Sua mulher suspirou.

— Frederick, francamente. Você perderia a cabeça se ela não estivesse guardada nesse chapéu de aviador. As chaves estão penduradas ao lado da porta da frente.

— Certo! — disse o dr. Chase.

Zoë pegou um sanduíche.

— Obrigada a vocês dois. Temos de ir. *Agora*.

Sáímos apressados pela porta e descemos a escada, os Chases nos seguindo.

— Percy — chamou a sra. Chase quando eu saía —, diga a Annabeth... Diga-lhe que ela ainda tem um lar aqui, sim? Lembre-a disso.

Dei uma última olhada na sala bagunçada, os meios-irmãos de Annabeth espalhando LEGOs pelo chão e discutindo, o cheiro de *cookies* pairando no ar. Nada mau esse lugar, pensei.

— Vou dizer — prometi.

Corremos para o VW conversível amarelo estacionado na entrada da casa. O sol estava baixando. Calculei que tínhamos menos de uma hora para salvar Annabeth.

— Esta coisa não pode ir mais rápido? — perguntou Thalia.

Zoë dirigiu-lhe um olhar furioso.

— Eu não posso controlar o trânsito.

— Vocês duas parecem minha mãe falando — disse eu.

— Cale a boca! — disseram elas em uníssono.

Zoë costurava no trânsito da Ponte Golden Gate. O sol mergulhava no horizonte quando finalmente chegamos a Marin County e saímos da autoestrada.

As estradas secundárias eram insanamente estreitas, serpenteando entre florestas, por encostas de colinas e na beira de desfiladeiros escarpados. Zoë não reduzia em momento nenhum.

— Por que tudo cheira a pastilhas para a garganta? — perguntei.

— Eucalipto. — Zoë apontou para as árvores imensas em toda a nossa volta.

— Aquela coisa que os coalas comem?

— E os monstros — disse ela. — Eles adoram mastigar as folhas. Especialmente os dragões.

— Os dragões mastigam folhas de eucaliptos?

— Acredite em mim — disse Zoë —, se vós tivésseis hálito de dragão, também mastigaríeis eucalipto.

Eu não questionei, mas mantive os olhos mais abertos enquanto seguíamos. À nossa frente avultava o Monte Tamalpais. Creio que, em termos de montanha, essa era pequena, mas parecia suficientemente grande à medida que nos aproximávamos.

— Então é esse o Monte do Desespero? — perguntei.

— Sim — disse Zoë, tensa.

— Por que o chamam assim?

Ela se manteve calada por mais de um quilômetro antes de responder.

— Depois da guerra entre os titãs e os deuses, muitos titãs foram punidos e aprisionados. Cronos foi feito em pedaços e lançado no Tártaro. O braço direito de Cronos, o general de suas forças, foi preso lá em cima, no topo, logo depois do Jardim das Hespérides.

— O General — disse eu. As nuvens pareciam espiralar em torno do pico, como se a montanha as estivesse recolhendo, rodando-as como um pião. — O que está acontecendo lá em cima? Uma tempestade?

Zoë não respondeu. Tive a sensação de que ela sabia exatamente o que significavam as nuvens e que não gostava daquilo.

— Precisamos nos concentrar — afirmou Thalia. — A Névoa é muito forte aqui.

— O tipo mágico ou o natural? — perguntei.

— Ambos.

As nuvens cinzentas rodopiavam ainda mais espessas sobre a montanha, e nós continuamos seguindo na direção delas. Estávamos fora da floresta agora, em amplos espaços de desfiladeiros e grama e pedras e nevoeiro.

Olhei por acaso para o oceano quando passávamos por uma curva, e vi algo que me fez pular no assento.

— Olhem! — Mas dobramos uma esquina e o oceano desapareceu atrás das colinas.

— O que foi? — perguntou Thalia.

— Um grande navio branco — disse eu. — Atracado perto da praia. Parecia um navio de cruzeiro.

Os olhos dela se arregalaram.

— O navio de Luke?

Eu queria dizer que não tinha certeza. Podia ser uma coincidência. Mas eu não ia acreditar nisso. O *Princesa Andrômeda*, o demoníaco cruzeiro de Luke, estava ancorado naquela praia. Fora esse o motivo por

que ele enviara o navio para o Canal do Panamá. Era a única maneira de navegar da Costa Leste para a Califórnia.

— Nós teremos companhia, então — disse Zoë, sombria. — O exército de Cronos.

Eu estava prestes a responder quando de repente os cabelos em minha nuca se eriçaram. Thalia gritou:

— Pare o carro. AGORA!

Zoë deve ter pressentido que havia alguma coisa errada, pois pisou fundo no freio sem questionar. O VW amarelo rodopiou duas vezes antes de parar na beira do precipício.

— Saiam! — Thalia abriu a porta e me empurrou com força. Ambos rolamos para o calçamento. No segundo seguinte: *BUUUM!*

Um raio cintilou e o Volkswagen do dr. Chase explodiu como uma granada amarelo-canário. Eu teria sido morto pelos estilhaços não fosse pelo escudo de Thalia, que surgiu acima de mim. Ouvi um som como o de uma chuva de metal, e quando abri os olhos, estávamos cercados pelos destroços do carro. Parte do para-lama do VW estava cravada na estrada. O capô fumegante rodopiava. Pedacos de metal amarelo se espalhavam por ali.

Engoli o gosto de fumaça que havia em minha boca e olhei para Thalia.

— Você salvou minha vida.

— *E, pela mão do pai, um irá sucumbir* — murmurou ela. — Maldito seja. Ele iria me destruir? *A mim?*

Levei um segundo para perceber que ela estava falando de seu pai.

— Ah, ei, aquele não podia ser um raio de Zeus. Não tem como.

— De quem, então? — perguntou Thalia.

— Não sei. Zoë falou o nome de Cronos. Talvez ele...

Thalia sacudiu a cabeça, parecendo com raiva e aturdida.

— Não. Não foi ele.

— Espere — disse eu. — Cadê Zoë? Zoë!

Ambos nos levantamos e corremos ao redor do VW destruído. Não havia nada lá dentro. Nem na estrada, em nenhuma direção. Olhei o desfiladeiro lá embaixo. Nenhum sinal dela.

— Zoë! — gritei.

Então ela apareceu de pé bem ao meu lado, puxando-me pelo braço.

— Silêncio, tolo! Quereis acordar Ládon?

— Está dizendo que já chegamos?

— Estamos muito perto — disse ela. — Segui-me.

Lençóis de névoa deslizavam, atravessando a estrada. Zoë entrou em um deles e, quando a neblina passou, ela não estava mais lá. Thalia e eu nos entreolhamos.

— Concentre-se em Zoë — aconselhou Thalia. — Nós a estamos seguindo. Entre no nevoeiro e fique pensando nisso.

— Espere, Thalia. Sobre o que aconteceu lá no píer... Isto é, com o manticore e o sacrifício...

— Eu não quero falar sobre isso.

— Você não teria... você sabe...

Ela hesitou.

— Eu só estava impressionada. Só isso.

— Zeus não lançou aquele raio no carro. Foi Cronos. Ele está tentando manipular você, deixá-la com

raiva de seu pai.

Ela respirou fundo.

— Percy, sei que você está tentando fazer com que eu me sinta melhor. Obrigada. Mas, ande. Precisamos ir.

Ela deu um passo no nevoeiro, adentrando a Névoa, e eu fiz o mesmo.

Quando o nevoeiro clareou, eu ainda estava na encosta da montanha, mas a estrada era de terra, a grama, mais espessa. O pôr do sol abria um talho vermelho-sangue no mar. O cume da montanha agora parecia mais próximo, com a espiral de nuvens de tempestade e o poder em estado bruto. Só havia um caminho para o topo, diretamente à nossa frente. E seguia por um luxuriante prado de sombras e flores: o jardim do crepúsculo, exatamente como eu vira em meu sonho.

Não fosse pelo enorme dragão, o jardim seria o lugar mais lindo que eu já vira. A grama tremeluzia com a luz prateada do anoitecer, e as flores tinham cores tão brilhantes que quase fulguravam no escuro. Pedras de mármore negro polido formavam um caminho em torno de uma macieira da altura de um prédio de cinco andares, e eu não me refiro a maçãs amareladas como as que vemos nos mercados. Mas, sim, a maçãs douradas de verdade. Não sei descrever por que eram tão encantadoras, mas logo que senti sua fragrância, soube que deviam ser a coisa mais deliciosa do mundo.

— As maçãs da imortalidade — disse Thalia. — O presente de casamento de Zeus para Hera.

Eu queria subir e pegar uma, mas lá estava o dragão enroscado na árvore.

Bem, eu não sei em que você pensa quando digo *dragão*. Mas, o que quer que seja, não é assustador o bastante. O corpo de serpente era tão grosso quanto um foguete auxiliar, brilhando com escamas de cobre. Ele tinha mais cabeças do que eu conseguia contar, como se uma centena de pítons mortais tivessem sido fundidas. Parecia estar dormindo. As cabeças estavam enroscadas formando um grande monte que se assemelhava a uma pilha de espaguete na grama, todos os olhos fechados.

Então as sombras à nossa frente começaram a se mover. Ouvimos um lindo e lúgubre canto, como vozes que viessem do fundo de um poço. Levei a mão à Contracorrente, mas Zoë me deteve. Quatro figuras tremeluziram, ganhando vida, quatro jovens que se pareciam muito com Zoë. Todas usavam quítones gregos brancos. Sua pele era como caramelo. Cabelos negros e sedosos caíam soltos em torno dos ombros. Era estranho, mas eu nunca havia percebido o quanto Zoë era bonita até ver suas irmãs, as Hespérides. Elas se pareciam muito com Zoë — lindas, e provavelmente muito perigosas.

— Irmãs — disse Zoë.

— Não estamos vendo nenhuma irmã — disse uma das garotas com frieza. — Vemos apenas dois meios-sangues e uma Caçadora. E todos irão morrer em breve.

— Você compreendeu mal. — Dei um passo adiante. — Ninguém vai morrer.

As garotas me estudaram. Tinham olhos como pedra vulcânica, vítreos e completamente negros.

— Perseu Jackson — disse uma delas.

— É — refletiu outra. — Não vejo por que ele seja uma ameaça.

— Quem disse que eu sou uma ameaça?

A primeira Hespéride olhou para trás, na direção do topo da montanha.

— Eles temem a vós. Estão insatisfeitos por *essa* aí ainda não vos ter matado.

Ela apontou para Thalia.

— Às vezes, é uma tentação — admitiu Thalia. — Mas, não, obrigada. Ele é meu amigo.
— Aqui não existem amigos, filha de Zeus — disse a garota. — Somente inimigos. Voltai.
— Não sem Annabeth — disse Thalia.
— E Ártemis — afirmou Zoë. — Devemos nos aproximar da montanha.
— Ele vos matará — disse a garota. — Não sois páreo para ele.
— A Senhora Ártemis precisa ser libertada — insistiu Zoë. — Deixai-nos passar.
A garota sacudiu a cabeça.
— Não tendes mais direitos aqui. Temos apenas de levantar a voz e Ládon acordará.
— Ele não vai me machucar — disse Zoë.
— Não? E o que me dizeis de vossos assim chamados amigos?
Então Zoë fez a última coisa que eu esperava. Ela gritou.
— Ládon! Acorde!

O dragão agitou-se, brilhando como uma montanha de moedinhas. As Hespérides gritaram e se dispersaram. A líder disse a Zoë:

— Estais louca?
— Nunca tivestes coragem, irmã — replicou Zoë. — Este é o vosso problema.

O dragão Ládon agora estava se contorcendo, uma centena de cabeças açoitando o vazio, as línguas movendo-se e provando o ar. Zoë deu um passo à frente, os braços levantados.

— Zoë, não — pediu Thalia. — Você não é mais uma Hespéride. Ele vai matá-la.

— Ládon é treinado para proteger a árvore — disse Zoë. — Margeai os limites do jardim. Subi a montanha. Contanto que eu seja uma ameaça maior, ele deve vos ignorar.

— *Deve* — disse eu. — Não é muito tranquilizador.

— É a única maneira — disse ela. — Mesmo nós três juntos não podemos lutar contra ele.

Ládon abriu as bocas. O som de cem cabeças silvando ao mesmo tempo fez um arrepio percorrer as minhas costas, e isso antes de seu hálito chegar até mim. O cheiro era como ácido. Fez meus olhos queimar, a pele arrepia e o cabelo eriçar-se. Lembrei-me da vez em que um rato havia morrido dentro da parede de nosso apartamento em Nova York, no meio do verão. O cheiro era como aquele, só que agora cem vezes mais forte e misturado ao cheiro de eucalipto mastigado. Prometi a mim mesmo naquele momento que *já* jamais pediria na enfermaria da escola outra pastilha para tosse.

Eu queria puxar minha espada, mas me lembrei de meu sonho com Zoë e Héracles, e como Héracles fracassara num ataque direto. Resolvi confiar no julgamento de Zoë.

Thalia foi para a esquerda, eu fui para a direita. Zoë encaminhou-se diretamente para o monstro.

— Sou eu, meu dragãozinho — disse ela. — Zoë voltou.

Ládon deslocou-se para a frente, depois para trás. Algumas das bocas se fecharam. Algumas continuaram a sibilar. Um dragão confuso. Enquanto isso, as Hespérides tremeluziram e se transformaram em sombras. A voz da mais velha sussurrou:

— Tola.

— Eu costumava vos alimentar na mão — continuou Zoë, falando com uma voz tranquilizadora enquanto se aproximava da árvore dourada. — Ainda gostais de carne de cordeiro?

Os olhos do dragão cintilaram.

Thalia e eu estávamos a meio caminho no jardim. Adiante, eu via uma única trilha pedregosa levando

ao topo negro da montanha. A tempestade rodopiava no alto, girando como se o cume fosse o eixo do mundo inteiro.

Tínhamos quase vencido a campina quando alguma coisa deu errado. Senti o humor do dragão mudar. Talvez Zoë tivesse chegado perto demais. Talvez o dragão tivesse percebido que estava com fome. Qualquer que tenha sido o motivo, ele investiu contra Zoë.

Dois mil anos de treinamento mantiveram-na viva. Ela se desviou de um conjunto de presas dilaceradoras e tropeçou debaixo de outro, ziguezagueando entre as cabeças do dragão enquanto corria na nossa direção, nauseada com o horrível hálito do monstro.

Saquei Contracorrente para ajudar.

— Não! — arfou Zoë. — Correi!

O dragão tentou mordê-la, e Zoë gritou. Thalia acionou Aegis, e o dragão sibilou. Em seu momento de indecisão, Zoë disparou montanha acima, passando por nós, que a seguimos.

O dragão não tentou nos perseguir; sibilou e bateu o pé no chão, mas creio que estava muito bem treinado para guardar aquela árvore. Ele não seria afastado de lá, nem mesmo pela deliciosa perspectiva de comer alguns heróis.

Subimos correndo a montanha enquanto as Hespérides recomeçavam a cantar nas sombras atrás de nós. A música agora já não me parecia tão bonita — era mais como a trilha sonora de um funeral.

No topo da montanha havia ruínas, blocos de granito e mármore negros tão grandes quanto casas. Colunas quebradas. Estátuas de bronze que pareciam um pouco derretidas.

— As ruínas do Monte Otris — sussurrou Thalia, incrédula.

— Sim — disse Zoë. — Não estavam aqui antes. Mau sinal.

— O que é o Monte Otris? — perguntei, sentindo-me como sempre um tolo.

— A fortaleza da montanha dos titãs — respondeu Zoë. — Na primeira guerra, Olimpo e Otris eram as duas capitais rivais do mundo. Otris era... — Ela estremeceu e levou a mão à lateral do corpo.

— Você está ferida — eu disse. — Deixe-me ver.

— Não! Não é nada. Eu ia dizendo... na primeira guerra, Otris foi destruído.

— Mas... como pode estar aqui?

Thalia olhava ao redor com cuidado à medida que abríamos caminho em meio aos destroços, passando por blocos de mármore e arcadas quebradas.

— Ele muda de lugar da mesma forma que o Olimpo. E sempre existe nas margens da civilização. Mas o fato de estar aqui, *nesta* montanha, não é bom.

— Por quê?

— Esta é a montanha de Atlas — disse Zoë. — Onde ele segura... — Ela imobilizou-se. Sua voz estava tomada pelo desespero. — Onde ele costumava segurar o céu.

Havíamos chegado ao cume. Alguns metros à nossa frente, nuvens cinzentas turbilhonavam num pesado vórtice, formando um funil que quase tocava o topo da montanha, mas que, em vez disso, descansava nos ombros de uma menina de doze anos de cabelos avermelhados e vestido prateado em farrapos: Ártemis, com as pernas presas à pedra por correntes de bronze celestial. Fora isso que eu vira em meu sonho. Não era um teto de caverna que Ártemis era forçada a segurar. Era o teto do mundo.

— Minha senhora!

Zoë correu para ela, mas Ártemis disse:

— Pare! É uma armadilha. Vocês precisam partir agora.

A voz dela estava exaurida; seu corpo, encharcado de suor. Eu nunca vira uma deusa com dor antes, mas o peso da abóbada celeste era claramente demasiado para Ártemis.

Zoë estava chorando. Ela continuou correndo, apesar dos protestos de Ártemis, e puxou as correntes.

Uma voz estrondosa falou às nossas costas:

— Ah, que comovente.

Nós nos viramos. Ali estava o General, de pé, em seu terno marrom de seda. Ao seu lado, estavam Luke e meia dúzia de víboras carregando o sarcófago de ouro de Cronos. Annabeth estava ao lado de Luke, de mãos algemadas às costas e com uma mordança na boca. Luke mantinha a ponta da espada em sua garganta.

Meus olhos encontraram os dela, tentando lhe fazer mil perguntas. No entanto, ela me enviava apenas uma mensagem: *FUJA*.

— Luke — rosnou Thalia. — Solte-a.

O sorriso de Luke era fraco e pálido. Ele parecia ainda pior do que três dias antes, em Washington.

— Essa decisão é do General, Thalia. Mas é bom revê-la.

Thalia cuspiu nele.

O General deu uma risadinha.

— É isso que se recebe dos velhos amigos. E você, Zoë. Há quanto tempo! Como vai minha pequena traidora? Vai ser um prazer matá-la.

— Não responda — gemeu Ártemis. — Não o desafie.

— Espere um segundo — disse eu. — Você é Atlas?

O General me olhou.

— Bem, até mesmo o mais estúpido dos heróis pode deduzir alguma coisa. Sim, eu sou Atlas, o general dos titãs e terror dos deuses. Parabéns. Vou matá-lo daqui a pouco, assim que liquidar com essa garota desgraçada.

— Você não vai machucar Zoë — disse eu. — Não vou deixar.

O General riu com desprezo.

— Você não tem o direito de interferir, heroizinho. Esta é uma questão de família.

Franzi a testa.

— Questão de família?

— É — disse Zoë com tristeza. — Atlas é o meu pai.

O mais horrível era que eu podia ver a semelhança de família. Atlas tinha a mesma expressão régia de Zoë, o mesmo olhar frio e orgulhoso que ela às vezes exibia quando estava com raiva, embora nele parecesse milhares de vezes mais malévolo. Ele era todas as coisas com as quais eu havia originalmente antipatizado em Zoë, sem nenhuma das qualidades que eu viera a apreciar.

— Liberte Ártemis — exigiu Zoë.

Atlas aproximou-se da deusa acorrentada.

— Talvez você queira assumir o céu no lugar dela, então? Fique à vontade.

Zoë abriu a boca para falar, mas Ártemis disse:

— Não! Não ofereça isso, Zoë! Eu a proíbo!

Atlas sorriu, afetado. Ajoelhou-se ao lado de Ártemis e tentou tocar-lhe o rosto, mas a deusa o mordeu, quase arrancando-lhe os dedos.

— Uh-uh — exultou Atlas. — Está vendo, filha? A Senhora Ártemis gosta de seu novo trabalho. Acho que vou fazer todos os olímpianos se alternarem carregando meu fardo quando o Senhor Cronos for o rei novamente e este for o centro do nosso palácio. Vai ensinar um pouco de humildade àqueles fracotes.

Olhei para Annabeth. Ela tentava desesperadamente me dizer algo. Acenou com a cabeça na direção de Luke. Mas tudo o que eu conseguia fazer era olhar para ela. Eu não havia percebido antes, mas alguma coisa nela mudara. Seu cabelo louro agora estava mesclado de cinza.

— De segurar o céu — murmurou Thalía, como se tivesse lido minha mente. — O peso devia tê-la matado.

— Não entendo — disse eu. — Por que Ártemis não pode simplesmente soltar o céu?

Atlas riu.

— Como você sabe pouco das coisas, meu jovem. Este é o ponto em que o céu e a terra primeiro se encontraram, onde Urano e Gaia deram à luz seus poderosos filhos, os titãs. O céu ainda anseia em abraçar a terra. Alguém precisa mantê-lo a distância, caso contrário ele desabaria sobre este lugar, instantaneamente achatando a montanha e tudo num raio de cem léguas. Uma vez que você assuma o fardo, não tem como escapar — sorriu Atlas. — A menos que alguém o assuma em seu lugar.

Ele se aproximou de nós, estudando Thalía e eu.

— Então são esses os melhores heróis de agora, é? Não são um desafio muito grande.

— Lute conosco — desafiei. — E vamos ver.

— Os deuses não lhe ensinaram nada? Um imortal não luta com um mero mortal diretamente. Está abaixo de nossa dignidade. Luke vai esmagá-lo em meu lugar.

— Então você é outro covarde — disse eu.

Os olhos de Atlas brilharam de ódio. Com dificuldade, ele voltou a atenção para Thalía.

— Quanto a você, filha de Zeus, parece que Luke estava enganado a seu respeito.

— Eu não estava enganado — consegui dizer Luke. Ele parecia terrivelmente fraco, e pronunciava cada palavra como se isso lhe causasse dor. Se não o odiasse tanto, eu quase teria sentido pena dele. — Thalia, você ainda pode se juntar a nós. Chame o Ofiotauro. Ele virá até você. Veja!

Ele agitou a mão, e perto de onde estávamos surgiu um tanque de água: um pequeno lago cercado de mármore negro, grande o suficiente para o Ofiotauro. Eu imaginei Bessie naquele tanque. Na verdade, quanto mais pensava, mais tinha certeza de que podia ouvir Bessie mugindo.

Não pense nele! De repente a voz de Grover estava dentro da minha cabeça — a conexão empática. Eu podia sentir suas emoções. Ele estava à beira do pânico. *Estou perdendo Bessie. Bloqueie os pensamentos!*

Tentei esvaziar minha mente. Tentei pensar em jogadores de basquete, em skates, nos diferentes tipos de doce da loja em que mamãe trabalhava. Qualquer coisa, menos Bessie.

— Thalia, chame o Ofiotauro — insistiu Luke. — E você será mais poderosa que os deuses.

— Luke... — A voz dela estava cheia de dor. — O que aconteceu com você?

— Não se lembra de todas aquelas nossas conversas? Todas as vezes em que amaldiçoamos os deuses? Nossos pais não fizeram nada por nós. Eles não têm o direito de governar o mundo!

Thalia sacudia a cabeça.

— Liberte Annabeth. Deixe-a ir.

— Se você se juntar a mim — prometeu Luke —, pode ser como nos velhos tempos. Nós três juntos. Lutando por um mundo melhor. Por favor, Thalia, se você não concordar...

A voz dele falhou.

— É minha última chance. Ele vai usar o outro método se você não concordar. Por favor.

Eu não sabia a que ele se referia, mas o medo em sua voz soava suficientemente verdadeiro. Eu acreditava que Luke estivesse correndo perigo. A vida dele dependia de Thalia juntar-se à sua causa. E eu receava que Thalia acreditasse nisso também.

— Não, Thalia — advertiu Zoë. — Precisamos combatê-los.

Luke agitou a mão novamente, e um fogo surgiu. Um braseiro de bronze, como o que havia no acampamento. Uma chama de sacrifício.

— Thalia — disse eu. — Não.

Atrás de Luke, o sarcófago de ouro começou a brilhar. Com isso, vi imagens na névoa em toda a nossa volta: muros de mármore negro se erguendo, as ruínas se tornando completas, um lugar belo e terrível levantando-se ao nosso redor, feito de medo e sombras.

— Vamos erguer o Monte Otris bem aqui — disse Luke numa voz tão forçada que mal parecia a dele. — Mais uma vez, ele será mais forte e maior que o Olimpo. Olhe, Thalia. Nós não somos fracos.

Ele apontou na direção do oceano, e meu coração se afligi. Marchando montanha acima, da praia em que o *Princesa Andrômeda* estava ancorado, vinha um grande exército. Víboras e lestrigões, monstros e meios-sangues, cães infernais, harpias e outras coisas que eu não sabia nem sequer nomear. O navio inteiro devia ter sido esvaziado, pois havia centenas, muitos mais do que eu vira a bordo no último verão. E eles vinham marchando em nossa direção. Em alguns minutos, estariam ali.

— Isso é só uma amostra do que está por vir — disse Luke. — Logo nós estaremos prontos para a invasão do Acampamento Meio-Sangue. E, depois, do próprio Olimpo. Tudo o que precisamos é da sua ajuda.

Por um momento terrível, Thalia hesitou. Ela olhava fixamente para Luke, os olhos cheios de dor,

como se a única coisa que quisesse no mundo fosse acreditar nele. Então ela apontou sua lança.

— Você não é Luke. Eu não o conheço mais.

— Sim, conhece, Thalia — implorou ele. — Por favor. Não me faça... Não faça com que *ele* destrua você.

Não havia tempo. Se aquele exército chegasse ao topo da colina, seríamos subjugados. Encontrei os olhos de Annabeth novamente. Ela assentiu.

Olhei para Thalia e Zoë e concluí que não seria a pior coisa do mundo morrer lutando ao lado de amigos assim.

— Agora — disse eu.

Juntos, atacamos.

Thalia foi direto para Luke. O poder de seu escudo era tão grande que os guarda-costas dele, que eram mulheres-dragão, fugiram em pânico, deixando cair o caixão de ouro e largando-o sozinho. Mas, apesar de sua aparência doentia, Luke ainda era rápido com a espada. Ele rosnou como um animal selvagem e contra-atacou. Quando sua espada, Mordecostas, encontrou o escudo de Thalia, uma bola de raios surgiu entre eles, fritando o ar com fios amarelos de energia.

Quanto a mim, fiz a coisa mais estúpida da minha vida, o que dizia muito de mim. Ataquei o titã Atlas.

Ele riu quando me aproximei. Uma imensa lança pareceu em suas mãos. Seu terno de seda transformou-se em uma armadura grega completa.

— Avante, então!

— Percy! — gritou Zoë. — Cuidado!

Eu sabia sobre o que ela estava me avisando. Quíron havia me dito fazia muito tempo: *Os imortais são refreados por antigas regras. Mas um herói pode ir a qualquer lugar, desafiar qualquer um, desde que tenha coragem.* Uma vez que eu atacasse, porém, Atlas estaria livre para reagir, com todo o seu poder.

Brandi minha espada e Atlas me lançou para um lado com a haste de sua lança. Voei pelo ar e bati ruidosamente num muro negro. Não era mais a Névoa. O palácio estava se erguendo, tijolo por tijolo. Estava se tornando real.

— Tolo! — gritou Atlas alegremente, desviando uma das flechas de Zoë. — Achou que só porque desafiou aquele insignificante deus da guerra podia ser páreo para *mim*?

A menção a Ares fez um choque percorrer meu corpo. Tentei me livrar do atordoamento e voltei a atacar. Se eu conseguisse chegar àquele tanque de água, poderia dobrar minhas forças.

A ponta da azagaia veio em minha direção como uma foice. Ergui Contracorrente, planejando cortar a arma pela haste, mas meu braço parecia de chumbo. Minha espada de repente pesava uma tonelada.

E eu me lembrei do aviso de Ares, falado na praia, em Los Angeles, tanto tempo atrás: *Quando mais precisar dela, sua espada irá desapontá-lo.*

Não agora!, implorei. Mas de nada adiantou. Tentei me desviar, mas a lança me acertou no peito e me lançou pelo ar como um boneco de pano. Desabei no chão, a cabeça girando. Olhei para cima e descobri que estava aos pés de Ártemis, ainda fazendo imenso esforço sob o peso do céu.

— Corra, garoto — disse-me ela. — Você precisa correr!

Atlas não tinha pressa em vir me pegar. Minha espada deslizara para a beira do precipício. Deveria reaparecer em meu bolso — talvez em alguns segundos —, mas isso não tinha importância. Eu estaria morto a essa altura. Luke e Thalia lutavam como demônios, raios disparando em torno deles. Annabeth estava caída no chão, tentando desesperadamente soltar as mãos.

— Morra, heroizinho — disse Atlas.

Ele ergueu a lança para me empalar.

— Não! — gritou Zoë, e uma porção de flechas de prata surgiram na fenda na axila da armadura de Atlas.

— Ai! — gritou ele, voltando-se na direção da filha.

Levei a mão ao bolso e senti que Contracorrente estava ali de volta. Mas eu não podia lutar contra Atlas, nem mesmo com uma espada. E então um calafrio desceu pelas minhas costas. Lembrei-me das palavras da profecia: *A maldição do Titã um deve sustentar*. Eu não podia esperar vencer Atlas. Mas havia alguém que talvez tivesse uma chance.

— O céu — eu disse à deusa. — Passe-o para mim.

— Não, garoto — replicou Ártemis. Sua testa porejava um suor metálico, como mercúrio. — Você não sabe o que está pedindo. Ele vai esmagá-lo!

— Annabeth aguentou!

— Ela mal conseguiu sobreviver. E tinha o espírito de uma verdadeira Caçadora. Você não vai resistir tanto tempo.

— Vou morrer de qualquer forma — disse eu. — Me passe o peso do céu!

Eu não esperei sua resposta. Peguei Contracorrente e cortei-lhe as correntes. Então pus-me ao lado dela e me apoiei em um joelho — com as mãos estendidas para mim. Toquei as nuvens frias, pesadas. Por um momento, Ártemis e eu seguramos o peso juntos. Era a coisa mais pesada que eu já suportara, e tive a sensação de estar sendo esmagado debaixo de mil caminhões. Achei que fosse desmaiar por causa da dor, mas respirei fundo. *Eu posso fazer isso*.

Então Ártemis largou o fardo, e eu o segurei sozinho.

Mais tarde, eu tentei muitas vezes explicar o que senti. Não consegui.

Cada músculo em meu corpo parecia estar em fogo. Tinha a sensação de que meus ossos estavam se dissolvendo. Eu queria gritar, mas não tinha forças para abrir a boca. Comecei a afundar cada vez mais no chão, o peso do céu me comprimindo.

Lute!, disse a voz de Grover dentro da minha cabeça. *Não desista*.

Concentrei-me em respirar. Se conseguisse ao menos manter o céu no alto por mais alguns segundos... Pensei em Bianca, que dera a vida para que pudéssemos chegar até ali. Se ela pôde fazer isso, eu podia segurar o céu.

Minha visão embaçou, tudo se tingindo de vermelho. Eu via lampejos da batalha, mas não tinha certeza se estava vendo com clareza. Lá estava Atlas com a armadura, espetando com sua lança, rindo de forma insana enquanto lutava. E Ártemis, um borrão prateado. Ela segurava duas facas de caça medonhas, ambas tão compridas quanto seu braço, e as brandia selvagememente contra o titã, desviando-se dos golpes dele e saltando com incrível graça. Ela parecia mudar de forma enquanto se deslocava. Era um tigre, uma gazela, um urso, um falcão. Ou talvez fosse apenas meu cérebro febril. Zoë disparava flechas contra o pai, mirando as fendas em sua armadura. Ele rugia de dor cada vez que uma delas alcançava o alvo, mas elas o

Ele investiu contra Thalia e ela o atingiu com o escudo. A espada de Luke voou de suas mãos e retiniu nas pedras. Thalia encostou a ponta da lança em sua garganta.

Por um momento, fez-se silêncio.

— Então? — perguntou Luke. Ele tentava esconder, mas eu podia perceber o medo em sua voz.

Thalia tremia de fúria.

Atrás dela, Annabeth aproximou-se tropeçando, finalmente livre de suas amarras. Seu rosto estava machucado e sujo.

— Não o mate!

— Ele é um traidor — disse Thalia. — Um traidor!

Em meu atordoamento, percebi que Ártemis não estava mais comigo. Ela havia corrido na direção das pedras negras, onde Zoë caíra.

— Vamos levar Luke de volta — pediu Annabeth. — Para o Olimpo. Ele... ele será útil.

— É isso que você quer, Thalia? — debochou Luke. — Voltar para o Olimpo em triunfo? Agradar a seu pai?

Thalia hesitou, e Luke, num gesto desesperado, tentou agarrar-lhe a lança.

— Não! — gritou Annabeth. Mas era tarde demais. Sem pensar, Thalia chutou Luke. Ele perdeu o equilíbrio, o terror estampado no rosto, e então caiu.

— Luke! — gritou Annabeth.

Corremos para a beira do precipício. Lá embaixo, o exército vindo do *Princesa Andrômeda* havia parado, perplexo. Eles olhavam a forma desarticulada de Luke nas pedras. Apesar do ódio que sentia por ele, não suportava ver aquilo. Queria acreditar que ele ainda estava vivo, mas isso era impossível. A queda fora de pelo menos quinze metros, e ele estava imóvel.

Um dos gigantes ergueu os olhos e grunhiu:

— Matem-nos!

Thalia estava imobilizada pelo pesar, as lágrimas correndo pelo rosto. Puxei-a para trás no momento em que uma onda de lanças passava sobre nossas cabeças. Corremos para as pedras, ignorando as pragas e as ameaças de Atlas ao passarmos por ele.

— Ártemis! — gritei.

A deusa ergueu os olhos, o rosto quase tão tomado pela dor quanto o de Thalia. Zoë jazia nos braços da deusa. Ela respirava, os olhos estavam abertos. No entanto...

— A ferida está envenenada — disse Ártemis.

— Atlas a envenenou? — perguntei.

— Não — respondeu a deusa. — Atlas não.

Ela nos mostrou a ferida na lateral do corpo de Zoë. Eu tinha quase esquecido seu confronto com Ládon, o dragão. A mordida fora muito pior do que Zoë nos fizera pensar. Eu mal conseguia olhar o ferimento. Ela entrara numa batalha contra o pai com um corte horrível já minando suas forças.

— As estrelas — murmurou Zoë. — Não consigo vê-las.

— Néctar e ambrosia — disse eu. — Venham! Precisamos conseguir um pouco para ela.

Ninguém se mexeu. A dor pairava no ar. O exército de Cronos estava logo abaixo da elevação do terreno. Até mesmo Ártemis estava chocada demais para se mover. Poderíamos ter encontrado nosso fim bem ali, mas nesse momento ouvi um estranho zumbido.

No instante em que o exército de monstros alcançava o topo do morro, um Sopwith Camel descia subitamente do céu.

— Fiquem longe da minha filha! — gritou o dr. Chase, e suas metralhadoras ganharam vida, crivando o solo com buracos de balas e fazendo dispersar, assustado, o grupo de monstros.

— Pai? — gritou Annabeth, incrédula.

— Corram! — gritou ele de volta, sua voz se tornando mais baixa à medida que o biplano passava acima de nossas cabeças.

Isso arrancou Ártemis de seu pesar. Ela ergueu os olhos para o avião antigo, que agora fazia a volta para mais um bombardeio.

— Um homem de coragem — disse ela com contrariada aprovação. — Venham. Precisamos tirar Zoë daqui.

Ártemis levou a trompa de caça aos lábios, e seu som claro ecoou pelos vales de Marin. Os olhos de Zoë tremulavam.

— Agente firme! — disse eu. — Tudo vai ficar bem!

O Sopwith Camel desceu novamente. Alguns gigantes atiraram lanças, e uma delas passou direto entre as asas do avião, mas as metralhadoras chamejaram. Percebi atônito que, de alguma forma, o dr. Chase devia ter conseguido bronze celestial para fabricar seus projéteis. A primeira fila de mulheres-cobras gemia enquanto a saraivada vinda das metralhadoras as transformava em pó amarelo sulfuroso.

— Aquele é... o meu pai! — disse Annabeth, perplexa.

Não tínhamos tempo para admirar sua técnica de voo. Os gigantes e as mulheres-cobras já estavam se recuperando da surpresa. O dr. Chase logo estaria em apuros.

Nesse exato momento, porém, a lua brilhou, e uma carruagem de prata surgiu no céu, puxada pelos mais lindos cervos que eu já tinha visto. Pousou bem ao nosso lado.

— Subam — disse Ártemis.

Annabeth me ajudou a colocar Thalia a bordo. Então ajudei Ártemis com Zoë, envolvendo-a num cobertor enquanto Ártemis assumia as rédeas, e a carruagem disparava céu adentro, se afastando da montanha.

— Como o trenó do Papai Noel — murmurei, ainda atordoado em razão da dor.

Ártemis olhou para mim por um momento.

— De fato, jovem meio-sangue. E de onde você acha que veio essa lenda?

Vendo-nos em segurança, o dr. Chase deu a volta com seu biplano e nos seguiu como uma escolta de honra. Deve ter sido uma das coisas mais estranhas já vistas, mesmo para a área da Baía de São Francisco: uma carruagem voadora prateada puxada por cervos e escoltada por um Sopwith Camel.

Atrás de nós, o exército de Cronos rugia em fúria, reunido no topo do Monte Tamalpais, mas o som mais alto era a voz de Atlas, berrando pragas contra os deuses sob o violento esforço de sustentar o peso do céu.

Aterrissamos em Crissy Field depois do cair da noite.

Assim que o dr. Chase desceu de seu Sopwith Camel, Annabeth correu para ele e lhe deu um grande abraço.

— Papai! Você voou... você atirou... ah, meus deuses! Isso foi a coisa mais incrível que eu já vi!

O pai dela corou.

— Bem, não foi tão mau para um mortal de meia-idade, eu acho.

— Mas e as balas de bronze celestial? Onde você as *conseguiu*?

— Ah, bem. Você deixou algumas armas de meios-sangues em seu quarto na Virgínia, da última vez que... partiu.

Annabeth baixou os olhos, envergonhada. Percebi que o dr. Chase tomou todo o cuidado para não dizer *fugiu*.

— Resolvi derreter algumas para fazer o invólucro de projéteis — continuou ele. — Foi só um pequeno experimento.

Ele falou como se aquilo fosse uma coisa à toa, mas tinha um brilho nos olhos. De repente, pude entender por que Atena, a deusa da sabedoria e da guerra, tivera uma queda por ele. No fundo, era um excelente cientista louco.

— Papai... — balbuciou Annabeth.

— Annabeth, Percy — interrompeu Thalia. Havia urgência em sua voz. Ela e Ártemis estavam ajoelhadas ao lado de Zoë, envolvendo em ataduras os ferimentos da caçadora.

Annabeth e eu corremos para ajudar, mas não havia muito que pudéssemos fazer. Não tínhamos ambrosia nem néctar. Nenhum remédio comum iria ajudar. Estava escuro, mas dava para ver que Zoë não estava nada bem. Ela tremia, e o brilho suave que em geral pairava em torno dela estava se apagando.

— Você não pode curá-la com magia? — perguntei a Ártemis. — Afinal... você é uma deusa.

Ártemis parecia aflita.

— A vida é uma coisa frágil, Percy. Se as Parcas quiserem cortar os fios, há pouco que eu possa fazer. Mas posso tentar.

Ela tentou pousar a mão na lateral do corpo de Zoë, mas esta segurou seu braço. A Caçadora olhou dentro dos olhos da deusa, e algum tipo de entendimento aconteceu entre elas.

— Eu... vos servi bem? — sussurrou Zoë.

— Serviu com grande honra — disse suavemente Ártemis. — A melhor de minhas assistentes.

O rosto de Zoë relaxou.

— Descanso. Finalmente.

— Posso tentar curar o veneno, minha brava Caçadora.

Mas, naquele momento, eu soube que não era só o veneno que a estava matando. Fora o golpe final de seu pai. Zoë soubera todo o tempo que a profecia do Oráculo lhe dizia respeito: ela morreria pela mão do pai. E, no entanto, ela se empenhara na busca. Escolhera me salvar, e a fúria de Atlas a havia partido por dentro.

Ela viu Thalia e tomou-lhe a mão.

— Lamento que tenhamos discutido tanto — disse Zoë. — Poderíamos ter sido irmãs.

— Foi minha culpa — afirmou Thalia, piscando com força. — Você estava certa sobre Luke, sobre os heróis, os homens... sobre tudo.

— Talvez nem todos os homens — murmurou Zoë e me dirigiu um sorriso fraco. — Vós ainda tendes a espada, Percy?

Eu não conseguia falar, mas peguei Contracorrente e pus a caneta em sua mão. Ela a segurou, feliz.

— Você falou a verdade, Percy Jackson. Você não tem nada de... de Hércules. Sinto-me honrada por você carregar essa espada.

Um tremor percorreu-lhe o corpo.

— Zoë... — disse eu.

— As estrelas — sussurrou ela. — Posso ver as estrelas novamente, minha senhora.

Uma lágrima desceu pelo rosto de Ártemis.

— Sim, minha corajosa Caçadora. Elas estão lindas esta noite.

— As estrelas — repetiu Zoë.

Seus olhos se fixaram no céu noturno. E ela não mais se moveu.

Thalia baixou a cabeça. Annabeth engoliu um soluço, e seu pai pousou a mão em seus ombros. Fiquei olhando enquanto Ártemis punha a mão em concha sobre a boca de Zoë e falava algumas palavras em grego antigo. Um fiapo prateado de fumaça exalou dos lábios de Zoë e foi apanhado pela mão da deusa. O corpo de Zoë tremulou e desapareceu.

Ártemis se pôs de pé, disse uma espécie de bênção, soprou na mão em concha e lançou a poeira prateada ao céu. Ela subiu, cintilando, e desapareceu.

Por um momento, eu nada vi de diferente. Então Annabeth arquejou. Erguendo os olhos para o céu, vi que as estrelas agora estavam mais brilhantes. Elas formavam um desenho que eu nunca havia notado — uma constelação reluzente que se assemelhava muito à silhueta de uma garota — uma garota com um arco, correndo pelo céu.

— Que o mundo a glorifique, minha Caçadora — disse Ártemis. — Viva para sempre nas estrelas.

Não foi fácil dizer adeus. Os raios e os trovões ainda ferviam sobre o Monte Tamalpais, ao norte. Ártemis estava tão perturbada que todo o seu ser piscava em luz prateada. Isso me deixava nervoso, pois se ela de repente perdesse o controle e aparecesse em sua forma divina plena, nós nos desintegraríamos ao olhá-la.

— Preciso ir para o Olimpo imediatamente — disse ela. — Não posso levá-los comigo, mas vou mandar ajuda.

A deusa pousou a mão no ombro de Annabeth.

— Você é imensamente corajosa, minha garota. Fará o que é certo.

Então olhou inquiridora para Thalia, como se não soubesse que juízo fazer daquela jovem filha de Zeus. Thalia parecia relutante em erguer os olhos, mas algo a obrigou e ela sustentou o olhar da deusa.

Não tenho certeza do que aconteceu entre as duas, mas o olhar de Ártemis suavizou-se com simpatia. Então ela se voltou para mim.

— Você se saiu muito bem — falou. — Para um homem.

Eu quis protestar, mas então percebi que era a primeira vez que ela não me chamava de garoto.

Ela subiu na carruagem, que começou a brilhar. Desviamos o olhar. Houve um clarão prateado, e a deusa desapareceu.

— Bem — suspirou o dr. Chase. — Ela é impressionante; embora deva dizer que ainda prefiro Atena. Annabeth voltou-se para ele.

— Papai, eu... eu sinto muito que...

— Psiu. — Ele a abraçou. — Faça o que for preciso, minha querida. Eu sei que isso não é fácil para você.

Sua voz estava um pouco trêmula, mas ele dirigiu um sorriso valente a Annabeth.

Então ouvi o ruído de grandes asas batendo. Três pégasos desceram através da neblina: dois cavalos alados brancos e um completamente negro.

— Blackjack! — chamei.

Ei, chefe!, respondeu ele. *Você conseguiu sobreviver bem sem mim?*

— Foi duro — admiti.

Trouxe Guido e Porkpie comigo.

Como vai? Os outros dois pégasos falaram em minha mente.

Blackjack me olhou, preocupado, então olhou para o dr. Chase, Thalia e Annabeth. *Quer que massacremos algum desses bandidos?*

— Não — disse eu em voz alta. — São meus amigos. Precisamos chegar ao Olimpo bem rápido.

Sem problema, disse Blackjack. *Exceto por esse mortal aí. Espero que ele não vá.*

Assegurei-lhe que o dr. Chase não iria. O professor olhava boquiaberto os pégasos.

— Fascinante — disse ele. — Que manobrabilidade! Como será que a envergadura das asas compensa o peso do corpo do cavalo, eu me pergunto.

Blackjack inclinou a cabeça. *O queeeeeê?*

— Ora, se os britânicos tivessem esses pégasos na cavalaria na Crimeia — ponderou o dr. Chase —, no ataque da brigada ligeira...

— Pai! — interrompeu-o Annabeth.

O dr. Chase piscou. Ele olhou para a filha e conseguiu dar um sorriso.

— Desculpe-me, querida. Eu sei que precisa ir.

Ele lhe deu mais um último, desajeitado e bem-intencionado abraço. Quando ela se virou para montar o pégaso Guido, o dr. Chase chamou:

— Annabeth. Eu sei... eu sei que São Francisco é perigosa para você. Mas, por favor, lembre-se de que terá sempre um lugar na nossa casa. Vamos mantê-la segura.

Annabeth não respondeu, mas seus olhos estavam vermelhos quando ela se virou. O dr. Chase começou a falar mais alguma coisa, então aparentemente decidiu calar-se. Ele ergueu a mão em um triste adeus e começou a atravessar o campo escuro.

Thalia, Annabeth e eu montamos nossos pégasos. Juntos, elevamo-nos acima da baía e voamos na

direção dos morros a leste. Logo São Francisco era apenas um crescente luzidio atrás de nós, com um ocasional brilho de raios ao norte.

Thalia estava tão exausta que adormeceu nas costas de Porkpie. Eu sabia que devia estar muito cansada para chegar a dormir no ar, a despeito de seu medo de altura, mas ela não tinha muito com que se preocupar. Seu pégaso voava com desenvoltura, ajeitando-se de vez em quando para que Thalia continuasse segura em suas costas.

Annabeth e eu voávamos lado a lado.

— Seu pai parece legal — disse a ela.

Estava escuro demais para que eu visse sua expressão. Ela olhou para trás, embora a Califórnia agora estivesse muito distante de nós.

— Acho que sim — disse ela. — Vivemos discutindo há tanto tempo...

— É, você contou.

— Acha que eu menti sobre isso? — A pergunta soava como um desafio, mas um desafio indolente, como se ela estivesse perguntando a si mesma.

— Eu não disse que você estava mentindo. É só que... ele parece o.k. Sua madrasta também. Talvez eles, hum, tenham ficado mais legais desde a última vez que você os viu.

Ela hesitou.

— Eles ainda estão em São Francisco, Percy. Eu não posso morar tão longe do acampamento.

Eu não queria fazer a próxima pergunta. Tinha medo da resposta. Mas perguntei assim mesmo.

— Então, o que você vai fazer agora?

Sobrevoamos uma cidade, uma ilha de luzes no meio da escuridão. Ela passou tão rápido que bem poderíamos estar em um avião.

— Não sei — admitiu ela. — Mas obrigada por me resgatar.

— Ei, não foi nada. Somos amigos.

— Você não acreditou que eu estivesse morta?

— Nunca.

Ela hesitou.

— Nem Luke, você sabe. Quer dizer... ele não está morto.

Eu a fitei. Não sabia se ela estava sucumbindo ao estresse ou o quê.

— Annabeth, aquela queda foi muito feia. Não tem como...

— Ele não morreu — insistiu ela. — Eu sei. Da mesma forma que você sabia sobre mim.

A comparação não me deixou muito feliz.

As cidades passavam mais rapidamente agora, ilhas de luz que iam se juntando, até que toda a paisagem lá embaixo se transformou em um tapete resplandecente. A aurora se aproximava. O céu ia se tornando cinza ao leste. E, à frente, um imenso brilho branco e amarelo se espalhava diante de nós — as luzes de Nova York.

Que tal essa velocidade, chefe?, vangloriou-se Blackjack. *Vamos ter feno extra no café da manhã ou o quê?*

— Você é o cara, Blackjack — eu lhe disse. — Hum, quer dizer, o cavalo.

— Você não acredita no que falei sobre Luke — disse Annabeth —, mas vamos vê-lo outra vez. Ele está em apuros, Percy. Está sob o feitiço de Cronos.

Eu não estava com vontade de discutir, embora aquilo me deixasse furioso. Como ela ainda podia ter algum sentimento por aquele crápula? Como podia inventar desculpas para ele? Ele mereceu aquela queda. Mereceu... Está bem, eu vou dizer. Ele mereceu morrer. Diferentemente de Bianca. Diferentemente de Zoë. Luke não podia estar vivo. Não seria justo.

— Lá está. — A voz de Thalia; ela havia acordado. E apontava na direção de Manhattan, que rapidamente crescia em nosso campo de visão. — Começou.

— O que foi que começou? — perguntei.

Então olhei para onde ela apontava. Bem acima do Empire State Building, o Olimpo era uma ilha de luz por si só, uma montanha flutuante flamejando com tochas e braseiros, palácios brancos de mármore brilhando na atmosfera do início da manhã.

— O solstício de inverno — disse Thalia. — O Conselho dos Deuses.

Voar já era suficientemente ruim para um filho de Poseidon, mas voar direto para o palácio de Zeus, com trovões e raios espiralando ao seu redor, era ainda pior.

Circulamos acima do centro de Manhattan, descrevendo uma órbita completa em torno do Monte Olimpo. Eu só estivera lá uma vez, subindo de elevador até o secreto sexcentésimo andar do Empire State Building. Dessa vez, se é que era possível, o Olimpo me impressionou ainda mais.

Na penumbra do início da manhã, tochas e fogueiras faziam os palácios na encosta da montanha luzir em vinte diferentes cores, do vermelho-sangue ao anil. Aparentemente ninguém dormia no Olimpo. As ruas sinuosas estavam cheias de semideuses, espíritos da natureza e deuses de menor importância, em carruagens ou liteiras transportadas por ciclopes. O inverno parecia não existir ali. Senti o cheiro de jardins em plena floração — jasmims e rosas, e outras flores ainda mais doces cujo nome eu não sabia. A música saía de muitas janelas, sons suaves de liras e flautas de bambu.

Dominando o pico da montanha erguia-se o maior palácio de todos, o reluzente e branco tribunal dos deuses.

Nossos pégasos nos deixaram no pátio externo, diante de imensos portões de prata. Antes que eu sequer pensasse em bater, os portões se abriram sozinhos.

Boa sorte, chefe, disse Blackjack.

— O.k. — Eu não sabia por quê, mas tinha um mau pressentimento. Nunca vira todos os deuses juntos. Sabia que qualquer um deles podia me transformar em pó, e alguns adorariam fazê-lo.

Ei, se você não voltar, posso ficar com seu chalé como estábulo?

Olhei para o pégaso.

Foi só uma ideia, disse ele. *Desculpe-me.*

Blackjack e seus amigos levantaram voo, deixando Thalia, Annabeth e eu sozinhos. Por um minuto, ficamos ali, olhando o palácio, do mesmo modo que ficamos diante de Westover Hall, o que parecia ter acontecido um milhão de anos atrás.

E então, lado a lado, entramos na sala do trono.

Doze enormes tronos formavam um U em torno de uma fogueira, na mesma disposição dos chalés no acampamento. O teto cintilava com constelações — até mesmo a mais nova, Zoë, a Caçadora, abrindo seu caminho no céu com o arco em posição de atirar.

Todos os assentos estavam ocupados. Cada deus e deusa tinha cerca de cinco metros, e eu vou lhe dizer uma coisa, se você algum dia tiver uma dúzia de superseres imensos e todo-poderosos voltando os olhos para você ao mesmo tempo... Bem, de repente, enfrentar monstros parecia mais um piquenique.

— Bem-vindos, heróis — disse Ártemis.

— Muuu!

Foi quando percebi a presença de Bessie e Grover.

Uma esfera de água flutuando no centro do salão, perto do fogo da lareira. Bessie nadava feliz de um lado para o outro, chicoteando sua cauda de serpente e cutucando com a cabeça as laterais e a base da esfera. Ele parecia estar gostando da novidade de nadar em uma bolha mágica. Grover estava ajoelhado diante do trono de Zeus, como se tivesse acabado de fazer um relatório, mas, quando nos viu, gritou:

— Vocês conseguiram!

E pôs-se a correr em minha direção. Mas então se lembrou de que estava voltando as costas para Zeus, e pediu permissão.

— Vá em frente — disse Zeus. Mas ele não estava prestando atenção em Grover. O Senhor dos Céus olhava intensamente para Thalia.

Grover aproximou-se, trotando. Nenhum dos deuses falava. Cada *clope* dos cascos de Grover ecoava no piso de mármore. Bessie espadanava em sua bolha de água. O fogo na lareira crepitava.

Olhei nervoso para meu pai, Poseidon. Ele estava vestido de forma semelhante à da última vez em que o vira: short de praia, camisa havaiana e sandálias. Tinha o rosto queimado de sol e curtido pelo tempo, com uma barba escura e olhos de um verde profundo. Eu não tinha certeza do que ele acharia de me ver outra vez, mas o canto de seus olhos se pregueava com rugas de riso. Ele fez um gesto com a cabeça, como se dissesse *Está tudo bem*.

Grover abraçou Annabeth e Thalia com entusiasmo. Então agarrou meus braços.

— Percy, Bessie e eu conseguimos! Mas você tem de convencê-los! Eles não podem fazer isso!

— Isso o quê? — perguntei.

— Heróis — chamou Ártemis.

A deusa desceu de seu trono e assumiu o tamanho humano, uma garota de cabelos avermelhados, perfeitamente à vontade em meio aos gigantes olímpianos. Ela caminhou em nossa direção, a túnica prateada tremeluzindo. Não havia nenhuma emoção em seu rosto. Parecia caminhar numa coluna de luar.

— O Conselho foi informado de seus feitos — disse-nos Ártemis. — Eles sabem que o Monte Otris está se erguendo no Oeste. Sabem da tentativa de Atlas de se libertar, e de Cronos reunindo exércitos. Nós votamos pela ação.

Houve um certo murmúrio e uma movimentação desconfortável entre os deuses, como se não estivessem de todo satisfeitos com esse plano, mas ninguém protestou.

— Sob o comando do Senhor Zeus — disse Ártemis —, meu irmão Apolo e eu iremos caçar os monstros mais poderosos, procurando abatê-los antes que possam se juntar à causa dos titãs. A Senhora Atena irá pessoalmente verificar os outros titãs para se certificar de que não escapem às suas várias prisões. O Senhor Poseidon recebeu permissão para liberar por completo sua fúria contra o navio de cruzeiro *Princesa Andrômeda* e mandá-lo para o fundo do mar. Quanto a vocês, meus heróis...

Ela voltou-se para encarar os outros imortais.

— Estes meios-sangues prestaram um grande serviço ao Olimpo. Alguém aqui negaria isso?

Ela olhou à sua volta, para os deuses reunidos, encarando-os individualmente. Zeus, em seu terno escuro risca de giz, a barba muito benfeita, e os olhos cintilando de energia. Ao lado dele, sentava-se uma linda mulher com cabelos prateados presos numa trança que caía sobre um ombro e vestido furta-cor como as penas de um pavão. A Senhora Hera.

À direita de Zeus, meu pai, Poseidon. Ao lado dele, um homenzarrão com um aparelho ortopédico em uma das pernas, a cabeça deformada e a barba castanha desgrenhada, com fogo tremeluzindo em meio à barba. O Senhor das Forjas, Hefesto.

Hermes piscou para mim. Hoje ele usava um terno de executivo, verificando mensagens em seu caduceu/telefone celular. Apolo reclinou-se no trono de ouro, com seus óculos de sol. Estava com os fones de ouvido de um iPod, portanto eu não tinha nem certeza de que estivesse ouvindo, mas ele me dirigiu um gesto com o polegar para cima. Dioniso parecia entediado, enroscando a haste de uma videira entre os dedos. E Ares, bem, estava sentado em seu trono de mercúrio e couro me fulminando com os olhos enquanto afiava sua faca.

Do lado feminino da sala de tronos, uma deusa de cabelos escuros e túnica verde sentava-se ao lado de Hera em um trono tecido com galhos de macieira. Deméter, a deusa da colheita. Ao seu lado, uma bela mulher de olhos cinza, em um elegante vestido vermelho. Só podia ser a mãe de Annabeth, Atena. Depois, lá estava Afrodite, que me sorriu sugestivamente e me fez corar.

Todos os olímpianos em um só lugar. Era tanto o poder naquele recinto, que parecia um milagre o palácio todo não ir pelos ares.

— Sou obrigado a dizer — Apolo quebrou o silêncio — que esses garotos se saíram bem. — Ele pigarreou e começou a recitar: — *Heróis ganham louros...*

— Hum, sim, foram exemplares — interrompeu Hermes, como se estivesse ansioso para evitar a poesia de Apolo. — Todos a favor de não os desintegrar?

Algumas mãos se ergueram timidamente... Deméter, Afrodite.

— Esperem um pouco — grunhiu Ares. Ele apontou para Thalia e para mim. — Esses dois são perigosos. Seria muito mais seguro, aproveitando que estão aqui...

— Ares — interrompeu Poseidon —, eles são heróis valorosos. Não vamos fazer meu filho em pedaços.

— Tampouco minha filha — grunhiu Zeus. — Ela agiu muito bem.

Thalia enrubesceu, e pôs-se a examinar o chão. Eu sabia como ela se sentia. Eu mal falara com meu pai na vida, que dirá receber um elogio dele.

A deusa Atena limpou a garganta e sentou-se mais na beira do trono.

— Também estou orgulhosa da minha filha. Mas existe um risco de segurança aqui com os outros dois.

— Mãe! — disse Annabeth. — Como você pode...

Atena a cortou com um olhar calmo, porém firme.

— Foi uma infelicidade que meu pai, Zeus, e meu tio, Poseidon, tenham optado por quebrar seu juramento de não ter mais filhos. Somente Hades manteve a palavra, fato que considero irônico. Como sabemos da Grande Profecia, filhos dos três deuses mais antigos... como Thalia e Percy... são perigosos. Por mais estúpido que ele seja, Ares tem razão nesse ponto.

— Certo! — disse Ares. — Ei, espere um pouco. Quem você está chamando...

Ele começou a se levantar, mas uma haste de videira cresceu em torno de sua cintura, como um cinto de segurança, e o puxou de volta ao assento.

— Ah, por favor, Ares — suspirou Dioniso. — Guarde as pancadas para depois.

Ares xingou e arrancou a videira.

— Como se você pudesse falar alguma coisa, seu velho bêbado. Quer mesmo proteger essas pestes? Dioniso baixou os olhos para nós, entediado.

— Não tenho nenhum amor por eles. Atena, você acha mesmo que é mais seguro destruí-los?

— Eu não estou dando minha opinião — disse Atena. — Só estou chamando a atenção para o risco.

O que faremos, é o Conselho que deve decidir.

— Não vou permitir que sejam punidos — disse Ártemis. — Mas, sim, recompensados. Se destruímos heróis que nos prestam favores, então não seremos melhores que os titãs. Se isso é a justiça olimpiana, não quero ter nada a ver com ela.

— Acalme-se, mana — disse Apolo. — Puxa, você precisa levar as coisas menos a sério.

— Não me chame de *mana*! Eu vou premiá-los.

— Bem — grunhiu Zeus. — Talvez. Mas pelo menos o monstro deve ser destruído. Estamos de acordo quanto a isso?

Muitas cabeças assentiram.

Levei um segundo para perceber o que eles estavam dizendo. Então meu coração se transformou em chumbo.

— Bessie? Vocês querem destruir Bessie?

— Muuuuuuuuu! — protestou Bessie.

Meu pai franziu a testa.

— Você deu o nome de Bessie ao Ofiotauro?

— Pai — eu disse —, ele é apenas uma criatura do mar. Uma criatura do mar *muito* legal. Vocês não podem destruí-lo.

Poseidon, desconfortável, mudou de posição.

— Percy, o poder do monstro é considerável. Se os titãs o roubarem, ou...

— Vocês não podem — insisti. Olhei para Zeus. Eu devia temê-lo, mas olhei-o bem nos olhos. — Controlar as profecias nunca funciona. Isso não é verdade? Além disso, Bes... o Ofiotauro é inocente. Matar alguém assim é errado. É tão errado quanto... quanto Cronos comer os filhos só por causa de algo que eles *podem* vir a fazer. É errado!

Zeus pareceu considerar meu argumento. Seus olhos desviaram-se para a filha Thalia.

— E quanto ao risco? Cronos sabe muito bem que se um de vocês oferecesse um sacrifício com as entranhas da fera teria o poder de nos destruir. Acham que podemos permitir que isso seja possível? Você, minha filha, fará dezesseis anos amanhã, exatamente como diz a profecia.

— Vocês terão de confiar neles — pronunciou-se Annabeth. — Senhor, vocês terão de confiar neles.

Zeus franziu as sobrancelhas.

— Confiar em um herói?

— Annabeth tem razão — disse Ártemis. — Motivo por que eu quero primeiro oferecer uma recompensa. Minha fiel companheira, Zoë Doce-Amarga, passou às estrelas. Preciso de uma nova tenente. E tenho a intenção de escolher uma. Mas, primeiro, Pai Zeus, devo falar-lhe em particular.

Zeus fez sinal para que Ártemis se aproximasse. Ele se abaixou e ouviu enquanto ela lhe falava ao ouvido.

Uma sensação de pânico tomou conta de mim.

— Annabeth — disse eu baixinho. — Não.

Ela me olhou de testa franzida.

— O quê?

— Olhe, preciso dizer uma coisa a você — continuei. As palavras saíam aos tropeços. — Eu não ia suportar se... Eu não quero que você...

— Percy? — disse ela. — Você está com cara de quem vai vomitar.

E era assim que eu me sentia. Eu queria dizer mais, mas minha língua me traiu. Ela não se movia, por causa do medo em meu estômago. E então Ártemis virou-se.

— Eu terei uma nova tenente — anunciou ela. — Se ela aceitar o convite.

— Não — eu murmurei.

— Thalia — disse Ártemis. — Filha de Zeus. Quer se juntar à Caçada?

Um silêncio perplexo encheu o salão. Fitei Thalia, incapaz de acreditar no que estava ouvindo. Annabeth sorriu, apertou a mão de Thalia e a soltou, como se estivesse esperando isso o tempo todo.

— Eu quero — disse Thalia com firmeza.

Zeus ergueu-se, os olhos cheios de preocupação.

— Minha filha, pense bem...

— Pai — disse ela. — Eu não vou fazer dezesseis anos amanhã. Nunca farei dezesseis anos. Não deixarei que essa profecia seja minha. Ficarei com minha irmã Ártemis. Cronos nunca mais me tentará.

Ela se ajoelhou diante da deusa e pronunciou as palavras de que eu me lembrava do juramento de Bianca, que parecia ter acontecido tanto tempo atrás.

— Eu me comprometo com a deusa Ártemis. Dou as costas para a companhia dos homens...

Depois disso, Thalia fez algo que me surpreendeu quase tanto quanto o juramento. Ela se aproximou de mim, sorriu e, diante de toda a assembleia, me deu um grande abraço.

Eu fiquei vermelho.

Quando ela se afastou e segurou meus ombros, eu disse:

— Hum... não era para você não fazer mais isso? Isto é, abraçar garotos?

— Estou reverenciando um amigo — ela me corrigiu. — Eu preciso me juntar à Caçada, Percy. Não sei o que é paz desde... desde a Colina Meio-Sangue. E finalmente sinto que tenho um lar. Mas você é um herói. Você será aquele da profecia.

— Grande — murmurei.

— Tenho orgulho de ser sua amiga.

Ela abraçou Annabeth, que fazia força para não chorar. Depois abraçou Grover, que parecia prestes a desmaiar, como se alguém houvesse lhe dado um cupom válido para comer toda a *enchilada* que aguentasse.

Então Thalia foi postar-se ao lado de Ártemis.

— Agora vamos ao Ofiotauro — disse Ártemis.

— Este garoto ainda é perigoso — advertiu Dioniso. — A fera é uma tentação a um grande poder. Mesmo que poupemos o garoto...

— Não. — Olhei ao redor para todos os deuses. — Por favor. Mantenham o Ofiotauro a salvo. Meu pai pode escondê-lo em algum lugar debaixo do mar ou mantê-lo em um aquário aqui no Olimpo. Mas vocês precisam protegê-lo.

— E por que deveríamos confiar em você? — trovejou Hefesto.

— Tenho só quatorze anos — disse eu. — Se a profecia diz respeito a mim, ainda faltam dois anos.

— Dois anos para que Cronos o iluda — disse Atena. — Muita coisa pode mudar em dois anos, meu jovem herói.

— Mãe! — disse Annabeth, exasperada.

— É a verdade, criança. É uma estratégia ruim manter o animal vivo. Ou o menino.

Meu pai se pôs de pé.

— Não vou permitir que uma criatura do mar seja destruída se eu puder fazer alguma coisa. Eu *posso* fazer.

Ele estendeu a mão e um tridente surgiu nela: uma haste de bronze de seis metros, com três pontas de lança que brilhavam com uma luz azul pálida.

— Eu me responsabilizo pelo menino e pelo Ofiotauro.

— Você não vai levá-lo para o mar! — Zeus se levantou subitamente. — Não vou permitir que tenha esse poder de barganha.

— Irmão, por favor — suspirou Poseidon.

O raio de Zeus apareceu em sua mão, uma haste de eletricidade que encheu todo o salão com o cheiro do ozônio.

— Está bem — disse Poseidon. — Vou construir um aquário para a criatura aqui. Hefesto pode me ajudar. A criatura ficará em segurança. Vamos protegê-la com todos os nossos poderes. O garoto não nos trairá. Dou minha palavra de honra.

Zeus pensou a respeito.

— Todos a favor?

Para minha surpresa, muitas mãos se ergueram. Dioniso se absteve. Assim como Ares e Atena. Mas todos os outros...

— Temos uma maioria — decretou Zeus. — E, portanto, como não vamos destruir estes heróis... creio que devamos fazer-lhes as honras da casa. Que tenha início a celebração do triunfo!

Existem festas, e existem festas enormes, espetaculares, estrondosas. E existem também as festas olímpicas. Se você um dia tiver a chance, escolha a olímpica.

As Nove Musas deram início à música, e eu percebi que a canção era aquela que você queria que fosse: os deuses podiam ouvir música clássica e os jovens semideuses, hip-hop ou outra coisa qualquer, e era tudo a mesma trilha sonora. Não havia brigas. Nenhuma disputa para mudar a estação de rádio. Somente pedidos para aumentar o volume.

Dioniso circulava, fazendo surgir do chão mesas de comensais e bebidas, acompanhado por uma bela mulher, que andava de braços dados com ele — sua esposa, Ariadne. Dioniso me parecia feliz pela primeira vez. Néctar e ambrosia transbordavam de fontes de ouro, e travessas de tira-gostos mortais lotavam as mesas de banquete. Taças de ouro se enchiam com a bebida que você desejasse. Grover trotava de um lado para o outro, com um prato repleto de latas e *enchiladas*, a taça cheia de café com espuma de leite, e ele seguia murmurando acima dela, como um encantamento:

“Pã! Pã!”

Os deuses vinham a todo o momento me congratular. Felizmente, haviam se reduzido ao tamanho humano, para que não esmagassem acidentalmente os convidados da festa. Hermes começou a conversar

comigo, e estava tão alegre que não tive coragem de dizer a ele o que havia acontecido com seu filho nada favorito, Luke. Mas, antes que eu pudesse reunir a coragem, Hermes recebeu uma ligação em seu caduceu e se afastou.

Apolo me disse que eu podia guiar sua carruagem do sol a qualquer hora, e se quisesse aulas de arco e flecha...

— Obrigado — agradeci. — Mas, é sério, não sou nada bom com arcos e flechas.

— Ah, bobagem — disse ele. — Praticar tiro ao alvo enquanto sobrevoamos os Estados Unidos? Não existe melhor diversão!

Dei algumas desculpas e abri caminho em meio à multidão que dançava nos pátios do palácio. Estava procurando Annabeth. A última vez em que a vira, ela estava dançando com algum deus menor.

Então uma voz masculina disse às minhas costas:

— Você não vai me decepcionar, espero.

Virei-me e deparei com Poseidon sorrindo para mim.

— Pai... oi.

— Olá, Percy. Você se saiu muito bem.

Seu elogio me deixou desconfortável. Quer dizer, era bom, mas eu sabia o quanto ele havia se arriscado, empenhando sua palavra por minha causa. Teria sido muito mais fácil deixar que os outros me desintegrassem.

— Não vou decepcioná-lo — prometi.

Ele assentiu. Eu tinha dificuldade em ler as emoções dos deuses e me perguntei se ele teria dúvidas.

— Seu amigo Luke...

— Ele não é meu amigo — falei sem pensar. Então percebi que devia ter sido rude de minha parte interrompê-lo. — Desculpe-me.

— Seu *ex*-amigo Luke — corrigiu Poseidon. — Ele já prometeu coisas assim. Era o orgulho e a alegria de Hermes. Tenha sempre isso em mente, Percy. Mesmo os mais bravos podem cair.

— Luke caiu e muito — concordei. — Ele está morto.

Poseidon sacudiu a cabeça.

— Não, Percy. Não está.

Eu o fitei, os olhos arregalados.

— O quê?

— Creio que Annabeth lhe tenha dito isso. Luke ainda vive. Eu vi. Seu barco está partindo de São Francisco, com os restos de Cronos, neste exato momento. Ele irá recuar e se reorganizar antes de atacá-lo novamente. Farei de tudo para destruir seu barco com tempestades, mas ele está fazendo alianças com meus inimigos, os espíritos mais antigos do oceano. Eles lutarão para protegê-lo.

— Como ele pode estar vivo? — perguntei. — Aquela queda devia tê-lo matado!

Poseidon parecia preocupado.

— Eu não sei, Percy, mas tenha cuidado com ele. Agora está mais perigoso que nunca. E o caixão de ouro ainda está com ele, ainda ganhando força.

— E quanto a Atlas? — perguntei. — Como evitar que ele escape de novo? Ele não pode forçar um gigante ou outra coisa a segurar o céu para ele?

Meu pai bufou com desdém.

— Se fosse tão fácil, ele teria escapado há muito tempo. Não, meu filho. A maldição do céu só pode ser imposta a um titã, um dos filhos de Gaia e Urano. Qualquer outro precisa escolher assumir o fardo por sua própria vontade. Somente um herói, alguém com força, coração fiel e grande coragem, faria tal coisa. Ninguém no exército de Cronos ousaria tentar suportar aquele peso, mesmo sob pena de ser morto.

— Foi o que Luke fez — eu disse. — Libertou Atlas. E então enganou Annabeth, fazendo-a salvá-lo, e a usou para convencer Ártemis a segurar o céu.

— Sim — disse Poseidon. — Luke é... um caso interessante.

Acho que ele queria dizer mais, porém nesse exato momento Bessie começou a mugir do outro lado do pátio. Alguns semideuses estavam brincando com sua esfera de água, jogando-a alegremente para lá e para cá acima da multidão.

— É melhor eu cuidar disso — grunhiu Poseidon. — Não podemos deixar que o Ofiotauro seja jogado de um lado para o outro como uma bola de praia. Fique bem, meu filho. Talvez não nos falemos mais durante algum tempo.

E assim ele se foi.

Eu estava prestes a continuar procurando na multidão quando outra voz falou.

— Seu pai está assumindo um grande risco, você sabe.

Eu me vi cara a cara com uma mulher de olhos cinza que se parecia tanto com Annabeth que quase a chamei assim.

— Atena. — Tentei não parecer ressentido com a maneira como ela havia me queimado no conselho, mas acho que não consegui esconder muito bem.

Ela sorriu secamente.

— Não me julgue com muita dureza, meio-sangue. Os conselhos sábios nem sempre são populares, mas eu falei a verdade. Você é perigoso.

— Você nunca assume riscos?

Ela assentiu.

— Ponto pra você. Talvez você seja útil. E, no entanto... seu defeito fatal pode destruir tanto a nós quanto a você mesmo.

Meu coração veio até a boca. Havia um ano, Annabeth e eu tínhamos tido uma conversa sobre defeitos fatais. Todos os heróis têm um. O dela, ela confessou, era o orgulho. Ela acreditava que podia fazer qualquer coisa... como sustentar o peso do mundo, por exemplo. Ou salvar Luke. Mas eu não sabia de verdade qual era o meu.

Atena parecia quase sentir pena de mim.

— Cronos conhece o seu defeito, mesmo que você não conheça. Ele sabe como estudar seus inimigos. Pense, Percy. Como ele vem manipulando você? Primeiro, sua mãe foi tirada de você. Depois, seu melhor amigo, Grover. Agora minha filha, Annabeth. — Ela fez uma pausa, desaprovadora. — Em todos os casos aqueles que você ama foram usados para atraí-lo às armadilhas de Cronos. Seu defeito fatal é a lealdade, Percy. Você não sabe a hora de recuar diante de uma situação sem saída. Para salvar um amigo, você sacrificaria o mundo. Para o herói da profecia, isso seria muito, muito perigoso.

Cerrei os punhos.

— Isso não é um defeito. Só porque quero ajudar meus amigos...

— Os defeitos mais perigosos são aqueles que, com moderação, são qualidades — afirmou ela. — É

fácil lutar contra o mal. A falta de sabedoria... esta, sim, é muito difícil de vencer.

Eu queria discutir, mas percebi que não podia. Atena era muito inteligente.

— Espero que as decisões do Conselho se provem sábias — disse ela. — Mas eu estarei de olho, Percy Jackson. Não aprovo sua amizade com minha filha. Não creio que seja bom para nenhum dos dois. E você deveria começar a questionar sua lealdade...

Ela fixou o olhar frio e cinza em mim, e percebi que terrível inimiga Atena seria, dez vezes pior que Ares ou Dioniso ou quem sabe até mesmo meu pai. Atena nunca se renderia. Ela nunca faria nada temerário ou estúpido somente por odiá-lo, e se traçasse um plano para destruí-lo, este não falharia.

— Percy! — chamou Annabeth, correndo pela multidão. Parou abruptamente quando viu com quem eu estava conversando.

— Ah... mamãe.

— Vou deixá-los — disse Atena. — Por ora.

Ela virou-se e transpôs a multidão, que se abria diante dela como se ela estivesse carregando Aegis.

— Ela estava dando uma bronca em você? — perguntou Annabeth.

— Não — respondi. — Está... tudo bem.

Ela me observou, preocupada. Tocou a nova mecha grisalha em meu cabelo, que combinava perfeitamente com a dela — nosso doloroso souvenir por termos segurado o fardo de Atlas. Eu queria dizer muita coisa a Annabeth, mas Atena havia tirado minha confiança. Eu me sentia como se tivesse levado um soco na boca do estômago.

Não aprovo sua amizade com minha filha.

— Então — começou Annabeth —, o que você queria me dizer mais cedo?

A música tocava. As pessoas dançavam nas ruas. Eu disse:

— Eu, hum, estava pensando que fomos interrompidos em Westover Hall. E... acho que lhe devo uma dança.

Ela sorriu lentamente.

— Está certo, Cabeça de Alga.

Então eu peguei a mão dela, e não sei o que as outras pessoas estavam ouvindo, mas para mim era uma música lenta: um pouco triste, mas que talvez trouxesse um pouco de esperança também.

Antes de deixar o Olimpo, resolvi fazer algumas ligações. Não foi fácil, mas finalmente encontrei uma fonte tranquila em um jardim, num canto, e enviei uma mensagem de Íris para o meu irmão, Tyson, debaixo do mar. Contei-lhe sobre nossas aventuras, e sobre Bessie — ele quis ouvir cada detalhe sobre o bebê fofinho de vaca-serpente —, e lhe assegurei que Annabeth estava bem. Por fim, consegui explicar-lhe como o escudo que ele fizera para mim no verão anterior fora danificado no ataque do manticore.

— Ei! — exclamou Tyson. — Isso quer dizer que era bom! Salvou sua vida!

— Com certeza, grandão — disse eu. — Mas agora está destruído.

— Destruído não! — prometeu Tyson. — Vou lhe fazer uma visita e consertá-lo no próximo verão.

A ideia me animou imediatamente. Acho que não havia me dado conta do quanto sentia falta de ter Tyson por perto.

— Sério? — perguntei. — Vão deixar você tirar uma folga?

— Sim! Eu já fiz duas mil setecentas e quarenta e uma espadas mágicas — contou Tyson, orgulhoso, mostrando-me a lâmina mais nova. — O chefe diz “bom trabalho”! Ele vai me deixar tirar todo o verão de folga. Vou visitar o acampamento!

Conversamos um pouco sobre preparativos para a guerra e a luta de nosso pai com os velhos deuses do mar, e todas as coisas legais que poderíamos fazer juntos no verão, mas então o chefe de Tyson começou a gritar e ele teve de voltar ao trabalho.

Peguei meu último dracma de ouro e enviei mais uma mensagem de Íris.

— Sally Jackson — disse eu. — Upper East Side, Manhattan.

A névoa tremulou e lá estava minha mãe na mesa de nossa cozinha, rindo de mãos dadas com seu amigo, o sr. Balofice.

Fiquei tão constrangido que ergui a mão para agitar a névoa e cortar a conexão. Mas, antes que eu fizesse isso, mamãe me viu.

Seus olhos se arregalaram. Ela soltou a mão do sr. Balofice rapidamente.

— Ah, Paul! Sabe de uma coisa? Deixei meu fichário de redação na sala. Você se importa de pegá-lo para mim?

— Claro, Sally. Sem problema.

Ele deixou a cozinha e instantaneamente mamãe se inclinou na direção da mensagem de Íris.

— Percy! Está tudo bem com você?

— Eu estou, hum, bem. Como é que vai o seminário de redação?

Ela contraiu os lábios.

— Vai bem. Mas isso não é importante. Conte o que aconteceu!

Eu a pus a par de tudo o mais rapidamente possível. Ela suspirou de alívio quando ouviu que Annabeth estava bem.

— Eu sabia que você ia conseguir! — disse ela. — Estou tão orgulhosa.

— É, bem, é melhor eu deixá-la voltar para o seu dever de casa.

— Percy, eu... Paul e eu...

— Mãe, você está feliz?

A pergunta pareceu pegá-la de surpresa. Ela pensou por um instante.

— Sim. Muito, Percy. Ficar perto dele me deixa feliz.

— Então está legal. De verdade. Não se preocupe comigo.

O engraçado era que eu estava sendo sincero. Considerando a busca da qual eu acabara de participar, talvez devesse me preocupar com minha mãe. Tinha visto como as pessoas podem ser más para as outras, como Héracles foi para Zoë Doce-Amarga, como Luke foi com Thalia. Eu havia conhecido Afrodite, a deusa do amor, em pessoa, e seus poderes haviam me apavorado mais que os de Ares. Mas ao ver minha mãe rindo, alegre, depois de todos os anos em que sofrera com meu asqueroso ex-padrasto, Gabe Ugliano, não podia deixar de ficar feliz por ela.

— Promete não chamá-lo de sr. Balofice? — perguntou ela.

Eu dei de ombros.

— Bem, talvez não na frente dele.

— Sally? — O sr. Blofis chamou da sala. — Você precisa do fichário verde ou do vermelho?

— É melhor eu ir — disse ela. — Vejo você no Natal?

— Você vai botar doces azuis na minha meia?

Ela sorriu.

— Se você não estiver velho demais para isso.

— Nunca estarei velho demais para os doces.

— Até lá, então.

Ela passou a mão pela névoa. Sua imagem desapareceu, e eu pensei comigo mesmo que Thalia tinha razão vários dias atrás, em Westover Hall: minha mãe era muito legal.

Comparada ao Monte Olimpo, Manhattan estava silenciosa. Era sexta-feira, antes do Natal, mas ainda estava bem cedo, e não havia quase ninguém na Quinta Avenida. Argos, o chefe da segurança do acampamento, com seus muitos olhos, pegou Annabeth, Grover e a mim no Empire State Building e nos levou de volta para o acampamento através de uma leve tempestade de neve. A Long Island Expressway estava quase deserta.

Subimos penosamente a Colina Meio-Sangue até o pinheiro onde o Velocino de Ouro reluzia. De certo modo eu esperava ver Thalia lá, à nossa espera. Mas ela não estava. Já se fora com Ártemis e o restante das Caçadoras ao encontro de sua próxima aventura.

Quíron nos recebeu na Casa Grande com chocolate quente e sanduíches de queijo quente. Grover se foi com os amigos sátiros espalhar a notícia de nosso estranho encontro com a magia de Pã. Uma hora depois, os sátiros todos corriam de um lado para o outro, agitados, perguntando onde ficava o café mais próximo.

Annabeth e eu nos sentamos com Quíron e alguns dos outros campistas seniores — Beckendorf, Silena Beauregard e os irmãos Stoll. Até Clarisse, do chalé de Ares, estava lá, de volta de sua secreta missão de escolta. Eu sabia que ela devia ter tido uma expedição difícil, pois nem sequer tentou me transformar em

pó. Trazia uma nova cicatriz no queixo, e o cabelo louro e sujo fora cortado curto e irregular, como se alguém o tivesse atacado com uma tesoura sem ponta.

— Tenho notícias — murmurou ela, inquieta. — *Más* notícias.

— Vou pô-los a par de tudo mais tarde — disse Quíron com alegria forçada. — O importante é que vocês venceram. E que você salvou Annabeth!

Annabeth sorriu para mim, agradecida, o que me fez desviar o olhar.

Por alguma estranha razão, eu me vi pensando na Barragem de Hoover e na estranha garota mortal que havia encontrado lá, Rachel Elizabeth Dare. Eu não sabia por quê, mas seus comentários irritantes ficavam voltando à minha cabeça. Você sempre tenta matar as pessoas quando elas assoam o nariz? Eu só estava vivo porque muitas pessoas haviam me ajudado, inclusive uma mortal como ela. E eu nem chegara a me apresentar.

— Luke está vivo — disse eu. — Annabeth tem razão.

Annabeth empertigou-se na cadeira.

— Como você sabe?

Tentei não ficar aborrecido com o interesse dela. Conte-i-lhe o que meu pai dissera sobre o *Princesa Andrômeda*.

— Bem — Annabeth, desconfortável, mudou de posição na cadeira —, se a batalha final ocorrer de fato quando Percy tiver dezesseis anos, pelo menos temos mais dois anos para pensar no que fazer.

Eu tinha a sensação de que, quando ela disse “pensar no que fazer”, quis dizer “fazer Luke mudar de ideia”, o que me aborreceu ainda mais.

A expressão de Quíron era sombria. Sentado diante da lareira em sua cadeira de rodas, ele parecia velho de verdade. Bem... ele *era* velho de verdade, mas em geral não aparentava.

— Dois anos podem parecer muito tempo — ele disse. — Mas é um piscar de olhos. Eu ainda tenho esperança de que você não seja o filho da profecia, Percy. Mas se for, então a segunda guerra dos titãs está quase em cima de nós. O primeiro golpe de Cronos será aqui.

— Como sabe? — perguntei. — Por que ele se preocuparia com o acampamento?

— Porque os deuses usam os heróis como ferramentas — disse Quíron, simplesmente. — Destrua as ferramentas, e os deuses ficarão incompletos. As forças de Luke virão para cá. Mortais, semideuses, monstros... Nós devemos nos preparar. As notícias de Clarisse podem nos dar uma pista de como eles irão atacar, mas...

Ouviu-se uma batida na porta, e Nico di Angelo entrou ruidosamente no salão, as bochechas vermelhas por causa do frio.

Ele estava sorrindo, mas correu os olhos ao redor, ansioso.

— Ei! Onde... onde está minha irmã?

Silêncio mortal. Olhei para Quíron. Não podia acreditar que ninguém tivesse lhe contado ainda. E então percebi por quê. Estavam esperando que voltássemos, para contar a Nico pessoalmente.

Essa era a última coisa que eu queria fazer. Mas devia isso a Bianca.

— Ei, Nico. — Levantei-me do conforto de minha cadeira. — Vamos andar um pouco, está bem? Precisamos conversar.

Ele recebeu a notícia em silêncio, o que de alguma forma foi pior. Fiquei falando, tentando explicar como tinha acontecido, como Bianca havia se sacrificado para salvar a expedição. Mas eu tinha a impressão de que só estava piorando as coisas.

— Ela queria que você tivesse isso. — Entreguei-lhe a estatueta do deus que Bianca encontrara no ferro-velho. Nico a segurou na palma da mão e ficou olhando para ela.

Estávamos de pé no pavilhão do refeitório, exatamente onde nos falamos da última vez, antes de eu partir na busca. O vento era cortante, mesmo com a proteção mágica do acampamento contra o mau tempo. A neve caía levemente sobre os degraus de mármore. Imaginei que fora dos limites do acampamento devia estar caindo uma nevasca.

— Você prometeu que iria protegê-la — disse Nico.

Daria no mesmo se ele tivesse me furado com um punhal enferrujado. Teria doído menos que me lembrar de minha promessa.

— Nico, eu tentei. Mas Bianca se entregou para salvar o restante do grupo. Eu lhe disse que não fosse. Mas ela...

— Você prometeu!

Ele me fulminou com os olhos vermelhos. Fechou a mãozinha em torno da estátua do deus.

— Eu não devia ter confiado em você. — Sua voz falhou. — Você mentiu para mim. Meus pesadelos estavam certos!

— Espere. Que pesadelos?

Ele atirou a estatueta no chão e ela chocou-se ruidosamente contra o mármore gelado.

— Eu odeio você!

— Talvez ela esteja viva — disse eu, desesperado. — Eu não tenho certeza...

— Ela está morta. — Ele fechou os olhos. Todo o seu corpo tremia de fúria. — Eu devia ter sabido. Ela está nos Campos de Asfódelos, de pé diante dos juízes agora mesmo, sendo avaliada. Sinto isso.

— O que você quer dizer com sente isso?

Antes que ele pudesse responder, ouvi um barulho às minhas costas. Um ruído sibilante, retinido, que eu conhecia muito bem.

Puxei minha espada e Nico arquejou. Girei o corpo e me vi encarando quatro guerreiros-esqueletos. Eles sorriram, mostrando as gengivas sem dentes, e avançaram com as espadas em punho. Eu não sabia como haviam entrado no acampamento, mas isso não importava. Eu nunca conseguiria ajuda a tempo.

— Você está tentando me matar! — gritou Nico. — Você trouxe estas... estas coisas?

— Não! Quer dizer, sim, eles me seguiram, mas *não*! Nico, corra. Eles não podem ser destruídos.

— Não acredito em você!

O primeiro esqueleto atacou. Eu desviei sua lâmina, mas os outros três vinham em minha direção. Cortei um ao meio, mas imediatamente ele começou a se refazer. Arranquei a cabeça de outro, mas ele continuou lutando.

— Corra, Nico! — gritei. — Busque ajuda!

— Não! — Ele pressionou as mãos sobre os ouvidos.

Eu não podia lutar contra quatro de uma só vez, não se eles não morriam. Eu golpeei, girei, bloqueei, ataquei, mas eles simplesmente continuavam avançando. Era só uma questão de segundos para que os zumbis me subjugassem.

— Não! — gritou mais alto Nico. — *Vá embora!*

O chão ribombou sob meus pés. Os esqueletos se imobilizaram. Rolei para fora do caminho no momento em que uma fenda se rompia aos pés dos quatro guerreiros. O chão se abriu como uma boca escancarada. Chamas brotaram da fissura, e a terra engoliu os esqueletos num *CRAQUE* estrondoso!

Silêncio.

No lugar onde antes estiveram os esqueletos, uma cicatriz de seis metros avançava pelo piso de mármore do pavilhão. Fora isso, não havia nenhum outro sinal dos guerreiros.

Apavorado, olhei para Nico.

— Como você...

— *Vá embora!* — gritou ele. — Eu odeio você! Queria que estivesse morto!

O chão não *me* engoliu, mas Nico desceu correndo os degraus, na direção da floresta. Comecei a segui-lo, mas tropecei e caí nos degraus cobertos de gelo. Quando me levantei, vi em que eu havia tropeçado.

Peguei a estátua do deus que Bianca havia apanhado no ferro-velho para Nico. *Era a única estátua que ele não tinha*, ela dissera. Um último presente da irmã.

Olhei-a com terror, pois agora entendi por que o rosto parecia familiar. Eu já o tinha visto.

Era a estátua de Hades, o Senhor dos Mortos.

Annabeth e Grover me ajudaram a vasculhar a floresta durante horas, mas não havia sinal de Nico di Angelo.

— Precisamos contar a Quíron — disse Annabeth, sem fôlego.

— Não — eu disse.

Tanto ela quanto Grover me olharam fixamente.

— Hum — disse Grover, nervoso —, o que quer dizer com... não?

Eu ainda estava tentando entender por que dissera aquilo, mas as palavras jorraram da minha boca.

— Não podemos deixar que ninguém saiba. Não creio que alguém tenha se dado conta de que Nico é...

— Filho de Hades — disse Annabeth. — Percy, você tem alguma ideia do quanto isso é sério? Até Hades quebrou o juramento! Isso é horrível!

— Creio que não — eu disse. — Não acho que Hades tenha quebrado o juramento.

— *O quê?*

— Ele é o pai deles — afirmei —, mas Bianca e Nico ficaram fora de circulação por muito tempo, desde antes da Segunda Guerra Mundial.

— O Cassino Lótus! — exclamou Grover, e contou a Annabeth sobre as conversas que tivéramos com Bianca durante a busca. — Ela e Nico ficaram presos lá por décadas. Eles nasceram antes que o juramento fosse feito.

Assenti.

— Mas como foi que eles saíram? — perguntou Annabeth.

— Não sei — admiti. — Bianca disse que um advogado veio e os pegou, e levou para Westover Hall. Não sei quem poderia ter feito isso, ou por quê. Talvez seja parte dessa tal Grande Comoção. Não creio que Nico compreenda quem ele é. Mas não podemos sair por aí contando às pessoas. Nem mesmo a

Quíron. Se os olimpianos descobrirem...

— Talvez comecem a brigar entre si novamente — disse Annabeth. — Essa é a última coisa de que precisamos.

Grover parecia preocupado.

— Mas não se pode esconder nada dos deuses. Não para sempre.

— Não preciso que seja para sempre — disse eu. — São apenas dois anos. Até eu completar dezesseis anos.

Annabeth empalideceu.

— Mas, Percy, isso significa que a profecia pode *não* dizer respeito a você. Pode dizer respeito a Nico. Temos de...

— Não — reagi. — Eu escolho a profecia. Ela será sobre mim.

— Por que está dizendo isso? — gritou ela. — Quer ser responsável pelo mundo todo?

Era a última coisa que eu queria, mas não disse isso. Eu sabia que tinha de me apresentar e reivindicar aquela função.

— Não posso deixar que Nico corra mais nenhum perigo — expliquei. — Devo isso à irmã dele. Eu... eu decepcionei os dois. Não vou deixar que aquele pobre garoto sofra mais.

— O pobre garoto que o odeia e quer ver você morto — lembrou-me Grover.

— Talvez possamos encontrá-lo — disse eu. — Podemos convencê-lo de que está tudo bem, escondê-lo em algum lugar seguro.

Annabeth estremeceu.

— Se Luke puser as mãos nele...

— Luke não fará isso — afirmei. — Vou cuidar para que ele tenha outras coisas com que se preocupar. Isto é, eu.

Eu não sabia se Quíron havia acreditado na história que Annabeth e eu lhe contamos. Acho que ele podia ver que eu estava escondendo alguma coisa sobre o desaparecimento de Nico, mas, no fim, aceitou. Infelizmente, Nico não era o primeiro meio-sangue a desaparecer.

— Tão jovem — suspirou Quíron, as mãos no parapeito da varanda da frente. — Sinceramente, espero que ele tenha sido comido por monstros. Muito melhor do que ser recrutado pelo exército dos titãs.

Essa possibilidade me deixava muito inquieto. Eu quase mudei de ideia em relação a contar a Quíron, mas no fim a mantive.

— Você acha mesmo que o primeiro ataque será aqui? — perguntei.

Quíron ficou olhando a neve que caía sobre as colinas. Eu podia ver a fumaça do dragão que guardava o pinheiro, o brilho do Velocino a distância.

— Pelo menos não será antes do verão — disse ele. — Este inverno será rigoroso... o mais rigoroso de muitos séculos. É melhor você ir para casa, para a cidade, Percy. Tente concentrar-se na escola. E descanse. Você vai precisar de descanso.

Olhei para Annabeth.

— E você?

As bochechas dela ficaram vermelhas.

— Vou tentar São Francisco, afinal. Talvez possa ficar de olho no Monte Tam e me certificar de que

os titãs não tentem mais nada.

— Você manda uma mensagem de Íris se alguma coisa der errado?

Ela assentiu.

— Mas acho que Quíron tem razão. Não vai ser antes do verão. Luke vai precisar de tempo para recuperar suas forças.

Eu não gostava da ideia de esperar. Por outro lado, em agosto faria quinze anos. Tão perto dos dezesseis que não queria nem pensar.

— Está certo — disse eu. — Cuide-se. E nada de acrobacias malucas com o Sopwith Camel.

Ela sorriu timidamente.

— Feito. E, Percy...

O que quer que ela fosse dizer foi interrompido por Grover, que saiu correndo da Casa Grande, tropeçando em latinhas. Seu rosto estava desfigurado e pálido, como se tivesse visto um fantasma.

— Ele falou! — gritou Grover.

— Acalme-se, meu jovem sátiro — disse Quíron, franzindo a testa. — Qual é o problema?

— Eu... eu estava tocando no salão — gaguejou ele — e bebendo café. Muito café mesmo! E ele falou em minha mente!

— Quem? — perguntou Annabeth.

— Pã! — gemeu Grover. — O Senhor da Natureza. Eu o ouvi! Eu preciso... preciso encontrar uma valise.

— Epa, epa, epa — falei. — O que foi que ele disse?

Grover me olhou fixamente.

— Apenas três palavras. Ele disse: *“Eu o espero.”*



RICK RIORDAN

nasceu em 1964, em San Antonio, Texas, Estados Unidos, onde mora com a mulher e os dois filhos. Autor best-seller do *New York Times*, premiado pela YALSA e pela American Library Association, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é a essa experiência que ele atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além de *Percy Jackson e os Olimpianos*, Riordan é autor das séries *Os heróis do Olimpo*, também inspirada na mitologia grega, e *As crônicas dos Kane*, que visita deuses e mitos do Antigo Egito.

PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS

Conheça os livros da série



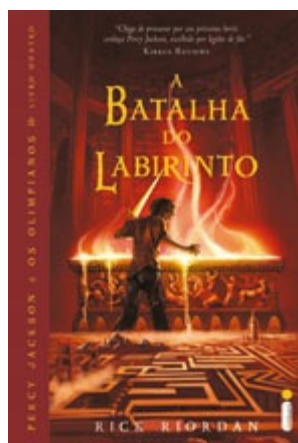
Livro Um



Livro Dois



Livro Três



Livro Quatro



Livro Cinco



Livro Seis



Conheça os livros da série "As crônicas dos Kane"



Livro Um



Livro Dois



Conheça o livro da série



Livro Um